



FEITIÇOS
E
CINZAS

LIVRO UM

AUTORA BESTSELLER DO *USA TODAY*
KIM RICHARDSON


FEITIÇOS E CINZAS
ARQUIVOS SOMBRIOS, LIVRO UM

KIM RICHARDSON



Esta é uma obra de ficção. Quaisquer referências a eventos históricos, pessoas ou locais reais são usadas de forma fictícia. Os demais nomes, personagens, locais e acontecimentos são um produto da imaginação da autora, e qualquer semelhança com eventos factuais, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Feitiços e Cinzas, Arquivos Sombrios, Livro Um
Copyright © 2022 por Kim Richardson
Traduzido por Ana Paula Moreira Maia
Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução,
em todo ou parte, sob qualquer forma.

 [Created with Vellum](#)

CONTENTS

[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)
[Capítulo 28](#)

[ENCANTOS E DEMÔNIOS](#)

[Caçada Sombria](#)

[Mais Livros De Kim Richardson](#)

[Sobre A Autora](#)

O demônio era rápido. Rápido demais.

Ele tinha me arrastado pelas ruas do lado leste de Manhattan, serpenteando pelas árvores intocadas do *Central Park* para finalmente chegar a *Hell's Kitchen*.

Gemendo, forcei minhas pernas a continuarem se movendo, meus pulmões famintos por ar enquanto eu tentava ignorar a dor latejante na lateral da minha cintura.

Eu não ganhava o suficiente para lidar com essa merda.

Este já era meu décimo exorcismo só neste mês. Não, não estou falando de cabeças girando e vomitando jatos de sopa de ervilha. Isso aí é Hollywood. Essa aqui é a vida real, e possessão demoníaca também é muito real. É o que acontece quando um demônio pega uma carona dentro do corpo de alguém, forçando a pessoa a fazer coisas obscenas e agir de modo incompatível com a sua personalidade enquanto suga sua força vital até, finalmente, matá-la.

Nas últimas duas semanas, a cidade de Nova York tinha recebido uma enxurrada repentina de demônios. Os rumores eram de que uma fenda estranhamente grande (um rasgo no Véu, a linha divisória entre os humanos e os demônios do Submundo) havia sido aberta, e milhares de demônios tinham escapado por ela.

Fora um mês movimentado em Nova York em termos de parasitas demoníacos, mas isso não significava que a cidade estivesse livre de outros demônios. Nem um pouco. Havia um monte de rastejadores assustadores e coisas muito piores do que os demônios babacas invasores de corpos de sempre. Ainda assim, nesta noite, fui agraciada com a presença de mais um deles.

Nem no inferno uma garota de quatorze anos conseguiria correr rápido desse jeito por tanto tempo sem precisar parar para recuperar o fôlego. O demônio que havia tomado conta dela estava esgotando seu corpo, levando-o a um extremo que nenhum humano poderia suportar. Agora, corria com ele como se fosse uma marionete, alimentando-se de sua força vital. Se eu não chegasse até ela logo, o corpo da garota entraria em colapso e ela morreria. O invasor consumiria sua alma, depois, possuiria outro pobre coitado.

Tipicamente, possessões aconteciam quando humanos eram burros o suficiente para brincar de invocar demônios em troca das merdas de sempre: dinheiro, fama e sexo. Mesmo assim, eu não poderia deixá-la morrer.

Ao contrário de entidades demoníacas ou outros mestiços abençoados com velocidade e resistência supernaturais, eu dependia das descargas de adrenalina e do meu ódio profundo por demônios invasores de corpos para manter minhas pernas em movimento. Eu estava em forma, mas não era uma atleta. Meu corpo mortal tinha seus limites, portanto, se não banisse a entidade logo, cairia morta de exaustão.

Eu havia sido contratada pela Corte das Bruxas Sombrias para cuidar do Véu, o que envolvia, no geral, a caça e o banimento de qualquer demônio ou vilão sobrenatural que surgisse. O salário não era ótimo, mas era suficiente para pagar as contas e me ajudava a sustentar a casa onde eu morava com a minha família. Era tudo o que eu precisava.

Infelizmente, demônios estavam sempre zoando o Véu. Eles o perfuravam, dando um jeito de atravessar para o nosso mundo, e faziam um banquete de almas humanas. Nos

solstícios ou nas noites de lua cheia, quando o Véu estava mais fino, o resultado era uma concentração ainda maior deles.

E é aí que eu entrava.

Eu os enviava de volta para o Submundo. Fogo geralmente funcionava. Algumas bolas fumegantes e pronto, os demônios estavam de volta em sua própria realidade, deixando o mundo mortal um pouco mais seguro.

Não havia nada que eu odiasse mais do que um demônio ladrão de corpos. Bom, talvez *dois* demônios invasores de corpos. A verdade é que eu os detestava. Havia algo absolutamente perturbador em ficar preso em seu próprio corpo enquanto uma criatura o pilota por aí, e você não poder fazer merda nenhuma para se livrar dela. Eu não suportaria algo assim. Por isso, se fosse preciso, arrancaria aquele demônio pela garganta da menina.

Minha visão capturou um lampejo de movimento do outro lado da rua escura. Virei-me a tempo de ver uma sombra recuar. Julia, a garota, desapareceu por uma porta nos fundos de um prédio de seis andares na *West 46th Street*. Isso era bom. Eu não poderia exorcizar um demônio abertamente nas ruas de Nova York, não sem acabar presa e com meu rosto em todas as redes sociais.

Respirei fundo e a segui.

Humanos passavam por mim como um borrão conforme eu subia a rua correndo. Humanos... Sua ignorância sobre os perigos e horrores paranormais que os cercavam eram uma bênção. O Véu funcionava como um glamour, uma ilusão, mudando a aparência das coisas para os olhos humanos; impedindo que vissem o mundo paranormal e seus habitantes. Devia ser legal acordar de manhã e só se preocupar com suas contas e seus filhos. Nada de demônio *ugnur* com asas gigantes escorregando por uma fenda e decidindo se alimentar do seu cérebro só porque, bem, é o que eles gostam de fazer.

Fumaça de escapamento, o asfalto quente e o fedor de lixo tomavam conta do ar noturno enquanto eu corria. A escuridão crescente preenchia os espaços que as luzes da rua não alcançavam. Não havia luzes nas janelas. Era o ambiente perfeito para demônios que prosperavam na escuridão, pois ela os alimentava com mais poder. Mas isso não me impediu.

Quando cheguei ao prédio, meu coração parecia querer sair pela boca. Droga.

Eu já devia ter dado um jeito de fazer um feitiço de resistência e de velocidade. Fiz uma nota mental para resolver isso quando chegasse em casa. Um par de super pernas seriam incríveis numa hora como essa.

Pressionei a palma contra a câmbra na lateral do meu corpo e respirei avidamente, sentindo-me um pouco tonta. Então, abri a porta. Ao entrar no saguão escuro, parei para ouvir com atenção. Havia um leve sussurro de água correndo pelos canos e mais nada. Um odor fraco de enxofre pairava no ar. Eu sorri. Meu demônio estava ali.

O saguão levava a um corredor igualmente escuro, uma receita para mais problemas. Não importava, eu nunca seguia receitas de qualquer maneira.

Com o coração pulsando em meus ouvidos, dei um passo à frente. O som de vidro sendo esmagado sob a minha bota me fez parar, imóvel. Olhei para a parede lateral. Enquanto meus olhos se ajustavam à escuridão, consegui distinguir duas luminárias com lâmpadas quebradas.

Sem saber por qual porta o demônio havia escapado, corri para a primeira no primeiro andar e verifiquei a fechadura. Trancada. Suspirei, frustrada. Levaria horas para checar todas as portas deste lugar. Julia não tinha tanto tempo assim.

Continuei em frente novamente e, então, hesitei por um momento no canto do corredor. O clique suave de uma porta de metal se abrindo e se fechando chegou até mim.

Bingo.

Voltei a correr. Ao dobrar a esquina, vi uma porta com um adesivo desbotado em que estava escrito 6A. Uma luz amarela suave vinha do vão entre o chão e a porta. Fui até lá e tentei girar a maçaneta. Abriu com facilidade.

— Te peguei — sussurrei.

Meu pulso disparou à medida que abria a porta o mais silenciosamente que podia. O ar estava pesado com o odor de sangue. Para os padrões de Nova York, o apartamento tinha um tamanho moderado. Contudo, estava iluminado com nada mais do que algumas velas no piso de madeira. Elas faziam com que sombras indefinidas dançassem nas paredes, escuras e sinistras. Ótimo.

O teto tinha pelo menos três metros de altura. Um papel de parede saído dos anos oitenta cobria todo o ambiente. Cadeiras, mesas e uma escrivaninha tinham sido empurradas contra as paredes, deixando um espaço aberto e livre no meio do cômodo. Ao olhar para o chão, vi o porquê.

Um grande círculo de pedra estava no meio da sala. As pedras eram pequenas, do tamanho do meu polegar, e brancas como osso. Seis cabeças de galinhas pretas estavam espalhadas uniformemente ao redor do círculo. No meio, havia uma cabeça de cordeiro preto em cima de um triângulo desenhado com sangue. Runas estranhas que eu nunca vira antes tinham sido escritas com sangue fresco dentro do círculo, sugerindo mais um ritual pagão do que uma invocação de demônios. Pavoroso.

Dei mais um passo à frente para ver melhor. Foi então que Julia entrou na minha linha de visão. A garota saudável e feliz que eu tinha visto em uma foto não estava mais ali. Seus cabelos caíam, murchos e oleosos, sobre seu rosto sujo. Seu corpo estava magro, quase esquelético, e seus membros – as partes que eu podia ver através de suas roupas – estavam manchados e sujos. Seu jeans e camiseta tinham manchas de sangue, mas eu não sabia dizer se era dela ou de outra pessoa. Seu rosto estava fundo e os ossos saltados, o que tornava seus olhos negros ferozes e inquietantes. Eles me observavam com uma raiva implacável. Ela estava furiosa.

Éramos duas, então.

Eu sabia que estaria morta se não me mexesse. Não tinha tempo para conversinha. Por instinto, caí de joelhos, peguei meu giz e passei a desenhar um círculo com uma estrela de sete pontas no meio: o sigilo do exorcismo.

Exorcismos eram o nível mais alto de magia rígida. E mortais, se não fossem feitos direito. Quando eram realizados por uma bruxa ou por um sacerdote inexperiente, o humano possuído normalmente morria em um rio de sangue e tripas.

Felizmente, eu já fazia isso há mais de uma década e conhecia bem meu ofício. Estava pronta para chutar a bunda desse demônio de volta para o Submundo, onde era seu lugar.

Havia poder nas palavras, palavras mágicas, assim como havia poder em sigilos e selos. Isto é, se você soubesse como usá-los. No entanto, não havia muitas bruxas que

sabiam. Era necessário que o desenho fosse exato. Um pequeno rabisco fora do lugar poderia enviar você para o Submundo ou fazer com que acabasse com a cabeça virada para trás. É, tinha acontecido com uma bruxa do bairro antes de eu nascer. Desde então, as outras passaram a ter medo desse poder. Elas não se sentiam seguras usando sigilos, mas eu confiava mais neles do que em magia de sangue. Sigilos eram como matemática e arte. Era só fazer os cálculos e, então, desenhar.

Confesso que, no começo, mandei mal algumas vezes, mas não era burra o suficiente para tentar sigilos complicados logo de cara. Não, comecei com os fáceis e mais típicos, como o sigilo da xícara de chá flutuante ou o de pintar as unhas dos pés de azul. Na primeira vez que tentei este último, minhas unhas desapareceram completamente. Ops. Graças a Deus era inverno, então ninguém ficou sabendo nem me viu: Sam, a idiota sem unha.

Agora eu era tão boa em meus sigilos que havia os digitalizado no computador e impresso cópias. Sim. Eles funcionavam tão bem quanto os desenhados na hora e me poupavam tempo quando eu estava com muita pressa.

É claro que eu tinha certa vantagem sobre as outras bruxas. Meu avô sempre disse que eu possuía um talento especial para sigilos. Eu era uma artista. Adorava desenhar e pintar, portanto, formar imagens era algo tão natural para mim quanto respirar. Cada um dos meus sigilos era uma obra de arte; uma em que eu havia dedicado energia e tempo para criá-las. Eles eram lindos. E poderosos.

Mas eu também era preguiçosa. Quando percebi que um único sigilo tinha o poder equivalente a horas e horas de recitação, de leitura de feitiços e de mais algumas conjurações, optei por eles. Afinal, por que gastaria tanto tempo em um feitiço de transmutação quando eu poderia desenhar o sigilo de transmutação em trinta segundos? Fora daí que viera a minha paixão pela Goétia. Eu já tinha dominado os sigilos, isto é, o desenho e a energia que vinha deles, então, estava na hora de evoluir um nível a mais.

O suor escorreu pela minha testa enquanto desenhava o mais rápido que conseguia sem errar. Eu não podia estragar tudo agora, porque um erro poderia custar minha vida e a de Julia.

Movi o giz para cá e para lá, adicionando três estrelas menores dentro do círculo e fazendo as conexões. Meu pulso acelerou, e eu me esforcei para evitar que minha mão tremesse devido à adrenalina. Em seguida, soletei a palavra *exilium*, o termo em latim para banimento, em cada uma das três estrelas. Onde deveria ter colocado o nome do demônio, deixei em branco. Teria sido mais fácil com o nome, mas já tinha feito inúmeros exorcismos bem-sucedidos sem aquela informação, portanto, sabia que funcionaria.

O ar crepitou com eletricidade. Os pelos dos meus braços se arrepiaram.

Olhei para cima. Os lábios da Julia-demônio estavam se movendo.

Ah. Que inferno.

Uma explosão de energia me atingiu no peito. Eu fui arremessada para trás, chocando-me contra a parede a cinquenta quilômetros por hora. Ouvi algo estalar, possivelmente meu crânio, e deslizei para o chão.

— Ai!

Ainda não tinha conhecido nenhum demônio educado o suficiente para esperar que eu terminasse meus sigilos de banimento.

A garota riu. Não. Não a garota, o demônio que estava em seu corpo.

— Você precisa ser mais rápida com seus rabiscos, sua vadia mestiça — a entidade disse em um tom áspero e gutural.

Sua voz soava perturbadoramente como um sussurro serpentino, o que fez os cabelos da minha nuca se arrepiarem. Não era a voz de uma adolescente. Ainda assim, fiquei feliz por estar falando minha língua. Meu enoquiano, o idioma dos anjos e dos demônios, estava um pouco enferrujado.

— Obrigada pela dica.

Eu me joguei para frente de bruços, deslizando para o meu círculo. Com o giz, escrevi *exilium* no último triângulo, finalizando o sigilo. Sentindo meu coração batendo em meus ouvidos, olhei de volta para a Julia-demônio. Ela estava parada, sorrindo para mim como se eu tivesse acabado de lhe fazer um favor. O demônio não tentou me impedir novamente. Não era um bom sinal.

Balancei a cabeça.

— Você poderia pelo menos fingir que sou assustadora para dar um efeito dramático agora que estou prestes a chutar sua bunda de volta para o Submundo. Tremer um pouco seria bom. Lágrimas são ainda melhores.

A Julia-demônio cruzou os braços sobre o peito, mostrando-me os dentes.

— Não estou com pressa — ela zombou. — Estou de bom humor, sabe? Vou começar com seus braços, arrancando-os um por um. — A garota arreganhou mais os dentes. — Depois, deixarei que assista enquanto eu como seus membros. Por fim, sugarei seu cérebro pelos seus olhos, bruxa vadia.

Que agradável. Tá certo, então.

Ao me levantar, usei a energia reunida no sigilo. Ela cresceu junto com um zumbido em meus ouvidos e um formigamento na parte de trás do meu pescoço. Eu ia fritar aquele demônio.

— Em nome do nosso Senhor Criador — entoei, trazendo a energia à minha frente e moldando-a conforme meus pensamentos; mantendo a imagem do sigilo do exorcismo em minha mente. — Exorcizo você, Demônio — acrescentei ferozmente, mantendo minha postura firme. — Todo espírito impuro, todo poder demoníaco, toda incursão do adversário infernal. — Ergui a palma da mão direita e disse com firmeza — Ordeno que fuja deste lugar! Fuja deste corpo! Que seu poder saia dela. *Deixe de existir, desapareça!*

Com as palavras, a energia se propagou de mim em uma explosão. Não houve luzes, nenhuma energia brilhante ou qualquer outra coisa que pudesse custar uma fortuna a uma empresa de efeitos especiais, apenas um formigamento no ar como se pequenas correntes elétricas e uma rajada de vento tivessem sido lançadas.

Ao sentir o poder do sigilo me deixar, cambaleei e quase perdi o equilíbrio.

A energia atingiu a Julia-demônio, que também cambaleou para trás. O choque substituiu seu sorriso e suas feições ficaram distantes. Ela se debateu, sua cabeça balançando enquanto continuava murmurando a mesma palavra, uma vez após a outra: *não*. A menina congelou com uma rapidez assustadora, em seguida, seu corpo relaxou.

Seus ombros balançaram quando ela começou a rir.

— Eu disse — o demônio falou com um sorriso em sua voz. — Seus truques de bruxa não vão funcionar em mim.

Droga. Essa realmente não era a minha noite. Desviei o olhar de volta para o meu sigilo. Estava bom. Perfeito, mesmo tendo sido desenhado sob pressão. Então, por que não funcionou?

Respirando com dificuldade, caí de cansaço. Canalizar tanta energia através de mim era como correr uma maratona. A súbita fraqueza me fez oscilar, contudo, eu não ia desistir. Não hoje. Nunca. E, acima de tudo, não quando a vida de uma jovem estava em jogo.

Com o maxilar cerrado, dei um passo em direção ao demônio até que estávamos a apenas três metros de distância, focando na energia que eu ainda canalizava através do sigilo.

Respirei, trêmula, e disse:

— Em nome do nosso Sen...

Uma forte explosão de energia me atingiu, jogando-me através da sala. Caí esparramada de bunda, com as pernas para o ar. Não era uma posição bonita. No segundo seguinte, minha cabeça bateu contra o chão. Pontos pretos apareceram na minha visão e uma dor intensa se espalhou pelo meu corpo. Minhas palmas se curvaram em garras enquanto eu ofegava por causa da dor e sentia o gosto de sangue na minha boca. Minha concentração desapareceu e, com ela, um pouco da minha coragem.

Eu já disse que essa realmente *não* era a minha noite?

— Você não tem poder sobre mim, mestiça. — O demônio riu. Havia um tom escárnio em sua voz.

Minha magia não funcionou. O exorcismo que deveria ter libertado a garota não teve absolutamente nenhum efeito. Com a cabeça latejando como se tivesse levado uma marretada, pisquei e rolei para o lado.

A Julia-demônio caminhou até mim e rosnou:

— Vou me banquetear com sua carne, bruxinha.

Ah. Merda.

Um medo intenso corroeu meu estômago. Não por mim mesma, mas por Julia. Meu sigilo de exorcismo não havia funcionado. E não fora porque eu o pronunciará em inglês. Não importava qual idioma eu usasse ao fazer feitiços ou encantamentos, desde que o significado fosse o mesmo. Poderia ter dito o encantamento em latim, porém, em situações estressantes, sempre optava pela minha língua materna para, assim, evitar o risco de dizer algo errado.

Eu tinha inúmeros outros selos e sigilos que poderia usar, mas todos eles matariam a garota instantaneamente. O sorriso confiante no rosto do demônio me disse que ele sabia disso, bem como sabia que eu queria que a menina saísse dessa situação viva e, de preferência, ilesa, embora talvez isto fosse pedir demais.

Que merda. Eu tinha que me proteger. Se eu morresse, não conseguiria ajudar Julia, não é mesmo? Primeiro, tinha que dar um jeito naquela dor.

Minha cabeça latejava com a pressão do meu sangue, deixando-me atordoada. De dentro da minha jaqueta, peguei uma caneta e desenhei um sigilo antidor no meu pulso esquerdo. Não me salvaria da morte, mas ajudaria a anestésiar a dor dos ossos quebrados ou de uma concussão, que provavelmente era o que estava me deixando tonta. Meu corpo mortal tinha limites que não podiam ser evitados e, ao que tudo indicava, eu havia alcançado os meus.

Assim que o sigilo foi concluído, pronunciei:

— *Sine dolore.*

Senti um formigamento e suspirei de alívio quando a dor na minha cabeça diminuiu. O efeito era temporário, só duraria até que a tinta fosse absorvida pela minha pele. Respirei devagar. Deus, como era bom. Em seguida, olhei para os dois anéis de ouro em minhas mãos, cada um decorado com sigilos poderosos que apareciam a partir do ponto onde eu havia cortado minhas luvas, nos nós dos dedos.

Algumas bruxas usavam uma varinha ou um amuleto como um foco mágico para criar rajadas de fogo e vento. Eu usava anéis. Haviam sido necessários vários dias de preparação para fazê-los funcionar. Cada anel armazenava o poder dos sigilos gravados neles, embora os efeitos variassem consideravelmente dependendo da intenção e das particularidades da bruxa. Quanto mais poderosa ela fosse, mais poder conseguiria extrair deles. Infelizmente, todas as coisas boas chegavam ao fim. Algum dia, a energia dos anéis acabaria. Quando isso acontecesse, eu teria que criar novos.

Se eu não conseguisse usar minha magia sem matar a garota, teria que recorrer à única outra arma que carregava comigo: uma pequena adaga. Eu a saquei e quase ri. Era uma arma insignificante, patética, quase do tamanho de um canivete. Pior, eu não fazia ideia de como lutar com ela. Não tinha treinamento em artes marciais ou em nenhum tipo de combate corpo a corpo. Era treinada em magia negra, especificamente Goétia, a prática de conjurar demônios e fazê-los cumprir minhas ordens.

O problema era que eu não tinha invocado o demônio diante de mim. Portanto, não tinha ideia de quem ele era ou de porquê estava aqui, possuindo essa pobre garota inocente, embora tivesse o pressentimento de que estava prestes a descobrir. Oba.

Ao ficar de pé, empurrei a adaga patética contra a entidade demoníaca.

— Perfure com a parte pontiaguda, certo?

A Julia-demônio fez um gesto com a cabeça e minha arma foi arremessada para longe. Eu assisti enquanto ela voava para o outro lado da sala.

— Acho que não.

Tudo bem. Então, o demônio queria jogar duro? Eu tinha a coisa certa para isso.

Cuspi o sangue da minha boca e peguei outro giz enquanto caía de joelhos novamente. Desenhei um sigilo em forma de triângulo em um tempo recorde de cerca de quatro segundos. No centro, escrevi o nome Aamon em latim. Então, adicionei um círculo um metro para trás, escrevi cinco nomes de arcanjos ao redor dele dentro de uma serpente enrolada e pisei dentro do círculo, meu corpo tremendo com a adrenalina.

A Julia-demônio riu mais.

— Ainda não decidi se devo comê-la agora ou deixar que me divirta enquanto executa sua magia ridícula.

— Prefiro não ser comida, obrigada.

— É tudo tão bobo e inconsequente — o demônio continuou com divertimento em sua voz. — Mas estou me sentindo generoso esta noite, então lhe darei dois minutos antes de comê-la.

— Legal — respondi, sem saber o que dizer.

— Vocês, bruxas, são todas iguais — a Julia-demônio disse. Havia uma nota de arrogância casual em seu tom. — Sem noção nenhuma, com magia limitada e nenhum conhecimento de como usá-la, especialmente uma tão jovem quanto você. Está perdendo seu tempo com seus rabiscos. Eu já disse. Sua magia de bruxa não funcionará em mim.

— Sim, ouvi quando falou da primeira vez.

Ele estava enganado. Eu não ia usar minha magia de bruxa. O demônio pensava que eu era uma bruxa normal das Trevas. Uma fraca. Esse tinha sido seu primeiro erro.

Eu queria, contudo, que ele continuasse pensando assim, pois tinha que imobilizar a Julia-demônio para descobrir por que meu sigilo de exorcismo não havia funcionado. Para isso, precisava de um pouco de ajuda física.

A entidade passou uma unha entre dois dentes como se estivesse usando um palito.

— Você é um pouco magricela, mas suspeito que há carne suficiente para arrancar de seus ossos. De qualquer forma, toda carne mortal tem o mesmo gosto de frango.

Senti o gosto de vômito na minha boca.

O demônio começou a andar na minha direção com passos longos e fáceis. Era como se estivesse passeando pelo parque. Seu descaso era intencional.

— O que aconteceu com meus dois minutos? — perguntei.

Ele sorriu.

— Eu menti.

Trabalhando rápido, desejei que minha mente se concentrasse enquanto eu recitava o encantamento, canalizando a magia do triângulo e do círculo de invocação.

— Eu o conjuro, Aamon, demônio do Submundo, para se sujeitar à vontade de minha alma. Amarro-o com inquebráveis grilhões de adamantina e o entrego ao caos negro da perdição.

À medida que a Julia-demônio se aproximava, seu sorriso se tornava mais aterrorizante. Ela parecia um leão prestes a morder o pescoço de sua presa e arrancar sua jugular. Eu só tinha alguns segundos.

Meu coração disparou enquanto clamava:

— Eu o invoco, Aamon. Apareça no espaço à minha frente!

A luz das velas tremeluziu, enviando sombras imponentes e retorcidas nas paredes. Minha pele se arrepiou com o vento repentino que surgiu ao meu redor.

A Julia-demônio congelou.

Foi a minha vez de sorrir.

Enruguei o nariz por causa do cheiro forte de enxofre, o odor de demônio. Imediatamente, senti um puxão no meu peito pela canalização de energia do círculo. O calor saía de mim, deixando uma sensação de frio e enjoo no meu estômago. Era assim que me sentia sempre que conjurava demônios. *Não tente isso em casa.*

Minha visão se afunilou por um segundo. Eu estava me esforçando demais, mas não podia parar agora. Sobrepondo a pulsação em meus ouvidos, o poder do círculo me percorreu como uma injeção de adrenalina. Um minuto depois, a força do puxão diminuiu.

No meio do meu triângulo desenhado a giz, surgiu um enorme lobo preto com cauda de serpente.

— Prenda a garota! E traga-a para mim! — ordenei, tomando cuidado para não sair do meu círculo, que era minha única proteção contra o demônio que tinha acabado de invocar.

Aamon rosnou para mim, lentamente puxando os lábios para trás para me mostrar dentes do tamanho de facas de cozinha. Ele estava obviamente furioso, todavia, não tinha escolha a não ser obedecer; o que era, é claro, a razão por trás de sua fúria.

O demônio lobo se virou e investiu contra a Julia-demônio, que estava olhando para mim com uma expressão azeda, como se eu tivesse acabado de botar fogo em sua inestimável coleção de bonecas. Aamon a atingiu com a força de um urso pardo batendo em uma árvore. Ele não chegava a ser um borrão, mas era rápido para cacete. Os dois caíram em uma confusão de membros, peles e rosnados.

— Não a machuque! — gritei novamente. — Eu preciso dela viva.

Soltei um suspiro frustrado. *Demônios. Você recebe o que invoca.*

Aamon era um demônio inferior, então nem sempre entendia as sutis nuances dos meus comandos. Sendo esta a décima terceira vez que eu o invocava ao longo dos anos, eu esperava que ele pegasse o jeito da coisa. E logo.

— É isso aí, Aamon! — comemorei, vendo que ele havia prendido a Julia-demônio no chão.

Era um pouco como um RPG e nem sempre saía do jeito que eu pretendia. Às vezes, os demônios que eu invocava eram fortes e selvagens demais, motivo pelo qual alguns mortais saíam machucados. Nesta noite, contudo, eu tinha esperanças de que as coisas acontecessem do meu jeito.

Um sorriso apareceu em meu rosto.

— Bem, foi melhor do que eu esperava. E você disse que minha magiazinha não funcionaria — zombei dele com as mãos nos quadris.

Minhas próximas palavras morreram na minha garganta, pois, no minuto seguinte, Aamon foi jogado para trás com força, chocando-se contra o chão. Sua cauda de serpente

foi cortada e um fluido fino e preto-esverdeado espirrou por toda parte em uma chuva nojenta. O cheiro era nauseante. Tive que prender a respiração antes que começasse a vomitar.

A Julia-demônio estava de pé novamente. Eu não gostei do sorriso que apareceu em seu rosto nem do fato de que seus lábios estavam se movendo em um feitiço. Um calafrio percorreu minha espinha. Merda.

Aamon estremeceu e saltou em direção a ela, acertando um poderoso golpe de sua cauda de serpente na coxa da entidade. A boca da cobra envolveu sua perna enquanto seus dentes afundavam em sua carne. Ótimo. Agora ela precisaria de pontos.

Infelizmente, seus lábios não pararam de se mover.

E, então, Aamon simplesmente explodiu em chamas.

Tive que recuar por causa do calor repentino. O demônio lobo uivou de dor, seu corpo consumido pelo fogo ofuscante até que nada restou dele além de uma pilha de cinzas.

Ops. Isso não tinha sido nada agradável.

Que droga. Quando eu pensava que as coisas estavam indo do meu jeito, algo sempre dava errado.

A Julia-demônio se virou para mim.

— Suas habilidades de conjuração são admiráveis para uma mortal. — Ela me olhou de soslaio. — Melhores que a maioria.

— Eu tento.

— Mas um demônio inferior não pode me matar.

— Tem certeza disso? — Dei-lhe um sorriso que combinava com o dela. — Então, está me dizendo que preciso invocar um demônio Superior?

Se um demônio inferior não podia vencê-la, só podia significar que a menina estava sendo possuída por uma entidade Superior ou algo pior e ainda mais poderoso.

Merda. Merda. Merda.

A Julia-demônio se moveu rápido demais para que eu pudesse bloquear seu ataque. Soltei meu giz quando ela me agarrou pela garganta, levantou-me do chão e me jogou contra a parede. Manchas pretas e brancas tomaram conta da minha visão enquanto eu ofegava, tentando respirar, sem, no entanto, conseguir.

Centenas de feitiços e sigilos passaram pela minha mente, mas todos eles matariam a garota. Não estava esperando tirar a vida de um inocente esta noite, porém, se não fizesse nada para salvar minha própria pele, eu viraria carne de demônio.

— Admito que gostei desta sua pequena visita. — Ela apertou minha garganta com mais força. — Você é diferente das outras bruxas que matei antes. Tem coragem, algo que aprecio. Uma pitada de coragem sempre torna a refeição mais estimulante. Além disso, a carne dos mais novos é sempre mais doce e macia.

— Vai se... foder... — consegui dizer com lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

Minha visão girava. Se eu não conseguisse um pouco de ar logo, ia acabar desmaiando. Torci e agarrei suas mãos, tentando abri-las para que pudesse respirar, mas era como tentar levantar um carro com meus dedos. Meus pulmões estavam famintos por ar e a escuridão penetrava minha visão.

A Julia-demônio trouxe seu rosto para bem perto do meu. Em seguida, colocou a língua para fora e começou a lamber minha pele lentamente, gemendo de prazer. Eu

estremeci. Agora, *isso sim* era nojento.

— *Au revoir*, querida — ela cantarolou.

Ah, foda-se. Eu tinha que salvar minha própria pele.

Fechando os olhos, canalizei o poder dentro de mim, aquele que jurei que nunca usaria. Se eu fosse descoberta, não somente os demônios iriam querer me matar, mas todos os mestiços e toda a comunidade paranormal estariam atrás de mim.

Infelizmente, eu não tinha escolha.

A Julia-demônio apertou mais forte, sorrindo ao observar meus olhos intensamente, esperando ver a vida se esvaír deles. Contudo, não foi isso que aconteceu.

Eu acessei aquele poder proibido, fazendo-o jorrar sobre mim. Ainda assim, só usei uma pequena quantidade, o suficiente para o que eu precisava fazer. A magia voou para dentro de mim, através do meu sangue, da minha pele e dos meus ossos. Era fácil, fácil até demais, e muito perigoso e sedutor. O poder cresceu, forte e constante, penetrando em mim como uma espécie de ânsia faminta; substituindo minha dor e meu medo por nada além de força e ferocidade.

Com minhas mãos ainda nas dela, expandi e acessei o *chi* do demônio, sua energia interior, mas apenas um pouco, rezando para que ela não sentisse. Parte do poder da entidade se derramou em mim, misturando-se com o meu.

E, então, eu disse uma única palavra em minha mente: *dimitte*. Solte-me.

O poder reprimido atingiu a Julia-demônio, enviando-a pela sala rugindo de fúria. Ela bateu contra a parede adjacente, quebrando a divisória de *drywall* com o impacto, e caiu no chão.

Caí de joelhos, tossindo enquanto respirava, tentando encher meus pulmões de ar. Eu adorava o sentir o oxigênio novamente. O ar era meu amigo. Minha visão nadou em um redemoinho nauseante à medida que eu respirava uma vez atrás da outra, meus pulmões famintos por mais.

— Que diabos foi isso? — a Julia-demônio gritou. Saído da boca da entidade, o termo soava estranho.

Ela estava olhando para o espaço vazio onde suas mãos costumavam ficar. Agora, anéis de energia negra espiralavam ao redor de seus pulsos, movendo-se lentamente e os apagando.

Merda. Ou eu tinha usado mais do poder do que pretendia do próprio demônio ou tinha me confundido ao lançar o feitiço. Bem, não era de se admirar, afinal, eu *estava* sem oxigênio. Foi mal.

— Que droga. Viu o que você me fez fazer? — murmurei, minha garganta ainda em chamas. — Como vou explicar para Julia ou para a mãe dela por que ela não tem mais mãos?

Eu não estava ansiosa por essa conversa. Não conhecia nenhum feitiço ou sigilo que pudesse fazer membros crescerem de volta.

Minha respiração ficou presa em minha garganta. Merda. Agora seus braços haviam desaparecido.

Arrasou, Sam. Isso estava indo de mal a pior.

— Isso é impossível! — a Julia-demônio lamentou enquanto se debatia como um manequim sem membros.

Reprimindo a náusea, que vinha sempre que canalizava muita energia em pouco tempo, levantei-me. Eu *ia* exorcizar esse demônio e, dessa vez, *ia* funcionar. Depois, me ocuparia tentando descobrir como fazer os braços e as mãos da Julia crescerem de volta. Tinha que haver uma maldição reversa, tipo um botão mágico de desfazer.

Sorrindo para o demônio, dei um tchauzinho.

— Está na hora de você ir embora.

Me concentrei no sigilo do exorcismo, vendo-o claramente em minha mente, e canalizei a energia que ainda estava lá. Respirei fundo, dei um passo à frente e disse:

— Em nome do nosso Senhor Criador, eu o exorcizo, Demônio.

— Morra, sua vadia mestiça!

A Julia-demônio se jogou em mim, porém, sem os braços para se equilibrar, ela cambaleou como uma bêbada, quase caindo.

De repente, o som de pés se arrastando no chão chegou até meus ouvidos. Um homem com roupas pretas apareceu na minha linha de visão. Ele tinha cerca de um metro e oitenta, cabelos escuros e uma beleza fria. Seus olhos castanhos ardiam com a luxúria e a excitação da batalha ao puxar uma adaga de prata da bainha ao seu lado. A lâmina brilhou na escuridão. Eu já tinha visto uma arma como aquela antes. Era uma lâmina da alma, as adagas dadas aos nascidos-anjos pelos próprios anjos, forjadas no Horizonte. Diziam que seu metal era venenoso para os demônios.

Havia mais uma coisa que eu sabia. O recém-chegado era um nascido-anjo, originalmente humano, que fora abençoado com essência de um anjo que agora fluía em suas veias. Uma raça secreta de humanos criada pelos arcanjos, concebidos com habilidades sobrenaturais para serem os olhos e os ouvidos da Legião dos Anjos na Terra.

Que diabos um nascido-anjo estava fazendo aqui? Fazia anos que eu não encontrava um. Talvez uns cinco. Nós simplesmente não nos misturávamos. Assim como gatos e cachorros, não éramos inimigos, apenas arquitetados de maneira diferente. Provavelmente pelo simples fato de meus ancestrais serem demônios. Assim como todos os mestiços, nós, bruxas, tínhamos um ancestral demônio em algum lugar de nossa genealogia.

Esquecendo-me completamente do meu exorcismo, observei o estranho enquanto ele se colocava entre a Julia-demônio e eu. O que era isso? Meu cavaleiro de armadura reluzente? Acho que não.

Aparentemente, a Julia-demônio também não queria fazer parte dos planos do sujeito, pois seu rosto se contorceu em ódio reconhecível. O demônio também sabia o que o estranho era. Seus lábios se moveram e uma névoa de escuridão se ergueu ao redor dela, enrolando-se como anéis de fumaça até que a entidade desapareceu. A névoa rodopiante de escuridão balançou e vacilou. O ar mudou e, então, a neblina se levantou, revelando as mãos e os braços da Julia-demônio, com roupas e tudo, como se seus membros nunca tivessem desaparecido.

A-há. Então *havia* um botão mágico de desfazer.

Os olhos da garota se estreitaram e ela cuspiu no chão.

— Anjo — o demônio rosnou.

Então, em uma explosão de velocidade, lançou-se sobre o estranho. Antes que eu pudesse detê-lo, o nascido-anjo ergueu sua lâmina e esfaqueou o demônio no peito.

— Não!

Eu bati meu ombro contra o sujeito, desequilibrando-o por um momento.

A Julia-demônio arrancou a lâmina de seu peito e cambaleou para trás, segurando a arma em ambas as mãos em pânico. Sangue jorrou de uma ferida em seu peito, escorrendo até seu jeans. Se eu não estancasse o sangramento, ela morreria.

— O que você está fazendo? — o nascido-anjo gritou, olhando para mim como se quisesse me esfaquear também enquanto puxava outra de suas lâminas de sua cintura.

Se ele tentasse alguma coisa, eu ia fritar a bunda dele.

— Eu?! — gritei de volta, forjando um novo sigilo em mente. — Foi você que esfaqueou a garota.

— Ela é um demônio — ele disse, incrédulo.

— Ela é uma *garota*. Está apenas possuída.

O que diabos havia de errado com aquele cara?

— A garota está morta, sua idiota — o nascido-anjo gritou de volta. — Olhe para ela. Ela está morta há muito tempo. Que tipo de bruxa lerda é você?

Estreitei meus olhos. Eu ia amaldiçoá-lo por aquele xingamento. Já não me importava mais em chutar a bunda bonita dele. Porém, antes que pudesse pôr meu plano em prática, a Julia-demônio chegou primeiro.

A garota o agarrou pela jaqueta e o girou, acertando-o com um amplo movimento de braço que o derrubou. O nascido-anjo voou em direção à parede mais próxima, meio que girando no ar, e bateu com força, a lâmina da alma caindo de seus dedos. Ele olhou para cima com os olhos arregalados e uma expressão atordoada. Sangue escorria de seu nariz e do canto de sua boca.

Pouco depois, o cara se levantou, pegou sua arma e atacou o demônio.

Ah, não. Eu não deixaria esse babaca matá-la. Não enquanto eu ainda respirava.

Rapidamente, coloquei-me na frente da Julia-demônio. Meus lábios se moveram, proferindo o feitiço de exorcismo ao passo que começava a canalizar a energia ao meu redor.

Julia-demônio desviou seus olhos negros de mim para o nascido-anjo, uma mistura entre um sorriso vitorioso e um desafio aparecendo em seu rosto.

— Você está muito atrasado.

A cabeça da garota girou 360 graus... coisa de Hollywood total. Houve um estalo horrível de osso e, então, ela desmoronou no chão. A menina não se movia. Seus olhos azuis vazios olhavam para o espaço. Seu corpo tremeu e, por um momento, pensei que ela estava viva. Mas, em seguida, uma massa negra e contorcida saiu de seu corpo, assumindo uma forma vagamente humana conforme se erguia, embora não tivesse olhos nem boca. A massa emitiu um guinchado de animação e de raiva.

Eu fazia isso há algum tempo e já tinha visto minha cota de demônios, portanto, reconheci a figura como uma construção de sua verdadeira forma. Contudo, a silhueta era distorcida e fantasmagórica, motivo pelo qual eu não sabia dizer a que classe de demônios pertencia.

A forma negra pairou por um momento e, então, outra massa surgiu. Esta não era negra. Era do mais puro branco e brilhava como uma névoa matinal. Enquanto olhava para a representação fantasmagórica de Julia parada ao lado de seu corpo, esqueci de respirar. O

medo em seu rosto era real. Seus lábios se moveram como se ela estivesse tentando me dizer alguma coisa.

— Julia.

Dei um passo à frente.

Em um movimento repentino, o ar se deslocou e o demônio desapareceu, levando a alma de Julia com ele.

— **Q** ue merda foi essa? — o nascido-anjo gritou.

A parte branca de seus olhos eram visíveis sob luz fraca. Suas mãos estavam pressionadas contra a cabeça, como se estivesse tentando manter seu cérebro dentro do crânio.

Merda. Exatamente.

— Isso — eu disse de modo áspero — foi um demônio levando uma alma inocente para o Submundo.

Que as almas me perdoem. Lá se foi meu pagamento.

Eu tinha visto algo assim acontecer apenas uma vez na minha vida, uma década atrás, e a imagem ainda me dava pesadelos. Nunca me esqueceria da expressão no rosto daquele pobre homem, do terror puro e cru que espelhava o de Julia. Eu tinha assistido, paralisada, enquanto ele encontrava seu fim. Naquele segundo final, medo e terror absolutos combinados com uma percepção horrorizada tinham passado pelos seus olhos. Agora, eu vira a mesma cena se repetir.

Ter que lidar com a morte de uma garota no meu turno era ruim o suficiente, porém, ter sua alma arrastada para o Submundo estava na escala de coisas-piores-que-a-morte.

— Mas os demônios *se alimentam* das almas humanas — o estranho exclamou, o choque colorindo a sua voz. — Eles não as levam para passear.

— Eu sei.

Ele balançou a cabeça.

— Por que o demônio faria isso? — o sujeito perguntou, soando mais como se estivesse fazendo o questionamento para si mesmo.

Engoli em seco.

— Para torturá-la. Devorar sua alma lentamente. Vendê-la para quem der o maior lance. Não sei.

Lutei contra a bile que subiu até o fundo da minha garganta, me dando ânsia. Droga. O demônio não só usara a garota para conjurar algum ritual, como agora também conseguira levar sua alma.

Mas por que ele fizera isso?

O nascido-anjo se moveu até o meu lado, parando perto demais e invadindo meu espaço pessoal.

— Eu tinha tudo sob controle — ele disse, olhando para mim com raiva. — Poderia ter matado ele, mas, por conta de sua interferência, agora o demônio vai acabar possuindo outra pessoa.

Não gostei do tom dele.

— *Minha* interferência? — Ah, aquele babaca bonito e pomposo. Me aproximei até ficar cara a cara com ele. — Quem diabos você pensa que é?

A mandíbula dele se contraiu e se abriu, o brilho em seus olhos mudando de raiva para curiosidade.

— Eu sou o cara que está rastreando esse demônio há mais de uma semana. O mesmo cara que está seguindo o rastro de cadáveres.

Senti meu rosto ficar pálido.

— Que cadáveres?

Seus olhos escuros se fixaram em mim.

— Foi você quem causou tudo isso, não foi?

Eu estreitei os olhos, fervendo de raiva com o que vi em seu rosto.

— Se acha que eu queria que isso acontecesse, só pode estar drogado.

Seus olhos perfuraram os meus.

— Você convocou o demônio e ele possuiu aquela pobre garota. Era por isso que estava tentando se livrar dele? Para encobrir seus rastros?

Minha frustração tensionou meus músculos. Balancei a cabeça, mas, por dentro, pensei em alguns feitiços que poderia usar no cara. O primeiro que me veio à mente envolvia castração.

— Não uso garotinhas nas minhas invocações.

Desgraçado.

— Sei. — Ele girou a adaga da alma em sua mão, exibindo a ponta pontiaguda e a lâmina afiada. — Porque, se você usou, eu estaria no meu direito de matá-la.

Era um sorriso malicioso o que eu via em seus lábios?

— Vá em frente. Tente. Quero ver você tentar explicar à sua namorada por que não tem mais um pênis.

Seu queixo caiu. O sujeito me olhou por um momento enquanto pensamentos se formavam atrás de suas íris.

— Quem é você afinal? — Seus olhos me analisaram e pararam em minhas mãos, aparentemente aceitando que eu não fora a culpada pela invocação do demônio. — Estamos em agosto. Por que está usando luvas? Você é germofóbica ou algo assim?

— Algo do tipo.

Puxei as mangas da minha jaqueta sobre minhas luvas de couro. Eu não ia ter essa conversa com um estranho, especialmente um que tinha acabado de ameaçar me matar.

Voltei minha atenção para o corpo de Julia, minhas entranhas se contorcendo com culpa e raiva. Ela era apenas uma menina; uma que agora estava morta. Essa realmente era uma confusão de proporções gigantescas. *Muito bem, Sam.*

— Quem é você? — ele perguntou novamente. Quando eu não respondi, pressionou — Eu fiz uma pergunta.

Ah. Não. Ele. Não. Disse. Isso.

Eu enrijei e lancei meu olhar de volta para o estranho, tentando acalmar minha raiva, mas falhando miseravelmente.

— Sim, vi seus lábios se movendo. Isso geralmente acontece quando as pessoas falam.

O cara realmente estava me irritando.

Ele franziu a testa. Eu sorri.

Se não desgostasse tanto dele naquele momento, poderia ter parado para apreciar sua beleza. Já que, bem, ele era *muito* lindo. Parecia que a própria Deusa o havia moldado para ser seu consorte, e o caldeirão me ajudasse, porque o homem realmente estava à altura. Ele tinha cabelos castanhos curtos que pareciam pretos na penumbra, cílios grossos que emolduravam olhos castanhos hipnotizantes, um nariz reto e um maxilar quadrado com

barba o suficiente para dar às suas feições delicadas um aspecto mais robusto... e muito mais sensual.

Eu me esforcei para manter meus hormônios sob controle. É o que acontece quando você fica solteira por mais de um ano. Até os nascidos-anjos começam a parecer atraentes.

Aquela arrogância típica da raça dele surgiu no homem como uma promessa a ser cumprida. Deus, como eles me irritavam. O sujeito se movia com confiança, como um gato. Seus músculos lisos deslizando sob sua camisa fina eram o suficiente para me fazer querer correr meus dedos por eles. Ele tinha aquela atitude de “não me importo com o que você pensa”, igual um *bad boy*. Era totalmente meu tipo e algo que eu definitivamente não deveria querer. Meus olhos se moveram para a gola V baixa de sua camisa; para a marca de nascença em formato de P em sua pescoço: o sigilo do arcanjo Miguel.

Os nascidos-anjos existiam desde que o homem passara a caminhar sobre a Terra. Assim como os anjos da guarda, eles monitoravam os mortais e os protegiam dos demônios do lado de cá. Se você removesse o complexo de Deus que todos eles tinham, seria uma tarefa louvável.

— Você é uma bruxa das Trevas. Disto estou certo — ele disse depois de um momento, com um tom de acusação em sua de voz, como se ser uma bruxa também fizesse de mim uma criminosa.

— Como você é perspicaz — rebati.

Todas as bruxas nasciam com algum nível de poder mágico dentro delas, uma energia inata dada a nós por nossos ancestrais demoníacos. Ainda assim, nem todas eram criadas igualmente em termos de força e habilidades mágicas. Algumas nasciam com um poder tão baixo que eram praticamente humanas. Outras podiam transformá-lo em um rato só com o olhar. Algumas contavam com a ajuda de demônios e pegavam a magia deles emprestada, enquanto outras, bem, estavam apenas com fome de poder e os procuravam para alcançar o que desejavam.

Contudo, sempre havia um preço a ser pago. Ninguém podia pedir poder a um demônio sem que ele pedisse algo em troca. Algo como, digamos... sua alma. Era por isso que as bruxas das Trevas tinham uma má reputação. Muitas seguiam o caminho mais fácil e conjuravam demônios para obter poder em vez de fazer o trabalho braçal por si mesmas. O resultado? Globos oculares, almas, anos de vida e sua saúde eram perdidos.

Ainda assim, demônios podiam ser úteis. Isto é, se você soubesse como controlá-los, como eu sabia.

O rosto do nascido-anjo escureceu.

— Você estava tentando exorcizar o demônio dela. Por quê? As bruxas não são amigas dos demônios? Você não extrai seus poderes deles?

Sufoquei uma onda de raiva.

— Minha cabeça está começando a doer com todas as suas perguntas.

— Por que estava tentando salvar a garota?

— Julia. O nome dela é... era Julia.

E agora ela está morta. Respirei devagar para tentar me acalmar.

— Porque — falei, surpreendendo-me ao notar que minha boca decidira responder à pergunta dele. Devia ser porque o cara era bonito. Eu me rendia fácil demais para um rosto

bonito. — O demônio dentro dela a estava matando. E porque eu odeio esses invasores de corpos.

Ele levantou uma sobrancelha, cético.

— Você odeia demônios? Como pode odiá-los se tem o sangue deles correndo em suas veias? Eles são praticamente sua família.

Aqui vamos nós.

— Nem todos os demônios são maus.

— Certo. — O estranho fez uma careta, suas feições se contorcendo. — Só uma bruxa diria algo assim.

Balancei a cabeça.

— Eu realmente não estou a fim de ter essa conversa com você, nascido-anjo.

Esfreguei minhas têmporas, sentindo uma enxaqueca gigante surgir. Ter canalizado toda aquela magia estava começando a cobrar seu preço. Meu corpo tremia de cansaço, o pagamento por todo o poder que eu utilizara. Seria ainda pior amanhã. Sempre era.

O estranho soltou uma lufada de ar.

— Como soube sobre Julia? — A uniformidade em sua voz não conseguiu esconder sua frustração comigo.

Apoiei meu peso no outro pé.

— Os pais dela me contrataram para encontrá-la.

Por que eu estava contando as coisas para esse idiota?

— Sério?

Aqui vamos nós de novo.

— Sim. Sério.

— Você é uma bruxa detetive ou algo assim?

A risada em seu tom despertou minha raiva novamente. Eu levantei uma sobrancelha e lancei um olhar seco para ele.

— Prefiro o termo Investigadora Paranormal.

Sua boca se abriu. Vi que ele queria me fazer mais perguntas, mas decidiu não continuar.

— Você disse que o demônio estava deixando um rastro de corpos — comentei. — Se importa em explicar? Sabe o que o demônio estava tentando fazer aqui?

Meu olhar pousou mais uma vez nas runas no meio do cômodo. Era obviamente algum tipo de ritual. Eu só não sabia qual.

Ele me fitou.

— Achei que esse tipo de coisa fosse sua especialidade. — O nascido-anjo olhou ao redor do ambiente. — A menina está morta. Você precisa seguir em frente.

Pressionei minhas mãos nos quadris.

— Meu trabalho não para até que o demônio seja derrotado. Ainda não terminei aqui.

Os olhos do homem permaneceram no corpo de Julia por um momento.

— Você deveria ir antes que alguém a encontre aqui — ele disse e, então, olhando de volta para mim, acrescentou —, a não ser que queira ser culpada pela morte dela.

— Que tal você dar o fora daqui antes que eu lance um feitiço na sua bunda?

Pelo que pude espiar através de seu jeans, era bunda e tanto. Porém, mesmo com a distração que sua aparência representava, ele estava começando a me irritar de verdade.

Especialmente sua falta de compaixão por Julia e aquele tom autoritário e arrogante dele, tão típico de nascidos-anjos. Além disso, eu precisava ficar sozinha para tirar algumas fotos e catalogar tudo antes de ligar para o 911 e deixar uma denúncia anônima sobre ter encontrado uma garota morta. Julia.

Se o que o sujeito dissera sobre os outros corpos realmente fosse verdade, havia mais nessa possessão demoníaca do que eu sabia. Independentemente do que fosse, eu iria descobrir.

O nascido-anjo olhou para mim por vários minutos. Eu não tinha ideia do que ele estava pensando. Depois, virou-se e foi embora. Em silêncio, observei enquanto o estranho desaparecia pela porta do apartamento, deixando apenas o cheiro avassalador de sangue e enxofre para me fazer companhia.

Eu não soube dizer quanto tempo fiquei ali, observando o rosto de Julia, desejando que tivesse sido diferente. Por que tudo tinha dado terrivelmente errado esta noite? Sentia-me derrotada, cansada e com raiva, não do presunçoso nascido-anjo (tá bom, talvez um pouco), mas de mim mesma. Se eu tivesse encontrado uma maneira de exorcizar aquele demônio, Julia ainda estaria viva.

Parte de mim esperara que o nascido-anjo me desse o nome do demônio. Ele estava atrás dele, então era possível que soubesse. Ou talvez não.

Peguei meu telefone e me ajoelhei ao lado do corpo de Julia. Havia sangue em seus pulsos, algo que eu não tinha notado antes. Estendi a mão e virei seu pulso esquerdo suavemente. Depois, o direito. O mesmo símbolo estava esculpido em sua pele, os cortes profundos e carnudos possuíam a forma de um sol com um triângulo no meio. Soltei seus braços. Eu não reconhecia aquele símbolo, mas, o que quer que fosse, tinha algo a ver com a morte dela.

Um tremor subiu por mim e apertou meu estômago. Por que não consegui exorcizar o demônio? E por que ele levou a alma de Julia para o Submundo?

Eu não fazia ideia. Mas eu conhecia alguém que talvez soubesse.

Caminhei pelas ruas do *Mystic Quarter*, o distrito paranormal em Manhattan, onde bruxas, vampiros, lobisomens, fadas, trolls e todos os tipos de mestiços se reuniam longe dos olhos humanos.

Cada uma das grandes cidades do mundo abrigava um distrito paranormal próprio. Aqui, era no *East Village*, em *Orchard Park*, escondido atrás de paredes grossas de árvores frutíferas e arbustos. Os humanos podiam caminhar pelos três quarteirões do nosso refúgio paranormal sem vê-lo e sem nunca saber o que havia por trás daquelas árvores. Com a ajuda de glamours, feitiços e encantamentos, os humanos não *conseguiam* ver, e nós, mestiços, queríamos que continuasse assim.

Sim, eu era uma mestiça. Ser uma bruxa me classificava como uma mestiça, ou seja, criaturas que já tinham sido humanas, mas que, em algum momento, haviam sido submetidas a um dos vírus demoníacos, o que, então, as transformara em uma das diferentes raças demoníacas existentes: bruxas, vampiros, lobisomens, fadas, duendes, trolls, feiticeiros, e assim por diante. Se você tivesse um ancestral demoníaco, era um mestiço, não importa o quão diluída a essência demoníaca estivesse.

Então, como nós chegamos aqui? Há muito tempo, em uma dimensão muito, muito distante, demônios escaparam pelo Véu e chegaram ao nosso mundo. Somos mestiços, híbridos, e é por isso que as espécies de demônios mais *puras*, como os inferiores e os Superiores, nos desprezam.

Mystic Quarter era minha casa, a residência de todos nós, e eu não mudaria isso por nada no mundo.

Virei à esquerda na *Odin Boulevard* e segui para o sul. As nuvens no céu estavam ficando mais espessas, formando uma tempestade. A rua inclinava-se e descia, com prédios bagunçados que a ladeavam, todos espremidos como se não houvesse espaço suficiente.

O forte cheiro de enxofre e magia demoníaca me puxava em todas as direções. Estremeci de prazer enquanto ele me cobria como um cobertor quente.

Passei por um bando de lobisomens bêbados e sem camisa, suas vozes subindo e descendo, deixando claro a todos que pudessem ouvi-los que uma briga estava prestes a começar. Eu era esperta o suficiente para saber que não queria estar por perto quando eles comessem a rasgar suas calças e decidissem ficar nus. Não se passava um dia no *Quarter* sem que eu não visse um lobisomem pelado, musculoso e bem-dotado correndo por aí... Acho que eles não gostavam muito de roupas humanas.

Um borrão dourado passou por mim, deixando para trás um rastro de transpiração masculina almiscarada e de cachorro molhado. Aí está. Um lobisomem nu. Como eu disse, todos os dias era a mesma coisa.

Ecoss de vozes expressivas me alcançaram enquanto eu passava pelo mercado noturno. Alguns gnomos já haviam montado seus estandes, que transbordavam de joias cintilantes. Puxa. Já era tão tarde assim?

Fui até a casa de arenito mais alta, a que possuía pedras rachadas e desgastadas que pareciam ter sido atingidas por um furacão. Ela ficava espremida entre a *VIOLET'S SPELLS & CHARMS* e a *BLACK CATS INC.*, com garrafas e caixas de venenos, poções e

feitiços nas janelas. Esta área era conhecida como *Witches Row*, um bloco inteiro dedicado a tudo que fosse relacionado a bruxas, vassouras e magia. Mesmo no *Mystic Quarter*, diferentes partes do bairro eram alocadas para cada espécie mestiça. Era aqui que eu morava.

Os pequenos jardins da frente das casas estavam repletos de sálvia, alecrim, manjerição, hortelã e inúmeras outras plantas. Enquanto caminhava em direção à porta da frente, um movimento à esquerda chamou minha atenção.

Vera Wardwell, a bruxa que morava na casa ao lado, estava debruçada sobre seu jardim, colhendo sálvia e erva-cidreira. Uma esfera branca brilhante pairava ao lado dela, iluminando o pequeno pedaço de jardim enquanto a mulher trabalhava. Seu rosto estava escondido atrás de seu traseiro enorme, mas eu sabia que era ela. Afinal, conhecia apenas uma bruxa com o cabelo da cor de cenoura cozida. Sim, era madrugada, mas isso não impedia que nós, bruxas, cuidássemos de nossos jardins e feitiços. A maioria preferia a tranquilidade da noite e eu não era exceção. Era quando eu fazia a maior parte do que tinha para fazer.

Vera levantou a cabeça, fitando-me enquanto eu me aproximava, mas eu sabia que não deveria esperar um sorriso ou um aceno. Seus olhos verdes eram frios e duros.

— Boa noite, Vera — cumprimentei.

O rosto da bruxa se enrugou em desprezo, fazendo suas sobrancelhas desenhadas se torcerem, como se a mulher fosse um palhaço. Eu ri. Seu rosto escureceu de raiva. Eu não pude evitar. Era a única expressão facial que a via fazer desde que eu era criança.

Ao reparar nas minhas roupas, ela me lançou um olhar feio.

— Desprezível. Toda suja, imunda — acusou, apontando um longo dedo para mim. Seu rosto mudou e a mulher me deu um sorriso desagradável. — Continue brincando na lama, Samantha, e você nunca encontrará um bruxo.

Eu sorri.

— Acho que isso é algo que temos em comum.

Ignorando o arfar repentino da bruxa, fui até a porta da frente da casa de arenito. Uma placa descascada na porta preta da frente dizia:

SAMANTHA BEAUMONT.

INVESTIGADORA PARANORMAL. ESPECIALISTA EM OCULTISMO.

Suspirando, abri a porta e passei por ela.

Entrei em um saguão escuro, fechei a passagem atrás de mim e acendi as luzes. O ar cheirava a madeira polida e ao almíscar dos tapetes persas antigos que cobriam o piso de madeira. Atrás do saguão, estava todo o primeiro andar: a sala de estar ricamente colorida, a sala de convivência, o banheiro pequeno, a cozinha e a sala de jantar; todos cobertos com um papel de parede antigo da década de 1930 e lambris, com grandes móveis de madeira escura e polida.

Era a casa da minha família, que herdei do lado materno, as Bruxas Beaumont.

Beaumont era o sobrenome da minha mãe. Como bruxas, não era incomum que usássemos nosso sobrenome materno. Para nós, poderia ser tanto de um jeito, quanto de outro. Você poderia ter o sobrenome do seu pai ou o da sua mãe. Era uma escolha. Não uma obrigação. Como tal, fora escolha da minha mãe me dar seu sobrenome. A mulher me

carregara dentro dela por nove meses, portanto, parecia mais do que justo que eu usasse seu sobrenome. Além disso, me identificava mais com Beaumont. Parecia certo. Parecia eu.

Me apoiando na parede, chutei minhas botas e caminhei pelo corredor, passando pela escada que levava aos andares superiores e seguindo em direção à cozinha que ficava do outro lado da casa.

— Vovô! Poe! Cheguei!

Eu não tinha percebido como estava faminta e desidratada até chegar à cozinha. A canalização de magia faz isso, razão pela qual eu geralmente carregava barras de proteína comigo. Porém, naquela noite, eu tinha saído de casa tão rápido após receber a pista sobre o paradeiro de Julia que me esquecera de pegar uma.

Depois de tirar as luvas, peguei um pedaço de pão integral, carne, tomate, alface e um pouco de maionese. Então, empurrei a porta da geladeira com o quadril, coloquei a comida na ilha de granito da cozinha e comecei a fazer meu sanduíche.

O cheiro de enxofre me alcançou, seguido pelo bater de asas.

Um grande corvo voou para dentro da cozinha e pousou na ilha, ao lado do pão.

— Você está horrível — o animal disse, eriçando suas penas pretas. — Noite longa?

Suspirei, sentindo a raiva e a culpa fervendo dentro de mim.

— Você não faz ideia.

Poe era meu familiar, meu espírito animal, meu ajudante mágico e companheiro demônio. Cada bruxa era emparelhada com seu familiar assim que demonstrava sinais de magia, geralmente por volta da pré-puberdade. Normalmente, familiares eram passados de membros da família que haviam falecido para a jovem bruxa, como uma herança. No entanto, nem todas as bruxas tinham familiares. Tratava-se de uma escolha pessoal.

Familiares vinham em todas as formas e raças de demônios. Poe era um *Malphas*, um demônio de nível médio na forma de um corvo. Os espíritos animais ou familiares mais comuns eram gatos. Mas o velho Finny, o gato familiar que tinha pertencido à minha mãe e à mãe dela, não queria nada comigo. Ele tinha bufado, cuspidado e me mandado cair fora. Vendo que não ia funcionar, desisti. Por que eu iria querer me unir pelo resto da minha vida a um familiar que me odiava? Eu não.

Como resultado, fiz o que tantas outras bruxas das Trevas haviam feito antes de mim. Saí para a floresta mais próxima – que, no caso, era o *Central Park* de Nova York – durante a lua cheia e fiz um Feitiço de Invocação Familiar para convocar um.

Poe apareceu um minuto depois.

Corvos não eram familiares típicos, contudo, ele viera sozinho e por conta própria, o que deixara tudo mais especial. Agora, nosso vínculo era forte como ferro.

Com um grande bater de suas asas, Poe voou para o meu ombro. Então, bicou minha orelha com força.

— Ai! — Lancei um olhar de raiva para o corvo quando ele saltou pelo meu braço, meus dedos pressionados sobre minha orelha latejante. Se sangrasse, eu ia fervê-lo no meu caldeirão. — Tá doido? Por que fez isso?

A ave ergueu uma sobrancelha em desafio.

— Isso foi por me deixar para trás. Como pôde fazer isso comigo, Sam?

— Eu? — gritei incrédula. Ele só podia estar brincando. — Você nem estava aqui quando recebi a ligação.

— Não podia esperar?

— Não. — Estreitei os olhos. — E onde diabos você estava? Roubando de novo? Mal posso esperar para saber de quem foi o colar ou o relógio caro que desapareceu no meio da noite. Porra, Poe. Você ainda vai ferrar comigo. — Verifiquei meus dedos. Sem sangue. Pássaro de sorte.

— Não sei do que está falando. — O corvo virou a cabeça. — Eu sou um pássaro. Só fui voar pelo bairro e soltar alguns excrementos ocasionais. É o que pássaros fazem.

— Você é um demônio — eu disse. — E um muito temperamental. Foi só uma noite.

— Não faça de novo.

— Não me provoque, passarinho.

Poe riu, mas decidiu calar o bico. Ave esperta.

Ele pulou para a mesa.

— Mas eu queria estar lá — disse enquanto pegava uma fatia de carne e a engolia inteira. — Poderia ter ajudado.

— Talvez.

Cortei meu sanduíche ao meio e apenas olhei para ele. Poe era ótimo em me ajudar com feitiços e sigilos, contudo, exorcismos eram comigo. Eu nunca tinha falhado em um antes, quer dizer, até hoje.

— Sam. O que aconteceu? — o corvo perguntou, notando meu desconforto.

Levantei o olhar, encontrando os olhos negros dele.

— Eu...

— Malditas sejam essas bruxas! Pelo caldeirão, eu juro! Não emprestam nem um tantinho de mandrágora! — uma voz abafada ralhou.

Um homem velho de um metro e oitenta de altura e com cabelos brancos e grossos que chegavam até as orelhas entrou na cozinha. Seu roupão de banho azul-claro ondulava atrás dele, revelando seu peito pálido e sua cueca branca.

Ergui uma sobrancelha.

— Pensei que tínhamos concordado que você usaria roupas de verdade de agora em diante.

Meu avô fez uma careta.

— Tenho noventa e dois anos, minha menina. Como vou me lembrar de tudo o que me diz?

— Ah, por favor — falei, revirando os olhos. — Sua memória é melhor que a minha.

Dei uma mordida no meu sanduíche e quase gemi. Deus, como era bom. Mordi de novo.

— Verdade. — Meu avô sorriu maliciosamente, seus olhos se arregalando.

Engoli.

— Para que você precisa de mandrágora?

Os olhos do mais velho se arregalaram ainda mais.

— Para um novo feitiço em que estou trabalhando. Eu o chamo de — ele moveu a mão dramaticamente no ar — Vassoura Brilhante do Gordon.

Eu não gostei nada de como soava.

— E o que é? — perguntei, embora tivesse a sensação de que já sabia.

Meu avô se endireitou e estufou o peito.

— Transforma água em gin.

Poe cuspiu a carne que estava em seu bico e começou a tossir.

O homem se virou para ele, encarando-o.

— Que foi? Não acha que eu consigo fazer isso, *pássaro*? Acha que eu não dou conta?

O corvo deu de ombros.

— Eu não disse nada — respondeu. Havia divertimento em seu tom.

Meu avô fez um ruído de desaprovação, em seguida, virou-se para olhar para mim.

— E então? Como foi? Encontrou a Julia?

Ah, que inferno. Coloquei meu sanduíche meio comido no balcão, perdendo o apetite de repente.

— Sim. Encontrei.

— E?

— E foi um desastre total.

O mais velho cruzou os braços sobre o peito.

— Desembucha, minha menina.

— Não consegui exorcizar o demônio — respondi, sentindo-me como uma grande idiota, e rapidamente recapitulei os eventos que levaram à sua morte. Deixei de fora a parte do nascido-anjo, embora não soubesse exatamente por quê. — Nunca aconteceu de eu *não* conseguir expulsar um demônio — continuei, doente de raiva. — Mas não consegui. Não esse. — Bati minha mão na bancada de granito. — Merda. Agora, aquela garota está morta por minha causa. Eu falhei com ela. Falhei com os pais dela.

Eu vou encontrá-lo, Demônio, e quando isso acontecer, irei matá-lo lentamente.

— Você conferiu seu sigilo? — Poe perguntou, com a cabeça inclinada para o lado em um gesto de questionamento. — Talvez houvesse uma falha na sua estrela ou no círculo.

Balancei minha cabeça.

— Eu conferi. Estava ótimo.

— Receio que isso só possa significar uma coisa — meu avô informou, seu rosto se contorcendo de angústia. Ele plantou as mãos no balcão de granito e disse — O demônio era mais poderoso que você.

— Foi o que imaginei.

Claro que ele era. Respirei fundo, sentindo-me pior ainda. Eu realmente tinha que me colocar de pé novamente ou acabaria perdendo clientes. Quem ia querer contratar uma exorcista que não conseguia fazer a única coisa para a qual era contratada, ou seja, expulsar demônios?

Arranquei um pedacinho do meu sanduíche.

— Apesar de conhecer de cor todas as setenta e duas raças de demônios na *Ars Goétia* e já ter usado *centenas* deles, não consegui reconhecer este. Sua aura era diferente. Mais poderosa. Mais perigosa.

Com as grossas sobrancelhas brancas franzidas, meu avô respirou fundo e disse:

— Por que não estou gostando disso?

— Porque fica ainda pior.

O mais velho franziu a testa, sua expressão intensa e pensativa.

— Pior como?

— O que foi, Sam? — Poe pulou para mais perto de mim. — Desembucha. Pior como?

Preparando-me, apertei os lábios e disse:

— O demônio arrastou a alma da Julia de volta ao Submundo.

Silêncio.

Então, o vovô xingou.

— Pelo caldeirão! Essa pobre criança. Que coisa horrível aconteceu com ela. Primeiro a possessão, e agora ele levou sua alma? — O homem ficou parado por um momento. Eu quase conseguia ver sua mente trabalhando através das mudanças em suas expressões e sua intensidade. Ele parecia um cientista louco enquanto batia os dedos dos pés no chão de madeira, uma mão esfregando o queixo. — Qual é a sua teoria?

— O demônio estava realizando algum tipo de ritual antes que eu o interrompesse. — Infelizmente, não com um chute na bunda dele. Tirei meu telefone do bolso e procurei as fotos. — Poe, já viu esses símbolos antes? — perguntei, inclinando meu telefone em direção à ave.

O corvo balançou a cabeça depois de um momento.

— Parecem os rabiscos de uma criança de quatro anos tentando escrever seu nome — o pássaro-demônio disse, e eu fiz uma careta para ele.

— Vovô? — Me inclinei sobre o balcão para mostrar a ele.

O homem inspecionou as imagens.

— Parece antigo. A linha é muito fina e encaracolada para ser enoquiano. Pagão, talvez? Sinto muito, mas não reconheço. As línguas antigas nunca foram meu forte. Nem as bruxas, aparentemente — ele adicionou, irritado.

Olhei nos olhos azuis do meu avô, vendo o olhar da minha mãe ser refletido, e disse:

— Vou pegar uma maldita mandrágora se for tão importante para você.

— Vai? — ele perguntou, radiante. O mais velho fez uma pequena dança, girou e terminou com uma reverência. Fiquei feliz por ele ter se lembrado de apertar o roupão. — Samantha Beaumont, você me mima. — Vovô me mostrou os dentes que, surpreendentemente, ele ainda tinha. — Sabia que você é minha neta *favorita*?

— Sou sua *única* neta.

— Exatamente — ele respondeu, apontando um dedo no ar como se eu tivesse acertado a resposta para a pergunta de um teste.

Eu estreitei olhos, vendo um pouco da minha própria malícia em seu rosto.

— Mas terá que ser amanhã — informei, colocando minhas luvas. — Acho que sei quem pode decifrar essas runas.

Meu avô franziu a testa com o que viu em minha expressão, parecendo irritado pela primeira vez naquela noite.

— A essa hora?

Meu coração bateu contra o meu peito com emoção.

Eu sorri, meu olhar pousando em Poe.

— Os demônios nunca dormem.

O último andar da casa de arenito Beaumont era um refúgio de cem metros quadrados. O sonho de qualquer bruxa. Bem, pelo menos para mim.

Era uma espécie de *loft*. Um espaço gigante para praticar magia, Goétia, maldições, adivinhação, transfiguração, transmutação e todos os feitiços que você pudesse encontrar em um grimório de bruxa das Trevas. Era grande o suficiente para praticar feitiços e magia defensiva sem danificar as casas vizinhas ou acidentalmente atingir uma bruxa com um feitiço de desaparecimento. Eu poderia conjurar dez demônios, todos igualmente espaçados em seus próprios triângulos, e ainda ter espaço para fazer algumas cambalhotas.

Vovô e eu tínhamos separado o cômodo em duas partes: o lado esquerdo era para ele e o direito era todo meu. Dessa forma, não misturávamos acidentalmente nossos feitiços e poções, porque isso ia ser bem ruim.

Parecia que meu querido avô tinha conjurado um minitornado na parte dele. Talvez até tivesse. O chão estava uma bagunça, com várias cadeiras com pernas quebradas, recipientes e frascos rachados e estilhaçados que derramavam seus conteúdos no chão. Tudo estava fora do lugar. Sua mesa, onde ele fazia a maior parte de seu trabalho, desaparecera sob camadas e mais camadas de livros, ervas e tigelas. Como vovô conseguia encontrar alguma coisa naquela bagunça era um mistério para mim.

Nós dois tínhamos nossos próprios caldeirões. O dele era significativamente maior do que o meu e podia acomodar duas bruxas confortavelmente – se você gostasse desse tipo de coisa, é claro –, mas nós dois dividíamos a biblioteca colossal que cobria toda a parede oposta. Tínhamos livros de feitiços, grimórios de bruxas das trevas, artes de necromancia, enciclopédias de Goétia, livros de ocultismo e obras sobre demonologia que remontavam à família Beaumont de origem, o bruxo das Trevas William Beaumont, que havia navegado para as Américas no século XVI.

Todas as janelas tinham vitrais que retratavam a luta das primeiras bruxas contra os demônios. Cada um contava a história de como as bruxas tinham derrotado os demônios e permanecido aqui, deste lado do mundo. Era um vislumbre do passado. Era a minha história.

Respirei fundo. Aquele era de longe o meu lugar favorito em toda a casa de três andares. Além disso, havia um pátio na cobertura que era incrível à noite. Eu gostava de ficar lá, com uma taça de vinho na mão, olhando para o horizonte de Manhattan. Não dava para ficar melhor que isso.

Poe mergulhou e voou pela sala com o que parecia ser uma moeda pendurada em seu bico. Ele pousou em um pacote de pano aninhado no peitoril da janela mais alta. O corvo tossiu um broche com uma esmeralda no centro, que parecia muito familiar, e o largou.

— Onde conseguiu esse broche, Poe? Roubou de Vera? Por que você está dando mais motivos para que ela me odeie?

O corvo não fez contato visual.

— Eu encontrei. Achado não é roubado.

Bufei.

— E mentira tem perna curta.

Assim que atravessei a sala para ir para minha área de trabalho, meu avô apareceu na minha frente. Estreitei os olhos na direção dele.

— Você ainda vai me fazer ter um ataque cardíaco — eu disse entredentes.

— Existem outras formas de obter informações, Samantha — meu avô comentou, suas feições enrugadas de aborrecimento.

— Não quando se precisa da informação para ontem — respondi, movendo-me ao redor dele, seguindo para minha área de trabalho. — Não posso deixar acontecer mais uma vez.

— Mais uma vez? Já aconteceu antes?

— Talvez.

O nascido-anjo não havia sido específico sobre os corpos. Eu não sabia se eles eram de outros humanos possuídos em que o demônio deixara seu rastro ou se tinha sido Julia, em sua forma possuída, que matara aquelas pessoas. De qualquer forma, eu não poderia deixar isso acontecer novamente. Precisava encontrar aquele demônio. E, então, matá-lo. Mas, primeiro, eu tinha que descobrir o que aquelas runas significavam e por que o demônio havia levado a alma de Julia. Se não começasse a obter algumas respostas para essas perguntas, tinha o mau pressentimento de que tudo acabaria se voltando contra mim.

Agarrando um giz, ajoelhei-me no chão e comecei a traçar o triângulo Goétia. Para invocar qualquer demônio, deve-se primeiro desenhar o Círculo de Salomão, seguido pelo Triângulo de Salomão. Eu podia distinguir no chão os tênues traços do triângulo que eu fizera três dias atrás e usá-los como guia, porém, não precisava da ajuda. Desenhei o sigilo único do demônio e escrevi seu verdadeiro nome em latim no centro.

Poe grasnou alto e pousou no chão ao meu lado, tomando cuidado para não tocar meu giz com suas garras. Ele olhou para o nome que eu tinha escrito e inclinou a cabeça.

— Sério? Ele de novo?

Balancei a cabeça.

— Ele de novo.

— Eu nunca devia ter a ensinado a usar esses livros — meu avô resmungou.

— Tarde demais. — Olhei por cima do ombro para ele. — Você me ensinou porque sabia que eu precisava aprender. Para me proteger. Por causa do que eu sou.

— Sim. Sim, é verdade. — A preocupação enrugou sua testa. — Só que nunca imaginei que seria tão *proficiente*.

Sorri para o mais velho.

— Sou uma excelente aluna.

Uma carranca profunda mascarou seu rosto.

— Não deveria estar sorrindo. Não foi um elogio. Convocar demônios é uma coisa perigosa. Muito perigosa.

— Não se souber o que está fazendo.

E eu sabia.

— Várias bruxas já morreram assim. — Ele abaixou a cabeça. — Bom, semana passada mesmo, Brendan Townsend convocou um demônio *beleth* para ajudá-lo a carregar as malas dele e de sua esposa por causa do cruzeiro para o Alasca que eles iam fazer. — Vovô olhou para mim antes de concluir — O demônio o comeu.

— Brendan era um babaca — retruquei, terminando uma estrela fora do meu círculo.
— Ele gostava de usar camundongos, esquilos e outros roedores para seus experimentos. Ainda bem que o *beleth* o comeu.

Meu avô franziu os lábios e estreitou os olhos.

— Samantha. Você não quis dizer isso.

— Quis sim. Ele teve o que mereceu.

O mais velho olhou para mim com uma expressão pensativa.

— Eu só queria que você tivesse mais munição. Precisava que fosse forte por conta do que você poderia ter que enfrentar.

Terminei de desenhar meu círculo e me levantei.

— Eu sou forte.

Eu era. Especialmente esta noite. Minha adrenalina estava lá em cima. Olhei para o nome no triângulo. Quando estiver em dúvida e precisar de informações, encontre um demônio e o pressione de todas as formas que puder.

Hora do *show*.

Meu avô suspirou e olhou para mim.

— Se sua mãe estivesse viva...

— Ela faria a mesma coisa.

O homem murmurou algo baixinho que eu não consegui entender.

Extraí a energia do círculo e do triângulo, canalizando a magia, e fechei meus olhos para deixar aquele poder escuro e selvagem se derramar em mim enquanto me concentrava no encantamento.

— Eu o conjuro, Farissael, demônio do Submundo, para se sujeitar à vontade de minha alma. Amarro-o com inquebráveis grilhões de adamantina — continuei — e entrego-o ao caos negro da perdição. Eu o invoco, Farissael. Apareça no espaço à minha frente!

Meu pulso se acelerou com a súbita onda de magia que arrepiou minha pele. A sensação de força e poder era inebriante, e eu sabia que tinha que ter cuidado para não me render a ela. Todos sabíamos que as bruxas que perdiam o controle também perdiam suas vidas. Isso nunca aconteceria comigo.

As luzes piscaram e se apagaram. Um vento repentino soprou ao meu redor. Ouviu-se um zumbido quando a iluminação voltou. E, lá no triângulo diante de mim, surgiu uma figura, tão sólida e real quanto eu, vinda do nada e vestida de preto. Um homem.

Ele usava calça preta e uma camisa combinando. A blusa estava aberta, mostrando seu peito esculpido, sem pelos e bronzeado. O demônio não tinha uma beleza típica e não era tão impressionante quanto o nascido-anjo com o qual eu me deparara naquela noite, contudo, suas feições eram agradáveis de um jeito clássico. Ele era o tipo moreno-alto-e-bonito, tinha olhos escuros e intensos com cílios grossos que fariam inveja a qualquer mulher e seu cabelo preto e curto estava penteado à perfeição.

Farissael era um demônio intermediário. Mais alto na hierarquia do que a média dos demônios inferiores, mas não alto o suficiente para ter o mesmo poder e privilégios de um demônio Superior. Mesmo assim, ele podia ser útil.

— Sam, querida — o recém-chegado disse. Quando ele começou a abotoar a camisa, notei um hematoma escuro em forma de lábios em seu pescoço e mais três em seu peito,

próximos ao mamilo direito. — Você está absolutamente deliciosa esta noite. Com essa, já são duas vezes nesta semana que me chama. Se continuar assim, vou presumir que finalmente concordou em dormir comigo. — Seu sorriso se tornou perverso quando ele parou de abotoar a camisa e a abriu novamente. — Prometo que você vai me implorar para não parar — Farissael ronronou. — E, depois, vai me implorar por mais.

— Poupe-me, Faris — suspirei, embora o calor tivesse subido ao meu rosto. Por que era sempre sobre sexo com esse demônio? — Meu avô está bem ali — eu disse, virando minha cabeça para a esquerda.

— E eu também — Poe comentou, agitando as penas como se estivesse tentando se livrar de alguma sujeira.

Faris fez uma careta, seus olhos se movendo para a minha esquerda.

— Gordon — o demônio disse em tom de saudação. — Você ainda está por aqui. Ainda não bateu as botas, hein, meu velho? E, pelo que posso ver, continua usando seu vestido de hospital.

— É um roupão de banho, seu imbecil — meu avô rosnou.

O sorriso do recém-chegado se alargou.

— Me enganei.

O rosto de Gordon escureceu.

— Por que você não se engasga com um caldeirão, Demônio?

O demônio ergueu as mãos em falsa rendição.

— Oh, céus. Vou me mijar nas calças de medo. Pelo menos tenho a decência de *usar* calças.

— Faris — exclamei, tentando manter a raiva na minha voz a um limite aceitável. Esta ia ser uma noite muito longa. — Dá um tempo. Pode ser? Preciso da sua ajuda. — Abri a boca e a fechei novamente. — Isso é... isso é batom no seu peito?

O demônio sorriu, revelando seus dentes brancos e brilhantes.

— Olha só, é sim, querida. Eu estava no meio de uma performance, por assim dizer. As donzelas adoraram. — Ele olhou para sua virilha. — Aplaudido *de pé*.

Deus que me ajude.

— Legal. — Só que não. — Olha, não o chamei aqui para ouvir sobre a sua... o que quer que seja que você estava fazendo. Na verdade, preciso que olhe para isso e me diga o que significa. — Entreguei meu telefone ao demônio.

Farissael pegou o telefone e começou a percorrer todas as fotos.

— Quem é a garota morta?

Certo, eu tinha tirado algumas fotos de Julia também. Senti um aperto no peito com a memória de seu pescoço estalando novamente.

— O nome dela era Julia. Tentei fazer um exorcismo nela, mas não funcionou.

Não via sentido em mentir para Faris. Além do mais, ele tinha um talento especial para ver através das minhas mentiras.

O demônio ergueu as sobrancelhas.

— Obviamente.

Agora, o demônio estava começando a me irritar.

— O que pode me dizer sobre esses símbolos? Eu nunca vi nada como eles antes. — Respirei fundo e acrescentei — Você conhece algum demônio que resistiu a um exorcista

ultimamente?

Faris ergueu os olhos do telefone.

— E o que recebo em troca dos meus... serviços?

Revirei os olhos.

— O que você quer?

O rosto do demônio se iluminou.

— Você sabe o que eu quero.

— Outra coisa — avisei, ouvindo meu avô murmurar algo baixinho. Quando o demônio não disse nada, acrescentei — Por favor, Faris. Isso é importante. Não posso deixar um demônio por aí possuindo e matando garotinhas. É ruim para os negócios quando minhas habilidades como exorcista são questionadas.

— Naturalmente — ele murmurou. — E o que mais?

— E — continuei, de repente me sentindo cansada e com fome novamente. — Quero estar preparada na próxima vez que enfrentar esse desgraçado. Porque é claro que vou atrás dele. — Eu juro pelo caldeirão. — Quero saber como matá-lo. Sem enrolação. A próxima vez que eu ver o filho da puta, vou chutar a bunda dele de volta para o Submundo. Não, não só isso. Eu vou matá-lo.

Faris passou pelas fotos no meu telefone novamente.

— Tem certeza de que o demônio é ele e não ela?

— Sim. — Não sei por que, mas eu sabia que a entidade que possuía Julia era do sexo masculino.

Faris olhou para mim com ar questionador.

— O que mais pode me dizer sobre a morte da garota? Havia outros demônios envolvidos? Ela foi a única vítima?

— Não tenho certeza — respondi com sinceridade. — O nascido-anjo disse que seguiu um rastro de corpos, mas não sei se ele quis dizer que o demônio que possuiu Julia matou alguém ou se foram outras possessões que deram errado...

— Que nascido-anjo? — Poe gritou, aproximando-se. — Você estava escondendo algo de mim?

A mágoa em seu tom fez pequenas adagas de culpa me perfurarem. Por que não contei a Poe?

— Você nunca mencionou nada sobre um nascido-anjo? — O rosto de meu avô se franziu profundamente, fazendo o sorriso de Faris aumentar com interesse.

— Ah, sim — eu disse, lembrando do bonito agente e de como ele tinha se colocado na minha frente para me proteger do demônio. — Não sei quem ele é. Ele apareceu enquanto eu tentava expulsar o demônio. Se o nascido-anjo sabe alguma coisa, não quis compartilhar. Ele saiu antes que eu pudesse tirar qualquer coisa dele.

— Ah, os nascidos-anjos — Faris falou, estremecendo — não gostam de colaborar. — Seus olhos escuros encontraram os meus. — Não como a minha Sam. Certo, Sam?

Essa conversa estava demorando muito. Sufoquei uma súbita explosão de raiva.

— Vamos logo, Faris. — Coloquei minhas mãos em meus quadris e exalei. — Se você souber de alguma coisa, diga-me.

— E você vai me dar o que eu quero, não é?

— Se não tiver nada a ver comigo nua, então, sim.

O demônio deu de ombros, um brilho perverso em seus olhos escuros.

— Você não precisa ficar nua.

— Samantha — meu avô avisou, mas eu acenei para ele com a minha mão.

Eu poderia lidar com esse demônio intermediário se as coisas não saíssem como planejado. Não seria a primeira vez.

— Sem sexo de qualquer tipo, Faris — adverti. — Então, sim. — *Espero estar fazendo a coisa certa.*

— Ótimo. — Faris se endireitou e me devolveu meu telefone. — Quero sair à noite.

Droga. Não isso de novo.

— Você quer sair do triângulo de invocação? Fora do contrato vinculante?

Merda. Pelo sorriso satisfeito no rosto do demônio, era possível ver que ele sabia que eu não tinha escolha.

— Sim, querida — ele falou lentamente, juntando as mãos diante de si. — Fora do confinamento do meu triângulo, por favor.

— De jeito nenhum! — Meu avô apareceu ao meu lado, apontando o dedo para o demônio. — Sua abominação! Como ousa pedir uma coisa dessas. Você pertence às profundezas daquele abismo que chama de lar!

Faris olhou para vovô como se ele tivesse acabado de sujar sua bela camisa.

— Acha que sua idade pode salvá-lo? — o recém-chegado zombou. — Acha que eu não mataria um velho? — Ele mostrou suas mãos. — Se me tirar deste triângulo, eu lhe mostrarei as profundezas do meu abismo.

Meu avô não se mexeu por alguns segundos. Então, ele bateu palmas, murmurando algum encantamento. Faíscas azuis voaram em torno de suas mãos e bolas de fogo azul pairaram sobre elas. O sorriso que ele deu ao demônio disse tudo: posso ser velho, mas ainda sou um bruxo foda.

Eu sorri. Eu amava vovô.

Meus olhos se voltaram para Faris. Emoções cruzaram suas feições rápido demais para serem reconhecidas.

— Não estou pedindo que uma maldita virgem seja sacrificada no altar — o demônio disse, suavizando suas feições. — Só quero uma noite na cidade. Nada demais. — Ele piscou, sua expressão fria e calma. — Você quer as informações ou não?

Eu fiquei pensativa.

— Só uma noite?

— Uma noite. — Os olhos escuros de Faris estavam fixos nos meus. — Isso é tudo.

Cada demônio invocado passava pelo duplo problema de não ter livre arbítrio e de estar constantemente com dor. A escravidão e sofrimento alimentavam o desejo de voltar ao Submundo ou à Terra. Um método – o mais direto deles – para voltar para casa, envolvia matar o invocador.

Meu coração bateu contra o meu peito e de repente me senti febril. Minhas axilas estavam úmidas, caramba. Se eu deixasse um demônio sair de seu contrato vinculativo, teria que me responsabilizar por ele. Se um demônio que eu soltasse neste mundo mortal tivesse um ataque de fúria e matasse milhares de humanos, incluindo crianças, eu seria a culpada.

Muitas bruxas haviam sucumbido à promessa de poder, seduzidas pelas palavras de sua entidade subordinada, que as impelira a quebrar seu contrato vinculativo. Elas as soltaram. E os demônios, por sua vez, mataram, torturaram e causaram estragos no mundo mortal, matando milhares de inocentes, drenando suas forças vitais e suas almas logo após matar seu invocador. Sim, as bruxas haviam morrido, mas isto só acontecera porque elas tinham sido burras. Era exatamente por esse motivo que algo assim não era permitido. A Lei do *Coven* proibia. Mas eu não ligava para leis ou regras. Nunca liguei. Nunca ligaria.

Eu conhecia Faris. Conhecia-o há mais de uma década. Sim, ele era um demônio, mas isso não o tornava automaticamente mau. *Quer dizer, esperava que não.* Ao longo dos anos, Faris pedira para ser dispensado do contrato muitas vezes e eu sempre recusara. Porém, desta vez era diferente. Se ele pudesse me ajudar a encontrar esse demônio, valeria a pena.

— Você tem até o sol nascer.

Merda, realmente acabei de concordar com isso? No que acabei de me meter?

O demônio pareceu chocado por um segundo, mas rapidamente se recuperou.

— Excelente. Obrigado, querida. — Faris sorriu e apontou para o triângulo desenhado em torno de seus sapatos. — Não há nada como o presente.

O ar se moveu ao meu lado. Quando olhei naquela direção, vi meu avô parado ali.

— Samantha — ele disse. A preocupação enrugava sua testa e deixava seus olhos arregalados de medo. — É proibido. Não pode fazer isso. Pense no que ele vai fazer. Pense nos inocentes que o demônio vai matar.

— Ah, deixa disso — Faris retrucou, revirando os olhos. — Você assistiu a muitos filmes, velhote. Aqui vai uma novidade para você: nem todos os demônios querem gastar seu tempo torturando e matando humanos inocentes. Prefiro a *companhia* deles, especialmente quando há um pouco de bebida e muito sexo envolvido. Talvez algumas brincadeiras e fetiches. Tudo consensual, entende? Isso é tudo.

— Samantha, pense na sua reputação — vovô gritou.

— Pense na *minha* reputação — o demônio retorquiu, o que lhe rendeu uma risada de Poe.

Ótimo, agora eles estavam se unindo.

Olhei nos olhos preocupados do meu avô, meu estômago se apertando.

— Confio nele. Deus me ajude, mas é verdade. Ele não fará mal a ninguém. — Meus olhos encontraram os de Farissael. — Não me torne uma mentirosa, Faris. Se estragar tudo, irei atrás de você. E prometo matá-lo.

O demônio sorriu e, então, estremeceu de prazer.

— Parece empolgante. Teremos algumas preliminares? Uma pequena surra, talvez? Aaah. Eu amo uma surra.

— Faris — rosnei e respirei fundo, minhas palavras duras hesitando em meus lábios.

O demônio teve a coragem de dar de ombros.

— Você não tem nada com que se preocupar, *Bruxa*. Eu prometo. — Ele proferiu a palavra como se fosse algo com o qual gostaria de brincar.

Certo, como se uma promessa de um demônio significasse alguma coisa.

Eu tinha esgotado minha cota de burrices na vida, mas essa definitivamente ia para o topo da minha lista.

— Tudo bem — disse, disposta a arriscar minha reputação após recordar o medo que vi no rosto de Julia antes que o demônio a arrastasse para longe. Eu sabia que nunca superaria isso. Seus olhos me assombrariam até meu último suspiro. Fitei Faris. — Conte-me sobre as runas e sobre o demônio.

— O demônio que você está procurando é, sem dúvida, um Superior — ele comentou, erguendo as sobrancelhas escuras.

— Pelo caldeirão! — meu avô gritou. — Por que um demônio Superior possuiria uma garotinha? Nunca ouvi falar de uma coisa assim.

— Não sei — eu disse em um tom duro. — Mas vou descobrir.

— Isso é doentio, Samantha. — A voz do meu avô estava preocupada.

As poucas mordidas que dei no sanduíche reviraram no meu estômago.

Olhei para Faris.

— Sabe o nome dele?

Por favor, diga-me o nome.

O demônio balançou a cabeça.

— Eu não consigo dizer quem é só de olhar para uma foto no seu telefone. Porém, definitivamente é um demônio Superior. Seu sigilo de exorcismo teria expulsado um demônio inferior. Disso eu tenho certeza.

Merda. Eu odiava estar certa.

— Que tal um demônio intermediário? — perguntei, vendo a expressão dele vacilar.

— Um demônio intermediário teria sucumbido à sua magia, Sam — Faris respondeu. — O verdadeiro indicador é que apenas os demônios Superiores têm o poder de prender uma alma mortal e levá-la ao Submundo. Isso é algo realmente poderoso. — Faris fraziu o rosto, impressionado. — Nem eu consigo fazer isso. Qualquer demônio inferior teria se alimentado da alma, o que só prova que você tem um problema *superior* em suas mãos. — O demônio me mostrou seus dentes.

Ah, que inferno. Um calafrio percorreu minha espinha e se instalou na parte de trás do meu pescoço em pequenas pontadas. Um demônio Superior estava correndo por Manhattan, matando inocentes e possuindo garotinhas por diversão. Era pior do que eu pensava.

Demônios Superiores eram os príncipes do Submundo, do Inferno. Eles eram os próximos na linha dos arquidemônios, os mais poderosos de todos os seres do Submundo. Eu tinha enviado minha cota de demônios de volta ao Submundo, expulsando-os durante os rituais de exorcismo. Tinha até derrotado um monte deles também – uma morte verdadeira que envolvia exterminar sua alma demoníaca, a própria essência do que os tornava demônios. Porém, até onde eu sabia, um demônio Superior não podia ser morto. Não dava. Eu poderia matar seu corpo temporário, sua concha, mas ele sempre voltaria para o Submundo.

— E as runas? Os símbolos?

Eu esperava obter algumas respostas com os símbolos ou pelo menos descobrir o que diabos o demônio Superior estava fazendo.

— É da Mesopotâmia — Farissael informou em um tom monótono, como se comentasse sobre minha decoração.

Meu rosto se frisou, tentando entender o que Faris tinha acabado de dizer.

— A Mesopotâmia não é o berço da religião? Onde foram encontrados os primeiros registros escritos de práticas religiosas?

Faris ergueu as sobrancelhas, aparentemente impressionado.

— Sim. — Seus olhos se arregalaram, combinando com seu sorriso. — É sim. — Ele baixou os olhos. — Tem certeza de que não quer transar comigo? Eu tenho uma queda por *nerds*.

Olhei para ele, sentindo meu pulso martelando. De repente fiquei nervosa, mas não sabia por quê.

— O demônio estava realizando algum tipo de ritual religioso.

— Parece que sim.

Mordi o lábio inferior, balançando a cabeça.

— Não achei que demônios acreditassem em religião, já que ela foi criada pelo homem e tudo mais.

Tudo estava ficando cada vez mais confuso.

Faris ajustou a gola da camisa.

— Eles não acreditam. Demônios acreditam em demônios, ou seja, poder e dominação.

Olhei para meu avô, seu rosto confuso espelhando o meu. Fitei o demônio novamente.

— O que os símbolos diziam?

O sorriso de Faris murchou.

— Sinto muito, mas estou um pouco enferrujado. Só consegui distinguir algumas palavras.

— Que são?

— Escuridão, morte, destruição e guerra, eu acho.

— Demônios — rosnei, e meu avô assentiu. — Por que tudo sempre acaba voltando para essa guerra idiota que eles continuam travando? O que diabos devo fazer com isso?

— Não faço ideia — Faris respondeu.

Soltei um longo suspiro, sentindo que ter o convocado ali não passara de uma enorme perda de tempo. O pior era que eu tinha concordado em fazer algo que poderia, literalmente, se virar contra mim mais tarde.

— Os rituais pagãos não são o meu forte — Faris informou após um momento. Ele puxou as mangas e disse — É melhor perguntar a um de seus bruxos mais velhos. De preferência um muito enrugado e careca. Os carecas sempre sabem mais.

Suspirei. Por que coisas assim sempre aconteciam comigo?

— Vou levar isso em consideração.

Faris esfregou as mãos e um sorriso gigante voltou ao seu rosto.

— É sua vez, minha bruxinha. Acordo é acordo, Samizinha.

— Não me chame assim.

Preparando-me e ignorando os olhos arregalados do meu avô, saí do meu círculo e fiquei diante de Faris enquanto o demônio terminava de abotoar a camisa, parecendo muito satisfeito.

Houve um súbito bater de asas, em seguida, Poe pousou no meu ombro direito.

— Tem certeza, Sam? — ele sussurrou no meu ouvido. — Você não precisa fazer isso. Não é como se ele tivesse ajudado muito.

Engoli em seco.

— Tenho certeza.

— Samantha — meu avô insistiu, parecendo que estava prestes a vomitar. — Se a Corte das Bruxas das Trevas descobrir, você pode perder seu lugar aqui. Ir contra nossas leis gerará repercussões. Você será exilada.

— E o que mais? Deixarei de receber todas as boas-vindas calorosas que elas me deram todos os dias da minha vida? Não é como se me amassem. Não perderei muito com isso.

Vovô não desistiu, parando cara a cara comigo.

— Você vai perder muito. Acredite em mim. Sabe muito bem o que podem fazer com você.

Suspirei, não gostando de vê-lo nervoso assim.

— Vai ficar tudo bem — eu o acalmei. — Faris não é tão ruim assim.

Deus, espero estar certa.

Levei minha atenção de volta para o demônio intermediário, minhas entranhas se torcendo como uma corda bamba. Eu sabia o que precisava fazer. Só precisava dizer três palavras. Com meu pulso martelando, abri minha boca e proferi:

— Eu libero você.

Em seguida, arrastei meu pé pelo triângulo desenhado a giz, quebrando o contrato e a ligação.

O efeito foi instantâneo.

Energia passou por mim, expandindo para cima a partir da figura que eu havia desenhado no chão de madeira. Minha aura a tocou, e o poder fluiu de volta do triângulo para dentro de mim. Diminuindo minha força, meu domínio, liberei a energia.

Quando a pulsação de energia se desvaneceu, Faris saiu de seu triângulo com confiança.

— Muito melhor — o demônio disse enquanto tremia como um gato molhado tentando tirar a água de seus pelos. Ele olhou para mim, seus lábios formando um sorriso diabólico. — Obrigado, querida.

— Não tenho certeza se devo dizer que não foi nada — falei, e meu avô fez uma careta.

Droga, eu realmente tinha o soltado. Sufoquei uma risadinha nervosa. Ou acabara de jogar uma maldição em mim mesma, ou fizera um amigo para a vida toda. Franzi o rosto, não apreciando a arrogância nos passos do demônio intermediário, que se movia como um predador em busca de novas presas, sabendo que elas estavam logo virando a esquina.

Poe esfregou a cabeça na minha bochecha, aparentemente tentando me acalmar depois de provavelmente ter sentido minha tensão. Não estava funcionando.

— E Faris — chamei enquanto o demônio caminhava em direção à porta —, tente não engravidar ninguém, tá?

Ele me deu um sorriso brilhante antes de falar:

— Não posso prometer nada.

E com isso, um demônio intermediário do Submundo, que eu acabara de liberar em nosso mundo, desapareceu pela porta.

Eu mal tinha dormido na noite anterior. Minha mente girava e brincava com imagens de Faris bebendo a essência de uma pobre mulher nua e bêbada... possivelmente *várias mulheres*. Contudo, nem mesmo libertá-lo do meu triângulo de invocação (o que, se eu fosse descoberta, provavelmente me concederia um lugar em uma estaca em chamas) removeria o peso do verdadeiro problema aqui: o demônio Superior que deixara um rastro de cadáveres, estava realizando algum antigo ritual pagão e matara Julia para roubar sua alma; o mesmo demônio que optara por não devorá-la, não se banquetear como todos os demônios normais faziam, mas, sim, preferira levá-la ao Submundo.

A maneira como ele sorria para mim, como se fosse um desafio, me deixara no limite. O maldito tinha zombado de mim, pensando que eu nunca conseguiria vencê-lo. Talvez, no final das contas, ele soubesse que eu não conseguiria.

Meu ódio pelo demônio me fez queimar como se estivesse com febre. Meu corpo começou a suar e eu tive que me levantar para tomar um banho frio. Infelizmente, não adiantou de nada para melhorar meu humor. Eu estava furiosa.

Não fazia ideia do que o demônio queria. Nem sabia seu nome. Contudo, ainda assim, estava certa de que aquela não seria a última vez que eu veria o demônio Superior. Ele voltaria. Eu poderia apostar minha vida que sim.

Passei a maior parte do dia repassando o que acontecera na minha cabeça. Por que o demônio Superior levava a alma de Julia? Fazia parte do ritual? Faris não fora de grande ajuda, mas confirmara minhas suspeitas e, agora, eu sabia a quem pedir mais informações.

Apenas uma bruxa poderia decifrar esses símbolos: Evanora Crow. Ela era tão velha quanto a terra e uma habilidosa bruxa das Trevas, provavelmente a mais poderosa em todo o continente norte-americano. Sim, seus métodos eram questionáveis, mas essa era uma das coisas que a diferenciava. A mulher não tinha medo de nada. Para mim, ela era uma bruxa incrível. Além disso, também era minha tia-avó materna e morava na mesma rua que eu.

Depois de dar uma mordida rápida na minha pizza vegetariana, passei a alça da minha bolsa-mensageiro pela cabeça, seguindo à procura da minha tia. Poe se empoleirou confortavelmente no meu ombro. Meu avô não estava à vista e isso me preocupava. Eu tinha checado todos os três andares da casa, mas não o encontrara. Ele tinha saído de manhã cedo e, desde então, não voltara. Provavelmente estava tramando alguma travessura. Maldito seja aquele velho. Ele ia se meter em problemas novamente.

Tranquei a porta e desci os degraus da frente.

— Oi, Vera — disse à bruxa ruiva, enquanto ela se levantava do jardim da frente ao me ouvir saindo.

Suas mãos estavam cobertas de terra preta e uma pá de jardim estava no chão, ao lado dela. Seu rosto trazia sua carranca de sempre, acompanhada por uma boca feia e apertada. Seus lábios eram muito finos, pareciam quase um corte estranho sob seu nariz grande. Para completar a imagem nada agradável, seus olhos estavam esbugalhados. Eu tinha acabado de ouvi-la sibilando?

Sorri, acenando para com meus dedos. Eu não sabia por que ainda me incomodava em ser legal com a mulher. Se não fosse pelo pedido do meu avô, eu já teria mandado ela se

ferrar há muito tempo.

Virando-me, segui pela calçada.

— Vi um homem saindo de sua casa ontem à noite — Vera falou em um tom acusador, o que me fez congelar no meio do caminho.

Ah.

Merda.

— Um homem saindo da minha casa? — Repeti, fazendo-me de sonsa, embora meu coração estivesse batendo tão forte contra o meu peito que eu tinha certeza de que Vera conseguiria ouvir.

Droga. Droga. Droga. Isso era péssimo. A mulher estava me espionando? Se ela sabia que Faris era um demônio, eu estava na merda.

Poe se inclinou em direção ao meu ouvido e sussurrou:

— Quer que eu cuide dela?

— Está tudo bem — sussurrei de volta, mantendo meu rosto neutro.

Os olhos de Vera foram de Poe para mim.

— Não seja condescendente — a bruxa acusou, seu olhar se tornando estreito e felino. Ela pressionou as mãos sujas nos quadris. — Um homem saiu de sua casa à uma da manhã e ele não era um bruxo.

Engoli com dificuldade.

— Sério? E como sabe disso?

Porra, Faris. O que foi que você fez?

Vera deu um sorriso frio.

— Eu me orgulho de conhecer cada bruxo jovem, solteiro, das luzes ou das trevas, da cidade. Ele não era um de nós.

O fato de que ruiva conhecia todos os bruxos solteiros era ainda mais bizarro do que ela me espionar. Ainda assim, eu esperava que Faris tivesse usado algum tipo de glamour demoníaco para esconder seu verdadeiro cheiro. Droga. A situação estava piorando a cada segundo que passava.

Pensei em apenas sair correndo, mas isso pareceria estranho, além de uma burrice. Com meus pensamentos agitados, forcei meu rosto a ficar impassível e minha respiração a ficar lenta e uniforme. Eu não tinha dúvidas de que Vera também podia detectar o aroma do medo.

O rosto da bruxa estava cheio de desprezo.

— Ele não era um bruxo. O cheiro dele era *diferente*.

Graças ao caldeirão. Faris tinha, de alguma forma, mascarado seu cheiro. Afinal, o demônio não era tão idiota quanto eu pensava.

— Ele é *humano*, não é? — ela acrescentou com um tom triunfante em sua voz, como se tivesse descoberto meu segredo mais profundo.

Resisti à vontade de bater na mulher com sua própria pá de jardim. Vovô não gostaria disso. Seria uma confusão. Não era *ilegal* confraternizar com humanos, apenas muito improvável. Eu respirei mais fácil. Ela não fazia ideia de que Faris era um demônio.

Agora, era minha vez.

— Está me espionando? Que coisa feia, sua velha fofoqueira!

O queixo de Vera caiu, seu rosto ficando vermelho, igual a cor de seu cabelo.

— Como se atreve...

— Como *ocê* se atreve — eu disse, minha voz subindo enquanto resistia à vontade de amaldiçoá-la. — Quem entra e sai da minha casa é problema meu.

Por que ainda estou discutindo com essa bruxa velha?

Vera soltou um sopro de aborrecimento.

— Quando afeta a comunidade, também passa a ser meu problema.

Eu sabia que ela se referia à comunidade de bruxas. Ouvimos sobre esse tipo de situação em cidades pequenas o tempo todo: todo mundo sabia da vida de todo mundo. Que *maravilha*. O *Mystic Quarter* não era diferente, pois se tratava de uma pequena comunidade secreta em Manhattan. Já era para eu ter me acostumado com isso.

— O que isso tem a ver com você, afinal?

Tá, confesso que eu estava sendo implicante, mas a mulher me olhava como se estivesse prestes a cuspir na minha cara e eu não tinha feito nada. Bem, não para ela. Vera sabia como me deixar nervosa, porém, agora, tinha passado dos limites.

A bruxa beliscou seu rosto.

— Os humanos não têm nada que vir aqui. Já temos problemas suficientes com os outros mestiços. Como pôde trazer aquele homem aqui? A própria presença de um humano em *Mystic Quarter* é um insulto direto à nossa comunidade. Marque minhas palavras. Eles vão ficar sabendo.

— Fantástico — murmurei, perguntando-me se o jardim da frente dela era grande o suficiente para enterrar seu corpo.

— Está decidido. A próxima coisa que vou pegar é o colar de pérolas dela. — A voz baixa de Poe flutuou no meu ouvido, suas garras beliscando meus ombros e ecoando minha raiva.

Os olhos de Vera se voltaram para a ave e ela franziu o cenho.

— Vi seu corvo do lado de fora da minha janela ontem. E, agora, meu broche de família sumiu.

Eu sorri levemente.

— Você está acusando Poe de roubar? Tem provas?

A prova estava lá em cima, no terceiro andar da minha casa.

— É por isso que os corvos não são bons familiares — a bruxa disse, sua expressão ainda contraída. — Eles são muito selvagens. Muito imprevisíveis.

— Não há nada de errado em ser imprevisível — Poe comentou alto o suficiente para Vera ouvir. — Faz com que Sam esteja sempre preparada e alerta.

O rosto da ruiva se contorceu em uma careta feia.

— Mantenha seu familiar na coleira.

— Ele é um pássaro. — Eu quase ri. — Isso provavelmente não vai acontecer.

Vera rosnou, mostrando os dentes.

— O que seu avô pensa de tudo isso? — ela adicionou. — Ele sabe o que anda fazendo? Sabe que homens humanos vêm e vão no meio da noite?

Droga. Ela simplesmente não iria deixar esse assunto quieto.

— Tá. Você me pegou. Transei com o cara, se é isso que quer saber. Ele é ótimo. Foi a melhor noite que tive o ano todo. O homem sabe como agradecer, entende? Garante que esteja satisfeita. Sabe o que eu quero dizer?

Na mosca! Isso fez ela ficar quieta.

Vera soltou uma série de bufadas, seu rosto ficando vermelho.

— Sexo é bom. Você deveria tentar um dia desses.

Eu me virei, deixando-a de boca aberta. Pela expressão no seu rosto, realmente parecia que eu tinha acabado de bater nela com sua pá.

Meu humor estava sombrio e furioso como uma tempestade de inverno. Meus passos soavam mais altos do que o normal enquanto eu dava passadas largas como os de um soldado. Estava louca para machucar alguma coisa. De preferência, o rosto de Vera. E com a sua pá.

Chega. Nunca mais vou deixar Faris sair. Essa tinha sido por pouco.

Na esquina da *Twilight Avenue*, atravessei a rua em direção a uma faixa de prédios aleatórios e incompatíveis. Eles haviam perdido sua integridade arquitetônica com todas as adições que tinham sido feitas ao longo dos anos, fazendo parecer que o engenheiro havia enlouquecido no meio da construção. Fui até um prédio de tijolos marrons de três andares que, em algum momento, se assemelhara à minha casa, mas que, agora, parecia mais como se tivesse passado por alguns furacões. Muita magia negra poderia fazer isso com edifícios. Quando a vida de uma bruxa não era o suficiente, o pagamento tinha que vir de algum outro lugar. Cortinas escuras pendiam das janelas do primeiro andar. Sobre a porta da frente, uma placa em letras garrafais e em negrito dizia:

EVANORA CROW. BRUXA DAS TREVAS EXTRAORDINÁRIA.

ESPECIALISTA NAS ARTES DAS TREVAS.

ADMINISTRAÇÃO.

Minhas botas bateram no asfalto e subi os degraus de cimento da frente.

— Acabei de me lembrar que tenho algo para fazer — Poe informou. Havia algo com em sua voz.

— Agora? — Olhei para o corvo.

Ele virou a cabeça, girando os ombros como se estivesse se preparando para voar.

— Sim. Agora. É importante.

Suspirei, balançando a cabeça.

— Não faça isso.

O corvo olhou para mim. Piscando, indagou:

— Fazer o quê?

— Você sabe o quê — eu disse a ele. — Eu o conheço, Poe. Você vai até a casa de Vera para fazer alguma bobagem. Ela não vale a pena. Apenas esqueça isso, tudo bem?

Poe ergueu uma sobrancelha, seus olhos redondos brilhando.

— Não vou fazer uma bobagem.

— Poe — eu implorei. — Não.

O corvo decolou, suas grandes asas batendo. A rajada levantou meu cabelo e soprou uma mecha para a minha boca.

— Voltarei em breve — o corvo disse.

Ele virou a cabeça e soltou uma gargalhada zombeteira enquanto voava mais alto e para longe, circulando em torno de uma clareira antes de desaparecer atrás de um prédio.

Vera não passava de uma bruxa velha e intrometida. O fato de eu não gostar da mulher não era nenhum segredo. Ainda assim, eu odiava que ela estivesse certa sobre uma coisa:

Poe era selvagem.

Maldito pássaro.

Com a mandíbula cerrada, enrolei meu cabelo longo e escuro em um coque bagunçado com meu elástico extra. Então, sem bater, estendi a mão, abri a porta e entrei. Um súbito e frio formigamento de energia de magia negra ondulou sobre minha pele, deixando-me arrepiada. Sim, ela estava em casa.

— Tia Evanora? — chamei enquanto entrava.

Ao sentir o aroma de incenso e de velas, enruguei o nariz. O cheiro de mofo de tapetes velhos pairava no ar. Cortinas pretas pesadas pendiam das duas janelas da frente e, na extrema direita, uma luz suave e amarela se derramava das seis velas espalhadas acima de um balcão. Eram apenas seis e meia da tarde, mas, dentro da loja, parecia que eram onze da noite.

Teias de aranha se estendiam pelo local. Prateleiras e estantes cobriam as paredes, repletas de jarros com objetos não identificáveis, todos cobertos por uma fina camada de poeira. Eram as coisas de sempre: cartas de tarô, tábuas Ouija, velas, ossos de animais, bolas de cristal, pêndulos, giz, espelhos de vidência, caldeirões de todos os tamanhos, varinhas e todos os tipos de livros de feitiços que se podia imaginar. No canto, via-se um armário de vidro com uma variedade de crânios humanos e de animais, bolines, punhais manchados de sangue e uma seleção de olhos de vidro. Máscaras com rostos humanos distorcidos, perturbadoramente parecidos com carne seca, olhavam para baixo das paredes como se quisessem assustar os intrusos. Instrumentos pontiagudos, afiados e enferrujados pendiam do teto como enfeites.

Um arrepio de excitação passou por mim. Era sempre uma alegria entrar na loja da minha tia. Sempre havia algo novo, mágico e deliciosamente sombrio entregue em sua loja uma vez por semana.

Caminhei até uma prateleira que proclamava com uma grande faixa estendida na parede superior “RECÉM-SAÍDO DO CALDEIRÃO!” e procurei meu prêmio. Uma variedade de objetos estava diante dos meus olhos: um Kit de Feitiços para Bruxas em Ascensão; o Creme Fabuloso Sem-Verrugas de Wynona Craven; Poções de Amor Sem Baboseiras em pequenos frascos cor-de-rosa em formato de coração; Elixir Queima-Gordura Velozes e Furiosos (muito popular entre nós bruxas); alguns frascos de transmutação (beba por sua conta e risco!); e seis sacos do que pareciam ser pequenas pedrinhas. Li o rótulo: Proteção de Bolha Instantânea. Interessante. Nunca usei um desses antes.

O ganhador foi o Bálsamo de Cura Gypsy Nº 5 Pele Macia. Era isso que eu estava esperando há seis meses. Meu coração disparou quando o peguei. Tinha que funcionar desta vez. Com o bálsamo de cura na mão, peguei dois sacos das pedrinhas e um Elixir Queima-Gordura Velozes e Furiosos. Não me julgue.

De posse de minhas novas mercadorias, senti a excitação me preencher enquanto cruzava a sala em direção aos fundos da loja. O cheiro espesso e metálico de sangue no ar se misturava com o leve fedor de podridão. Minha tia definitivamente estava fazendo alguma magia.

Abri uma porta de cortina e entrei na sala dos fundos, no laboratório da mulher – se preferir chamá-lo assim –, onde ela executava a maioria de seus feitiços, encantamentos e

conjurações de demônios. O cômodo era ainda menor do que a loja, talvez tivesse metade do seu tamanho.

Uma idosa, curvada pela idade, olhou para mim quando entrei. Havia um traço particularmente poderoso nela. Mechas de cabelo branco caíam frouxamente ao redor de seu rosto, seus braços e pernas pendiam fracamente e ela era dolorosamente magra. Seus olhos pequenos estavam perdidos entre rugas pesadas, ainda assim, consegui distinguir um olho branco leitoso rolando em sua órbita até que se focou em mim.

Ouvi um gemido e, então, entendi por que o ar tinha um cheiro tão metálico. Um círculo de sangue marcava o piso de madeira, junto com velas acesas e os restos de três galinhas mortas. No meio do círculo de sangue, com a boca entupida com um pano sujo e os braços e as pernas amarrados, estava um jovem.

— Ah, merda — suspirei.

— Quem é o cara? — perguntei enquanto atravessava a sala e me aproximava para ver melhor.

Ele devia ter uns trinta e poucos anos e possuía a constituição física de um lutador, com músculos bem desenvolvidos nos ombros e no pescoço. Seu corpo forte e o fraco cheiro de cachorro molhado que emanava dele era tudo que eu precisava para matar a charada: lobisomem.

A velha ergueu o queixo com altivez, apontando um dedo nodoso para o sujeito.

— Ele roubou um amuleto de força de Evanora. Evanora não tolera ladrões.

Sim, minha tia se referia a si mesma na terceira pessoa. Ela era excêntrica assim.

Bufei, meus olhos se movendo de volta para o lobisomem.

— Seu idiota. Não sabe que não se pode roubar de bruxas? Que sempre será descoberto?

Uma tênue névoa laranja sombreou acima do lobisomem. Era o feitiço revelador de ladrão.

— E da loja dela, ainda mais — acrescentei, franzindo os lábios. — É quase como se você *quisesse* ser pego.

Cara, ele facilitou demais. De todas as outras lojas de bruxas do distrito, esse lobisomem teve que escolher a da minha tia, a bruxa das Trevas mais poderosa e implacável do *Mystic Quarter*. Que idiota.

Seus olhos se arregalaram. Um som ininteligível veio de sua mordança enquanto ele tentava formar palavras.

Eu me inclinei sobre o jovem.

— Como é? Não entendi. O que foi? Desculpa, não falo idiotês.

Eu não tinha simpatia por ladrões, especialmente aqueles que se aproveitavam de velhinhas que moravam sozinhas. Tive que me conter para não dar um chute nele.

— Tudo aqui é soletrado. Você não sabe ler? — eu disse, apontando para a grande placa pendurada na porta da frente que dizia: LADRÕES SERÃO AMALDIÇOADOS! ROUBE POR SUA CONTA E RISCO! — Terá sorte se ela não usar seu pênis como sacrifício para a demônio sexual Mataba.

Tal demônio não existia, mas ele não precisava saber.

O rosto do lobisomem empalideceu, e eu juro que vi lágrimas em seus olhos. Idiota. Por que os homens eram tão sensíveis quando se tratava de suas partes íntimas?

Passsei por cima do lobisomem e fiquei ao lado da minha tia.

— Quanto por estes? — perguntei enquanto mostrava a ela meus itens recém-adquiridos.

O olho branco leitoso de Evanora se fixou em minhas mãos.

— Cinquenta dólares.

— O quê? — Gritei, incrédula, percebendo que ela poderia dizer qualquer valor que quisesse, já que não havia etiquetas de preço neles. — Eu sou sua sobrinha. Cadê os descontos para a família?

— Cinquenta dólares — a velha bruxa repetiu com seu rosto pacificamente vazio.

Fiz uma careta.

— Dou vinte.

— Fechado.

Tirei uma nota de vinte dólares da minha carteira e dei a ela. A velha bruxa pegou e a enfiou em algum bolso secreto dentro de seu vestido.

— O Bálsamo de Cura não vai funcionar.

— Eu tenho que tentar.

Minha tia soltou um som de desaprovação antes de voltar sua atenção para seu prisioneiro.

— Tia Evanora, tem um minuto? — perguntei, deslizando minhas novas compras na bolsa-mensageiro. — Tenho algo que quero lhe mostrar.

O rosto de Evanora se contorceu e se repuxou. Para qualquer outra pessoa, pareceria uma careta, mas eu sabia que esse era o sorriso da minha tia.

— O que você quer, Samantha? Seja rápida — ela disse com seu olho branco leitoso virado para seu prisioneiro. — Evanora tem trabalho a fazer.

O lobisomem se contorceu, e eu mordi minha língua para não começar a rir. Será que ela o mataria? Eu não tinha certeza. Será que a idosa sacrificaria algumas das partes mais *preciosas* do homem para um demônio? Provavelmente.

Peguei meu telefone e mostrei as imagens para minha tia.

— O que você acha disso?

Evanora se inclinou para frente até que seu nariz praticamente tocou meu telefone.

— Mesopotâmia — ela respondeu, afastando-se. — As velhas línguas.

Um ponto para Faris.

— Há dois símbolos esculpidos em seus pulsos. Você os reconhece?

Aproximei meu telefone para ela ver melhor. Minha tia balançou a cabeça.

— E o ritual? O que tudo isso significa? — perguntei, passando as imagens na tela. Meu coração se apertou quando vi o corpo de Julia em uma das fotos.

A mandíbula da minha tia se moveu como se ela estivesse roendo comida.

— Hmm. Uma cerimônia. Um ritual para invocar um poderoso demônio. Aquele que buscará morte e destruição sobre o mundo. Um que reivindicará nosso mundo como seu.

Eu soltei um suspiro.

— Que ótimo.

— Samantha — a mulher começou, e eu reconheci o tom em sua voz; era aquele que vinha logo antes de ela me dizer para não fazer algo. — O que você não disse a Evanora? O que aconteceu com a garota humana?

Contei-lhe sobre meu exorcismo falho, observando seu rosto e esperando uma reação, mas ela não reagiu. Algo não fazia sentido.

— Você disse que esta é uma cerimônia para invocar um demônio poderoso. Contudo, aquele que fazia o ritual já *era* poderoso. Ele era um demônio Superior. Sei disso, porque, senão fosse, eu teria conseguido bani-lo. Então, por que um demônio Superior convocaria outro demônio Superior? Não faz sentido.

Os olhos de Evanora se estreitaram.

— Existem monstros mais poderosos e perigosos no Submundo; criaturas ainda mais imundas e malignas do que demônios Superiores.

Pelo tom de sua voz, percebi que ela tinha experiência em primeira mão no assunto.

— Como o quê? — perguntei. — Um arquidemônio? Ou outra coisa? Você pode dizer qual deles seria olhando para esses símbolos? Ou pode me dizer por que o demônio levou a alma dela?

A idosa produziu um som no fundo de sua garganta.

— A Evanora vai precisar de tempo para fazer uma tradução adequada dos textos. Há papel na mesa — ela informou, apontando com um dedo torcido.

Eu fui até a mesa, peguei papel e caneta e comecei a copiar os textos.

— Quanto tempo vai demorar? — perguntei assim que terminei de copiar a última das runas, sabendo, pela careta profunda no rosto da minha tia, que tinha dito a coisa errada.

— Vai levar o tempo que Evanora precisar — a velha bruxa disse. Ela se virou e cambaleou alguns passos mais para perto de seu prisioneiro, seu disforme vestido verde-folha arrastando atrás dela enquanto seus joelhos estalavam como um fogo crepitante. — Agora, vá — disse assim que seus dedos começaram a se contorcer em um feitiço sombrio. — Evanora tem trabalho a fazer. — Um sorriso perverso se materializou em seu rosto e um brilho homicida cintilou em seu olho bom.

Um calafrio percorreu minha espinha. Droga. Eu não queria ser esse cara agora.

Dei um beijo na minha tia, vendo seu sorriso se alargar. Em seguida, caminhei na direção do lobisomem e atravessei a cortina.

Eu mal tinha fechado a porta da frente da loja quando os gritos começaram.

Eu tinha tempo para matar enquanto minha tia traduzia os textos, contudo, não era do tipo que apenas se sentava e esperava. Eu tinha um demônio Superior para encontrar. E era imprescindível que o encontrasse antes que ele matasse outro humano.

Eu precisava de informações. Bruxos eram como a CIA do *Mystic Quarter*. Tínhamos espiões em todos os lugares. Se havia outras vítimas que haviam morrido em circunstâncias misteriosas e estavam ligadas a um elemento sobrenatural, em algum lugar também havia um bruxo ou bruxa que sabia de alguma coisa.

Um dos pontos de encontro de bruxas mais populares era o *pub*. Felizmente, ele ficava no fim da rua.

A noite se aproximava rapidamente. Não havia uma nuvem no céu e Poe não estava à vista. Conhecendo-o como eu fazia, apostava que provavelmente seria a última vez que o veria esta noite. Maldito pássaro.

Entrei em um prédio decrepito que parecia ter passado por sua cota de incêndios. A placa acima de uma pesada porta de madeira dizia: CERVEJARIA DA BRUXA MÁ. SUA PARADA PARA CERVEJAS E FEITIÇOS!

Agarrei a aldrava na forma da cabeça de uma bruxa que chorava, seu rosto contorcido de dor e tormento, e abri a porta para entrar. O barulho me atingiu primeiro, seguido pelo fedor de frituras, cerveja e mijo, tudo misturado com o odor persistente de vômito e suor. Tinta preta manchava as janelas, bloqueando a maior parte da luz dos postes da rua. A única iluminação vinha das luminárias no teto, que derramavam um brilho fraco e esverdeado sobre o cômodo.

O *pub* era barulhento. Estava lotado com uma mistura de bruxos, bruxas, e todos os tipos de mestiços: vampiros, lobisomens, fadas, trolls, gnomos, gremlins e duendes estavam espalhados pelo espaço. Adentrei mais o espaço, contornando um aglomerado de mesas e de bruxas, passando por um longo e reluzente bar de madeira que se estendia por toda a extensão da sala e possuía uma fileira de bancos altos. Alguns duendes olhavam para suas bebidas na outra extremidade. Um vampiro asiático bebia de seu copo cheio de um líquido vermelho que era espesso demais para ser vinho.

A garçonete acenou para mim. Magra e composta, sua pele cor de ébano compunha um nítido contraste com seu bustiê verde metálico enquanto seus braços longos e elegantes distribuíam bebidas ao longo do bar.

Meus olhos escanearam a parte de trás do *pub* em direção às cabines privativas mais distantes da porta e pousaram em um bruxo de cabelos escuros vestindo uma jaqueta de couro de motoqueiro.

Meus lábios se curvaram em um sorriso. *Achei você.*

Eu ajustei a alça da minha bolsa-mensageiro, seguindo na direção do sujeito. Ele tinha companhia. Uma morena voluptuosa em um vestido de festa preto e justo estava sentada à sua frente. Ela apoiava cotovelos na mesa, apertando os seios já enormes que pareciam que iam estourar. Não me importei. O homem deveria estar realmente a fim dela porque nem me viu chegando. Ele olhava abertamente para seu enorme decote.

— Alex! — Gritei, meu rosto contorcido em uma expressão chocada enquanto eu me posicionava perto da mesa. — Quem é essa? — Meus lábios tremeram, dando um efeito adicional às palavras. — Seu bruxo traidor! Como se atreve a fazer isso comigo. Sua esposa!

A morena se inclinou para trás, sua boca ligeiramente aberta enquanto lançava um olhar assassino para Alex.

— Você é casado?

— Não — o bruxo disse, seu rosto ficando vermelho com a atenção repentina de todos no *pub*. Ele se sentou mais reto. — Ela está mentindo.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

— E a pequena Sarah? E Jimmy? Você não os ama mais?

Sim, agora ia funcionar.

— Babaca. — A morena deslizou para fora do banco, olhando furiosamente para Alex. Eu quase podia ver os feitiços que ela estava evocando em sua mente. Talvez a mulher até o enfeitiçasse bem aqui, na frente de todos. Eu adoraria ver isso. — Nunca mais me ligue.

Com isso, a atraente bruxa saiu do *pub* enquanto todos os olhos masculinos a seguiam como se ela fosse um pedaço de bife suculento.

Sorrindo, deixei meu corpo cair no banco laranja de couro falso e estiquei as pernas.

— Sentiu minha falta?

— Mas que merda, por que você fez isso? — Alex olhou para mim.

Com sua mandíbula apertada, seu rosto bonito perdia um pouco do encanto. Ele era um bruxo bonito e as mulheres sabiam disso. Eu nunca o tinha visto com a mesma mulher por mais de uma vez. Alex era um *playboy*. Gostava de brincar com suas amantes e não se importava se elas eram bruxas, humanas ou fadas. Se fossem do sexo feminino, ele estava dentro. O homem era um babaca sexista, mas também podia ser útil. E, bem, nós, mulheres, gostávamos de falar, especialmente depois de algumas taças de vinho. Era assim que ele conseguia a maior parte de suas informações. Através de suas amantes.

— Fica calmo, Casanova — eu disse. Puxando a alça da minha bolsa sobre minha cabeça, peguei um cartão e coloquei a bolsa no assento ao meu lado. — Não é como se não fosse chegar outra morena gostosa para ocupar este lugar assim que eu for embora.

O rosto de Alex se suavizou, seu olhar preso no meu.

— É melhor você ter um bom motivo.

O bruxo colocou as mãos por baixo da mesa, tateando em busca de uma bolsa de feitiço ou movendo os dedos em algum encanto sombrio. Senti a pontada da magia negra e selvagem raspando minha pele como uma lixa. Eu levantei uma sobrancelha. Ele não deveria ter feito isso.

Movendo-me rápido, bati o cartão na mesa na frente de Alex.

— Se fizer qualquer bobagem, garanto que só precisarei dizer uma palavra para fazer com que mije sangue por meses.

Os olhos dele se moveram para o cartão, traçando as linhas que eu havia desenhado, suas feições mudando.

— Um sigilo de mal-estar.

Eu sorri.

— E sei como usá-lo.

Sempre tinha meu pacote de sigilos pré-desenhados comigo. Eles eram muito úteis em situações desse tipo. Eu já tinha usado a magia do sigilo, alimentando minha raiva e meu desespero para encontrar o demônio Superior. Além disso, realmente queria machucar alguém, e se esse alguém acabasse sendo Alex, que assim fosse. Aquele cara realmente me irritava.

Alex me observou. Quando ele sentiu o influxo de magia, seus olhos se arregalaram e seu rosto se contorceu em uma expressão rígida.

— Se tentar qualquer coisa aqui, vou foder com você mais tarde.

Eu sorri.

— Isso é uma promessa?

O rosto bonito do homem se enrugou de raiva, mas ele não disse nada. Seus olhos encontraram os meus, e meus instintos predatórios se agitaram.

— Vá em frente, Alex. Tente algo. Me dê um motivo para chutar sua bunda — eu disse, rindo. — Todas as bruxas que você fodeu vão me agradecer. Vamos lá. Tente.

Ele riu baixinho.

— Você é louca.

— Possivelmente. — Fiz um gesto com o queixo. — Vamos começar com as suas mãos. Coloque-as na mesa, onde eu possa vê-las.

Muito lentamente, Alex fez como instruído.

— O que diabos você quer? — ele perguntou com um sorriso desagradável no rosto.

Eu me mexi no lugar.

— Bem, não estou aqui para discutir quantas fudas você teve esta semana.

Ele respirou fundo, seus olhos escuros ficando turbulentos.

— E o que quer *discutir*?

— Estou aqui porque preciso de informações. E você vai consegui-las para mim.

Sim, eu estava sendo um pouco agressiva, até mesmo afrontosa, mas o cara era um idiota, então devia existir alguma regra do universo que me absolvesse.

Alex se inclinou para trás, esticando as pernas.

— E quem disse que eu vou? — o bruxo respondeu, tentando salvar um pouco de sua dignidade.

— Eu disse. — Meus olhos foram para o cartão na mesa. — Isso é só o começo. Tenho muito mais.

E adoraria usá-los em você.

A boca de Alex se abriu em um rosnado.

— Estou cansado de ouvir você me dando ordens como um escravo. Acha que é melhor do que eu por causa do seu sobrenome?

Dei de ombros.

— Não — disse, sorrindo. — Eu sei que sou melhor do que você.

Ele olhou para mim com o rosto rígido de frustração.

— Você pode ter um talento especial para desenhar sigilos que realmente funcionam. Isso eu admito. Mas não tem tanto poder. — Com um sorriso vitorioso, o homem acrescentou — Sem eles, você não tem nada. É praticamente humana.

Mantive meu rosto impassível.

— Já ouvi tudo isso antes. — A vida inteira. — Mas não estamos aqui para falar de mim. Estou aqui porque quero saber o que você sabe sobre algumas mortes humanas recentes. Mortes que têm a marca do sobrenatural.

Alex ergueu uma sobrancelha e os cantos de seus lábios se contraíram em um sorriso, denunciando-o.

— Eu não sei nada sobre isso.

— Tenho certeza de que sabe. E vai me contar.

Ele sorriu amargamente.

— É mesmo?

Desviei meu olhar para o cartão, depois, voltei a fitar Alex. Seu rosto se contraiu. Bom. Ele sabia que eu não hesitaria em usar o sigilo. Inclinando-me para frente, disse:

— Quero saber sobre essas mortes. Quero saber quantos foram mortos, onde foram mortos e quem eram essas pessoas. Eram homens ou mulheres? Isso e tudo mais que você achar que eu gostaria de saber. — Olhei para ele. — Agora, Alex.

Alex me mostrou seus dentes.

— Por que está tão nervosa? Está naquela época do mês?

Deus, ele estava pedindo. O que as mulheres viam nesse idiota?

— Para você, estou sempre *naquela* época do mês. — Soltei um suspiro. — Estou perdendo a paciência. Vai logo.

Suas sobrancelhas se ergueram.

— E se eu disser que não sei nada sobre nenhuma morte humana? Que você veio aqui para nada?

— Então, eu diria que sei que está mentindo.

— Você me deve um encontro — ele disse com um sorriso assustador em seus lábios.

— Ela é espetacular na cama. — Em seguida, o bruxo acrescentou em um tom baixo — Além de ter uns fetiches bem excêntricos.

Esforcei-me para afastar a imagem mental, mas ela já tinha ficado marcada em minha mente.

— Não devo merda nenhuma a você. — Eu cerrei os dentes. — Vai logo.

— Que temperamento, hein. — Ele me observou por um momento. Seu sorriso ficou mais sedutor e ele se inclinou sobre a mesa. — Sei qual é o problema. Você está com raiva porque eu nunca a convidei para sair. Está com ciúmes.

Eu me engasguei com o ar.

— Prefiro arrancar meus próprios olhos a sair com você. — Droga. Esse bruxo era nojento. Isso sim era uma imagem mental horrível. — Vamos logo antes que eu ponha um fim a esse seu enorme ego. — Bati meu dedo indicador no meu cartão. — Quanto mais cedo me disser o que eu quero ouvir, mais cedo irei embora e sairei do seu caminho, então você estará livre para voltar a perseguir suas amantes desse seu jeito bizarro.

Alex sorriu como se eu tivesse lhe feito um elogio.

— Houve três assassinatos humanos cujas mortes tinham um toque sobrenatural — respondeu, seu rosto bonito marcado com um toque de diversão. — Corpos foram encontrados cercados por elementos ritualísticos.

Então, o nascido-anjo estava dizendo a verdade. Eu não tinha certeza de como me sentia sobre isso.

— Quando?

— Semana passada. Não me pergunte as datas, eu não sei.

Meu coração disparou quando me inclinei para frente.

— Quem eram eles? Você tem nomes?

Alex balançou a cabeça.

— Não tenho ideia. Não fico de olho toda vez que um humano morre. Esta é a cidade de Nova York. Você sabe quantos deles morrem por mês aqui? Muitos. Tenho coisas mais importantes para fazer com o meu tempo. Eu tenho uma vida.

Revirei os olhos.

— O que mais? — perguntei com um suspiro. — Preciso de mais do que isso, Alex.

O bruxo deu de ombros.

— Eu sei que duas eram mulheres. Velhas, cerca de cinquenta anos. — Ter cinquenta anos não era ser velha, mas Alex achava que qualquer coisa que passasse dos vinte era. — Um homem — ele continuou. — Vinte e poucos anos.

Cruzei os tornozelos e me inclinei ligeiramente para frente.

— E você tem certeza de que eles estavam envolvidos em algum tipo de ritual? Havia sinais de uma sessão ou de um comportamento ritualístico?

A irritação cintilou em seu rosto. Levou um momento para ele responder.

— Sim, foi o que ouvi.

— Onde os corpos foram encontrados?

— O corpo do cara foi encontrado no Queens — o bruxo respondeu. — Uma das mulheres foi no Brooklyn. E a outra estava bem aqui, em Nova York.

Fiquei sentada em silêncio por um momento.

— Mais uma coisa. Você sabe algo sobre um nascido-anjo que está investigando esses assassinatos?

O sorriso em seu rosto desapareceu.

— Nascido-anjo? — Ele enrijeceu ligeiramente, porém, o movimento não me passou despercebido. — Por que você está perguntando sobre um nascido-anjo?

Eu pensei sobre o assunto.

— Porque ele estava bisbilhotando. — Se um nascido-anjo estava envolvido, era porque era muito sério. — E ele sabe de alguma coisa.

Um músculo se moveu ao longo de sua mandíbula.

— O que ele sabe?

Dei de ombros.

— Ele não disse.

— Então, o cara não sabe merda nenhuma. — Alex se levantou em um movimento fluido, seus olhos no meu cartão. — Não tenho mais nada a dizer.

Percebi que o bruxo estava esperando que eu o liberasse, então, peguei meu cartão e o coloquei dentro da minha bolsa.

Alex deu um passo para meu lado, inclinou-se e disse no meu ouvido:

— Na próxima vez que você mostrar essa merda para mim, irei matá-la.

Após soltar a ameaça, ele foi embora.

Não me surpreende. Esperei até que o vi sair do pub e fui até o bar.

— Quero o maior copo de vinho tinto que você tiver, Sajana — eu disse à garçonete enquanto encaixava minha bunda em um banquinho. Eu precisava de uma bebida. Talvez de três.

Tinha irritado Alex e, ao fazê-lo, provavelmente acabara o perdendo para sempre como informante. Uma parte de mim se sentia culpada por tê-lo ameaçado, mas a outra parte, a maior, lembrou-me que ele tinha acabado de ameaçar me matar. Estávamos quites? Não, nem perto.

O que Alex me disse não era muito, porém, agora que eu sabia o número de corpos, o sexo das vítimas e onde tinham sido encontradas, poderia trabalhar em cima disso. Contando com Julia, eram três mulheres e um homem mortos. Todos com diferentes faixas etárias. Eu não conseguia ver a ligação. Será que havia uma? Tinha que haver. Duvidava que um demônio Superior estivesse por aí, matando humanos ao acaso. Mas, talvez, fosse realmente isso que estivesse acontecendo. No final das contas, o dia não tinha sido um desperdício total.

— Aqui está, Sam — Sajana disse enquanto colocava um copo de vinho tinto do tamanho de uma caneca alta de cerveja na minha frente.

— Você salvou minha vida, Sajana.

Meus lábios mal tocaram o copo quando outra bruxa bateu uma mão contra o bar. Ela era baixa e roliça com uma juba brilhante de cabelo preto que chegava à cintura. A mulher devia ter cerca de cinquenta anos e parecia furiosa.

— Seu anjo está de volta, Sam — a bruxa disse, encarando-me intensamente com seus olhos escuros.

Ah. Merda. De novo não.

— Ele não é *meu* anjo, Rosaleen — eu disse no mesmo tom que ela.

— Ele apanhou de novo — a outra comentou, claramente não me ouvindo. — O cara bebe até cair e depois incomoda todo mundo. É quase como se ele estivesse fazendo isso de propósito. Que tipo de anjo deseja ser espancado até a morte? Pelo caldeirão! Você precisa ajudar seu anjo.

— Ele não é meu anjo.

Rosaleen olhou para mim como se eu tivesse perdido meu cachorrinho de propósito.

— Ele está lá atrás. Tire seu anjo daqui antes que os duendes o encontrem e o matem. É ruim para os negócios.

— Ele não é meu anjo.

Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, a mulher desapareceu atrás do bar, seguindo em direção à cozinha.

Xingando baixinho, tomei o maior gole de vinho que cabia na minha boca sem deixar pingar pelos cantos, engoli e fiz meu caminho em direção aos fundos do *pub*. Uma placa estava sobre a porta: SAÍDA. SOMENTE FUNCIONÁRIOS. Empurrei a barra de metal e saí para um beco escuro.

Um gemido me escapou.

Ali, esparramado no meio de sacos de lixo pretos, espancado à beira da morte, estava um anjo.

— **M**as que droga, Kyllian — gritei enquanto corria em direção ao homem.

Eu me encolhi. A situação dele era muito pior de perto. Seu rosto estava machucado e seu braço direito estava visivelmente quebrado. Um dos ossos do antebraço podia ser visto através da pele. Além disso, um dos lados de seu rosto estava inchado e cheio de hematomas roxo-escuros. Seu olho esquerdo havia se fechado devido ao inchaço. Líquido cor-de-rosa vertia de um grande corte no lado de sua cabeça, sua essência de anjo se misturando com o sangue de seu corpo humano.

Ah. Que inferno.

Kyllian era o epítome da imagem de um anjo, como se o próprio Deus o tivesse esculpido. Se você procurasse a palavra anjo no dicionário, encontraria a foto dele com uma descrição detalhada: alto, bonito, de ombros largos e com a constituição de uma estátua de um Deus romano, com cabelos loiros cortados rente ao couro cabeludo, pele da cor de areia dourada, olhos azuis hipnotizantes que podiam parecer quase acinzentados e um corpo que deixaria qualquer mulher babando e qualquer homem com inveja. Para completar, ele brilhava. Isso mesmo. Todos os anjos emitiam um brilho fraco e branco em sua pele. Era suave. Os humanos não podiam vê-lo, mas todos nós, mestiços, podíamos.

Kyllian era um anjo dourado. Contudo, naquele momento, não era o que parecia. Meu coração se partiu ao vê-lo. Ele era lindo demais – por dentro e por fora – para estar com uma aparência dessas e deitado no meio do lixo. O anjo estava vestido com seu habitual traje preto, que era feito de algum material elástico. Ele carregava duas adagas embainhadas em seu cinturão, longas, prateadas e brilhantes. Lâminas da alma. Eu não conseguia ver a jaqueta dele em lugar nenhum.

— Kyllian? — Apertei a mão em seu ombro esquerdo. — Kyllian, você precisa acordar.

Seu olho direito piscou e focou em mim.

— Sam?

— Sim. Sou eu. — Meu nariz enrugou com o cheiro de álcool nele. Eu poderia ficar bêbada apenas com o aroma que emanava dele. — Por que você sempre faz isso consigo mesmo?

Eu sabia por quê. Ele fazia isso há mais de dois anos.

Lágrimas brotaram em seus olhos.

— Estão todos mortos, Sam. Por minha causa. Todos eles.

Estendi a mão e apertei um ponto em seu rosto que não estava inchado ou machucado.

— Shhh. Vai ficar tudo bem. Eu estou aqui agora.

Lágrimas gigantes escorreram sobre o rosto do anjo. A dor que vi em seus olhos fez meus próprios olhos arderem.

— Não está certo. Não está certo. Não deveria ser assim. Por quê? Por que a Legião faz isso?

Engoli em seco.

— Não sei.

Era verdade, eu não sabia.

Dois anos atrás, a Legião de anjos havia enviado Kyllian em uma missão. Eles tinham ordenado que ele matasse um grupo de metamorfos demoníacos. O problema era que os supostos demônios não passavam humanos que estavam praticando algum ritual. Foi um massacre. Duas crianças foram mortas junto com outros doze humanos inocentes.

Kyllian nunca conseguiu se perdoar depois disso. Era completamente compreensível. Algo assim deixaria qualquer um perturbado. Essa era a desvantagem de ser um anjo. Eles eram ferramentas, soldados pertencentes à Legião. No geral, eles eram seres adaptáveis. Porém, assim como nós, bruxas, nem todos os anjos eram criados igualmente. E nem todos eram máquinas de matar sem coração.

Eu compreendia sua dor, pois não conseguia tirar o rosto assustado da alma de Julia da minha mente. E olha que eu tentei *salvá-la*.

Um arrepio percorreu minha pele. Não por causa da lembrança da garota, mas porque eu sabia o que carregar um fardo como esse poderia significar. Quando uma pessoa se forçava a viver com tanta culpa, ela acabava, inevitavelmente, mudando. Não era uma mudança instantânea. Era algo gradual. E eu não queria pensar no que isso significava para o meu amigo. Kyllian carregava marcas do que tinha acontecido e pensava em si mesmo como um monstro horrendo. Sua culpa o estava corroendo. Eu não achava que os anjos pudessem morrer de envenenamento por álcool, ainda assim, um dia, ele acabaria irritando os mestiços errados e eles poderiam matá-lo.

— Consegue andar? — perguntei, sabendo que mesmo com um feitiço ou sigilo de força, eu não conseguiria carregar o anjo enorme. Ele provavelmente pesava mais de noventa quilos. Noventa quilos de puro músculo. — Preciso levá-lo para a fonte de água. Ela é profunda o suficiente.

Eu sabia que anjos se camuflavam na Terra usando invólucros humanos temporários, que não eram como humanos reais, mas algo semelhante a um disfarce. Por isso, precisavam de uma grande quantidade de água para fazer a transição de seus corpos de volta para o Horizonte. A coisa toda era semelhante a um transportador de *Star Trek*. Embora seus corpos fossem apenas superficiais, eles imitavam todas as sensações de um corpo humano. Ou seja, eles sentiam dor.

— Horizonte. Não — ele disse com uma voz exausta, como se tivesse reunido todas as suas forças restantes para pronunciar essas duas palavras.

Meu pulso martelava.

— Droga. Você vai morrer se não voltar. Eu não tenho nenhum feitiço de cura ou pomada para curá-lo, seu idiota. Você tem que voltar para o Horizonte.

Kyllian balançou a cabeça com teimosia. Seus olhos se arregalaram quando ele começou a tremer. Ótimo. Um anjo tremendo era um péssimo sinal.

— Horizonte, não. Me. Leva. Sua. Casa.

Eu praguejei.

— Maldito anjo teimoso!

Eu estava furiosa, contudo, também estava com medo. Não poderia lidar com um anjo morrendo no meu turno, principalmente depois de já ter visto uma garota humana morrer. Eu não deixaria Kyllian passar dessa para a melhor. Mas o que eu sabia sobre curar anjos feridos? Absolutamente nada.

Nós tínhamos nos conhecido cinco anos atrás, enquanto eu estava investigando uma pista sobre um demônio ladrão de bebês. Acontece que a culpada era uma Teko, uma demônio *revenant* que se alimenta das almas dos recém-nascidos. A entidade quase tinha me matado, contudo, Kyllian surgira do nada, em uma força brilhante de anjo, e salvara minha vida. Nós éramos amigos desde então.

Vasculhei seu rosto e tentei não me encolher com os vergões montanhosos que estavam se formando em sua bochecha esquerda.

— Não vou levá-lo comigo só para, depois, você acabar morrendo diante de mim. Tá me ouvindo? Você sabe como se curar?

Diga que sim, ou eu mesma vou enfiar você naquela fonte.

Seus lábios tremeram quando ele respondeu que sim.

Tá, certo. É claro que o homem ia dizer que sim.

— Você vai ter que me ajudar um pouco, certo? Vou colocar seu braço esquerdo em volta do meu ombro e puxá-lo para cima, mas vou precisar da sua ajuda. Você consegue fazer isso?

Deus. Não acredito que estou passando por isso. Eu claramente perdi a cabeça.

Kyllian gemeu fracamente em concordância.

Uma onda de adrenalina passou pelo meu corpo. Com um esforço gigantesco de minha parte, o anjo cambaleou ao se erguer, completamente atordoado, e engasgou com o próprio sangue. Isso era simplesmente fantástico. Eu vacilei com o seu peso e, por um momento horrível, pensei que nós dois íamos desmoronar até que, enfim, consegui me equilibrar. Então, o aroma de limões e laranjas me atingiu. Era o aroma dos anjos; uma que, agora, estava misturado com o cheiro de álcool e de suor masculino.

— Meu Deus, como você é pesado — eu disse com os dentes cerrados, sentindo o suor se formar na minha testa. Era como transportar um urso pardo; um que não tinha pelos.

Juntos, saímos do beco e descemos em direção à *Twilight Avenue*. Éramos um par interessante. Não pude deixar de notar as caretas de desaprovação de algumas bruxas e vampiros enquanto cambaleávamos pela rua. Eu tinha certeza de que os sussurros não eram sobre como formávamos um casal fofo.

Tentei não olhar para o pedaço de osso que estava saindo do braço do homem, mas a bile subia no fundo da minha garganta sempre que meus olhos pousavam nele. Vomitar agora não era uma opção. Eu só esperava que Kyllian não estivesse mentindo sobre ser capaz de se curar.

— Você tem sorte de ser gostoso — ofeguei enquanto minhas coxas tremiam com o esforço de suportar a maior parte de seu peso. — Se fosse feio, eu o teria deixado lá atrás.

Uma sugestão de um sorriso repuxou seus lábios.

— Eu. Sei.

Eu era alta para uma mulher, tinha um metro e setenta e nove, e era forte, mas, ainda assim, continuava sendo uma mulher, portanto, não possuía a mesma força que a maioria dos homens tinha na parte superior do corpo. Sem mencionar a super força com a qual lobisomens e vampiros nasciam.

— Anjo idiota.

Eu não podia acreditar que estava fazendo isso. Vovô ia ter um ataque.

Apesar de morar perto do *pub*, sentia como se estivesse arrastando o anjo gigante há horas. Quando minha casa apareceu, quase desmaiei de alívio. Nem sei como conseguimos subir aquele lance de escadas, mas conseguimos. Mesmo no péssimo estado em que Kyllian estava, conseguimos avançar pelos degraus.

O jardim da frente de Vera estava vazio. Graças ao caldeirão. Eu não queria ter que lidar com aquela bruxa fofqueira naquele momento, pois certamente acabaria a matando.

— Vou me inclinar e abrir a porta — eu disse. — Tente não cair. Não vou conseguir segurá-lo. — E, então, serei esmagada sob seu peso.

O anjo deu um aceno de cabeça. Respirei fundo, inclinei-me para frente e girei a maçaneta. Dando um passo para trás, abri a porta com um chute. Cambaleamos pelo corredor escuro como um casal bêbado. Meu corpo estava encharcado de suor. No momento em que eu o deixei cair no meu sofá, percebi que parecia que eu tinha tomado banho com roupa e tudo.

O corpo de Kyllian se contorceu e sua mão esquerda subiu como se estivesse tentando pegar algum fantasma.

— As crianças! — ele lamentou. — As crianças.

Merda.

Larguei minha bolsa e me ajoelhei ao lado do sofá, afastando o cabelo de seus olhos.

— Eu sinto muito. Kylian? — Examinei seu rosto. — Kyllian? — disse mais alto.

Droga. Ele tinha desmaiado. Como eu ia ajudá-lo agora? Corpos de anjo não eram nada parecidos com os nossos. Ou será que eram? Levá-lo a um hospital estava fora de questão. E eu não achava que magia funcionaria. Tinha um kit de primeiros socorros no banheiro, isso teria que servir até que ele acordasse novamente.

Atrás de mim, as tábuas do assoalho rangeram.

Com o coração na garganta, virei-me e encontrei quatro pares de olhos amarelos e brilhantes me encarando. Uma explosão de terror frio me atingiu como um martelo.

Demônios.

Eu já disse que essa não era a minha noite?

Um fedor nauseante de carne podre me atingiu. Eu me engasguei e meus olhos passaram a lacrimejar. Eles tinham se adaptado bem o suficiente à escuridão, ainda assim, eu conseguia vê-los. Magros e rijos como dobermans, os demônios tinham uma pele fina, parecida com couro, que eram da cor de musgo, e grandes patas que terminavam em garras afiadas e negras. Pedacos de carne podre caíam, revelando ossos brancos e gotejando sucos pútridos alaranjados e amarelos. Larvas e moscas jorravam das feridas abertas. Muito agradável. Agora, eu teria que fumigar o lugar.

A luz da rua entrava pela janela da sacada, refletindo em seus crânios parecidos com os de lobos, alongados e sem pele. Seus olhos mortos e fundos estavam fixos em mim. Suas bocas se abriram, e eles soltaram um gemido sinistro coletivo, antinatural e nada mundano. Seus olhos amarelos brilharam com ódio e inteligência. Eu conhecia aquele olhar. Era um que dizia “vou comer você”. Que ótimo.

Ainda assim, senti um pequeno momento de alívio. A atenção deles estava em mim. Os demônios não pareciam se importar com o anjo. Estranho. Normalmente, um anjo ferido era como um doce grátis para essas criaturas.

Quando o demônio mais próximo atacou, joguei-me para o lado e ouvi o som de garras raspando no piso de madeira. A dor rasgou minha perna e eu cambaleei quando ela se incendiou como se eu a tivesse enfiado em uma fogueira. Eu continuei, corri pelo corredor e entrei na cozinha enquanto absorvia o poder dos meus anéis.

— Kyllian! Acorda! — gritei o mais alto que pude enquanto galopava pelo corredor, sentindo o sangue pulsar em meus ouvidos.

O som das garras raspando no chão ficou mais alto.

Cheguei à ilha da cozinha e me virei. Canalizando a magia dos meus anéis, estendi a mão e gritei:

— *Feurantis!*

Uma bola de fogo saiu da minha mão estendida e atingiu o demônio no peito. Ele explodiu em chamas. Labaredas amarelas e alaranjadas tão altas quanto eu se acenderam, cobrindo-o. Gemendo, a criatura se debateu, tentando fugir do fogo. Contudo, não havia para onde correr. As chamas tomaram contornos vermelhos e dourados à medida que cresciam, aquecendo meu rosto. O calor do fogo me fez dar um passo para trás.

Engasguei quando o cheiro de carne queimada me atingiu. Alguns segundos depois, o calor desapareceu, as chamas diminuíram e uma pilha de cinzas foi tudo o que restou do demônio.

Um já foi. Faltam três.

Como se estivessem lendo minha mente, duas criaturas apareceram na minha cozinha, pisando nas cinzas de seu irmão morto e deixando um rastro como pegadas na lama. A mandíbula de um dos demônios estava aberta, expondo fileiras de dentes de peixe e uma língua grossa e cinza. Ele lambeu os lábios, como se para mostrar que estava prestes a provar minha carne.

— Acho que não, cachorrinho.

Eles eram demônios inferiores. A julgar por sua aparência, provavelmente tinham uma inteligência um pouco maior do que a de um Border Collie. Alguém os havia enviado para me matar.

Os monstros me observaram, seus olhos amarelos brilhando com a promessa de dor e de morte. O ar se movia ao meu redor, carregando o cheiro de podridão. Usando aqueles meros segundos, canalizei a energia dos anéis, desejando que ela fluísse em mim e se submetesse à minha vontade. O ar rachou com o súbito fluxo de magia.

Os demônios se atiraram em minha direção. Com velocidade desumana, as criaturas vieram até mim como uma matilha de lobos famintos. Eu pulei para trás, meu foco perdido, no momento em que uma cabeça bateu contra meu corpo. A força do impacto me derrubou. Caí com força. Quando ergui o olhar vi dentes e olhos acima de mim, bem como insetos saindo de suas feridas como água de uma torneira.

Quase vomitando, arrastei-me para trás, tentando criar um feitiço, mas falhando ao sentir minha concentração ser substituída por um medo primitivo. Eu não queria morrer. Não queria ser dilacerada e comida por esses desgraçados horrorosos. Girei e fiquei de pé em meio a um *flash* de dentes e garras. Escorreguei em algo crocante, mas líquido. Vermes (sim, muito nojento) e fui de cabeça em direção à mesa e às cadeiras da cozinha. As cadeiras voaram e a dor explodiu na minha testa, o latejar já prenunciando um hematoma gigante. Ótimo, agora Kyllian e eu iríamos combinar.

Meus instintos entraram em ação. Rolei para o lado e agarrei as pernas da cadeira mais próxima. Fiquei em pé novamente, equilibrando-me bem a tempo de acertar um dos demônios na lateral da cabeça. Houve um estalo alto, e o monstro caiu. Eu não era idiota. Sabia que ele não estava morto. Estaria de pé novamente em questão de segundos.

Meu quadril queimava de dor, o que eu supunha ser melhor do que a dormência da morte. Porém, no momento, essa era a menor das minhas preocupações. Em minha visão periférica, captei movimento. De repente, meus instintos gritaram e eu me joguei. Com a cadeira ainda em minhas mãos, girei-a como um taco de beisebol e a empurrei contra a boca aberta de outro demônio. O móvel explodiu em pedaços, contudo, desta vez, o demônio não caiu.

Ele balançou a cabeça, os olhos brilhando com desejo e fúria. Ele rosnou e, então, arremeteu.

Merda.

Agarrei a perna da cadeira, a única parte que restou da minha arma patética. Eu a joguei contra a criatura, mas errei. O demônio se chocou contra mim com a força de um caminhão em movimento. Ele me prendeu no chão com uma pata, tirando minha capacidade de respirar. Sua força sobrenatural indicava que o monstro poderia facilmente ter atravessado meu peito com sua pata.

Hálito pútrido atingiu meu rosto quando o demônio se inclinou para frente, abrindo sua boca como se estivesse medindo como colocar minha cabeça inteira dentro dela. Baba amarela pingava em meu rosto, escorrendo de seus dentes. Senti a ânsia de vômito vir à tona. Ele pairou acima de mim, seu corpo tremendo com o prazer antecipado de me devorar. Legal. As coisas não estavam indo muito bem.

Eu estava furiosa. Primeiro, porque um demônio estava me prendendo no chão da minha própria casa e, segundo, porque eu tinha certeza de que tinha engolido um pouco de

sua saliva.

Eu podia não ser capaz de me mover, mas não havia nada de errado com meu cérebro. Juntei a energia de minha raiva, do meu medo e da minha cabeça dolorida e a coloquei nos anéis. Pressionei minha mão livre na perna da frente do demônio e gritei:

— *Glacis!*

Então, soltei a onda reprimida de energia dos anéis. Ela atingiu o demônio em cheio. Seus olhos amarelos se arregalaram em choque e medo. Ele pulou de cima de mim, contudo, congelou ao sentir seu corpo começar lentamente a fossilizar. Uma fina camada de gelo se espalhou sobre suas pernas e cresceu até chegar à cabeça. Minha respiração virou gelo na frente do meu nariz.

Não esperei para ver o efeito final. Eu me levantei, surpresa com o demônio, agora rígido e congelado, que estava diante de mim. Seu corpo inteiro estava coberto por uma espessa camada de gelo branco, parecendo um picolé.

— Você esqueceu seu graveto.

Arremessei meu taco improvisado contra o bloco de gelo demoníaco, quebrando-o em milhares de pedaços.

— Eu não esperava por isso. E você? — perguntei aos cacos de gelo.

Inferno, eu nem sabia que conseguia fazer isso.

É claro que foi nesse momento que o outro monstro decidiu aparecer. Uma dor abrasadora e incandescente explodiu nas minhas costas quando senti os dentes afundarem na minha carne e saírem novamente. Caramba. A mordida daquela coisa doía para cacete. Em um borrão, fui puxada pela sala. A parede agiu como minha salvadora. Bati contra ela em vez de contra a janela e escorreguei para o chão como uma boneca de pano.

— Uau. Está tudo indo muito bem — ofeguei, sentindo a dor se espalhar por toda parte. — Vovô! — gritei. — Se você estava planejando uma entrada grandiosa, a hora é agora!

Fiquei atenta, esperando ouvir a voz dele, mas a única coisa que ouvi foram os horríveis assobios e rosnados dos dois monstros medonhos do Submundo. Preparando-me, levantei-me rapidamente. Pontos pretos e brancos piscaram na minha visão enquanto tentava me concentrar em um feitiço, contudo, minha cabeça parecia estar cheia de água. Eu estava tão cansada.

Eu poderia acertar um deles, porém, no momento em que conjurasse outra bola de fogo, os dentes do outro demônio estariam arrancando minha jugular.

Sabia disso e eles também.

Olhei para as criaturas e fiz uma careta.

— Sabe, não era assim que eu esperava morrer. Tinha imaginado algo mais parecido com uma festa em que eu e alguns caras gostosos mergulharíamos em um caldeirão quente.

Os demônios levantaram suas cabeças ao mesmo tempo, aparentemente farejando meu medo e desespero, embora eu não tivesse certeza, visto que eles não tinham pele na cabeça.

Eu já tinha chegado perto de morrer algumas vezes na minha linha de trabalho, mas sempre conseguia tirar uma maldição ou um feitiço da minha manga, o que, conseqüentemente, me tirava de situações perigosas de quase morte. Contudo, este não parecia ser o caso desta vez. Nunca tinha sentido tanto medo assim, porém, ali, o temor era, bem... tudo o que me consumia.

Encarando a morte nos rostos dos demônios, senti uma súbita onda de raiva. Eu torci meu rosto em um rosnado para combinar com o deles.

— Vamos lá, seus otários fedidos — gritei com as mãos separadas.

Juntos, os demônios saltaram. Garras e presas brilharam.

Uma sombra apareceu sobre eles. Uma sombra brilhante.

As criaturas pararam no meio do caminho.

Kyllian mergulhou com velocidade sobrenatural, seu rosto branco como osso. Ele agarrou o primeiro demônio pela garganta e o atirou contra a parede uma vez atrás da outra até que ouvi a espinha do monstro estalar. Então, com o braço ferido segurando uma lâmina, cortou seu pescoço.

O demônio escorregou para o chão em uma poça de tripas, sangue e insetos antes de explodir em uma nuvem de cinzas.

Em um frenesi, o último monstro se jogou no anjo, mas não foi páreo para ele. Com um borrão de presas e garras, a criatura atacou. Ela gritou, as patas dianteiras se debatendo e sua boca indo em direção ao pescoço de Kyllian. Um minuto depois, o anjo a cortou ao meio com a exatidão e a facilidade de quem corta manteiga. O demônio gritou de dor. Seu berro bizarro carregava as profundezas de sua agonia física. No momento seguinte, as duas metades caíram no chão e explodiram em uma nuvem de cinzas.

Tudo acabou em cinco segundos. Por um breve momento, tive um vislumbre do grande e terrível guerreiro em pé diante de mim. Kyllian. Um soldado da Legião dos Anjos.

— Peguei ele — o anjo disse, então seus olhos rolaram para trás e ele caiu no chão.

— Pelo caldeirão, o que está acontecendo aqui! — meu avô gritou, decidindo aparecer no momento em que Kyllian caiu no chão. — Que bagunça! Por que há baratas e centopeias por todo o chão? E isso aqui são vermes? Pelo caldeirão! Esse lugar cheira como um túmulo!

— Será que você pode parar de gritar?! — berrei de volta. — Não consigo pensar.

Minha cabeça latejava como se eu a tivesse batido na parede por horas, minha camiseta estava encharcada com meu próprio sangue e eu sentia dor em lugares que eu nem sabia que poderiam doer. Porém, nada disso importava agora.

Kyllian tinha me salvado e, em seguida, desmoronado. O pior era que eu não conseguia acordá-lo. Nem conseguia movê-lo. Tentei, mas foi como tentar empurrar uma geladeira com o dedo mindinho. A pele ao redor do seu rosto estava pastosa e parecia que ele estava com febre. Estranhamente, quando estendi a mão e toquei sua testa, percebi que sua pele estava fria como gelo. Um pânico profundo tomou conta de mim. Eu tinha que fazer alguma coisa.

Meu avô ficou parado ao meu lado com as mãos na cintura.

— Por que havia demônios na minha casa? — reclamou. — E por que eles a atacaram?

— Também queria saber. — Eu queria saber muitas coisas. — Poe já voltou?

O mais velho fez uma careta.

— Achei que ele estava com você.

Por ser um demônio de mais de mil anos de idade, talvez Poe tivesse algumas dicas sobre como curar um anjo. Infelizmente, eu não tinha tempo para esperar por ele. Ao me levantar, corri para o sofá.

— Onde você vai? — meu avô gritou.

Juro que eu ia matar ele se não parasse de gritar comigo. Naquele momento, não me importava que o homem fosse da família.

Peguei minha bolsa com as mãos trêmulas e corri de volta para Kyllian. Com o coração martelando, virei a bolsa e derramei tudo que estava nela no chão. Cartões de sigilo, velas, giz, dois frascos, beladona seca, pele de cobra em pequenos *zip bags* transparentes, um caderninho de anotações, *Magia Negra Volume 2: Rituais em Necromancia*, Bálsamo de Cura *Gypsy* Nº 5 Pele Macia, dois sacos de Proteção de Bolha Instantânea, uma caneta, três marcadores pretos e meu telefone se esparramaram no piso...

— Você carrega toda essa porcaria na sua bolsa? — Ouvi a voz do meu avô atrás de mim. — Nunca entendi por que as mulheres acham necessário carregar metade das suas vidas com elas.

Um disco redondo de metal apareceu debaixo do bloco de notas. Soltei um suspiro quando meus dedos roçaram no medalhão. Eu o puxei e uma longa corrente de prata surgiu. A batida suave do poder vibrou em meus dedos quando enrolei a corrente ao redor do pescoço de Kyllian, deixando o medalhão cair em seu peito.

Olhei para o rosto dele. Nenhuma mudança.

— Acho que sua magia não pode ajudá-lo — vovô disse.

Não pude deixar de notar o quanto sua voz estava mais calma, havia uma ternura em seu tom que parecia implicar que minhas ações eram inúteis. Engoli em seco e mantive meus olhos em Kyllian, porque se eu olhasse para meu avô agora, perderia o controle.

— Eu tenho que tentar. Não posso ficar aqui sentada sem fazer nada. — *Enquanto ele está morrendo...* — Onde diabos você estava afinal? Sua ajuda teria sido útil, sabia? — rebati em um tom áspero.

Quando o mais velho não respondeu, virei-me para olhar para ele. Um sorriso tímido vincou seu rosto. Eu levantei uma sobrancelha.

— E aí? Vai me contar?

Ele deu de ombros. O movimento deu a impressão de que o homem mais novo do que realmente era.

— Se realmente quer saber, eu estava com a viúva Camelli. E antes que pense qualquer coisa, vou logo avisando que ela está me ajudando com a Vassoura Brilhante.

Soltei um suspiro, acalmando minha raiva. Não era culpa dele. O que vovô fazia e com quem fazia era problema dele. Além disso, eu não queria saber que tipo de “ajuda” a bruxa viúva estava fornecendo ao meu avô.

Notei que uma ruga preocupada apareceu acima de seus olhos. Era a mesma que eu tinha visto quando vovô viera conversar comigo sobre meu pai. Imediatamente, meu pulso acelerou.

— Você precisa parar de trazer vira-latas para casa, Sam — o mais velho disse, sério.

— Ele é meu amigo. Não podia simplesmente deixá-lo dormir em um beco. Além disso, ele me salvou. Se Kyllian não tivesse matado aqueles dois demônios, não estaríamos sentados aqui tendo essa conversa.

— Vamos preparar um banho para o anjo — meu avô incentivou. — Ele pode se curar no Horizonte.

Balancei minha cabeça, sentindo o desespero frio encher meu peito.

— Ele não quer ir.

Vovô ergueu os braços de forma exasperada.

— O homem está inconsciente. Podemos movê-lo juntos. Tenho um feitiço de pairar que podemos usar. — O mais velho franziu a testa quando olhou para Kyllian. — Bem, talvez precisemos usar *dois*. Confie em mim. Ele vai te agradecer depois.

— Não vai não — eu disse com meus olhos de volta no anjo. Minha tensão aumentou. — Não dá tempo de explicar, mas ele não quer voltar. Kyllian quer ficar aqui.

— E morrer? — meu avô perguntou, incrédulo. — Se ele ficar aqui e não pudermos salvá-lo... você sabe o que vai acontecer. Até os anjos podem encontrar a verdadeira morte, Sam.

— Eu sei — respondi secamente. — Mas também não posso traí-lo.

— Mesmo que ele morra?

Merda. Vovô estava certo. Eu estava sendo uma idiota, contudo, não tinha tempo de discutir aquele assunto com ele. Como as coisas tinha dado tão errado tão depressa?

Colocando uma mecha solta de cabelo atrás da orelha, peguei um marcador preto e levantei a camisa de Kyllian, expondo seu peito. Inclinei-me sobre ele e congelei por um momento. Minhas sobrancelhas se ergueram. Eu nunca tinha visto o homem sem camisa antes, as ondulações dos seus músculos abdominais e seu peito forte e perfeitamente

esculpido eram uma visão e tanto. Cada parte dele era esguia, forte e impecável. Além disso, não havia um fio de pelo ali. Uma parte meio louca de mim se sentiu tentada a acariciar seu peito. Ignorando minha onda de hormônios, esforcei-me para me concentrar.

Depois fitá-lo por um tempo mais do que inapropriado, estreitei os olhos, focando na ponta de feltro do marcador, e desenhei um sigilo antidor, o mesmo que tinha usado em mim na noite anterior. Não iria curá-lo, mas eu esperava que aliviasse um pouco de sua dor até que eu pudesse descobrir o que fazer a seguir. A tinta brilhava molhada enquanto eu me esforçava para formar os símbolos e as letras finas tão suavemente quanto possível.

Terminei o último símbolo e murmurei:

— *Sine dolore.*

Fios de energia dispararam entre nós e correram para o anjo. Prendi a respiração enquanto o observava, buscando qualquer sinal de melhora. Normalmente, o sigilo antidor funcionava imediatamente. Kyllian ficou imóvel enquanto sua pele se tornava cinza, parecendo cada vez mais com um cadáver.

— Droga — sibilei.

Jogando o marcador, tirei minhas luvas, estendi a mão e peguei o Bálsamo de Cura Gypsy Nº 5 Pele Macia. Abri o frasco e espalhei todo o conteúdo sobre e ao redor de seu braço quebrado e de seu peito.

Sentei-me de volta no chão, sentindo minha pressão atingir novas alturas.

— Não está funcionando — eu disse debilmente, sentindo como se fosse ter um ataque cardíaco.

— Vamos levá-lo para a banheira.

— Não.

Meu avô me deu um olhar de repreensão.

— Você nem sabe o que há de errado com ele, sabe?

— Ele foi espancado.

— Dá para ver. Mas seu corpo e seu traje mortal está se deteriorando. É isso que o está matando. Nossa magia funciona, mas apenas nos vivos, nos mortais. Seu amigo não é um mortal.

Foi então algo me ocorreu.

— Vovô — falei, sorrindo. — Você é um gênio!

Suas sobrancelhas se ergueram. Ele parecia abalado e satisfeito ao mesmo tempo.

— Sou mesmo.

Colocando minhas luvas, girei de joelhos, peguei um giz e desenhei um triângulo no chão ao lado de Kyllian.

— Sam — o mais velho advertiu. — Não.

— Sim — discordei. Eu estava praticamente radiante quando comecei a desenhar um círculo ao meu redor. — Isso vai funcionar.

— Sam, não...

— Eu o conjuro, Farissael — falei enquanto me levantava —, demônio do Submundo, para estar sujeito à vontade de minha alma. Amarro-o com inquebráveis grilhões de adamantina e o entrego ao caos negro da perdição. Eu o invoco, Farissael. Apareça no espaço à minha frente!

Meu coração palpitou com a súbita onda de magia. Meu cabelo voou ao meu redor com o vento.

— Sammy, querida — Faris disse ao aparecer no triângulo diante de mim vestido com um quimono preto. — Não sei mais o que pensar. É a terceira vez que me chama esta semana. Com certeza está me stalkeando e confesso que eu adoro isso.

— Não tenho tempo para bater papo — afirmei rapidamente. — Preciso da sua ajuda.

Os olhos escuros de Faris se moveram de mim para meu avô, depois, se fixaram em Kyllian.

— Sammy — ele retrucou. — Você matou um anjo? Por que, sua bruxa malvada? Acho que merece uma boa surra.

Naquele momento, seu quimono se abriu, revelando tudo. O pênis dele estava lá, pendurado como o de um cavalo. E eu era a idiota que estava olhando. Pegando-me no ato, o demônio piscou um olho para mim. Meu sangue fluiu todo para o meu rosto. Ótimo. Simplesmente incrível.

Afastei meus olhos de seu corpo nu. Eu tinha certeza de que ele tinha deixado sua roupa se abrir de propósito.

— Você pode salvá-lo?

O sorriso de Faris murchou.

— O quê? Tá dizendo que o canalha ainda está vivo?

— Sim.

O demônio arqueou uma sobrancelha.

— E *por que* ia querer que eu o salvasse?

— Porque ele é meu amigo. E porque ele acabou de me salvar de alguns demônios inferiores que vieram me matar esta noite. — Olhei para Faris. — Por sinal, você sabe alguma coisa sobre isso?

Parecendo ofendido, ele passou os dedos pelo cabelo e, depois, os colocou de volta no lugar.

— Por que eu saberia? Você é meu único elo com o mundo exterior. Por que eu ia querer matá-la? — O demônio me mostrou seus dentes perfeitamente brancos. — Eu quero transar com você. Não matá-la, sua bobinha.

— Tanto faz. — Meus olhos caíram sobre meu avô. Seu rosto estava perdido nas dobras de uma carranca profunda. — Você pode salvá-lo? — perguntei novamente.

Faris soltou um suspiro exasperado e seus olhos se voltaram para Kyllian.

— O idiota está neste mundo há muito tempo. Seu corpo está apodrecendo. Quando ele morrer, sua alma também morrerá. — Seus olhos encontraram os meus. — Basta jogar o monstro na água e pronto. *Voilà*. É como jogar o lixo fora.

— Ele não quer voltar — eu disse e levantei minhas mãos, impedindo-o de me interromper. — Consegue salvá-lo ou não?

Seu sorriso se tornou perverso.

— O que eu ganho em troca?

— Mais uma noite livre. — As palavras saíram da minha boca antes mesmo que eu tivesse a chance de pensar sobre o assunto.

Sim, Vera o tinha visto, contudo, o demônio tinha sido esperto o suficiente para usar um glamour e parecer humano para a comunidade mestiça. Além disso, eu não ouvira falar

de nenhuma morte recente. Eu tinha que arriscar novamente. Que o caldeirão me ajudasse. Esperava que não fosse um erro.

Meus olhos encontraram os do meu avô novamente. Fiquei surpresa por ele permanecer quieto e não se opor desta vez.

— Combinado. — Faris sorriu. Eu não tinha certeza do que vi refletido em seus olhos. — Liberte-me e curarei o monstro.

— Eu o liberto — disse, em seguida, arrastei meu pé pelo triângulo desenhado com giz, quebrando o contrato e a ligação.

A energia fluiu da imagem de volta para mim. Eu o soltei, e o pulso de energia diminuiu até se extinguir. Faris saiu de seu triângulo confinado, apertando o cinto em torno de seu quimono.

— Bem — ele disse, arregalando os olhos. — Isso é emocionante. Onde você guarda a bebida? Tem alguma bem antiga?

— Faris! — sibilei. — Cure Kyllian primeiro, ou pelo caldeirão, juro que vou castrar você!

— Sim, sim, sim — o demônio lamentou. — Não precisa erguer a voz. — Ele se moveu, parando ao lado de Kyllian, e ficou ali por um momento, apenas observando-o. — Monstro triste, não é? O que poderia levar um anjo a desejar morrer? — Faris se virou para olhar para mim, erguendo uma sobrancelha ao ver algo no meu rosto. — Você sabe, não sabe?

— Apenas cure ele, por favor — eu disse, minha raiva voltando.

Faris fez um ruído de desaprovação na garganta e se ajoelhou ao lado do anjo.

— Acho que eu realmente quero dormir com você, porque eu não consigo acreditar que estou prestes a curar um maldito anjo.

Abri minha boca para repreendê-lo novamente, mas, naquele momento, o demônio intermediário pressionou as mãos no peito de Kyllian. Ele fechou os olhos, seu rosto se tornando profundamente concentrado. Depois de apenas alguns segundos, afastou-se e se endireitou.

Eu não sabia o que esperar; imaginava que veria alguns efeitos de luz Hollywoodianos, alguma energia crepitante ou algo assim. Contudo, tudo o que o demônio fizera fora colocar as mãos no anjo como um médico humano faria com um paciente.

Bem quando pensei que não tinha funcionado, o rosto de Kyllian mudou e ele franziu a testa. Então, o osso que se projetava de seu braço lentamente voltou para o lugar com um estalo. Quase vomitei com a cena. Era como assistir a um vídeo em que as imagens estavam sendo reproduzidas de trás para frente. Fiquei hipnotizada enquanto as contusões desapareciam lentamente até que todas se foram e apenas sua pele lisa e dourada permaneceu. O anjo parecia perfeitamente bem, exceto pelo sangue seco ao redor do nariz e do braço.

Meus joelhos tremeram e quase caí de alívio.

— Ele está bem?

— Ainda vai precisar voltar para Horizonte em algum momento — o demônio afirmou bem na hora em que os olhos de Kyllian se abriram. — Esse foi um acordo de validade única, então nada de repetições, entendido? Se o monstro realmente quer se matar, fará isso com o tempo.

Kyllian se levantou, alerta e com uma aparência saudável. Era como se não tivesse quase morrido momentos atrás. Fiquei surpresa com o ódio direcionado a Faris que vi em seu rosto. Porém, era de se esperar, então, não entendia por que tinha me surpreendido. Eles eram inimigos. Cada um fora criado para ferir o outro.

Os lábios de Kyllian se separaram em um rosnado muito parecido com o de um lobisomem. Droga. No segundo em que ficou de pé, logo quis começar uma briga. O pior era que havia uma ruga igualmente repugnante no rosto de Faris.

Simplesmente... incrível.

E quando o anjo viu que o demônio estava fora de seu triângulo de ligação, bem, foi o inferno na terra. Literalmente.

Kyllian investiu com velocidade inumana contra Faris.

— Não! — corri até ele, objetivando agarrar seu braço, mas errei e caí de cara no chão.

Ouvi alguém rir. Quando ergui o olhar, encontrei meu avô com os braços cruzados sobre o peito, lançando-me um olhar de “eu avisei”.

A casa tremeu quando Kyllian bateu Faris na parede, ao lado da cozinha. Pedacos de gesso e poeira caíram ao redor deles como neve. O anjo o prendeu pelo pescoço. O rosto do demônio estava contorcido em um rosnado vicioso, os músculos de seu pescoço e ombros salientes enquanto ele lutava sob o domínio de seu inimigo.

— Pessoal, vamos parar com isso. Estamos todos do mesmo lado aqui — falei, sem, contudo, obter resultado.

Faris se moveu rapidamente, livrando-se do controle de Kyllian, e lhe deu um chute forte no estômago. O anjo cambaleou para trás. Seus olhos azuis pareciam selvagens e maníacos. Em seu rosto, via-se um sorriso.

Ah, merda. Aqui vamos nós.

Kyllian deu uma guinada em direção a Faris. Ficando à altura do anjo em velocidade e agilidade, o demônio saltou no ar e o atingiu com um poderoso golpe na mandíbula. Impressionante. Eu não tinha ideia de que ele pudesse lutar assim. Definitivamente, um demônio de muitos talentos.

Sons de punhos se chocando contra carne e grunhidos de esforço preenchiam o ar. Eu até vi alguns fios escuros de cabelo voando. O rosto de Kyllian estava enrugado pelo esforço enquanto batia Faris contra os armários da cozinha, vidro e madeira explodindo com o impacto. *Lá se vão os móveis antigos da minha avó.* O rosto do demônio se frisou com a tensão enquanto fazia um movimento tirado de alguma arte marcial. A próxima coisa que eu vi, foi ele segurando Kyllian pela garganta.

Na minha cozinha, um anjo e um demônio lutavam. Fala sério! Era uma demonstração bruta de força. E era tudo tão tipicamente masculino. O leão contra o lobo. Eu não sabia qual dos dois era mais forte. E não me importava.

Pelo caldeirão.

Se continuassem assim, iam destruir minha casa, a única coisa nesse mundo que era verdadeiramente minha. Nem no inferno eu ia permitir que esses dois idiotas a destruíssem.

Ficando em pé, extraí a energia dos meus anéis, conjurando o poder deles e dobrando-o à minha vontade.

— Parem! — gritei. O sangue latejava em meus ouvidos enquanto duas bolas de fogo dançavam em minhas palmas. — Ou eu juro pelo caldeirão que vou fritar as bolas de vocês dois e forçá-los a comê-las!

Deu certo.

Faris soltou Kyllian, apesar dos olhos dos dois ainda estarem fervendo de ódio enquanto se afastavam um do outro. O ar estava tão cheio de testosterona que quase dava para vê-la.

Deixei a magia se esvaír. Com um suspiro, senti ela sair do meu corpo.

O anjo se virou para mim.

— Sam. O que que você fez?

Não gostei do tom dele.

— Eu? *Nós* acabamos de salvar sua vida, seu anjo estúpido. — Meu sangue fervia e meus dentes estavam cerrados. Sim, fiquei furiosa. Não tinha passado por tudo aquilo apenas para permitir que ele ferrasse com as coisas de novo. — Eu poderia ter jogado sua bunda em uma piscina. Poderia ter o mandado de volta para o Horizonte, mas não fiz isso. Então, mostre um pouco de gratidão. Sem Faris, você não estaria aqui.

Isso pareceu funcionar para derrubar um pouco os níveis de testosterona angelical. O olhar de Kyllian ficou um pouquinho menos enfurecido, ainda assim, um grunhido escapou de sua garganta. Revirei os olhos. Esta ia ser uma longa noite, e eu ainda não tinha terminado com nenhum deles. Ainda não.

— Acho que isso o deixou mais sóbrio — meu avô disse.

Quando finalmente olhei de volta para ele, percebi que o mais velho estava sorrindo de orelha a orelha.

— Bem — Faris falou, ajustando seu quimono, que, surpreendentemente, permanecera fechado. — Eu adoraria ficar e conversar, mas a noite é uma criança e as mulheres não vão me esperar para sempre.

— Só um minuto, Faris — eu chamei enquanto ele se dirigia para o corredor. — Preciso de mais uma coisa.

Meus pensamentos se voltaram para Julia. Eu ainda não tinha terminado. Não estava nem perto.

— Isso não fazia parte do acordo, querida — o demônio disse enquanto se virava, claramente irritado.

— Estou fazendo um acordo novo — retruquei. — Além do mais, se quiser ter mais desses ‘dias livres’, o que eu suponho que queira, vai precisar de mim viva. Algo me diz que, quem quer que seja o demônio Superior que eu irritei, foi ele quem enviou aqueles demônios inferiores para me matar. E não acho que o maldito vai parar. Então, você não tem escolha.

— Que demônio Superior? — Kyllian perguntou com os olhos em mim.

Ao ver um pouco de tensão voltar a tomar conta dele, suspirei.

— Um que possuiu uma garota chamada Julia — respondi e rapidamente contei os eventos que tinham levado àquele momento. Seu rosto estava impassível, mas eu conseguia ver a raiva fervendo em seus olhos. — Mas há um problema — continuei. — Fui testemunha disso. Vi o que o demônio estava fazendo, presenciei quando ele levou a alma de Julia de volta ao Submundo. Então, isso faz de mim um alvo. Está bem claro agora que

o que quer que o demônio Superior estava planejando com o ritual é importante. Se não fosse, ele não teria enviado demônios inferiores para me matar esta noite.

Faris arqueou uma sobrancelha.

— Para que precisa de mim?

— Ouviu falar de algum demônio Superior coletando almas humanas recentemente? — perguntei.

— Eu perguntei por aí — ele respondeu —, mas receio que não tenho a informação que você quer. Não há nada fora do normal. O esquema de coleta de almas humanas não é incomum no Submundo. Há um mercado enorme que gira em torno disso. É assim que a maioria dos demônios ganha a vida. Eles negociam. Vendem. É um grande negócio.

Eu me senti enjoada.

— É perturbador.

O demônio deu de ombros.

— Talvez, mas não fui eu que fiz as regras e também não negocio almas humanas.

— Devemos acreditar nisso? — Kyllian cruzou os braços sobre o peito.

O olhar do demônio se moveu para o anjo e, depois, voltou para mim.

— No momento, existem centenas de demônios coletando almas, talvez milhares. Seria impossível para mim encontrar o que você quer. Não sem mais informações.

— Mas este é diferente — insisti. — Não acho que ele queira trocar as almas. Acho que estava usando-as no ritual de alguma forma. Talvez ele ainda precise delas.

Faris pensou a respeito por um momento.

— Sim. Entendo o que quer dizer. Vou ter que fazer algumas perguntas. Posso ir? — Ele me deu o que provavelmente considerava seu sorriso erótico.

— Ainda não.

Não era o suficiente apenas saber que um demônio Superior estava roubando almas humanas. Eu tinha que descobrir para que servia o ritual e por qual motivo ele havia escolhido aqueles humanos em particular. Precisava encontrar a conexão.

— Três outros corpos foram encontrados com traços *sobrenaturais* semelhantes recentemente, assim como os de Julia — informei a eles, vendo a atenção do meu avô se voltar para mim. — Duas mulheres na casa dos cinquenta e um jovem. Eu preciso da sua ajuda. Preciso que investigue e veja se as marcações correspondem às de Julia. Se nos separarmos, será mais rápido. Preciso de nomes e de endereços, qualquer coisa que possa nos ajudar a fazer uma conexão.

— Onde estão os corpos agora? — Kyllian se inclinou para frente, fazendo com que o luar que entrava pela janela da cozinha iluminasse seu rosto.

— O corpo do jovem está em um necrotério em algum lugar do Queens — respondi. — Eles encontraram uma das mulheres no Brooklyn e a outra aqui, em Nova York.

— Vou ficar no Queens — o anjo disse, e eu sorri para ele.

Era bom vê-lo alerta e não com uma garrafa na mão. Voltei minha atenção para o demônio.

— Faris? Você está dentro? Sua ajuda seria muito bem-vinda. Como falei, se eu for morta...

— Tá bom, tá bom. — Ele revirou os olhos. — Com você morta, não terei mais passes livres — o demônio disse, dispensando o resto do que eu iria dizer. — Vou verificar

a mulher no Brooklyn. Na verdade, tenho uma amiga especial lá, então talvez o passeio não seja um desperdício total. — Ele franziu a testa. — Mas é isso. Sem mais favores, entendido?

Dei um sorriso tenso e sua careta se aprofundou. Eu não pretendia concordar.

— Tudo bem — Kyllian disse, verificando seu cinturão. — Nós podemos nos encontrar no *pub*...

— Não — eu praticamente rosnei a palavra. — Acho melhor que nos encontremos aqui.

Os lábios do anjo se separaram como se estivesse prestes a protestar. Seu olhar estava fixo no meu.

— Tudo bem. — Ele se afastou sem dizer outra palavra, embora seu rosto estivesse sombrio.

A porta da frente abriu e fechou, informando-me que Kyllian tinha saído de casa.

— Vejo você mais tarde, Sammy, querida — Faris ronronou, seguindo para corredor. Seu quimono esvoaçava atrás dele. — Quando retornar, estarei esperando algo em troca das minhas informações.

Acho que não, amigo.

Pensei em mencionar que ele estava prestes a sair de quimono, sem nada por baixo. Contudo, lembrei que ele era um demônio, portanto, sabia o que estava fazendo. Sorri ao pensar em Vera sendo agraciada com uma visão frontal completa do sujeito.

— Nunca pensei que veria o dia em que um anjo e um demônio trabalhariam juntos — meu avô disse, parando ao meu lado. — E ambos trabalhando para minha neta. Nem sei o que dizer.

Sim, ambos tinham concordado em trabalhar comigo. Minha vida era tão estranha.

— Não fique animado demais — falei, sentindo o princípio do que com certeza seria uma enxaqueca gigante. — Vou precisar de toda a ajuda que puder receber para resolver este caso.

E olha que isso era um eufemismo. Havia tantas perguntas ainda sem resposta. Eram muitas incógnitas. O que Julia tinha em comum com as outras vítimas de assassinato? Qual era a ligação entre elas? Sequer havia uma? Acima de tudo, o que eu mais desejava saber era o nome daquele demônio Superior desgraçado que enviara os cães infernais para me matar.

Havia um total de quatro necrotérios em Manhattan, todos com prédios semelhantes e funcionários noturnos, o que tornava muito fácil usar o mesmo sigilo de glamour sobre eles. Ainda assim, os três primeiros necrotérios não tinham dado em nada e, quando finalmente cheguei ao último, já era uma da manhã.

Eu estava cansada, com fome, e com raiva. Com raiva porque havia um demônio Superior na minha cidade, caçando humanos inocentes, e ele tinha enviado seus capangas para tentar me matar. Inaceitável! Ninguém tentava me matar na minha própria casa. Era o único local onde eu já tinha me sentido segura.

Agora, os demônios tinham tirado isso de mim.

Desgraçados.

Pior, Poe não havia aparecido. Eu estava começando a ficar preocupada. E se Vera tivesse capturado ele? E se a ave estivesse fervendo em seu caldeirão neste exato momento para, mais tarde, ser servido como Cozido de Poe?

Soltei um suspiro exasperado. Aquele pássaro ainda ia me dar uma úlcera.

Apertei a campainha na parede, a porta de vidro fez um zumbido e eu a abri.

As pessoas pensam que os necrotérios da cidade de Nova York estão todos cheios de vítimas de homicídios, mas a maioria dos corpos são de vítimas de ataques cardíacos, acidentes de construção, acidentes de moto e algumas pobres almas que precisavam ter feito mais exames. Todos ficavam ali, calmos como crianças adormecidas, empilhados em prateleiras dentro dos refrigeradores, esperando sua vez de ficar sob a faca.

Eu tinha colado meu cartão de sigilo de glamour com fita adesiva (pois é, não tinha tempo para ser chique) na frente da minha jaqueta. Os sigilos de glamour funcionavam em um nível consciente, projetando o que as pessoas já estavam acostumadas a ver em seu ambiente, como outro guarda ou colega de trabalho. Passei por alguns guardas noturnos e o encantamento, bem, funcionou como mágica, literalmente. Eles mal olhavam na minha direção. Para os humanos, eu era um de seus conhecidos, não uma bruxa invasora.

Este necrotério era quase uma versão idêntica dos outros três que eu tinha visitado. Possuía paredes brancas sem graça com azulejos brancos sem graça para combinar, era frio, artificialmente limpo e completamente iluminado com luzes fluorescentes.

O segurança noturno na recepção mal me olhara quando passei por ele, seguindo em direção aos elevadores. Depois de descer um andar e de sair do elevador, entrei em um porão frio e empurrei a porta com um quadrado de vidro fosco em que estava escrito “NECROTÉRIO” em grandes letras pretas.

Era como entrar em uma geladeira do tamanho de um ser humano. O frio me atingiu, e minha pele explodiu em arrepios. Se a temperatura caísse ainda mais, *eu* me tornaria um picolé de bruxa. O ar tinha o cheiro ácido de produtos de limpeza que sobrepunha o odor adocicado de decomposição. Luz branca emanava das lâmpadas fluorescentes acima de mim.

Com o coração batendo forte em meu peito, examinei a sala. Gavetas de metal alinhavam-se na parede oposta como cofres em um banco, embora fossem muito maiores do que estes. Uma mesa de autópsia de aço inoxidável estava no meio da sala. Um lençol

branco cobria um corpo. Ao lado, via-se um suporte de metal com uma balança para pesar órgãos. Um carrinho médico, com uma variedade de dispositivos e ferramentas médicas que pareciam pertencer a um filme de terror, estava próximo da mesa de autópsia.

Movendo-me rápido, fui até a mesa de autópsia e puxei o lençol.

A expressão vazia de Julia olhou para mim.

Merda. Fiquei ali como uma idiota com a boca aberta, sentindo a culpa me corroer. Nuvens de arrependimento pairaram sobre mim até que senti como se uma corda estivesse apertando minhas entranhas e me cortando por dentro.

— Julia, eu sinto muito — suspirei, olhando para seu rosto agora pálido e acinzentado, seus olhos fundos e seus lábios sem cor.

Odiava que seus olhos estivessem abertos. Eles estavam sem vida, mas, por alguma estranha razão, pareciam estar olhando *para* mim. Era quase como se estivessem me acusando.

Sinistro.

Eu já tinha visto minha cota de cadáveres na minha linha de trabalho, contudo, só hoje, já tinha visto o suficiente para durar um mês inteiro. A visão de todos aqueles corpos tinham deixado um gosto amargo na minha boca. Eram cadáveres suficientes para uma noite só.

A incisão em Y da autópsia estava fechada, mas o trabalho tinha sido malfeito. Suas linhas eram imprecisas. Os pontos pareciam irregulares e grotescamente grandes, como se tivessem sido feitos por uma criança de cinco anos. A cabeça de Julia estava um pouco inclinada para o lado. Havia uma ponta irregular no pescoço que não deveria estar lá. A causa da morte era visível: pescoço quebrado.

Soltei as laterais da mesa quando percebi que as estava segurando.

— Vou encontrar seu assassino, Julia. Juro pelo caldeirão.

A memória de sua alma fantasmagórica, assustada e confusa, atingiu-me com força. Havia uma maneira de salvar sua alma? Eu não fazia ideia. Era outra pergunta para adicionar à minha lista.

Depois de cobrir Julia com o lençol, fui para o fundo da sala, agarrei uma das maçanetas de metal da geladeira e puxei. Ela rolou para fora. Era um homem. Empurrei de volta e abri a próxima. Outro homem, este era negro e, a julgar pelas dobras em seu rosto e seus cabelos grisalhos, tinha mais de setenta anos.

Olhei para a parede cheia de gavetas. Havia pelo menos mais nove.

— Que ótimo.

Frustrada, aproximei-me, estendi a mão e abri a próxima. Meu cartão com o sigilo do glamour ficou preso no canto da gaveta, descolou da minha jaqueta e caiu no chão de ladrilhos brancos. Mal prestei atenção porque, dessa vez, o corpo que puxei era feminino.

A adrenalina subiu. Eu me movi para o lado para dar uma boa olhada em seu rosto. Sim. Ela estava na casa dos cinquenta, contudo, pela flacidez de suas bochechas e pela quantidade de manchas de idade e danos causados pelo sol, parecia estar mais perto dos sessenta. Caucasiona, cabelos castanhos claros. Seus olhos estavam fechados, graças ao caldeirão. Eu não conseguia ver uma causa de morte aparente. Seu pescoço parecia estar intacto.

Estendi a mão, agarrei seu pulso e o torci.

Ali, assim como em Julia, havia um sol esculpido com um triângulo no meio. Soltei seu braço, fui para o outro lado e verifiquei seu pulso esquerdo. Outro sol esculpido me encarou. Então, a mulher também os tinha. Mas por quê? Por que ela e Julia tinham sido escolhidas? E o que tudo isso significava?

Peguei a etiqueta de papelão presa ao dedão do pé dela. Susan Young. Poderia haver uma relação com Julia Martinez? Não parecia provável. Essa coisa toda não fazia o menor sentido. Sim, eu queria ver se as vítimas tinham o mesmo sol esculpido em seus pulsos. Contudo, agora que descobrira a resposta, o devia fazer a seguir? Se não eram parentes, qual era a conexão que tinham uma com a outra? Por que o demônio Superior as matara?

— Você de novo — uma voz disse de trás de mim.

Levei um susto. Então, virei-me, sentindo meu coração na garganta enquanto acessava minha energia interior e canalizava o poder dos meus anéis. Meus lábios se moviam em uma maldição sombria. No momento seguinte, franzi a testa.

O nascido-anjo, o mesmo agente insuportavelmente mal-educado com o qual me deparara algum tempo atrás, estava parado na porta com um olhar surpreso em seu rosto.

Merda. Meus olhos foram para o meu cartão de glamour, que encontrava-se no chão entre nós. *Muito bom, Samantha. Agora, o lindo nascido-anjo sabe que você está aqui.*

Mantive meu rosto sem expressão.

— O que está fazendo aqui? Está me seguindo?

O nascido-anjo franziu o rosto, fazendo uma expressão azeda. Era como se a ideia de seguir alguém como eu pudesse lhe passar uma DST. Ele atravessou a sala e parou ao meu lado. Quer dizer, ao lado da pobre Susan. Ainda assim, muito, muito perto de mim. Tão perto que eu pude sentir o almíscar de sua loção pós-barba e de seu sabonete. Consegui até ver o quanto seu lábio inferior era mais cheio do que o superior, que, por sinal, já era bem carnudo. Sua boca parecia especialmente perfeita para morder.

— Eu deveria estar perguntando a mesma coisa. — Sua irritação era palpável. *Nossa*, como ele era divertido. Seus olhos se moveram sobre o corpo enquanto uma tensão silenciosa surgia entre nós. — Já sabíamos sobre a Sra. Young — falou. — Eu disse que havia mais corpos.

Nós? Tá certo, espertinho.

— Eu precisava verificar por mim mesma. Não conheço você. Poderia estar mentindo. — Precisava ver como meus olhos e ver se realmente havia marcas nos pulsos das outras vítimas. Coloquei minhas mãos em meus quadris. — Então, por que está aqui?

O nascido-anjo me deu um olhar severo. Se eu fosse uma mulher mais assustada, poderia ter fugido. Graças ao caldeirão que eu era uma bruxa durona. Correspondi ao seu olhar, fitando-o na mesma moeda. Ele desviou os olhos primeiro. A-há, venci.

O sujeito se virou, caminhou até a mesa onde Julia estava e puxou o lençol branco, expondo seu corpo nu.

— Ei! Que diabos está fazendo?

Eu estava ao lado dele em um flash, pensando em novas maneiras de enfeitiçá-lo. Um par de verrugas em seu rosto bonito faria maravilhas para estragar sua pele imaculada. Não sabia por que, mas me sentia protetora em relação à garota, o que, conseqüentemente, incluía seu cadáver. Ela sofrera o suficiente na vida e, agora, seu corpo estava tendo que

lidar com cortes e com perfurações. Era o suficiente. Eu não queria os dedos do nascido-anjo encostando nela.

Ele olhou para mim como se eu tivesse enlouquecido.

— Não se preocupe. Ela está morta.

— Não brinca, espertão. — Eu o empurrei com meu ombro e puxei o lençol sobre ela até as axilas. Fitando-o, disse — Descubra-a assim de novo e vai se engasgar com seu próprio sangue.

Fiquei surpresa por ele não ter me espetado com sua lâmina da alma ali mesmo. Afinal, eu tinha acabado de tocá-lo *fisicamente*.

Um lampejo de irritação cruzou seu rosto. O cara olhou para mim por um momento, franzindo a testa.

— Por que ainda está trabalhando no caso dela?

— Por que você ainda está respirando?

Sua mandíbula endureceu. Seus olhos castanhos ficaram semicerrados ao tentar forçar a tensão para fora de si mesmo. Deus, como eu gostava de provocá-lo. Por que será que me sentia assim?

O nascido-anjo soltou um suspiro. Seus olhos focaram em Julia.

— Estou aqui porque precisava de informações sobre a última morte e me certificar de que ela não voltará como um fantasma, ou seja, para garantir que a menina permaneça morta. Assim, poderei fechar o arquivo. — Ele voltou seu olhar para mim, pousando-o em minhas luvas. Resisti à vontade de colocar as mãos atrás das costas. — Acabei de lhe dar uma resposta — informou. — Agora, é sua vez. Por que está aqui? — perguntou novamente.

É sério?

— Não preciso dizer um pio. Não trabalho para os nascidos-anjos. E você não me falou nada que eu já não tivesse descoberto sem sua ajuda. Muito obrigada.

— Fui eu que lhe contei que havia mais corpos.

Franzi a testa com o tom em sua voz. Era como se o sujeito esperasse que eu lhe dissesse tudo o que tinha descoberto só porque ele tinha feito menção aos *corpos*. Dei um passo para trás, encarando-o.

— Certo. Como se isso tivesse ajudado.

— Você está aqui, não está?

Cruzei os braços.

— Por conta das minhas extraordinárias habilidades investigativas. Não por sua causa. — *Obrigada, Alex.* — Pelo que me lembro, você não gosta de compartilhar informações.

— Talvez.

Meu temperamento explodiu.

— Olha, seja qual for o demônio Superior que você está procurando, ele tentou me matar esta noite. Então, sim, também o quero morto. Agora que sabe disso, talvez possa fazer a coisa certa e compartilhar as informações de que preciso.

O nascido-anjo pareceu levemente surpreso.

— O demônio Superior tentou matá-la? Tem certeza?

— Sim, eu tenho certeza. — Suspirei. — Demônios inferiores simplesmente não aparecem do nada em sua própria casa para atacá-lo. Eles não têm alvos específicos.

Apenas reagem ao que encontram pela frente. Foi o demônio Superior que os enviou para minha casa. Ele me quer morta.

O sujeito me observou por mais um segundo.

— Sabe o que são essas marcas? — perguntou, apontando para o pulso de Julia, e os músculos do braço dele se flexionaram. Não que eu estivesse reparando.

Apertei os lábios, sentindo-me como uma criança birrenta, embora não planejasse dizer nada a ele.

O nascido-anjo me olhava de forma questionável.

— Você se importava com ela? — indagou.

— Eu *ainda* me importo com ela — rebati.

Eu me importava com a alma dela. Naquele momento, jurei que o enfeitiçaria. Não importava que ele fosse tão bonito. Eu poderia mudar isso em um minuto.

Ficamos em silêncio por mais algum tempo. Então, ele perguntou:

— Você falou com os pais dela?

Fiquei surpresa com a mudança repentina e o tom gentil em sua voz. Soltei o ar em uma respiração profunda.

— Sim, e não quero falar sobre isso.

Minha garganta se fechou. Droga. Eu ainda podia ouvir o choro de cortar o coração da Sra. Martinez quando liguei para ela naquela noite, logo depois de fazer uma ligação anônima para o 911. Com meus ouvidos zumbindo após escutar o grito da mãe de Julia, eu tinha desmoronado. Não pude evitar. Ela tinha acabado de perder sua única filha quando a menina não passava de uma criança. Eu nunca mais queria ter que fazer isso, bem como não desejava que nenhuma outra mãe perdesse um filho ou que qualquer outra vida inocente fosse levada por um demônio Superior assassino.

Voltei a fitar o rosto de Julia. Com olhos ardendo, senti meu coração dar uma guinada no meu peito. O que eu ainda estava fazendo aqui? Precisava chegar em casa antes que Kyllian e Faris voltassem.

— Foi ótimo conversar com você e tudo mais. Sério — adicionei, piscando rápido. — Muito informativo. Tenho que ir.

Virei-me para sair e peguei meu sigilo de glamour do chão. Não queria que caísse em mãos erradas, ou seja, nas mãos de um humano estúpido que achava que podia brincar com magia.

— Ele não vai parar — a voz do nascido-anjo afirmou atrás de mim.

Eu me virei.

— Ele? — Meu coração batia como se estivesse lutando com meus pulmões. — Você sabe quem o demônio é, não sabe? Qual é o nome dele? Diga.

O nascido-anjo voltou seu olhar para o corpo de Julia, perdido em pensamentos por um momento.

— Achei que pudesse pegá-lo, que tinha o suficiente para continuar. Mas não, fui um idiota. Sei disso agora. Sei que preciso de mais para poder derrotá-lo.

— Qual é o nome dele? — perguntei novamente, sentindo meu pulso se acelerar. — Se você não me disser...

A raiva brilhou em seu rosto.

— Vai fazer o quê? Lançar um feitiço em mim? Você sabe que é contra suas leis enfeitiçar uma pessoa inocente.

Eu tremi com minha própria raiva.

— Nunca me importei com nossas leis.

E se você não me contar, eu vou fazer com que faça. Isso é uma promessa, lindinho.

Ele respirou fundo, franziu a testa e se endireitou.

— Talvez nós possamos ajudar um ao outro.

Forcei uma risada.

— Então, agora, você quer ficar de bem? — indaguei com uma careta. — Acho que não.

— Não? — o cara disse com os olhos arregalados e uma expressão rígida de descrença. — Você vai deixar esse demônio matar mais inocentes? Ainda não percebeu? Ele não vai parar. É só uma questão de tempo até encontrar outra Julia e matá-la. É isso o que quer?

— Não se atreva a colocar a culpa em mim.

Meu sangue fervia. Minha voz estava subindo com o meu temperamento, mas eu não me importava. Otário.

Ele suspirou e balançou a cabeça.

— Eu só quero encontrar o demônio. Assim como você, pelo que parece. Afinal, por que mais estaria aqui? Você quer matá-lo, exatamente como eu. Não posso derrotá-lo sozinho, mas, juntos — seus olhos brilharam —, podemos ter uma chance.

Tá, fazia sentido. Este não era um caso normal de possessão demoníaca. Tratava-se de um demônio Superior poderoso, e eu precisava de toda a ajuda que conseguisse. Contudo, eu trabalhava sozinha. Nunca me unia a ninguém, quer dizer, a não ser Poe. E pedir a Faris e alguns outros demônios que eu convocava para me ajudar também não contava. Eles eram mais informantes do que parceiros.

Ele estava olhando para minhas luvas novamente.

— Seu conselho sabe o que você está oferecendo? — perguntei, já que nunca tinha ouvido falar de nascidos-anjos trabalhando com bruxas antes, ainda mais uma das Trevas.

Se os nascidos-anjos tivessem que pedir ajuda a outros mestiços, geralmente iam até o Conselho Cinzento, que consistia em um membro de cada corte mestiça (vampiros, fadas, lobisomens e bruxas) e incluía os líderes de sua própria raça. A instituição fora criada após séculos de conflito entre os mestiços e os nascidos-anjos. Todas as raças sobrenaturais tinham permissão para viver no mundo mortal e governar a si mesmas se seguissem uma regra estrita: nunca machucar um humano.

O nascido-anjo me deu um sorriso, e eu tive que olhar duas vezes, sem deixar de notar como aquele simples gesto era capaz de transformar seu rosto em algo ainda mais bonito. Uau.

— Eles não precisam saber — ele disse, aproximando-se. — Recebi carta branca para matar esse demônio. Se isso significa que posso pedir ajuda de uma fonte improvável, então, vou pedir.

Pressionei os lábios. Ele era meio rebelde, este era uma traço que eu gostava.

— Tudo bem — falei, surpreendendo a mim mesma. *Que merda eu estou fazendo?* — Vou lhe dizer o que sei, mas, primeiro, quero o nome dele.

Para que eu possa memorizá-lo e depois botar fogo em sua bunda de demônio.

O nascido-anjo esperou até ter minha total atenção, como se quisesse aumentar o efeito do nome que estava prestes a proferir, e disse:

— Vargal.

Vargal, repeti. Nunca tinha ouvido falar nesse nome antes. Ou o demônio Superior era antigo, ou pior, era muito, muito poderoso. Provavelmente, ambos.

Olhei para Julia. Talvez, com o nome dele, eu pudesse recuperar sua alma de alguma forma. Faris dissera que os demônios adoravam negociar. Agora que eu conhecia seu nome verdadeiro, talvez pudesse negociar a alma dela. Valia a pena tentar.

Eu torci meu nariz.

— Como eu sei que é realmente o nome dele e não um que você acabou de inventar? O demônio com certeza não lhe deu seu de bandeja. Isso o tornaria fraco e burro, e duvido seriamente que ele seja qualquer um dos dois.

— Não foi ele que me contou — o nascido-anjo falou com um sorriso presunçoso no rosto. — Ouvi outro demônio o chamando logo antes de eu cortar sua cabeça. É o nome dele, sem dúvida.

Tá. Faz sentido. *Vargal*, estou indo atrás de você, seu desgraçado.

O sujeito cruzou os braços sobre o peito em um gesto casual. Eu não pude deixar de olhar para os músculos salientes sob sua camisa.

— Então, o que me diz sobre as marcas nos pulsos dela? Os símbolos? As letras estranhas? — ele perguntou novamente. — Tenho certeza de que sabe algo sobre isso.

— São da Mesopotâmia — informei, observando suas sobrancelhas subirem. — Ainda não decifrei todo o texto, mas o sol esculpido em seus pulsos faz parte de algum ritual. — Citando o que minha tia dissera, acrescentei — Um para invocar algo poderoso que trará morte e destruição sobre o mundo, reivindicando a Terra como sua.

— Então, essas pessoas estão sendo mortas como algum tipo de oferenda? — o nascido-anjo indagou e seu rosto se contorceu em dúvida.

— É o que estou pensando. — Passei a língua pelos lábios. — Existe uma conexão entre as vítimas?

Ele balançou a cabeça.

— Não sei. Não consegui conectá-los. Até onde eu sei, são todos humanos. Infelizmente, isso é tudo o que tenho.

— Não é o suficiente.

Droga. O que os tornava especiais para esse tal de Vargal? O nascido-anjo estava me encarando como se estivesse prestes a me perguntar algo, mas não parecia saber como.

— O que foi?

— Você pode rastreá-lo? — ele perguntou em um tom suave e uniforme. — Isto é, agora que tem o nome, o verdadeiro nome dele. — O sujeito hesitou por um segundo. — Sei que as bruxas das Trevas são habilidosas com feitiços de rastreamento.

— Ah, você sabe? — Droga. Quem era esse cara? — Sim — confessei, querendo dar um chute em mim mesma por não ter pensado nisso primeiro. Coloquei toda a culpa pela minha distração em seu rosto bonito e seu belo traseiro.

Rastrear o demônio Superior com seu nome verdadeiro era muito melhor do que tentar convocá-lo. O problema de invocar demônios Superiores era que nem sempre funcionava

e, quando isto acontecia, o invocador geralmente morria. Demônios Superiores tinham classes diferentes. Alguns eram poderosos demais para caber na classe de demônios invocados. Às vezes, eles eram tão poderosos que a convocação necessitava de duas bruxas e, mesmo assim, nem sempre funcionava.

Era por isso que rastrear Vargal fazia muito mais sentido.

— Nós o rastreamos e depois o matamos — ele disse de repente com um brilho perigoso em seus olhos.

— Como é?

— Você acabou de dizer que consegue fazer isso. — O nascido-anjo me observava intensamente. — Ou talvez não consiga. Talvez você não tenha a habilidade necessária.

Eu cheguei bem perto dele.

— Olha só, eu tenho a habilidade, camarada. Contudo, não posso rastreá-lo apenas com um nome. Não é tão simples assim. Preciso de algo tangível. Algo ligado a ele ou dele. Como uma peça de roupa ou, melhor ainda, sangue.

O nascido-anjo passou a mão pelo cabelo.

— Isso nós não temos.

— Não. — Meus olhos se voltaram para Julia, e meu coração deu um pulso. — Mas talvez não precisemos.

Meu pulso pulava em minhas veias ao me inclinar sobre a garota morta. Da minha bolsa, puxei uma tesoura em miniatura e cortei uma mecha de seu cabelo.

— Não é o sangue do demônio — falei enquanto colocava minha tesoura de volta na bolsa e tirava um pedaço de papel, onde guardei o cabelo da menina, dobrei com cuidado e coloquei de volta na bolsa. — Mas aposto que ainda há uma impressão demoníaca aqui.

Seus olhos se estreitaram.

— Uma o quê?

— Uma impressão demoníaca, é como uma pequena parte da aura dele. Demônios podem deixar uma impressão na alma das pessoas, porém, aposto que ela passa primeiro pelo corpo mortal, deixando sua marca lá também. O que significa...

— Que Julia ainda pode ter um pouco dentro de si — ele completou com uma expressão pensativa.

— Exatamente — respondi, feliz pelo nascido-anjo estar usando o nome verdadeiro dela agora. — Seu sangue foi exposto a produtos químicos, mas seu cabelo deve estar intocado.

Ele olhou para mim. Seu rosto demonstrava admiração. Eu quase sorri.

— Como sabe tudo isso?

— Eu sou um gênio — respondi. — Demônios são minha especialidade.

Tinha sido assim durante a maior parte da minha vida.

— Vamos rastreá-lo agora — o nascido-anjo propôs com as mãos nos quadris e uma determinação sombria em seu rosto.

— Agora? — falei, incrédula. — Pode esquecer. Estou cansada. Com fome. Sem mencionar que um feitiço de rastreamento leva um tempo para ser preparado. É alta magia. Coisas difíceis e complexas. Preciso me concentrar, e não consigo fazer isso quando estou cansada e com fome. Todos os tipos de coisas podem dar errado. E acredite em mim, você não vai querer que isso aconteça.

Seu rosto se enrugou. Por um minuto, pensei que o sujeito ia discutir comigo.

— Amanhã à noite? — ele perguntou e algo brilhou atrás de seus olhos; algo que eu não consegui identificar.

Deus, como acabei entrando nessa confusão?

— Amanhã à noite.

— Na sua casa?

Não havia um lugar melhor para realizar um feitiço de rastreamento.

— Na minha casa.

Por que essas palavras ficaram soaram tão estranhas saindo dos meus lábios?

O nascido-anjo piscou lentamente, suas feições se suavizando, e um sorriso real curvou seu rosto.

— *Encontro* você lá — falou, virando-se e indo em direção à porta.

Meu queixo caiu.

— Espera aí. Você nem sabe onde eu moro.

— Meu nome é Logan — o cara informou por cima do ombro. — E eu sei onde você mora. É um prazer conhecê-la, Samantha.

Com isso, Logan, o nascido-anjo, desapareceu pelas portas, deixando-me para trás, apenas assistindo ele ir embora. Ah, e se você estava se perguntando: sim, ele realmente tinha uma bunda incrível. Não pude deixar de verificar.

Havia algo de errado. Eu nunca tinha dito meu nome a ele. Então, como é que Logan sabia? E quem foi que contou para ele onde eu morava?

Desta vez, eu tinha me colocado em uma situação difícil de verdade. E eu não estava falando sobre o dia em que meu *jeans skinny* tinha ficado preso na metade das minhas coxas, obrigando-me a cortar tudo antes que perdesse todo o fluxo de sangue nas minhas pernas. Estava falando de confusão de verdade. O tipo que tem um rosto tão lindo que você não consegue deixar de babar e um traseiro perfeito.

Um nascido-anjo viria à minha casa em poucas horas. À minha casa. E respiraria o meu ar.

Os nascidos-anjos não só eram uma coisa rara no *Mystic Quarter* – e ainda mais rara na *Witches Row* – como também não eram populares ou apreciados entre os mestiços. O fato de que eles tinham essência de anjo e nós tínhamos essência de demônio desempenhava um papel importante nessa equação. A luz e a escuridão nem sempre se davam bem, bem como nem sempre se respeitavam.

O fato de ele ser tão gostoso não era o que me deixava animada e incomodada. Tá, talvez fosse um pouco. De qualquer forma, a questão era que ele tinha praticamente se convidado. Logan provavelmente usara a palavra ‘encontro’ só para mexer comigo. Ele sabia meu nome e onde eu morava. O sonso tinha pesquisado sobre mim. Isso, por si só, já fazia com que ele merecesse receber alguns feitiços sombrios. Eu poderia até lançar um para ele careca, porque o cara era irritante e seu cabelo era perfeito demais.

O pior era que eu, a idiota, concordara com a proposta.

Os únicos homens que já tinham pisado na minha casa eram meu avô, Faris e Kyllian, o que não contava, já que, tecnicamente eles não eram homens de verdade. Bem, não homens *mortais*.

Ainda assim, Logan tinha me dito o nome do demônio Superior e, sem ele, eu não seria capaz de conjurar o feitiço de rastreamento para que pudéssemos finalmente derrotar aquela entidade desgraçada antes que ela matasse mais alguém. Sem o nome dela, eu não tinha nada.

Felizmente, eu poderia testemunhar a expressão no rosto de Vera quando ela visse Logan subindo os degraus da escada da frente. Esta noite, eu não me preocuparia com qual seria a reação da comunidade de bruxas por ter nascido-anjo em nosso meio. Afinal, tinha um demônio Superior para encontrar.

— Você precisa atualizar seu armário de bebidas, Sammy, querida — Faris comentou enquanto atravessava a sala com uma bebida na mão. Ele se acomodou na cadeira de frente para mim, ao lado da minha mesa de trabalho no terceiro andar. — Tem álcool ruim e tem álcool pior ainda. — O demônio ergueu o copo em minha direção. — Isso aqui parece uma mistura dos dois.

Bufei.

— Não há nada que eu possa fazer sobre isso agora.

Seus olhos escuros se fixaram em mim.

— Você poderia me deixar sair da sua casa. Eu podia ir tomar uma bebida decente nesta nova boate que acabou de abrir na *West 47th Street*.

— Não. Preciso de você aqui. Por precaução.

Se alguém tivesse me dito cinco anos atrás que eu teria um demônio intermediário a meu serviço, ou que o manteria por perto por precaução, eu teria chamado a pessoa de maluca. Contudo, aqui estávamos nós.

— Fizemos um acordo, Faris — afirmei e coloquei minhas mãos sobre a mesa, olhando para ele. — Você ganha outra noite de liberdade na cidade *depois* que eu realizar com sucesso o feitiço de rastreamento. É como você disse, este é um demônio Superior muito poderoso, e o seu trabalho é garantir que eu não estrague tudo.

Ele tomou um gole de sua bebida antes de falar:

— Tudo o que você quiser, *mestre*.

Revirei os olhos.

— Não me faça colocá-lo de volta no seu triângulo, Faris. Você sabe que eu faria isso.

— Não me faça colocá-lo de volta no seu triângulo, Faris — o demônio repetiu, imitando minha voz com uma perfeição assustadora.

Eu não estava com paciência para drama naquele momento. Minha pressão já estava nas alturas. Na noite anterior, tanto Kyllian quanto Faris, fiéis às suas palavras, tinham retornado para minha casa com a informação eu já suspeitava: as outras vítimas tinham o mesmo símbolo do sol esculpido em seus pulsos. Faris me mostrara as fotos que tirara com o celular. Sim, alguns demônios intermediários tinham celulares. Contudo, o que mais me surpreendera quando ele voltara fora vê-lo vestindo exatamente as mesmas roupas que Kyllian, com o mesmo cinturão e até com o mesmo rosto e corpo. Eu tinha que admitir que aquele demônio tinha senso de humor.

Kyllian, no entanto, não ficara impressionado com as habilidades de sócia de Faris. Foram necessárias muitas palavras tranquilizadoras e chantagens envolvendo cerveja para fazê-lo deixar para lá. Após beber a bebida, o anjo fora embora. Faris, no entanto, fizera um pedido específico antes de deixar de lado o glamour de sócia de Kyllian.

— Eu não diria não a um bom mergulho em um caldeirão quente. Naquele ali cabem duas pessoas, é muito aconchegante.

Ele só voltara ao seu verdadeiro eu depois que ameacei nunca mais deixá-lo ter outra de suas noites de liberdade.

Naquele momento, um corvo mergulhou pela janela aberta do último andar com uma corrente de prata pendurada em seu bico. Ele voou para seu ninho de tesouros, largou o objeto e, depois, mergulhou de volta, pousando na minha mesa.

Eu levantei uma sobrancelha.

— Será que eu quero saber?

O corvo eriçou suas penas e balançou a cabeça.

— Não.

Franzi a testa para a alegria em seu tom. Maldito pássaro. Era o colar de Vera. Eu poderia jurar pelo caldeirão. Ter Poe como meu familiar era como ter um adolescente incontrolável sob minha responsabilidade. Eu nunca sabia o que a ave estava aprontando.

— Onde está o velho? — Faris perguntou, agitando o conteúdo de sua bebida.

— Não faço ideia — respondi, notando um lampejo de aborrecimento transparecer em minha voz. — Ele se levantou e desapareceu hoje de manhã sem dizer uma palavra.

Provavelmente estava dividindo a cama com aquela viúva novamente.

— E a bruxa velha descobriu o que o ritual diz? — o demônio perguntou.

Ele cruzou as pernas na altura do joelho. Estava sem camisa, vestindo apenas um par de calças de couro pretas, um chapéu de *cowboy* e chinelos. Eu me perguntei se este era o seu verdadeiro eu, sua aparência real, ou se era apenas mais um glamour. Talvez Faris tivesse a pele bem vermelha e chifres pretos gigantes no topo de sua cabeça. Talvez até um rabo. Não me surpreenderia.

— Ainda não. Fui vê-la hoje à tarde. Ela disse que provavelmente estará tudo pronto até amanhã.

Peguei uma pequena adaga e cortei o interior da palma da minha mão. Estremecendo com a dor, espremi um pouco do meu sangue em uma tigela de cerâmica. Eu precisava de um pouco do sangue da bruxa invocadora para iniciar o feitiço de rastreamento. Era o combustível para dar partida no motor da magia.

Eu tinha passado o dia todo preparando o feitiço para não correr o risco de fazer algo errado. Gastara horas submetendo os fios de cabelo de Julia a pré-feitiços e encantos de detecção de aura, como se eu estivesse adicionando uma bússola ao cabelo dela; uma que me levaria direto ao demônio Superior. Se eu falhasse, seria desastroso. Um resultado possível seria o feitiço de rastreamento simplesmente não funcionar. O outro... bem, seria algo como um alarme de carro muito alto. Isso faria com que Vargal soubesse que tentei rastreá-lo, deixando um belo rastro de resíduos que o levaria de volta para mim. Ou seja, péssimo.

Eu tinha que fazer a tentativa valer a pena. *Tinha* que funcionar. Além disso, já havia submetido o cabelo de Julia aos pré-feitiços, o que significava que o encanto não funcionaria uma segunda vez. Eu tinha uma chance. Não podia desperdiçá-la.

Meu coração disparou e minhas mãos tremeram. Meu estômago revirou como se eu estivesse em uma montanha-russa. Eu não tinha comido nada desde de manhã porque tinha a sensação de que a comida não iria permanecer no meu estômago.

Saindo de meus devaneios, joguei o cabelo de Julia na tigela. Poe fitava cada movimento meu com uma intensidade assustadora.

— *Ut sphaeram* — murmurei, conectando o cabelo ao meu sangue.

Meus olhos se arregalaram quando uma onda de energia fluiu em mim. Certo, essa parte estava feita. Agora, vinha a mais difícil. Agarrando minha tigela de cerâmica, um amuleto e giz, fui para o centro da sala para me ajoelhar e desenhar um círculo.

Poe pousou no chão ao meu lado.

— Vera não vai mais incomodá-la.

Ah. Merda. Olhei para o corvo, meu humor azedando.

— O que você fez, Poe?

— Eu? Nada — a ave afirmou e, então, sorriu. Quer dizer, os cantos de seu bico se curvaram um pouco para cima, o que eu sabia que era seu jeito de sorrir. — É só que, agora, eu sei o segredo dela.

— Que segredo? — Do que diabos ele estava falando? — Não. não quero saber. Preciso me concentrar.

Algo que já era muito difícil com um corvo olhando para mim com um sorriso no rosto.

Poe deu uma risadinha.

— Só achei que você devia saber.

Com isso, a ave decolou e voou de volta para a mesa. *Por que eu?*

Concentrando-me no meu feitiço, desenhei o sigilo de rastreamento no meio do círculo, que parecia uma meia-lua com o número seis pendente na borda.

— Então, nós ainda não temos ideia de por que Vargal matou aqueles mortais e levou suas almas? — Faris perguntou enquanto tomava um gole de sua bebida.

Notei que ele disse “nós” como se fôssemos um time de verdade. Eu não tinha certeza de como me sentia sobre isso.

— Não, mas não terá importância depois desta noite. Não depois que eu encontrar Vargal.

E matar aquele desgraçado.

— Você é uma bruxa esperta, Sam, mais esperta que a maioria, contudo, não tenho certeza se compreende a complexidade desse demônio — ele falou por cima do sangue que pulsava em meus ouvidos.

Terminei meu círculo e me inclinei para trás.

— O que quer dizer?

Faris se inclinou para frente em sua cadeira.

— O que quero dizer é o seguinte: como planeja matar Vargal? Porque esse é o plano, não é?

— Sim.

— Esse demônio é considerado extremamente poderoso no Submundo — ele disse. — Um dos Antigos. Um rei dos reis. Um feitiço de morte ou uma maldição de eliminação não vai servir.

Claro que Faris estava certo. Eu dividira meu tempo entre preparar o feitiço de rastreamento e pesquisar na coleção de livros do meu avô sobre demônios, demonologia e em sua enciclopédia sobre o Submundo. Após oito horas de pesquisa, concluí que minhas maldições de eliminação não funcionariam. Elas incapacitariam o demônio, talvez o banissem, mas não o venceriam.

Eu precisava de algo mais forte.

— Preciso da ajuda de uma arma divina — falei. Também descobrira isso em minha pesquisa. Os olhos de Faris se arregalaram em reconhecimento. — Uma lâmina da alma ou algo assim.

Se eu pudesse incapacitar o demônio por tempo suficiente, um golpe de uma lâmina da alma o mataria. Seria uma morte verdadeira.

Faris pensou por um momento. Ele tomou o último gole de sua bebida e disse:

— E você vai enfiar a lâmina nele enquanto Vargal, o Grande, fica paradinho lá, apenas esperando?

Deus, aquele demônio era irritante.

— Se for preciso. Mas vou ter ajuda esta noite.

— Certo. — Faris se recostou. — E onde está esse infame nascido-anjo sobre o qual sempre ouço falar? Tirou a noite de folga, foi?

Pressionei os lábios. Logan já deveria estar aqui. Talvez ele tivesse mudado de ideia. Não importava, eu ia levar o plano adiante, com ou sem ele.

Faris fungou alto e ajeitou o chapéu.

— Você tem uma lâmina da alma? — perguntou com sarcasmo.

— Não. — Exalei, aborrecida. — Mas eu sei onde encontrar umas se ele não aparecer. Turig, o troll, tem algumas em sua loja. São caras, mas tenho certeza de que consigo fazer um acordo com ele.

— Não será necessário.

Olhei para o local de onde a voz tinha vindo. Logan estava parado na porta. Franzi a testa. Ele gostava fazer aparições repentinas.

— Como entrou aqui? Não ouvi a campainha — perguntei, observando o nascido-anjo de cima a baixo.

Ele estava vestido de preto novamente. Pude ver pelo menos quatro lâminas embainhadas em seu cinturão, espreitando através de uma jaqueta preta de estilo militar. Logan finalizara o visual com botas de bico de aço. O sujeito estava fortemente armado, parecendo um mercenário prestes a ir em busca de seu alvo.

— A porta não estava trancada — respondeu e seus olhos se moveram, fixando-se em Faris.

— Então, você só entrou.

Foi o que imaginei. Esses nascidos-anjos pensavam que eram donos do mundo.

Logan voltou o olhar para o círculo de giz no chão.

— Estou vendo que já começou seu feitiço de rastreamento — ele disse enquanto atravessava a sala com a graça elegante de uma pantera negra.

Faris jogou o copo no chão, que surpreendentemente não quebrou, e ficou em pé. Então, parou cara a cara com Logan.

— Ora, ora, ora — o demônio ronronou. — E não é que você é um cara bonito? — Ele mostrou os dentes antes de me fitar. — Eu deveria estar com ciúmes?

Aqui vamos nós.

— Sente-se, Faris.

Logan ficou rígido enquanto o demônio andava ao seu redor muito lentamente, seus olhos passando por cada centímetro do corpo do nascido-anjo. Uma expressão de desconforto vinhou o rosto do nascido-anjo. Eu tinha certeza de que Faris estava amando ver isso. O sorriso enorme em seu rosto o delatava.

— Faris, pare de torturar meu convidado.

Convidado? O termo era apropriado, certo? Ou seria melhor parceiro? Não, parceiro nunca.

Logan contraiu a mandíbula, seus olhos se estreitando.

— Você é um demônio. Posso sentir o fedor.

— Assim como eu posso sentir o fedor de anjo em você, garotão — o outro retrucou.

O nascido-anjo não se moveu, mas seus olhos encontraram o triângulo de giz com a borda manchada a poucos metros de distância do meu círculo previamente desenhado; a lacuna que eu tinha feito com o pé para quebrar o feitiço de ligação.

Quando Logan me encarou novamente, seu rosto estava lívido.

— Eu sabia que você era uma bruxa das Trevas, mas não a considerava burra o suficiente para conviver com demônios.

Eu levantei minhas sobrancelhas.

— Ele acabou de me chamar de burra?

Faris bateu palmas e deu uns pulinhos.

— Chamou sim. Posso matar ele agora? Ah, por favor, por favorzinho.

— Não. — Fitei o nascido-anjo. — Olha. Faris é tipo um amigo. Ele está aqui como conselheiro, caso eu estrague tudo ou precise de mais orientação. Se não curte a ideia, sabe onde fica a porta.

A raiva de Logan era escura e pesada, tensa.

— Vou ficar.

— Que bom — eu exalei.

— Fala para essa coisa recuar — Logan disse em uma voz baixa e ameaçadora. — Ou vou fazer picadinho de demônio.

Faris jogou a cabeça para trás e riu.

— Eu gosto do cara. Conheço algumas demônios que *amariam* cada *pedacinho* dele. Talvez, se sobreviver esta noite, ele possa conhecê-las. — Seus olhos se arregalaram. — Claudina é de *matar*.

Soltei um grunhido frustrado.

— Agora, vocês dois calem a boca para que eu possa terminar aqui.

De repente, Faris se endireitou e estufou o peito, como se tivesse visto algo no rosto de Logan.

— Sam é minha. Ela é minha bruxa. Você não pode tê-la.

Que diabos?

— Oi? Eu não pertencço a você, Faris.

Qual era o problema com aquele demônio? Ele estava agindo como um cachorro superprotetor que não tinha recebido carinho suficiente.

— Faris — rosnei e esperei que o demônio olhasse para mim. — Sente-se, ou vou enfiar você de volta no seu triângulo, entendido?

Ele fez uma careta.

— Tá bom. — Então, tirou o chapéu e o colocou na cabeça de Logan com um pouco de força demais. — Aqui está, *cowboy*. Você é um verdadeiro John Wayne agora.

Parecendo satisfeito, o demônio voltou para sua cadeira e se jogou nela com seus olhos fixos no nascido-anjo.

A noite seria longa.

Logan tirou o chapéu de *cowboy* de sua cabeça, aproximando-se para ficar ao meu lado. Quer dizer, debruçar-se sobre mim na verdade.

Eu respirei fundo, minha frustração se transformando em raiva.

— Você se importa em se afastar um pouco? — disse. Minha voz saiu um pouco mais alta do que eu esperava. — Está me desconcentrando.

Ele não disse nada, apenas se afastou um passo, mantendo-se ainda perto demais. Eu tinha a sensação de que o nascido-anjo não iria ceder mais que isso. Pelo menos o cara não estava mais respirando no meu pescoço. Por que diabos eu tinha concordado em deixá-lo vir mesmo?

Respirei fundo novamente, acalmando minhas emoções. Coloquei a tigela de cerâmica com meu sangue e o cabelo de Julia no meio do círculo, então, peguei o amuleto.

— É isso que vai usar para rastrear Vargal? — Logan perguntou e teve a coragem de sorrir com o que viu no meu rosto.

Eu levantei minhas sobrancelhas, irritada.

— Sim. Agora, por favor, cale a boca. Estou falando sério dessa vez. Mais uma palavra — meus olhos dispararam para Faris — vinda de qualquer um de vocês, e os dois estarão na rua.

Assim que fiquei convencida de que eles tinham levado minha ameaça a sério, aproximei-me do meu círculo com minha mão direita ainda agarrada com força ao amuleto. O objeto era o receptor. Eu tinha esculpido o sigilo de recepção na parte de trás dele, como uma assinatura. O amuleto iria me ajudar a encontrar Vargal.

Ignorando as batidas do meu coração, estendi a mão esquerda e mergulhei as pontas dos dedos na tigela, tomando cuidado para não sujar minha luva.

— *Monile sanguine ligaveris* — murmurei, canalizando a energia do sigilo para mim.

Senti um puxão na minha aura enquanto chamava o poder, colocando-o em seu lugar como um interruptor de energia esperando para ser ativado. Girando a energia dentro de mim, deixei-a borbulhar por um momento enquanto extraía mais força emocional da minha fúria e do ódio que sentia por Vargal.

Com a outra mão ainda enrolada no amuleto, lancei minha energia no feitiço e gritei:

— *Dominus invenire sanguinis! Invenies eum Vargal!*

Uma onda de energia transbordou da minha aura. Minha respiração ficou presa, e a força do sigilo me inundou. Gemendo, eu a sustentei. Droga. Isso doía. Queimava, na verdade. Todos os feitiços de rastreamento queimavam. Eles pegavam um pedaço de você, da sua aura, e o tornavam deles para ajudar no encantamento. Eu permiti.

Um suspiro escapou de mim quando, ao ter a impressão de estar fluindo para fora de mim mesma, uma onda cintilante de vermelho translúcido emanou do sigilo no chão. Tremendo, assisti enquanto o feitiço girava ao redor do círculo, passando pela tigela e alcançando meus dedos. Fiquei imóvel enquanto ele continuava a se espalhar por todo o meu braço, para o outro braço e, finalmente, para o amuleto. Minha respiração se acelerou quando outra torrente de energia surgiu em mim, desta vez ainda maior e com uma força que me fez tremer. Alguns segundos depois, a energia explodiu.

E, então, eu fui jogada de bunda no chão.

Fantástico.

Agora, meu corpo inteiro doía, como se eu tivesse deitado sob um trator e o deixado rolar sobre mim algumas vezes. Era um milagre que o amuleto ainda estivesse na minha mão. Uma sombra com uma mandíbula forte e hipnotizantes olhos escuros apareceu na minha linha de visão.

— Funcionou? — Logan estava olhando para mim com expectativa e também um pouco de descrença em seus olhos.

Eu o fitei de baixo, como se fosse uma pobre incapaz, algo que eu definitivamente não era.

Levantei-me, ciente de que Faris estava me observando intensamente. Ele não se moveu de sua cadeira. Bom menino.

Virei o amuleto, deixando-o descansar na palma da minha mão, em seguida, dei um passo em direção à parte norte da sala e esperei. Nada.

Dei alguns passos para o sul. Ainda nada.

— Talvez você tenha feito errado? — Logan sugeriu.

— Talvez você devesse fechar seu bico, *cowboy*, e deixar a bruxa fazer a magia dela
— Faris avisou. Não tive que olhar para ele para saber que seu rosto tinha se fechado em uma carranca.

Eu tinha feito tudo certo. Estava certa disso. Então, por que não estava funcionando?

Merda. Agora, tinha testemunhas do meu fracasso. *Que legal, Samantha.*

Com a pulsação acelerada, virei-me e dei um passo para o oeste, em direção à janela.

Só então senti algo. O amuleto pulsou. A pulsação suave se movia em minha palma e meus dedos, e o metal do amuleto ficava cada vez mais quente. Era como se estivesse vivo, um ser com um coração próprio.

Agarrei o amuleto e me virei à medida que um sorriso lento se formava em meus lábios. Olhei para os dois e disse:

— Peguei ele. Está em algum lugar nessa direção. Aquele filho da puta provavelmente já está perseguindo sua próxima vítima e eu não vou deixar isso acontecer.

Soltei um longo suspiro, meu próprio coração batendo rápido, no ritmo do amuleto. Peguei o maldito Demônio Superior. Iria usar meu feitiço de rastreamento para encontrá-lo.

Dessa vez, eu iria matá-lo.

Nós estávamos correndo pela *West 86th Street* enquanto eu apontava o amuleto na minha frente como uma bússola. A adrenalina, misturada com uma intoxicante euforia devido à magia, só aumentava. Nova-iorquinos irritados me xingavam quando eu esbarrava neles sem parar para pedir desculpas, apenas continuando a avançar pela rua. Logan estava ao meu lado, movendo-se como um corredor experiente. Era irritante perceber sua habilidade em não trombar com nem um único humano. O nascido-anjo sabia se mexer, eu tinha que admitir. Mas eu era mais bonita.

Sim, eu podia parecer uma tonta louca aos olhos da humanidade, contudo, nada disso importava quando havia uma vida inocente em jogo. Além disso, ainda não tinha descoberto qual ritual Vargal estava realizando ou para que servia. Era por isso que a preocupação continuava a percorrer o meu corpo, deixando-me arrepiada.

Nós já estávamos rastreando o demônio Superior há cerca de uma hora. Primeiro, tínhamos tentado encontrá-lo a pé, em um ritmo lento, seguindo a direção do amuleto. E como eu era a rainha da impaciência, achei que devíamos usar o metrô local para chegar logo até ele, o que tinha dado terrivelmente errado bem rápido, pois o medalhão esfriara e parara de pulsar.

Então, só nos restara uma opção: seguir a rota a pé pelas ruas de Manhattan, desta vez, correndo.

Apressei-me em busca da minha presa, impulsionada pela raiva e pela adrenalina e determinada a pegar o demônio desgraçado antes que ele matasse mais humanos inocentes.

Eu não estava acostumada a correr por muito tempo. Sim, tinha que perseguir entidades demoníacas de vez em quando, mas eu sempre acabava as encurralando, pois, assim, podia usar um sigilo. Agora, minhas coxas protestavam com o aumento da velocidade e meus pulmões começavam a queimar. Ao passarmos pelo quarteirão seguinte, prometi a mim mesma que praticaria corrida mais vezes. Eu estava lamentavelmente fora de forma.

Lancei um olhar para Logan. Ele parecia deslizar pelas ruas. Sua respiração estava calma, como se estivesse dando um passeio. Tinha certeza de que o nascido-anjo estava fazendo isso de propósito só para me irritar.

Um corvo grasnou acima de nós. Com um olhar rápido, tive um vislumbre de Poe, que nos seguia pelos ares como um morcego gigante em um céu escuro como tinta. Ele estava vigiando de cima e me avisaria se visse qualquer coisa suspeita.

Viramos à direita na *Columbus Avenue* e seguimos para o norte. Onde estava esse tal de Vargal?

Músculos diferentes trabalhavam enquanto eu corria. Era como se estivesse trocando as marchas de um carro, acelerando cada vez mais. Meu coração batia forte, cada respiração doía e meus pulmões estavam em chamas. Quando pensei que meu peito explodiria em pedaços, o amuleto esfriou.

— Espera! — gritei e parei, sentindo meu coração batendo contra minhas costelas.

Logan se aproximou, fazendo uma careta.

— O que é?

Apertei a lateral da minha cintura para massagear a região que doía pelo esforço.

— O amuleto — ofeguei. — Esfriou. Perdi o rastro.

— Como pode ter perdido o rastro? — ele gritou. Seu rosto ficou ligeiramente vermelho e seus olhos se arregalaram.

— Não sei. — Andei para um lado e para o outro, esperando que o amuleto reagisse. — Talvez fomos rápido demais. Acho que passamos por ele.

A preocupação estava me corroendo. Merda. Isso não podia estar acontecendo, não quando eu estava tão perto. Essa era nossa única chance de encontrar Vargal. Com a mandíbula contraída, andei ao redor, retornando em seguida.

O bater de asas chamou minha atenção. Poe pousou no banco mais próximo.

— Deixa eu adivinhar. Você perdeu o rastro?

— Agora não, Poe — sibilei.

A preocupação mitigou minha raiva. Dei um passo para trás e virei o amuleto como um bastão de radiestesia em busca de água, esperando sentir a pulsação.

— Você acha que minha lâmina da alma pode matar o demônio Superior? — Logan entrou na minha linha de visão.

Eu o encarei.

— Sim. — Deus, esperava estar certa. — Suas lâminas são feitas de um metal especial forjado para matar demônios, não são?

— Sim.

— Vou imobilizá-lo. Você o espeta com sua lâmina. De preferência em seu coração.

Será que os demônios tinham corações? Eu tinha certeza de que Poe possuía um ou, ao menos, algo parecido. Assim como estava certa de que ele tinha um cérebro. Provavelmente, a ave era mais cérebro do que coração.

— Eu vou pegá-lo — Logan assegurou com uma expressão contraída cheia de determinação imprudente. — Esse desgraçado é meu.

Assim que dei outro passo para trás, o amuleto voltou à vida novamente, o calor fazendo meus dedos formigarem. Virei-me lentamente e segui na direção do sinal, aproximando-me de um beco escuro que a luz da rua não podia alcançar. Desta vez, caminhei com passos lentos. O amuleto pulsava mais forte e mais rápido.

— Ali — eu disse, a animação deixando minha voz mais alta. — O beco. Vamos.

Sem esperar por Logan, caminhei o mais rápido que pude, quase correndo, e me arrastei para o lugar. Claro que Vargal estava longe das áreas mais populosas; aqui, não havia iluminação nenhuma. A escuridão tomava conta do beco. Olhei para cima, percebendo imediatamente o motivo da escuridão: todas as lâmpadas dos postes estavam quebradas.

Cada passo que me aproximava do demônio Superior fazia minha pulsação acelerar. Cada passada me dava uma chance maior de encontrar algo com o qual eu não conseguiria lidar. Apesar disso, recusava-me a ter a morte de outra Julia em minhas mãos.

O amuleto me puxou pelo beco até um pequeno estacionamento. Fiquei parada e esperei, ouvindo. Apenas o ronco dos motores a dois quarteirões de distância preenchia o ar. Os carros estacionados ali estavam perdidos nas sombras. Os prédios altos que cercavam o lugar adicionavam outra camada de escuridão, pairando sobre nós como

montanhas de metal e pedra. Uma luz alaranjada monótona piscou em um canto e o cheiro de velas me alcançou.

Esse foi o primeiro erro do demônio Superior.

A adrenalina bateu tão forte que meu corpo tremeu enquanto eu inclinava o amuleto em direção às luzes bruxuleantes. Tentei deixar minha mão imóvel. Não queria que Logan pensasse que eu estava nervosa. Tá, talvez eu estivesse, mas só porque não queria estragar tudo. Não estava com medo de enfrentar Vargal. Na verdade, estava ansiosa para vê-lo novamente.

Admito que eu não era o que se poderia chamar de uma lutadora de rua autossuficiente. Minhas habilidades de combate corpo a corpo se limitavam ao ano de karatê que fizera quando era adolescente. Era para isso que eu tinha magia; para não ter que enfrentar minhas batalhas contando apenas com a força física. Porém, às vezes, a magia não funcionava, obrigando-me a usar a força do meu próprio corpo para me tirar de situações difíceis. Eu esperava não ter que fazer isso esta noite.

Poe voou acima de mim. Saber que ele estava lá, que me daria cobertura, renovou minha coragem. Logan apareceu em minha linha de visão, seus olhos cintilando sob o brilho alaranjado, e então, seu olhar caiu sobre mim. Nós nos encaramos por um momento. Os seus lábios levemente pressionados e o aceno de cabeça que me deu me disseram que ele estava pronto. Era como se eu soubesse o que o nascido-anjo estava pensando, como se já trabalhássemos juntos há muito tempo. Como foi que isso aconteceu?

Guardei o amuleto no bolso. A pulsação de magia zumbiu pesadamente no ar e revestiu minha pele como uma névoa espessa. Fosse qual fosse o ritual que o demônio estava usando, era antigo e poderoso.

Um grito cortou o silêncio: a voz de uma criança.

Corri pelo estacionamento, o rosto fantasmagórico aterrorizado de Julia piscando em minha mente. *Não. Não desta vez, seu desgraçado.*

— Samantha, espere! — Logan sibilou atrás de mim, mas eu mal o ouvi devido aos feitiços de morte que já estava preparando em minha mente.

Eu ia fritar a bunda daquele demônio. Pode chamar de instinto materno ou apenas de uma necessidade irresistível de proteger qualquer criança, o fato era que aquele grito tinha despertado algum tipo de sentimento primordial de proteção em mim; um nascido há muito tempo, antes da razão, antes da lógica... um instinto governado pelo impulso irresistível de proteger crianças indefesas. No momento em que eu escutara o grito, o instinto me algemara.

Senti o bater de asas perto da minha orelha, uma indicação de que Poe estava ali comigo.

Enquanto corria entre dois carros, senti a característica névoa fria de energia que acompanhava um ser sobrenatural quando ele vinha ao mundo mortal, disfarçado, até então, pela escuridão do beco e do estacionamento.

Ao dar a volta em um carro estacionado, fiquei cara a cara com uma quantidade absurda de magia ritual pagã. Deslizei pelo chão até conseguir parar. Devia haver pelo menos cinquenta velas espalhadas ao redor de uma vaga de estacionamento vazia. As mesmas letras e símbolos mesopotâmicos marcados com sangue tinham sido pintados na calçada e nos carros. Um menino de cerca de dez anos estava no meio de um círculo

iluminado com velas pretas. Uma figura estava ao lado dele, curvada, sussurrando em seu ouvido. Mesmo na penumbra, pude ver o rosto pálido e petrificado do garoto, que estava assustado demais para se mexer.

Eu sabia o que a entidade estava fazendo. Demônios não podiam apenas possuir um corpo, fosse humano ou mestiço. A pessoa precisava deixá-los entrar. E os demônios, aparentemente os trapaceiros mais perversos entre todos os seres do Submundo, eram mestres da manipulação. Eles sabiam como brincar com as emoções dos outros, bem como o que sussurrar no ouvido de cada um: quer fossem os sofrimentos e torturas que aconteceriam com os entes queridos de sua vítima ou a promessa de fama e glória, o que quer que fosse necessário para que ela os deixasse entrar.

Eu mal podia imaginar os horrores que um monstro como aquele teria que cochichar para um garoto para assumir o controle de seu corpo.

A raiva me sacudiu tão violentamente que quase perdi o equilíbrio.

Eu sabia quem estava sussurrando no ouvido do menino; sabia que a criatura que eu observava era Vargal, o demônio Superior do Submundo.

O demônio virou a cabeça ao nos ouvir, e eu quase vomitei o que ainda restava no meu estômago do meu café da manhã.

A carne dele era cinza pálida, pastosa, e enrugada como a de um recém-nascido. Através de sua pele gotejante, ossos negros se projetavam, rachados e imundos. Havia algo errado em sua forma, algo que simplesmente não fazia parte deste mundo. Ele era alto, tinha pelo menos dois metros e meio, e grandes chifres se projetavam de sua cabeça como os de um bode, só que mais grossos. As pontas eram afiadas como garras. Seu rosto tinha um formato um tanto humanoide, embora fosse grande demais para ser considerado normal pelos nossos padrões: sua mandíbula era gigante, suas maçãs do rosto muito altas e salientes e seu nariz muito largo e achatado. Um tufo de cabelo preto brotava do topo de sua cabeça e desaparecia pelas costas. Braços finos e esqueléticos pendiam com feridas escurecidas gotejando.

A última vez que o tinha visto, ele não era nada mais do que um espectro, uma sombra de si mesmo. Porém, agora, o demônio era sólido. Ainda assim, eu tinha a sensação de que essa não era sua verdadeira forma, apenas uma criatura que ele criara para aterrorizar o garoto.

Vargal lançou seu olhar para mim. Seus olhos vermelhos brilharam com um ódio profundo que me assustou. Ele não estava feliz. Que pena.

Por que o demônio escolhera um menino e não um homem? Um adulto não lhe daria mais força? Aparentemente, sua escolha não tinha nada a ver com força física. Ele possuía outras motivações; motivações que eu ainda não descobrira.

Vargal me encarou, provavelmente me avaliando. Eu tinha certeza de que ele me reconhecia. Naqueles breves segundos, fitei o garoto. Ele era pequeno com cabelo castanho-claro cortado rente à cabeça. Sangue escorria de seu nariz e, por trás de óculos grossos, olhos redondos e grandes podiam ser vistos. Seu olhar disparou de mim para Vargal. Ele parecia estar petrificado, como se a forma do demônio fosse a raiz de seus pesadelos, o que, provavelmente, era verdade.

Pelo que pude perceber, Vargal ainda não havia possuído o menino, o que significava que eu ainda poderia salvá-lo.

Dei ao demônio Superior meu melhor sorriso de modelo.

— Parece que invadimos a sua festa. — Fiquei perto o suficiente dele para sentir o cheiro de podridão e de carniça. Com os pés afastados e mantendo-me firme, eu disse — Deixe o menino em paz.

— Ou o quê, pequena mortal? — Vargal agarrou o braço do menino e o puxou para mais perto, quase como se estivesse usando-o como um escudo. Escória de demônio. — O que você acha que pode fazer?

Fiz uma careta, percebendo o quanto a voz dele parecia humana, mesmo naquela forma macabra. Era antinatural e totalmente assustador.

O olhar do monstro foi para Logan.

— O que é isso? O mesmo nascido-anjo que está me seguindo como um cachorrinho? A escuridão me trouxe presentes. Abençou-me esta noite.

Logan puxou uma de suas lâminas da alma e a deixou deslizar em sua mão com algumas manobras elegantes, evidenciando que era um espadachim excepcional.

— Sim — o nascido-anjo falou. — Estou atrás de você. Algum problema com isso? — Sua mandíbula se fechou em uma linha dura. Ele parecia tão furioso quanto eu.

Com passos suaves, o homem caminhou ligeiramente para frente, deslizando facilmente. Logan se movia com a graça de um predador, de um assassino: forte, flexível e mortal... eu gostava disso.

O demônio repuxou os lábios, revelando duas fileiras de dentes amarelos e afiados como facas Ginsu.

— Um problema? Vocês dois são somente um incômodo irritante. Insuportavelmente irritante. Suas mortes me beneficiarão, serão uma confirmação de que eu me equiparo aos outros de minha espécie.

Meu corpo tremia de adrenalina. Vargal fez um barulho feio no fundo da garganta. A longa exalação fez minhas entranhas estremecerem.

— Mas estou curioso — o monstro continuou, e um gemido escapou do menino quando o aperto sobre ele aumentou. — Como me acharam?

— Google Maps — respondi. Merda. Agora, o menino estava muito perto do demônio. Se eu tentasse atingi-lo com um dos meus feitiços, poderia machucar a criança acidentalmente. — Se contarmos, teremos que matá-lo. Ah, espera. Nós *vamos* mesmo matá-lo.

Eu não estava disposta a revelar meu segredo.

Os olhos de Vargal se moveram para minha bolsa.

— Um feitiço rastreador. Ganhou pontos por engenhosidade, mestiça. Como conseguiu algo que era meu é um mistério que sem dúvida se revelará em pouco tempo. Você é uma bruxa muito burra se pensa que pode me matar.

De alguma forma, o demônio conseguiu sentir meu amuleto. Não importava.

Sentindo-me ousada, dei um passo à frente.

— Não vou pedir de novo, *Vargal* — afirmei, esperando para ver o efeito total das minhas palavras. — Deixe a criança ir.

No momento seguinte, o demônio Superior fez algo que eu não esperava. Ele jogou a cabeça para trás e riu longa e profundamente.

— Bruxa ignorante e idiota. Vocês mestiços nunca deveriam ter sido criados. São apenas uma mera representação de nossas fraquezas e falhas. Criaturas deficientes de sangue e osso. Você não é nada. — O monstro soltou uma risadinha rouca. — Posso sentir o cheiro do seu medo, bruxa — ele murmurou, mostrando os dentes. — Vou me divertir hoje.

— Não tanto quanto vamos nos divertir matando você — Poe comentou de cima, empoleirado no fio de telefone mais próximo.

Meu olhar disparou para o menino. Suas bochechas estavam molhadas de lágrimas. Seus olhos avermelhados fizeram meu pulso acelerar.

— Tá, confesso que não estou nesse mundo há séculos...

— É melhor dizer milênios — Poe comentou. — Ele tem cheiro de coisa velha. Como um tapete antigo.

— Mas sei que você não pode possuir esse garoto sem que ele o deixe entrar — continuei. — E pelo que parece, acho que não está funcionando como planejou, está?

Vargal estreitou o olhar.

— Você não sabe nada.

— Disse o monstro clichê insignificante do Submundo — Poe grasnou enquanto chacoalhava suas penas.

Levantei uma sobrancelha.

— Então, esclareça-me — falei a Vargal. — O que é isso tudo? Que ritual é esse? Quem está tentando invocar?

Eu precisava distraí-lo de alguma forma para chegar ao garoto. Infelizmente, seu aperto no menino era muito forte. Ele estava muito perto.

Pela primeira vez, o demônio pareceu surpreso. Sua expressão ficou dura e seus olhos vermelhos brilharam com a promessa de morte, mas ele se recuperou rapidamente.

— Você não pode me parar.

— Eu posso — afirmei, reunindo meu poder dentro de mim. — E eu vou. Nunca vai conseguir ficar com o garoto, então, já pode desistir dele agora.

Vargal rosnou, endireitando-se.

— Sou um demônio Superior do Submundo. Meus são os gritos no vento e os uivos na escuridão. Eu sou o rei da noite. As sombras se curvam à minha vontade. Sou tão diferente dessas coisas choronas que você chama de demônios quanto um urso é de um gato. Não há chance de me derrotar. Vá embora agora ou morra.

— Nenhuma das opções é boa o bastante para mim — declarei, transpirando fúria. — Eu escolho o menino.

Já estava de saco cheio de conversa. Falar não salvaria aquele garoto. Minhas pernas se moveram por vontade própria, diminuindo a distância entre mim e o demônio Superior do Submundo. Talvez eu estivesse sendo burra, pensando que poderia enfrentar um demônio assim e vencer, mas seria muito pior se me sentasse e não fizesse nada enquanto ele o matava e levava sua alma para o Submundo.

Comecei a reunir meu foco para o feitiço. O ar se concentrou em volta de minha pele e senti os pelos da minha nuca se arrepiarem enquanto o poder crescia ao meu redor. Eu precisava me aproximar mais.

Vargal moveu os dedos em um encanto sutil e demoníaco que fez minha pele arrepiar. Houve um estalo quando o ar se deslocou e a temperatura noturna de repente caiu vinte graus. Minha respiração escapou diante de mim com um redemoinho de névoa branca.

— Ah, olha só — Poe disse. — Ele trouxe companhia.

Virei-me ao escutar o som de unhas arranhando a calçada. Uma coleção de olhos amarelos brilhava com fúria nas sombras do estacionamento. Eram mais simiescos do que humanoides. Suas garras roçavam na terra à medida que avançavam. Suas feições eram torcidas grotescamente, fazendo-os parecer uma couve-flor com uma boca enorme onde caberia até um peru. A pele deles era vermelha e crua como se estivessem virados do avesso. Alguns estavam nus, enquanto outros tinham os restos do que pareciam ter sido calças um dia.

Meu coração deu um pulo de terror repentino.

Ghouls.

Tudo aconteceu muito rápido. Num segundo eu estava prestes a atacar Vargal com uma bola de fogo e, no seguinte, estávamos cercados por *ghouls*.

Por definição, esses monstros não tinham as mentes mais brilhantes do Submundo, mas eram grandes, malvados e perversamente fortes. Também eram um inimigo regular, surgindo mais ou menos uma vez por semana de algum cemitério onde se alimentavam da carne dos mortos, sua fonte de nutrição preferida.

Eu conseguia matá-los, contudo, nunca havia enfrentado tantos assim antes. Era um problema.

— Hora do *show* — Logan disse com um brilho perigoso em seus olhos, como se estivesse ansioso para matar algumas daquelas criaturas.

Tudo bem, então.

— Cuidado! — Puxando a magia dos meus anéis, gritei — *Feurantis!*

A energia saiu de mim, e lancei uma bola de fogo no *ghoul* mais próximo.

O monstro nem se moveu nem se abaixou quando a bola de fogo voou em sua direção. Nada esperto. O fogo explodiu sobre ele. A criatura gemeu, debatendo-se enquanto as labaredas cresciam até consumi-la inteiramente. O fogo crepitou, arrancando um grito de raiva do *ghoul*. No segundo seguinte, ele se tornou um monte de carne e entranhas em chamas no chão até que não sobrou nada além de uma pilha de cinzas.

Enruguei o nariz com o fedor de enxofre e carniça. Eu odiava *ghouls*. Cemitérios eram seus locais favoritos quando escapavam do Submundo, hospedando o que eu gostava de chamar de *buffet* de rodízio de mortos. Havia algo seriamente perturbador em comer a carne de humanos mortos e enterrados em um cemitério.

Um movimento à minha esquerda chamou minha atenção. Logan tirou outra lâmina de seu cinturão. Ele se jogou no *ghoul* mais próximo, suas lâminas se movendo com uma velocidade assustadora. Ouvi os sons cortantes do impacto. Com um movimento para baixo, ambas as armas afundaram no abdômen do monstro, então, o nascido-anjo as puxou para cima e para fora em dois arcos largos. O *ghoul* uivou quando suas entranhas se derramaram dos dois enormes buracos, pousando em uma pilha ao redor de seus pés. Ele abriu a boca para gemer, mas Logan atacou em um movimento de tesoura logo acima de seus ombros. Houve um baque suave quando sua cabeça caiu em cima de suas entranhas.

Dei-lhe um sorriso de aprovação.

— Nada mal para um nascido-anjo.

— Estou apenas começando, bruxa. — Logan sorriu, abaixando-se quando outra criatura veio cambaleando em sua direção.

Ele rolou e saltou de pé com a flexibilidade de um gato, atacando com suas lâminas em rápida sucessão. Eu adoraria poder vê-lo lutar, mas se parasse de usar minha magia, seria uma bruxa morta. Voltei meu olhar para Vargal. Seu rosto repugnante apareceu diante de mim com uma clareza sobrenatural. Seus olhos estavam indiferentes. Ele ainda estava parado exatamente no mesmo lugar, segurando o garoto como um prêmio. *Ah não, nada disso.*

Corri na direção do demônio, lançando outro feitiço enquanto movimentava minhas pernas mais rápido. Eu não podia usar fogo ou qualquer feitiço que pudesse machucar o menino, porém, sabia exatamente o que podia fazer. Vargal ia ficar puto.

Um *ghoul* saiu das sombras e eu me choquei contra ele. Bem, na verdade, meu rosto se chocou com seu peito. Desagradável. Era extremamente nojento tocar sua carne pegajosa com minhas próprias mãos. A sensação era de tocar os fluídos de um cadáver em decomposição que estava ao sol há semanas. Tive que puxar meu rosto para trás, e um pedaço de meleca amarela veio junto com ele. Estremeci. *Acho que acabei de vomitar.*

Não havia tempo para me concentrar na natureza insalubre disso tudo, pois um monstro de dois metros e meio estava diante de mim. Era um grande filho da puta. Ele abriu a boca em um rosnado, agraciando-me com a visão de pedaços de carne podre de sua refeição anterior que ainda presos entre seus dentes chatos, marrons e enegrecidos.

— Matar. Comer — a criatura falou.

— Que agradável.

Eu disse que eles eram burros.

Acessei a minha energia interior e convoquei o poder de meus anéis.

Mas não fui rápida o suficiente.

O *ghoul* bateu em mim com a força de um touro. Fui arremessada para trás, colidindo contra o pavimento duro. Com o impacto, o ar foi expulso dos meus pulmões.

A cabeça do monstro apareceu acima de mim.

Recuperei o fôlego e gritei:

— *Vento!*

Uma rajada de ar o atingiu em cheio.

O *ghoul* voou para trás, chocando-se contra seus companheiros como uma bola de boliche derrubando pinos.

Voltei a ficar em pé. Uma dor ardente e profunda varreu minhas costas e ombros. Felizmente, não havia nada quebrado. Olhei através da parede de *ghouls* e minha respiração ficou presa. Vargal estava arrastando o menino para longe da briga e do estacionamento. A criança nem resistia. Com os olhos arregalados, ele parecia estar em algum tipo de transe. Merda. Eu nunca o alcançaria a tempo. Não com a parede de monstros que estava entre mim e eles.

Filho da puta.

— Poe! Ele está levando a criança! — gritei.

O corvo bicou os olhos de um *ghoul* desavisado. Houve um estalo. Em seguida, os olhos da criatura explodiram em um líquido amarelo e pútrido. Então, Poe levantou voo novamente. Ele grasnou em resposta. A grande ave mergulhou como uma flecha em direção a Vargal, multiplicando-se em uma enxurrada potentes de corvos, todos compartilhando a mesma intenção de matar. Eles se lançaram contra o demônio como uma mortal nuvem negra feita de penas, garras e bicos.

A habilidade de se replicar ou de dividir seu corpo em muitas cópias – como clones que compartilhavam uma mente coletiva – se chamava Divisão. Ela era extremamente rara. Apenas alguns demônios *Malphas* tinham essa habilidade. Poe era um deles.

O demônio Superior gritou de fúria, atacando com seu braço livre, mas os corvos eram muito rápidos. Seus bicos afiados perfuraram a carne de Vargal como facas,

repetidamente. Funcionou. Com um uivo, ele soltou o garoto, que caiu no chão. Então, o demônio rugiu em outra língua. Eram tons escuros e guturais, provavelmente uma das antigas línguas demoníacas. Vargal os golpeou, cuspiendo grunhidos sem sentido como um cão raivoso.

Dei uma risadinha. Bom. Os Poes o manteriam ocupado por tempo suficiente. Agora, eu só precisava me livrar dos obstáculos à minha frente e alcançá-lo.

— Samantha! Atrás de você! — a voz de Logan informou.

Eu girei, canalizando a magia dos meus anéis.

— *Feurantis!*

Um pulso de energia se acendeu através de mim, e uma bola de fogo atingiu o *ghoul* que se aproximava bem na cabeça. O monstro caiu de joelhos, contorcendo-se e gritando loucamente.

Não tive tempo de ver o efeito total do fogo, pois outra criatura chegou até mim pela direita.

— *Vento!*

Atingi o *ghoul* com outra rajada de vento. Ele bateu na lateral de um carro estacionado, mas isso só me deu tempo suficiente para virar a cabeça, vendo mais dois monstros virem na minha direção.

Os *ghouls* soltavam uivos de fome. Suas garras raspavam o chão como se estivessem as afiando em antecipação. Eles chegavam até mim em um borrão de membros, garras e carne podre. Contudo, eu estava preparada. A magia fluiu através de mim, inebriante, rica e sedutora. Ela se misturou com meu ódio por Vargal e meu medo pelo menino. Eu estava em chamas, lançando feitiços como uma arma semiautomática. Não ia perder o garoto, mas também sabia que não poderia continuar assim. Eu não poderia continuar canalizando tanto poder. Eventualmente, minha magia acabaria.

Ofegante, cambaleei, sentindo-me um pouco cansada. Com esforço, estendi a mão. A energia dos anéis correu através de mim em uma onda de calor, descendo pelo meu braço até meus dedos.

— *Turbinis* — gritei, desejando que a energia fluísse.

O vento esvoaçou meu cabelo enquanto algo parecido com um tornado em miniatura se formava à minha frente. Ele crescia à medida que girava, sugando o ar e ganhando velocidade e tamanho. O tornado atingiu os monstros, espalhando-os em pedaços de carne como se fosse um liquidificador gigante. Líquido amarelo e sangue preto respingaram no chão em uma confusão escorregadia de sopa de *ghoul*.

— *Smoothie de ghoul* — falei. — Vou colocar esse feitiço na minha lista de favoritos.

As criaturas começaram a avançar novamente em uma massa turva de carne crua, dentes e garras. Eu me engasguei com o fedor de carne podre. Agora, o som de seus gritos estrangulados parecia estar mais alto.

Senti a pressão do ar à minha esquerda, notando que um *ghoul* se movia na minha linha de visão. Seus detalhes estavam obscurecidos, um pouco desproporcionais, como se eu estivesse olhando para uma criatura que ainda não tinha se formado completamente. Suas feições eram distorcidas. Fui apresentada com a visão de órbitas oculares vazias e escancaradas dentro de um rosto afundado, quase como um crânio, e de uma boca larga e vazia que pendia aberta como se os tendões que prendiam a mandíbula inferior estivessem

esticados como elásticos gastos. Ele continuou se movendo na minha direção, arrastando-se como se não tivesse coordenação real com as pernas.

Meu coração batia forte enquanto canalizava a energia dos meus anéis novamente. Subitamente, uma sombra alta e negra com lâminas brilhantes nas mãos se jogou entre mim e o *ghoul*. Logan. A criatura gritou quando a ponta de uma das lâminas da alma do nascido-anjo perfurou sua pele. Com um rosnado, atacou com velocidade desumana, suas garras pegando Logan com um golpe que o levantou do chão e o arremessou contra um carro.

Lancei-me para frente, minha adrenalina pulsando enquanto eu canalizava energia, preenchendo minha aura e a deixando preparada na minha cabeça.

O *ghoul* se jogou em Logan assim que ele se levantou.

Contudo, eu já tinha preparado o feitiço. Estiquei minhas mãos.

— *Vento!*

Minha rajada de vento enviou o monstro em espiral no ar e para fora de nossas vistas.

— Isso não significa que estou em dívida com você — o nascido-anjo disse quando seus olhos encontraram os meus por um breve momento.

Ele atacou outro *ghoul* com suas lâminas da alma, atingindo a pele podre do monstro. Um corte amarelo apareceu, jorrando sangue.

Meu queixo caiu com a ousadia do nascido-anjo.

— Eu...

Algo me atingiu na parte de trás da cabeça. Manchas escuras pontilharam minha visão quando eu caí de joelhos. Minha raiva explodiu ao olhar para a nova criatura que se aproximara de mim. Meus olhos se estreitaram.

— *Feurantis!* — Estiquei as mãos para frente... e nada aconteceu.

Ah. Merda. Minha magia tinha acabado. Os anéis estavam vazios. Naquele momento, desejei ter preparado mais anéis mágicos.

O *ghoul* se atirou sobre mim. Uma dor quente explodiu no meu ombro quando seus dentes afundaram em minha carne. Gritei, lágrimas embaçando minha visão. O monstro me soltou e me jogou no chão com uma força incrível. Assim que aterrissei, ele me atingiu com um chute poderoso na lateral do corpo. Eu rolei de costas, tossindo enquanto tentava engolir um pouco de ar. No segundo seguinte, a criatura voltou para cima de mim. Meus instintos entraram em ação e eu levantei minhas mãos, agarrando seu rosto entre elas. Meus braços tremiam e meus músculos queimavam enquanto lutava para evitar que ele rasgasse minha jugular.

Engasguei-me com o hálito fétido, semelhante ao cheiro dos esgotos da cidade em um dia quente de verão. Minhas mãos escorregaram em sua carne molhada. Eu já estava vacilando. Não era forte o suficiente. Tentei pensar em um feitiço, mas meu medo era esmagador. Não conseguia me concentrar. Sem meus anéis ou um sigilo, eu não tinha nada. Ali, embaixo daquele monstro, não havia nada em minha mente além do instinto de sobrevivência. Eu só queria evitar que a criatura me matasse.

Minhas mãos escorregaram novamente. Os dentes do *ghoul* estavam a centímetros da minha bochecha.

— Sam, solte — uma voz disse.

Imediatamente, afastei minhas mãos. O monstro em cima de mim estremeceu quando sua cabeça caiu de seus ombros, espalhando sangue fétido, amarelo e preto por toda parte

antes de explodir em uma nuvem de cinzas. Muito desagradável. O pior era que um pouco daquela coisa nojenta tinha caído na minha boca. Rolei e cuspi o máximo que pude sem vomitar. Seria constrangedor.

— Você está péssima — Logan comentou, dando-me um sorriso leve.

— Valeu.

Minha jaqueta, camiseta e rosto – embora eu não pudesse vê-lo – estavam cobertos de sangue de *ghoul*. Agora, as cinzas estavam grudadas em mim como penas na cola.

O nascido-anjo passou por cima de mim e estendeu a mão.

— Agora estamos quites.

Ele me puxou para que eu ficasse em pé. Com o coração batendo contra minhas costelas, procurei pelo estacionamento. Pilhas de cinzas e entranhas macabras, como cordas cinzentas e viscosas, espalhavam-se pelo chão. Elas eram tudo o que restava dos carniceiros.

Vargal não estava mais ali.

Mais adiante, parado entre dois carros estacionados com um grande corvo no ombro, estava o garoto.

— **E** stá com fome? — perguntei para o menino sentado à mesa na minha cozinha. — Eu não sou cozinheira, mas consigo fazer uns ovos mexidos ou um sanduíche de queijo grelhado.

O garoto, que se chamava Colin, só havia pronunciado duas palavras desde que o trouxemos para minha casa. Ele dissera: “Tá”. E, então, “Colin”. Eu não o culpava. Afinal, o mais novo estava com medo e traumatizado. Eu também estaria se estivesse no lugar dele. Crianças humanas não pertenciam ao nosso mundo de vilões paranormais e sobrenaturais. Além disso, não tinham que lidar com demônios Superiores.

Achei que era melhor mantê-lo comigo até ter certeza que ele estava realmente seguro. Havia também a possibilidade de Vargal ter conseguido possuí-lo e estar fingindo só para nos sacanear, apesar de eu ter lançado alguns feitiços de detecção de demônios sobre o garoto e não ter encontrado nada. Colin não mostrava nenhum dos sinais de possessão: feições magras e cheiro enjoativo de enxofre. Havia olheiras escuras sob seus olhos, contudo, isso se devia à falta de sono, de comida e de água. Ele era apenas um menino assustado.

Colin estava sentado em uma das cadeiras da cozinha. Seus pés mal tocavam o chão, seu rosto estava vermelho e suado e as mãos em seu colo diziam que ele preferia estar em qualquer outro lugar do que aqui. Engoli a culpa. Levá-lo de volta para seus pais agora só pioraria as coisas. Conhecendo os humanos, sua primeira reação seria levá-lo a um hospital. Eles não perceberiam que a criança precisava de outro tipo de cura, a do tipo sobrenatural que só as bruxas conseguiam realizar. Pelo que pude perceber, Vargal havia pressionado Colin, contado mentiras e brincado com a cabeça do garoto com sua magia demoníaca. Portanto, antes que o menino pudesse ir para casa, precisava ficar livre de qualquer magia residual.

Sem falar que Vargal não conseguira levar a alma do garoto, o que significava que ele ainda poderia estar em perigo. Até que eu descobrisse o que o demônio fizera com o garoto, se é que tinha feito alguma coisa, ele precisaria ficar comigo. Sinto muito, pais do Colin, isso também é para o próprio bem de vocês. Além do mais, não era como se eu fosse roubar o menino deles. Provavelmente o devolveria em um ou dois dias.

Ainda havia a questão do porquê o demônio Superior tinha escolhido o menino. Estava certa de que Colin não fora uma escolha aleatória. Agora, só precisava descobrir o motivo.

Com a ajuda de Logan, tínhamos pegado um táxi e levado o garoto para minha casa. Em seguida, o nascido-anjo havia ido embora sem nem mesmo se despedir. Não vou mentir, aquilo doera um pouco.

— Dê a ele uma dose de gin — meu avô disse, erguendo seu próprio copo. — Isso deve soltar a língua dele.

Encarei o mais velho.

— Eu não vou dar álcool para uma criança.

Especialmente quando tinha a sensação de que o que meu avô estava bebendo era sua Vassoura Brilhante. Só Deus sabia o que havia naquilo.

Olhei de volta até meus olhos pousarem no garoto. Ele *era* só um menino.

— Colin. Tenho pizza de ontem. Posso esquentar. Acho que vou comer um pedaço também.

Percebendo que eu estava morrendo de fome, minha boca começou a salivar. Empurrei a cadeira para trás e fui até a geladeira, tirei a pizza da caixa e a coloquei no forno. Então, servi um grande copo de água, polvilhei um pouco de alecrim e sândalo, mexi e o coloquei ao lado de Colin.

— Beba isso — instruí. — Vai ajudá-lo a se sentir melhor. Eu prometo. Beba tudo, por favor.

O garoto olhou para Poe. O corvo estava empoleirado no encosto do assento ao seu lado. Colin parecia ter se apegado à ave e ficava mais relaxado com o corvo por perto.

— Ela está certa, Colin — Poe encorajou. — Realmente vai ajudar. Pode beber.

O menino pegou o copo assim que me sentei e bebeu tudo. O pobrezinho estava com sede. Ele limpou a boca com as costas da mão antes de colocar o copo de volta na mesa. Seus grandes olhos castanhos estavam fixos em mim.

Levantei a sobrelha. Tinha sido muito mais fácil do que eu esperava. Ainda assim, para uma criança humana, era estranho que ele tivesse aceitado bem a parte do “pássaro falante”. Claro, alguns corvos diziam algumas palavras, mas não soltavam frases completas ou participavam totalmente de uma conversa. Porque, bem, isso seria *esquisito*. Só que o garoto parecia à vontade com aquelas interações, como se ele e Poe fossem amigos de longa data. Estranho.

Meu avô fez um barulho. Lancei um olhar em sua direção. Ele estava me olhando como quem diz “pergunta logo”. Fiz uma careta, então, cruzei minhas mãos sobre a mesa.

— Quantos anos você tem, Colin? — comecei, pensando que essa linha de questionamento serviria de aquecimento para as coisas mais sérias.

— Quatorze — o garoto respondeu.

— Sério?

— Eu sei. — Ele soltou um suspiro que me dizia que eu não era a primeira pessoa a reagir dessa maneira. — Sou pequeno para a minha idade.

Sim, ele era. Achei que tivesse uns dez anos.

— Não se preocupe. Você ainda vai crescer muito — meu avô afirmou com um sorriso no rosto. — Eu também era pequeno. Porém, quando fiz dezessete anos, cresci como uma erva daninha. Fiquei alto e magro.

Colin fitou o homem.

— Você também é um bruxo.

Não era uma pergunta. Era uma afirmação.

— Nasci bruxo — meu avô disse com orgulho, tomando outro gole de seu gin antes de estalar os lábios.

— Você é poderoso? — Colin perguntou sem expressão. — Pode matar monstros com sua magia?

A-há. Eu sabia onde ele queria chegar.

Vovô apoiou os cotovelos na mesa.

— De fato...

— Colin — falei, cortando meu avô. — Eu sei que está cansado. Você teve uma noite longa. Assustadora. Mas preciso que me conte tudo o que aconteceu. Começando do momento em que viu aquele monstro pela primeira vez.

O garoto ficou calado e pensativo enquanto olhava sem piscar para o copo vazio.

— Foi pela janela do meu quarto. Depois, dentro do meu quarto.

Contraí minha mandíbula. Desgraçado. Ele tinha tirado a criança de sua própria casa.

— Eu estava jogando videogame. Sempre jogo à noite, depois de terminar meu dever de casa. — O menino levantou os olhos, fitando-me. — Eu nunca tinha visto um monstro de verdade antes. Só na TV, sabe? Nunca um real. Nunca na minha casa.

— Seus pais sabem que você está desaparecido?

Colin balançou a cabeça.

— Acho que não. — Seu rosto se contorceu. — Não gritei. Sequer lutei. Eu só... eu deixei ele me levasse.

Meu coração se apertou por causa da dor misturada com derrota que vi em seus olhos.

— Ouça, Colin. A culpa não é sua. Ele provavelmente colocou um feitiço de transe demoníaco em você. É um encantamento que faz com que se sinta como se estivesse em um estado de sonho e não no controle de seu próprio corpo. Não havia nada que você pudesse ter feito.

— Mas você fez — o garoto disse com a mandíbula contraída. Sua frustração era evidente. — Você lutou contra ele. Ele não a enfeitiçou.

Suspirei.

— Não. Mas isso é porque eu estava pronta para enfrentá-lo; estava preparada. Eu sabia o que ele era. Você não.

— Quem é ele? — Colin perguntou com uma leve tensão em sua voz.

Troquei um olhar com meu avô.

— O nome dele é Vargal — falei, virando-me para o menino. — E sim, ele é um monstro. É o que chamamos de demônio Superior.

— Um demônio Superior — o garoto repetiu. — Ele é um *demônio* mesmo? Como os que vivem no Inferno?

— Exatamente — meu avô respondeu enquanto se servia de outra bebida. — Mas nós chamamos o Inferno de Submundo. Vargal é como um CEO lá. Ele é um dos chefes. E um verdadeiro desgraçado por estar sequestrando crianças.

— Então, se os demônios são reais, é lógico pensar que os anjos também existem — Colin afirmou, parecendo um pouco mais velho do que antes.

— Infelizmente — Poe murmurou.

Eu lancei um olhar para o pássaro.

— Lembra do outro cara que estava me ajudando esta noite? — perguntei ao menino. — Ele se chama Logan e é um nascido-anjo, o que significa que tem essência de anjo correndo em suas veias. Assim como nós, bruxas, temos sangue de demônio. — Eu vi o garoto franzir a testa, então, acrescentei. — Esqueça o que lhe disseram ou o que leu sobre demônios. Nem todos são ruins. Alguns são bons. Assim como alguns anjos são maus.

— Piores que demônios — vovô interveio.

— Piores que demônios, sim — concordei, soltando um suspiro. — Há muita coisa que você não sabe, porém, não podemos lhe ensinar tudo em uma noite. Geralmente, os

humanos não veem demônios. Apenas nós, mestiços, e os nascidos-anjos conseguem, ou seja, os seres paranormais. Vargal apareceu diante de você com o objetivo de assustá-lo. Ele queria que o visse naquela forma.

Colin me lançou um olhar afiado.

— Pode me ensinar alguns feitiços? — perguntou. — Como as bolas de fogo? Para eu me proteger?

Merda. Meu peito se apertou. Ele queria aprender magia. Eu gostava muito desse garoto.

— O sangue de demônio em nossos corpos nos ajuda a conjurar magia. Ela está dentro de nós. Os humanos normalmente não a têm. A não ser, é claro, que um de seus ancestrais tenha sido uma bruxa. Mas existem feitiços básicos que você pode usar com os poderes dos elementos. Posso lhe ensinar esses. Infelizmente, o feitiço de bola de fogo não vai rolar. Sinto muito.

— Ah. — Colin olhou para baixo. — Eu entendo.

Com um bater de asas, Poe pulou no encosto, aproximando-se do menino.

— Vai ficar tudo bem, Colin. Não se preocupe.

Não se eu não descobrisse por que Vargal queria o garoto.

— Colin, consegue pensar em alguma razão pela qual Vargal o levou esta noite?

Por favor, me dê algo. Qualquer coisa.

Os olhos do menino se arregalaram enquanto olhava para mim.

— Não sei. Sinto muito.

— O que ele disse para você? — Tentei novamente, lembrando-me de como demônio estava sussurrando no ouvido da criança quando chegamos lá.

Colin empalideceu.

— Ele disse que mataria meus pais. — O garoto se encostou na cadeira. — Falou que se eu não o deixasse entrar, os mataria. Ele ficou repetindo isso o tempo todo. Depois, passou a explicar como planejava matá-los. — Ele engoliu em seco. A memória era, obviamente, muito dolorosa para falar. — Senti como se estivesse em um sonho. Eu só queria acordar para fazer o monstro desaparecer. Quando eu não disse que sim, ele começou a me machucar. Era como... se eu estivesse pegando fogo, mas por dentro. Foi aí que você apareceu. — O menino apertou os lábios com firmeza. — Eu... eu quase disse sim.

— Ainda assim, você não disse — falei, impressionada com a força do garoto. — Você resistiu, o que é incrível para alguém tão jovem.

— E humano — Poe disse, tirando as palavras da minha boca. — É por isso que Vargal estava tão frustrado. Ele não estava conseguindo quebrá-lo.

O pássaro estava certo. Contudo, será que isso significava que o demônio havia desistido de Colin e estava procurando por um substituto? Ou será que voltaria para buscá-lo? Eu odiava não saber. Odiava que Logan tivesse saído sem nem mesmo dizer uma palavra.

— O garoto tem coragem — meu avô afirmou, erguendo o copo. — Eu gosto dele.

A recompensa foi um pequeno sorriso de Colin. Ele era educado, doce e tinha boas maneiras, o sonho de todos os pais. Que garoto fofo. O pobrezinho não merecia o que

Vargal tinha feito com ele esta noite. Mas pelo menos estava vivo. Graças ao caldeirão. E eu queria mantê-lo assim.

O rosto assustado de Julia brilhou em minha mente. A culpa explodiu e eu a esmaguei.

— Colin — falei, sentindo minha tensão aumentar novamente —, lembra-se de mais alguma coisa que Vargal disse a você? Algo que possa ser importante? Algo sobre um ritual talvez? Ou um nome? Ele mencionou algum nome?

Se eu soubesse mais sobre o ritual que o demônio estava realizando e quem ele planejava trazer ao nosso mundo, talvez pudesse trabalhar em cima disso. Contudo, essas informações ainda não explicariam por que o maldito levava Colin, Julia e os outros três corpos que estavam ainda no necrotério.

Parecendo desanimado, o menino balançou a cabeça.

— Ele não mencionou nada do tipo. — O pânico venceu suas feições, fazendo com que eu me arrependesse de ter perguntado. Eu estava pressionando demais, cedo demais.

— Está tudo bem — afirmei, tentando controlar minhas emoções para não fazer com que o garoto achasse que tinha feito algo errado. — Vamos tentar novamente amanhã. Está tarde. Você precisa descansar.

Um *ting* veio do fogão. Empurrei minha cadeira para trás e me levantei. Pegando dois pratos, separei duas fatias de pizza de pepperoni e queijo. Coloquei o prato de Colin na frente dele, depois, sentei-me. Peguei minha fatia e mordi. O molho derramou pelos cantos da minha boca. Eu quase gemi. Celestial. Sempre tinha a sensação de que toda pizza era ainda melhor no dia seguinte.

Peguei um guardanapo e limpei os cantos da minha boca ao mesmo tempo em que Colin deu uma mordida em sua fatia. Senti um pouco da tensão deixar meu corpo enquanto observava o garoto mastigar.

— Vou preparar o quarto de hóspedes. Amanhã, arrumei uma muda de roupas para você. Acho melhor ficar aqui conosco por um tempo, isto é, até descobrimos por que Vargal o levou.

Colin se mexeu em seu assento.

— Tá — ele disse entre uma mastigada e outra, surpreendendo-me.

O menino tinha nos aceitado; aceitado este lugar e a nossa comunidade muito rápido. Quem era esse garoto?

Dei outra mordida na minha pizza, observando Colin mastigar a dele. Eu não estava captando nenhuma vibração de bruxa ou quaisquer sentidos paranormais vindos dele. O menino era definitivamente humano. Ainda assim, havia algo nele; algo pelo qual Vargal estava disposto a matar.

O silêncio desceu sobre nós à medida que eu enfiava último pedaço da massa da pizza na minha boca.

— Não tenho videogame, mas você pode pegar emprestado meu *laptop* ou qualquer livro que queira ler.

Colin se animou com a ideia.

— Obrigado.

Sorri para ele.

— Você está seguro aqui.

— Totalmente — meu avô disse, inclinando-se para trás e equilibrando sua cadeira em duas pernas. — Não há lugar mais seguro do que aqui em *Witches Row*. Aquele demônio miserável seria um idiota se pensasse que poderia alcançá-lo aqui.

Eu não tinha tanta certeza assim. Afinal, Vargal provara ser muito capaz ao arrancar uma criança humana de sua própria casa.

Colin baixou sua fatia silenciosamente. Olhando para mim, disse:

— Você está certa. Acho que não estou seguro em lugar nenhum.

Eu me inclinei para frente.

— Colin, não vou deixar aquele demônio machucá-lo novamente.

Eu prometo.

— Você não deveria fazer promessas que não pode cumprir — o garoto disse.

Congelei. Então, franzi a testa.

— Como você... você acabou de...

— Ler sua mente? — Colin deu de ombros. — É. Eu consigo ler a mente das pessoas. Faço isso desde pequeno. É irritante e me dá enxaquecas, mas já aprendi a ignorar. Quer dizer, na maior parte.

— Você lê mentes — repeti, sem chã e piscando como uma idiota ao mesmo tempo em que meu avô soltava um som estrangulado de surpresa, caindo da sua cadeira e batendo no chão com um estrondo alto.

Poe parecia tão impressionado quanto um corvo poderia parecer.

Que inferno. Colin era um vidente.

Nem preciso dizer que, na manhã seguinte, li tudo o que pude sobre videntes. Eu conhecia os tipos básicos, bem, na verdade, apenas um (a leitura da mente), mas depois de passar horas lendo, descobri que nem todos os videntes possuíam as mesmas habilidades. E nem todos eram criados igualmente, assim como as bruxas.

Ah, e não estou falando sobre adivinhos ou, como eu gostava de chamá-los, golpistas. Estou falando de clarividentes reais. Alguns tinham a capacidade de precognição ou premonição, a habilidade de perceber eventos futuros; que não deve ser confundida com a profecia, ou seja, a capacidade de prever o futuro, ou a Segunda Visão, que permite ver o futuro e o passado. Outros videntes podiam se comunicar com os mortos, sendo capazes de sintonizar o mundo espiritual. Tal habilidade era chamada de Canalização e era muito popular no departamento de polícia, em casos arquivados ou quando uma criança desaparecia. Alguns até mesmo tinham habilidades de projeção astral, uma experiência fora do corpo na qual o espírito astral se separa temporariamente do corpo físico.

Havia também a Manipulação de Sonhos, a capacidade de entrar nos sonhos das pessoas, e a Alucinação, a habilidade de causar alucinações mentais. Esta parecia uma capacidade perturbadora e muito perigosa de se ter. Outra habilidade era a leitura da aura, em que o vidente podia perceber a aura ou os campos de energia que cercavam as pessoas. Alguns, contudo, eram apenas sensíveis à aura de uma pessoa, o que lhes permitia acessar informações das partes emocional, física e espiritual do campo áurico que continha todas as informações sobre a vida de alguém.

Depois de horas de leitura e pesquisa, descobri que a maioria dos videntes possuía apenas uma habilidade. Ter mais de uma era extremamente raro, quase inédito.

Colin tinha quatro.

Eu tinha visto uma com meus próprios olhos: a de telepatia, a capacidade de ler ou sentir os pensamentos de outra pessoa, de se comunicar com ela mentalmente ou de afetar suas mentes e seus pensamentos. De acordo com o menino, outra era a telecinese, a habilidade de manipular objetos com sua mente. Eu mataria por esse tipo de habilidade. Adoraria não precisar mais lançar feitiços cinéticos para mover o ar. Só teria que pensar em explodir um demônio para fora do meu caminho e, prontinho, a criatura se desfaria no ar.

Ele também tinha o dom de ler as auras das pessoas, o que explicava porque o menino se sentia tão à vontade conosco e como ele rapidamente se aproximou de nós. Colin podia sentir que não éramos maus e só queríamos ajudá-lo e protegê-lo.

O último era o Controle da Mente, a habilidade de manipular as mentes dos outros através do processo de pensamento, provavelmente sua habilidade mais poderosa; o que também explicava como Colin conseguira resistir à influência demoníaca de Vargal. Será que sua mente era poderosa demais para que o demônio a abrisse? Eu não sabia, mas ficara feliz por termos o encontrado a tempo de evitar que isso acontecesse.

O menino era um vidente, não apenas um telepata, já que demonstrava ter habilidades além da telepatia. Isso fazia dele um vidente extremamente *forte*. Seres desse tipo eram tão raros que eu nunca tinha conhecido um. E, a propósito, meu avô estava babando sobre o pobre garoto. Ele também não nunca tinha conhecido um.

Poe, por outro lado, conhecera alguns em sua existência e estava prestes a me contar tudo o que sabia.

— Então, se os videntes são humanos — comecei, jogando o livro que estava lendo de lado —, significa que não têm nenhuma essência demoníaca dentro deles. Então, como essas habilidades se manifestaram? Não há nada sobre isso em nenhum desses livros.

O pássaro estava em uma cadeira de frente para mim.

— Há uma razão simples — falou, arrancando uma pena e cuspiendo.

— Que razão? — perguntei, frustrada, enquanto olhava para os olhos negros do corvo, sem ver nada.

Ele se esticou e apertou uma semente de girassol entre suas garras. Usando o bico, abriu-a e, em seguida, colocou-a na boca antes de continuar:

— É algo que não estaria em seus livros.

Revirei os olhos e pressionei minhas mãos em meus quadris.

— Poe. Você sabe onde eles conseguiram esses poderes? Se sabe, precisa me dizer.

— O que me dará em troca? — ele exigiu, bicando outra semente.

Se a informação que a ave possuía não fosse essencial para este caso, eu o teria deitado como uma galinha.

— O que você quer? — Suspirei.

— Sementes de girassol suficientes para um mês.

— Feito.

— E duas noites de folga por semana.

Fiz uma careta.

— Agora, está exagerando. Você é meu familiar. Você vai...

— Tenho direito a uma folga de vez em quando — Poe retrucou. — Você dá noites de folga a Faris, portanto, é justo que eu também tenha algumas. Faz bem para a alma. Além disso, preciso esticar minhas asas — acrescentou, girando os ombros. — Trabalhar meus músculos peitorais. Coisas assim. Não serei útil se não puder mais voar.

— Tudo bem — concordei — mas só se você prometer não incomodar mais a Vera.

Deus me ajude, eu ainda estava me perguntando o que ele quisera dizer quando mencionara sobre saber o segredo dela.

Poe cuspiu um pedaço de semente.

— Beleza. Vou deixar a velha bruxa em paz. Porém, se ela atacar primeiro, estarei no meu direito de me defender.

— Você é muito dramático, sabia? — Eu não tinha ideia de por qual motivo ele queria duas noites de folga, mas não perguntei. — Mas quero que fique claro que só terá suas férias quando esse negócio com Vargal terminar e só se eu não precisar de você em nenhum outro caso. Combinado?

Poe olhou para mim com seus olhos de corvo.

— Combinado. — Ele abriu outra semente. — Os videntes são fundamentalmente humanos, mas receberam seus poderes dos anjos.

— Sério? — Agora eu estava realmente interessada. — Por quê?

— No começo, não passava de uma forma de comunicação entre os anjos e alguns humanos específicos. Eles eram dotados de Adivinhação, a capacidade de se comunicar com as criaturas celestes. Não sei se o objetivo era espionar os nascidos-anjos ou outra

coisa, só sei que, com o tempo, essa habilidade mudou. Ela evoluiu para outras capacidades. Habilidades mais fortes. Outros poderes psíquicos.

— E Vargal sabia disso. Foi por isso que pegou Colin. Tenho certeza.

Colin era um vidente. Essa era a pista que faltava. Fora por isso que Vargal tivera a ousadia de arrancá-lo bem de baixo do nariz de seus pais.

— Sim, eu concordo — a ave falou enquanto mastigava outra semente de girassol.

Meu pulso se acelerou com animação. Eu estava chegando lá. Podia sentir.

— Se minha teoria estiver correta, significa que Julia e os outros também eram videntes. Isso explicaria as ações do demônio Superior.

Poe assentiu.

— Também é o que eu estou pensando.

Mordi meu lábio inferior.

— Sabemos que ele os pegou por causa de suas almas, o que significa que o ritual que o demônio está tentando fazer requer almas de videntes.

— De videntes poderosos.

— Sim, de videntes poderosos — concordei, sentindo meu coração martelar. — Como Colin. Contudo, ainda não sabemos de quantos ele precisa. E se Colin for o último desses videntes poderosos? Isso significaria que Vargal ainda precisa dele. Talvez volte para buscá-lo.

E eu estaria esperando pelo desgraçado.

— Verdade — Poe disse com o bico cheio de sementes de girassol.

Soltei um suspiro.

— Então, quem ele está tentando convocar? Que entidade precisa das almas de videntes poderosos?

A ave deu de ombros.

— Aí você me pegou. Talvez sua tia saiba. Ela já não deveria ter decifrado aquele texto? Acho que a mulher está perdendo o jeito.

— Ela não está perdendo o jeito. — Fiz uma careta.

A campainha tocou.

Dei a Poe um sorriso vitorioso.

— Viu? Ela está aqui para dizer o que tudo isso significa.

Virei-me e fui para a escada. Assim que cheguei ao primeiro degrau, o corvo passou voando por mim e mergulhou para o andar de baixo.

— Que merda, Poe! — xinguei. Odiava quando ele fazia isso.

Quando cheguei ao último degrau, Poe já estava empoleirado acima do cabideiro, olhando pela pequena janela de vidro acima da porta. Passei pela sala de jantar, onde meu avô e Colin estavam sentados de frente um para o outro, com as mãos sobre a mesa. Os dois estavam assim há horas.

— Você está deixando ele cansado, vovô — comentei enquanto seguia pelo corredor em direção à porta da frente. — Colin já teve aventuras suficientes por um tempo. Deixe-o em paz.

— Bobagem — o mais velho respondeu. — Os deleites da minha mente são o sonho de qualquer homem. — Houve silêncio e, então, meu avô desafiou — O que estou pensando agora?

Seu rosto estava fechado e sério, como se estivesse tentando colocar um muro ao redor de sua mente.

Colin balançou a cabeça antes de erguer uma sobrancelha.

— Você tem uma mente suja.

Minha. Nossa.

Uma risada me escapou quando abri a porta.

— Graças ao caldeirão você está aqui...

Logan estava parado na entrada.

Eu o olhei de cima a baixo. Tinha esquecido como ele era alto. O homem praticamente tocava o topo do batente da porta e estava usando uma jaqueta de couro preta estilo motociclista sobre suas roupas pretas. Conteí seis lâminas da alma nele, quatro embainhadas ao longo de seu cinturão e duas na bainha ao seu lado. O nascido-anjo tinha aquele olhar ardente, perigoso e sensual como o inferno. Seus olhos castanhos encontraram os meus e meu coração deu uma cambalhota. Droga. Eu não ia me apaixonar por esse cara. Não fazia diferença que ele fosse tão maravilhoso. Além disso, Logan não parecia gostar muito de mim. Afinal, eu era uma bruxa. Adorávamos torturar os lindos nascidos-anjos só por diversão.

Acalmei minhas emoções e mantive meu rosto impassível.

— Logan, o que está fazendo aqui? — Minha voz saiu um pouco áspera. Acho que eu ainda estava chateada com ele por ter partido sem se despedir.

Olhei para cima para dar a Poe um olhar de “por que você não me avisou?”. Juro que o vi me lançar aquele maldito sorriso de corvo. Eu ia seriamente arrancar algumas daquelas penas mais tarde e usá-las para fazer um travesseiro.

— Vim ver como Colin está — Logan respondeu, olhando por cima do meu ombro.

Não. Ele estava aqui porque achava que Vargal voltaria para buscar o menino. Assim como eu achava. Um lampejo de aborrecimento passou por mim.

— Está muito bem preparado para alguém que está fazendo uma visita social. E logo pouco antes do pôr do sol.

Ele sabia que Vargal não poderia fazer nada até o sol se pôr, o que seria em menos de uma hora.

Logan olhou para mim e seus olhos escuros fervilharam com um pouco de malícia.

— Nunca se sabe quem pode aparecer sem ser convidado.

— Como você? — o corvo retrucou.

Coloquei uma mão no meu quadril.

— Você acha que eu não consigo cuidar de um garoto de quatorze anos?

As sobrancelhas do outro se ergueram em surpresa.

— Ele tem quatorze anos? Tá brincando.

— Sim, tem — falei com orgulho, como se tivesse descoberto tudo sozinha. — Quatorze anos.

— E é um vidente poderoso — Poe informou.

Os olhos de Logan foram do pássaro para mim.

— Um vidente? — Em seus olhos, vi que ele estava percorrendo as etapas da coleta de informações, conectando os pontos. — Então, as outras vítimas também eram videntes.

— Olha só. Até que ele não é tão burro para um nascido-anjo — Poe grasnou. — Pode-se até considerar que tem inteligência acima da média.

Logan encarou o familiar.

— E parece que você ficaria bem sendo servido em um churrasco, gralha.

Poe soltou um assobio estrangulado.

— Sou um corvo, seu engraçadinho, e quero ver você tentar.

— Fechem o bico — gritei com raiva. — Essa realmente não é uma boa hora.

— O que eu realmente gostaria de saber é — Logan disse à medida que uma expressão azeda aparecia em seu rosto — por que há um anjo desmaiado no pé da sua escada?

Caldeirão, ajude-me!

— Kyllian?

Empurrei o nascido-anjo para o lado, talvez um pouco forte demais, e meus olhos encontraram um pacote do tamanho de um mamute com cabelos loiros enrolado como uma bola no pé da escada.

Droga. Ele não parecia bem.

Saltei dos degraus da frente, aterrissando ao seu lado.

— Kyllian? — Eu balancei seu braço. — Kyllian? Que droga. Acorda!

Um *flash* de vermelho apareceu. Olhei para cima, deparando-me com Vera com as mãos nos quadris e o rosto franzido em desprezo ao redor do nariz substancialmente grande. Excelente. Simplesmente maravilhoso.

— Vera — falei em forma de saudação.

A bruxa não respondeu, mas continuou me lançando olhares de reprovação. Droga. Tudo bem, era esperado. Ela ainda não tinha pronunciado uma palavra, o que era, por si só, surpreendente. Teria algo a ver com seu suposto segredo? Ainda assim, sua intromissão estava começando a me irritar de verdade.

— Você não tem nada melhor para fazer do que espionar seus vizinhos? — falei com minhas mãos ainda em Kyllian, que se recusava a acordar.

A boca de Vera fez um pequeno “o”. Seus olhos se estreitaram e ela disse:

— Um anjo bêbado e um nascido-anjo? A Corte das Bruxas Sombrias vai saber disso.

Acho que Poe estava errado sobre a bruxa ter decidido me deixar em paz.

— Não me importo — sibilei. Eu estava praticamente gritando. — Você pode berrar para toda a comunidade ouvir, não ligo.

Meu coração pulava. Eu ainda ia amaldiçoar aquela bruxa velha. Sabia disso.

Sacudi Kyllian novamente.

— Kyllian. Acorda.

Em seguida, dei um tapa forte no rosto dele. Seus olhos se abriram.

— Sam?

— Não, a fada dos dentes. — Tá, isso foi um pouco insensível, mas eu estava assustada e estressada. — Preciso que você se levante e entre. Pode ser?

O anjo piscou. Seus olhos estavam distantes e não se focavam em nada. Ele parecia perdido. Kyllian provavelmente poderia colocar fogo no quarteirão inteiro somente com seu hálito.

Algo roçou meu ombro. Quando ergui os olhos, percebi que Logan estava parado ao meu lado.

— O que ele tem?

Havia preocupação em seus olhos escuros.

— É uma longa história. Preciso levá-lo para dentro.

Antes que Vera faça uma cena. Eu puxei o braço do anjo, sentindo seus músculos firmes, mas ele sequer se moveu.

— Deixa comigo — Logan disse.

O nascido-anjo se abaixou e colocou o braço de Kyllian em volta do pescoço. Com uma força surpreendente, ele levantou o grande anjo, colocando-o de pé. Kyllian balançou por um momento enquanto Logan o estabilizava, então, os dois subiram os degraus.

Eu os segui, contudo, antes de entrar, parei no patamar e me virei.

Vera estava no pé da escada com um olhar azedo no rosto enquanto balançava a cabeça em desaprovação.

— A propósito — eu disse. Seus olhos encontraram os meus. — Suas raízes estão aparecendo.

Então, bati a porta.

Três horas depois, eu estava de costas contra a parede da sala de jantar. Meus dedos se moviam enquanto eu recitava os mesmos feitiços repetidamente até que eles haviam se tornado parte da minha natureza, um único pensamento.

Era o local perfeito para ter uma visão do primeiro andar inteiro, caso Vargal decidisse se materializar em minha casa. Minha tensão estava a ponto de me causar um AVC. Pior, eu estava suando e provavelmente começaria a cheirar mal a qualquer minuto. Tinha esquecido de marcar minhas axilas com um sigilo antissuor. O encantamento funcionava maravilhosamente bem sob condições estressantes como essa.

Calma, Samantha. Soltei um suspiro pelo nariz. Desmaiar agora por causa de hipertensão seria embaraçoso. Afinal de contas, eu era uma bruxa das Trevas. Poderia lidar com um demônio Superior. Além disso, ele me devia a alma de Julia. Eu iria matá-lo pelo que fizera à garota. Jurara pelo caldeirão que o faria.

Eu tinha passado a primeira hora marcando barreiras de proteção em todas as portas, batentes e janelas; todos os pontos de entrada que os demônios usavam. A casa estava tão protegida que seria preciso algo com a força de um deus para quebrar aquelas barreiras. Vargal não era um deus, contudo, eu não podia subestimá-lo. O desgraçado era inteligente. E eu duvidava que simplesmente desistisse de Colin, principalmente agora que eu sabia o que o garoto era e como era raro.

Não. Vargal daria as caras. Quando ele aparecesse, eu estaria à sua espera.

Eu também passara uma hora inserindo energia e magia novamente em meus anéis. O processo foi surpreendentemente mais rápido desta vez, já que não precisei fazer os anéis e sigilos do zero. Em vez disso, apenas os liguei novamente como se estivesse recarregando as baterias. Eu não era o que a bruxa mais paciente em *Witches Row*. Na verdade, odiava esperar. Três horas era muito tempo para aguardar um demônio aparecer. Todo aquele ódio e emoções reprimidas estavam me deixando tonta. Se eu não matasse algo logo, poderia desmaiar.

Ainda assim, três horas depois do sol se pôr, não havia sinal de Vargal.

Todo mundo estava no limite. Especialmente Colin, que ainda estava sentado na mesma cadeira, tentando não parecer assustado, embora seu desligamento e seu silêncio completo por quase uma hora dissessem o contrário. O garoto estava apavorado. Ele ficava ajustando os óculos no nariz suado e jogando mais sementes de girassol para Poe. Acho que se sentia mais seguro com o pássaro ao seu lado, como o familiar se fosse seu cão de guarda pessoal, ou melhor, um corvo de guarda.

A ave estava particularmente preocupada com o bem-estar do menino. Familiares se tornavam muito protetores com seus bruxos ao serem ligados pela primeira vez. Contudo, parecia que Poe e Colin também haviam se conectado, o que, para falar a verdade, também ajudava a aliviar um pouco da minha tensão. Era reconfortante saber que o corvo estaria cuidando de Colin. Meu coração ficou aquecido. Eu não poderia ter pedido um familiar melhor. Sim, Poe era um pouco dramático e, às vezes, selvagem e imaturo, mas seu coração estava no lugar certo.

Até meu avô estava em silêncio, o que era totalmente atípico dele. Vovô olhava para seu copo vazio de gin, perdido em pensamentos. A leve e rítmica batida de seus dedos na mesa era a única indicação de que o mais velho ainda estava respirando.

— O que está rolando com ele? — Logan se acomodou ao meu lado, com as costas contra a parede, e cruzou os braços sobre o peito.

Seus olhos estavam em Kyllian, que estava ao lado da janela da sacada da frente, olhando para a rua escura abaixo. Depois de tomar quatro xícaras de café, o anjo ficara sóbrio e finalmente voltara a ser ele mesmo, embora talvez um pouco mais retraído do que de costume. Sem dúvida, ele estava envergonhado por ter sido encontrado desmaiado aos pés da escada por um nascido-anjo.

— Ele fez coisas para a Legião, coisas das quais se arrepende profundamente, e que não pode desfazer.

Eu parei por ali. Não era meu dever contar a Logan sobre os sofrimentos de Kyllian. Se o anjo decidisse lhe contar, poderia fazê-lo sozinho. O nascido-anjo pareceu entender e abandonou o assunto. Ele permaneceu perto de mim. Nossos ombros quase se tocavam. O cheiro de sua loção pós-barba flutuava na minha direção, agradável e almiscarado. Com sua atenção ainda em Kyllian, aproveitei a oportunidade para observá-lo... alto, bonito, sensual e perigoso, como veneno embalado em uma garrafa bonita.

O desgraçado era atraente e sabia disso. Ele provavelmente fazia todas as nascidas-anjos dasmaíarem. Pena que eu não era uma dela. Depois desta noite, duvidava que o veria novamente. Era melhor mesmo ficar longe dele. Mais seguro. Logan podia ter me ajudado na noite passada, contudo, eu não podia baixar a guarda. Claramente, o nascido-anjo viera até minha casa com seus próprios interesses em mente.

— Vargal deveria estar aqui agora — ele disse e um músculo pulsou em sua mandíbula.

Minha respiração saiu em uma lufada de ar.

— Eu sei.

Cadê você, Vargal?

— Acha que ele mudou de ideia?

— Duvido. — Meu olhar foi para Colin, vendo-o provocar Poe com uma semente de girassol. — Ele precisa do garoto. Ele vem. — Virei-me, fitando Logan. Um hematoma que eu não tinha notado antes marcava sua mandíbula. — Por quê? Você precisa estar em outro lugar esta noite?

Em uma cama aconchegante ao lado de uma mulher nua e quente?

O homem franziu a testa com o tom da minha voz.

— Não. Por que diz isso?

Desviei o olhar.

— Apenas um palpite. Parece que está um pouco nervoso, como se quisesse estar em outro lugar.

Logan ficou em silêncio.

— Não estou nervoso. E quero estar aqui quando Vargal aparecer. Você disse que minha lâmina da alma poderia matá-lo.

Ao ouvir aquilo, Kyllian se virou para nós.

— Com a ajuda da minha magia — acrescentei.

Até parece que ele ia receber todo o crédito. Eu não me importava com o quão beijáveis seus lábios fossem, apesar de eles parecerem extremamente dignos de receberem algumas mordidinhas.

Logan virou seu corpo na minha direção. Ele observou meu rosto em silêncio por um momento. Seus olhos se estreitaram, então, algo brilhou em seu rosto. Em seguida, o nascido-anjo se virou e se recostou contra a parede.

Ah, não.

— O que foi isso? — exige. — Desembucha.

— Desembuchar o quê?

— O que você estava pensando? Sei que estava pensando em algo. Vi em seu rosto.

Logan deu uma risada zombeteira antes de voltar seu olhar para Kyllian.

— Não estou pensando em nada. Não posso ficar aqui e não pensar?

Uma expressão divertida surgiu no rosto de Kyllian quando ele se virou e olhou pela janela da sacada, parecendo grande e deslocado em minha pequena casa, como um gladiador.

— Você está mentindo. — Cruzei os braços sobre o peito, imitando o nascido-anjo. — Mas tudo bem. Não me diga.

— Sei o que ele está pensando — Colin disse de repente enquanto levantava os óculos com o dedo indicador.

Inclinei-me um pouco para frente.

— Sério? O que é? — Um sorriso torceu meus lábios. *Ah, isso vai ser legal.*

— Ele está pensando em uma garota — o menino afirmou.

Eu senti Logan enrijecer ao meu lado.

— Ah, é? Que garota? — provoqueei.

Meu olhar caiu sobre o nascido-anjo. Ele estava olhando para Colin. O choque cimentava suas feições. Seus lábios se separaram como se estivesse prestes a dizer algo. De repente, fiquei *muito* interessada. Então, Logan tinha uma namorada. Isso não era surpreendente. Não com a aparência dele. Ela provavelmente era linda, de pernas compridas e voluptuosa. Os homens gostavam de mulheres com curvas. Mas por que se contentar com apenas uma? O cara provavelmente ficava com uma garota diferente por semana, assim como Alex.

Colin olhou para Logan e balançou a cabeça.

— Ele não quer que eu diga.

Algo vibrou no meu estômago e eu me forcei a respirar normalmente. O fato de Logan ainda se recusar a olhar para mim me deixou um pouco nervosa. As emoções oscilaram na borda dos meus pensamentos, contudo, eu as reprimi. Não havia tempo para pensar naquilo. Além disso, não é como se Colin tivesse dito que *era* eu. Poderia totalmente ser outra pessoa, alguém que Logan não queria que ninguém conhecesse.

Mas, ainda assim...

— Alguém está vindo — Kyllian disse de repente, sacando sua lâmina.

Meu coração saltou. Eu me afastei da parede e corri para a janela da sacada no mesmo momento em que uma forma encapuzada subia os degraus. A grande árvore de bordo no gramado da frente obscureceu a visão. Eu não conseguia ver quem era.

Merda.

— É ele? — a voz aterrorizada de Colin perguntou do outro lado da sala de jantar, e minhas entranhas se contorceram com medo, raiva e culpa.

— Não sei — respondi, canalizando meu poder enquanto estava ali.

O demônio Superior era ousado a ponto de usar a porta da frente? Desgraçado. Ele não levaria Colin. Acessei minha energia interior. Meus poderes borbulharam dentro de mim, prontos para explodir. Foi então que a porta da frente se escancarou.

Evanora Crow ficou parada na entrada.

— Você precisa arrancar as ervas daninhas do jardim, Samantha — ela disse enquanto passava por mim.

A mulher não demonstrou nenhuma reação ao grande anjo que apontava sua lâmina para ela, ao nascido-anjo ao lado dele com duas lâminas semelhantes brilhando na luz suave, ou a mim, com um feitiço escuro na ponta da língua.

Logan virou a cabeça em minha direção. Os cantos de seus olhos se apertaram em dúvida.

Levantei uma mão para apaziguar a todos.

— Tudo bem. Essa é minha tia Evanora.

Embora seu rosto estivesse enrugado de preocupação, o nascido-anjo embainhou suas lâminas. Depois de um momento, Kyllian fez o mesmo.

Lentamente, minha tia se arrastou para frente, seguindo pelo corredor. Soltei a respiração que não tinha percebido que estava segurando.

— Você não precisava andar até aqui, tia — murmurei, sentindo-me culpada ao escutar sons de estalos vindos de seus joelhos enquanto ela cambaleava. — Eu teria ido até você.

Percebi que ela também não estava usando a bengala. Velha teimosa. Eu com certeza tinha puxado à mulher. Evanora soltou um grunhido, dispensando minhas palavras enquanto mancava em direção à sala de jantar. Ela parou quando viu Colin.

— O menino é um vidente — a velha disse, e meu queixo caiu.

— Como percebeu?

Porra, às vezes, minha tia era simplesmente assustadora.

— Evanora sabe. Evanora vê — ela respondeu, como se isso explicasse tudo.

Sua cabeça inclinou para o lado ao se aproximar de Colin e mechas de cabelo branco apareceram pelos cantos de seu capuz. O garoto enrijeceu na cadeira, imóvel, como se tivesse sido atingido por um feitiço de congelamento. A velha bruxa parou a centímetros do menino, sua cabeça se movendo para cima e para baixo enquanto seu olho branco leitoso rolava em sua órbita como se estivesse tentando se concentrar em algo, mas não conseguisse encontrar.

Ela recuou e tirou o capuz.

— O menino é um vidente poderoso. Muitas habilidades. É por isso que ele é tão especial para o demônio Superior.

— Ah, fala sério — eu disse, aproximando-me dela. Seu couro cabeludo branco espreitava através de seu cabelo ralo. — Este é Colin. O demônio Superior tentou possuí-lo, mas, de alguma forma, ele resistiu por tempo suficiente até que intervimos.

— Hum.

Minha tia continuou a observar o menino como se ele fosse o ingrediente que faltava em um de seus feitiços.

— Colin, esta é minha tia Evanora.

Os olhos do garoto estavam arregalados. O mesmo medo que vi em seu rosto na noite passada o invadia. Sim, minha tia tinha esse efeito nas pessoas. Ela era assustadora pra caramba.

Evanora inclinou a cabeça. Seu olho bom focou em meu avô.

— Sangue e osso, nervo e pus. Que você receba o que faz jus. — Seu rosto se contraiu. — Ainda dormindo com todas as bruxas viúvas, Gordon?

Sorrindo, vovô ergueu seu copo para a velha bruxa.

— E você, Evanora, ainda é tão feia quanto um chapéu cheio de traseiros.

Ah. Que inferno.

Logan pareceu segurar o riso. Poe grasnou com raiva para meu avô, que se recostou, presunçoso, enquanto tomava outro gole de seu copo.

— Vovô — adverti. Que droga. Eu não precisava disso agora. — Seja civilizado, está bem?

— Ela que começou — ele rosnou, apontando para a mulher.

— Parem! Vocês dois! — gritei. — Vargal pode chegar aqui a qualquer minuto. Preciso que vocês estejam a postos. — Minha pressão subiu, fumegando meu rosto e me dando ondas de calor.

Kyllian e Logan permaneciam para trás, observando a conversa com sorrisos em seus rostos. Que ótimo.

— Tia Evanora — falei, feliz por minha voz estar equilibrada, embora minha mente estivesse tão acelerada quanto meu coração. — Por favor, diga-me que decifrou o texto.

A velha bruxa assentiu.

— Evanora decifrou.

Meu coração saltou com as possibilidades. Peguei uma cadeira vazia e a ajudei a se acomodar nela.

— Vá em frente — insisti, de pé ao lado dela.

— O ritual que seu demônio está realizando — ela começou, remexendo-se em sua cadeira até estar confortável — é para erguer um deus pagão antigo e maligno. — Seu olho bom focou em mim. — Nergal, o deus mesopotâmico da morte, da guerra e da destruição.

Senti os olhos de Kyllian e de Logan em mim, mas mantive o foco em minha tia.

— Ele parece encantador.

— Porém, para fazer isso — a velha bruxa continuou —, o demônio deve ter em sua posse as almas de cinco videntes poderosos. Videntes excepcionais. — Evanora levantou um dedo nodoso e apontou para Colin. — Como este — disse, deixando o garoto pálido. — Muito excepcional.

Respirei fundo para me manter firme.

— O que acontecerá se ele conseguir pôr as mãos no garoto e tiver sucesso com este ritual?

Fim do mundo. Fim de tudo. Era sempre a mesma coisa com esses deuses. Eles odiavam a humanidade mais do que os demônios.

Evanora moveu os lábios como se estivesse se preparando o que iria dizer a seguir.

— Isso nunca deve acontecer. Se o demônio colocar as mãos nas cinco almas videntes, completará o ritual e Nergal se levantará das profundezas da escuridão para queimar a Terra e tudo que vive nela.

Claro que sim. Eu odiava estar certa.

— Então, enquanto ele não puder tocar em Colin, não poderá fazer esse deus se erguer.

Evanora soltou um grunhido de concordância e focou seu olho bom em vovô, que estava à sua frente. Os dois velhos bruxos se olharam em um desafio silencioso. Gordon se mexeu na cadeira, parecendo estar prestes a pular e se jogar contra ela. Evanora, por sua vez, parecia querer que ele fizesse exatamente isso.

Levei meu olhar de volta para Colin. Ele não poderia viver assim, sendo perseguido para sempre. Isso não era vida. O garoto era tão jovem e tinha a vida toda pela frente. Estava tudo errado. Mas que escolha tínhamos? Vargal iria matá-lo, levar sua alma e, então, um deus pagão bastante desagradável se levantaria e mataria a todos nós. Esta noite estava ficando cada vez melhor.

— Vamos colocar equipes 24 horas por dia para protegê-lo — Logan disse, tirando-me de meus pensamentos. — Eu posso conseguir uma equipe de agentes nascidos-anjos que estará aqui em menos de meia hora. Podemos protegê-lo.

— Nascidos-anjos? — bufou minha tia, seus olhos perdidos em uma carranca profunda. Ela fitava Logan como se fosse a primeira vez estivesse vendo um nascido-anjo. — Evanora não precisa da ajuda de um nascido-anjo — adicionou, sua voz gotejando desdém e aversão. — A Corte das Bruxas Sombrias pode protegê-lo. A Corte é tudo o que ele precisa.

A fúria cruzou a expressão de Logan. Sua postura estava rígida como se ele estivesse realmente tentando manter a calma, mas fosse um esforço tremendo. Os olhos escuros dele foram de mim para Evanora, depois, seguiram para Kyllian, que estava de pé, assistindo a tudo de uma maneira bastante clínica.

Eu me mexi desconfortavelmente.

— Tenho certeza de que é verdade, tia Evanora — eu disse, antes que uma guerra eclodisse ao redor da mesa da sala de jantar. — Contudo, vamos precisar de toda a ajuda que conseguirmos. Pelo menos até descobrirmos uma maneira de parar Vargal. Colin não pode viver assim para sempre. — Meus olhos encontraram o menino novamente e minhas entranhas se contorceram com o medo aberto que vi estampado em seu rosto. — Até lá, talvez devêssemos aceitar a oferta de Logan.

— Eu posso cuidar do menino — meu avô afirmou, piscando para Colin. — Eu e Poe.

— Você? — Evanora zombou e seus ombros se sacudiram levemente. — Quando foi a última vez que Gordon Beaumont produziu um feitiço? Pelo que Evanora lembra, você não pode nem mesmo evocar um glamour decente para se salvar. Sua magia está gasta, velho tolo. Você é praticamente humano.

As rugas do meu avô se aprofundaram quando sua mandíbula se apertou e seus olhos azuis endureceram. Ele pulou de pé.

— Eu vou lhe mostrar como sou incompetente, sua vaca velha insuportável.

— Quem você está chamando de velha? — minha tia cuspiu. — Marque as palavras de Evanora. Você será comida de verme muito em breve, Gordon Beaumont.

— Vocês dois podem calar a boca?! — Sim, fui mal-educada e rude. Tecnicamente tinha que ser educada e respeitar os mais velhos, mas eles estavam agindo como crianças, então eu estava no meu direito. — Sente-se, vovô.

Encarei o homem até que ele caiu para trás em sua cadeira, parecendo uma criança cujo brinquedo favorito tinha acabado de ser roubado.

— Que o caldeirão ajude a todos nós se Vargal decidir aparecer agora — briguei. — Seria muito fácil para ele. Estamos todos tão presos às nossas próprias ideias estúpidas e egoístas que não estamos focando no que realmente importa: a vida de Colin.

Fechei os olhos por um momento e esfreguei minhas têmporas. Quando ergui o olhar novamente, meus olhos dispararam para Kyllian.

— Você acha que os anjos ajudariam?

Se tivéssemos a ajuda da Legião de Anjos, poderíamos derrotar Vargal para sempre.

O anjo assentiu, então, ergueu-se com orgulho.

— Sim — Kyllian afirmou com o rosto honrado e determinado como se estivesse esperando por esta chance para se redimir dos horrores do passado. — Os anjos vão ajudar. Pode contar conosco.

— Há! — Evanora bateu a mão aberta na mesa. — Só se for sobre o corpo morto de Evanora.

— Posso providenciar essa parte — meu avô exclamou.

Meu coração disparou com o ódio cru que vi nos olhos dele. Droga. Droga. Droga.

Mais rápido do que eu pensava ser possível, Evanora estendeu a mão e gritou:

— *Feurantis!*

Uma bola de fogo explodiu de sua palma aberta e disparou em direção ao meu avô.

Ah. Merda. Ela iria matá-lo.

— *Murus!* — Gordon gritou enquanto se levantava em um salto.

Uma parede cintilante de azul-claro se ergueu diante dele até o teto, sendo imediatamente atingida pela bola de fogo. Houve um estrondo poderoso, em seguida, a bola explodiu em milhares de pequenas faíscas alaranjadas antes de desaparecer.

— Briga! Briga! — Poe gritou, voado em um alvoroço. Ele se acomodou em cima de um armário alto, seguro e com uma boa vista.

Não pude deixar de notar que Logan e Kyllian recuaram, abrindo distância dos dois velhos bruxos. Eu não achava que nossas relações com os anjos iriam prosperar se um deles fosse atingido por um feitiço sombrio. Apenas Colin parecia levemente entretido e animado. Era óbvio que o menino se sentia atraído pela magia. Se todos nós sobrevivéssemos a isso, eu definitivamente iria ensinar alguns feitiços para ele.

Tia Evanora, ainda sentada em sua cadeira como uma rainha da magia em seu trono, sorriu maliciosamente e gritou:

— *Conlidam!*

Um vento se ergueu de repente ao nosso redor e, então, a parede de proteção do meu avô se estilhaçou em mil pequenos cacos de vidro. Tá, isso foi impressionante. O rosto de vovô estava vermelho como um tomate, seu ódio por Evanora escorria de seus poros em gotas grossas. Isso não ia acabar bem para nenhum deles. Desta vez, eles tinham ido longe demais.

Eu não me importava que esses dois idiotas se matassem, mas definitivamente não permitiria que eles destruíssem minha casa.

Assim que os lábios do meu avô se moveram em um feitiço, corri e me coloquei na frente dele.

— Chega — eu disse, levantando minhas mãos. — Já chega. Juro que se vocês dois destruírem minha casa, vão pagar por uma nova. E ouvi dizer que os imóveis de Nova York não estão baratos.

Minha respiração estava rápida enquanto eu os desafiava. Meus olhos iam da minha tia para o meu avô.

— Já terminaram? — instiguei, dando-lhes mais um minuto até que eu tivesse certeza de que sua loucura tinha passado antes de abaixar meus braços. — Ótimo. Agora — falei com minhas mãos em meus quadris —, onde estávamos?

Aquilo tinha sido drama familiar suficiente para uma noite. O estresse mental era tão espesso que eu quase podia sentir o gosto.

— O demônio Superior nunca deve pegar a quinta alma — Evanora comentou. Seu olhar se tornou severo.

— Ele não pegará — respondi.

— Tem algo errado — Colin disse de repente, e meu olhar se voltou para ele com o som de medo absoluto que ouvi em sua voz.

— Colin? — Atirei-me ao redor da mesa para chegar mais perto dele. — O que foi? Qual é o problema? É Vargal? — perguntei. Meu quadril bateu contra a borda da mesa enquanto eu procurava por algum sinal em seu rosto.

— Não sei. — Seu rosto estava branco como papel e pastoso como se estivesse com febre. Fios de sangue escorriam por seu nariz, grossos, escuros e assustadores.

Meu pulso disparou.

— Colin?

No instante seguinte, seus olhos rolaram para a parte de trás de sua cabeça e ele caiu no chão.

— Colin! — Eu me joguei para frente e agarrei sua cabeça antes que batesse no chão de madeira dura. De joelhos, embalei o garoto no meu colo.

O bater de asas me alcançou e Poe pousou no chão ao lado de Colin. Os olhos do garoto estavam abertos, mas sem foco, como se ele estivesse em algum lugar distante e não deitado no chão da minha sala de jantar.

— Colin? — Limpei sua testa pegajosa de suor, meus dedos tremendo com a adrenalina.

Ah, Deus. O que estava acontecendo?

— O que ele tem? — o corvo perguntou com a voz cheia de preocupação, o que só acrescentou uma camada a mais à minha própria tensão. — Por que está sangrando? Por que está assim?

O medo me atingiu, real e forte e ondulante.

— Não sei.

O garoto tinha o mesmo olhar de transe de quando Vargal o tinha sob seu comando, mas ele não estava aqui. Minhas proteções teriam nos avisado se o demônio Superior tivesse entrado em minha casa. Então, o que estava acontecendo com Colin?

O desespero encheu meu peito e eu olhei para minha tia. Ela já estava de pé, arrastando-se em nossa direção. Família... às vezes você nem precisa ser um leitor de mentes para saber o que eles estão pensando. Se havia alguém que podia me dizer o que havia de errado com Colin, essa bruxa era Evanora. Com tremendo esforço, a velha se ajoelhou ao nosso lado. Seus joelhos soltaram uma cacofonia de ruídos e estalos. Com a cabeça inclinada para o lado, ela pressionou a mão direita na testa do menino e fechou os olhos, os lábios se movendo em um feitiço silencioso.

Logan e Kyllian pairavam sobre nós, compartilhando as mesmas expressões chocadas e preocupadas. Vovô estava com os olhos vermelhos, parecendo prestes a chorar.

— É Vargal? — Logan questionou, seus olhos brilhando com preocupação. — É ele que está fazendo isso com o garoto?

Eu cerrei minha mandíbula até doer.

— Ele o está machucando. Como isso é possível?

Minha tia soltou Colin e se inclinou para trás.

— O menino está no Despertar. — Percebendo minha confusão, ela elaborou — É quando a sua consciência viaja para outro plano paralelo de existência onde sua mente é mais forte; onde ele pode manipular e existir na mente de outra pessoa.

Tá, agora eu estava ainda mais confusa.

— Então, por que ele está sangrando?

Meu pulso estava acelerado. Forcei minha respiração a se acalmar, sabendo que perder o controle agora não era uma opção.

Evanora focou seu olho branco leitoso em mim.

— Porque — minha tia disse enquanto respirava com dificuldade. Seu feitiço rápido havia afetado seus velhos ossos. — Colin está compartilhando a consciência de alguém, e

essa pessoa está sangrando. Talvez coisa pior. No Despertar, ele sente o que a outra pessoa está sentindo. Eles estão ligados.

Minha cabeça girou e eu achei que ia vomitar.

— Então, se essa pessoa morrer — comecei, olhando para o rosto pálido do menino. — *Ele* também morre?

Meu coração batia contra meu peito. Como se o ouvisse, minha tia lentamente se virou para mim. Eu observei seu rosto, vendo meu próprio rosto evidenciando meu pânico. Evanora não disse nada, sua mandíbula apenas roeu um pedaço inexistente de comida em sua boca. Ela não precisava dizer nada. Um sentimento doentio se contorceu dentro de mim com o que seu silêncio poderia significar. Eu sabia a resposta.

Minha tia grunhiu com esforço enquanto tentava se levantar, então, Kyllian apareceu para ajudá-la. Acho que a mulher ficou surpresa demais para dizer qualquer coisa. Eu nunca a tinha visto tão chocada antes. De alguma forma, a emoção não combinava com ela. Tia Evanora nunca se surpreendia.

— Então, vamos acordá-lo — meu avô disse. Seus olhos arregalados de medo espelhavam os meus. — Não podemos deixá-lo morrer assim. É só uma criança. Além disso, eu gosto desse garoto. — Ele jogou os braços no ar. — Nem mesmo você consegue ser tão fria, Evanora. Sei que, sob todas essas rugas e dobras, deve haver um coração ou algo parecido.

O rosto da minha tia se contorceu de raiva enquanto exalava lentamente. Seu olho branco estava em Colin quando disse:

— Só ele pode sair do Despertar. Se Evanora tentar quebrar a conexão, isso o matará.

Logan xingou, passando as mãos pelos cabelos. É normal ser bonito mesmo estando bravo? Bem, ele era.

— Tem que haver outra maneira. — Seus olhos encontraram os meus e eu senti uma onda de energia passar por mim. — Se esse garoto morrer...

— Vargal vence. — Olhei de volta para Colin. — Se ele morrer, o demônio Superior poderá facilmente rastrear sua alma e levá-lo. E não há nada que possamos fazer.

Uma pena preta caiu do corvo, flutuando até o chão. Então, outra. Olhei para Poe. O demônio-pássaro parecia que ia desmaiar de tristeza. Ele estava perdendo suas penas.

Droga. Eu não podia deixar uma criança morrer em meus braços e não fazer nada a respeito. Simplesmente não podia, porque sabia que isso me faria ultrapassar o limite.

Poe pulou para o ombro de Colin e gentilmente acariciou seu bico na bochecha do garoto.

— Vamos, amigo. Acorda.

De repente, os olhos do menino se abriram e ele pulou dos meus braços, parecendo assustado e confuso. O movimento súbito enviou Poe no ar em uma batida frenética de asas.

— Ele a pegou. Ele vai matá-la!

Eu fiquei de joelhos para poder encará-lo. Fiquei tão chocada ao vê-lo consciente que demorei um momento até encontrar as palavras.

— Você quer dizer Vargal? — A sala de jantar pareceu se inclinar. Eu pisquei rápido. Ah, merda. — O demônio pegou outra vidente, não foi? — Gelo percorreu minha espinha enquanto as palavras saíam.

Se Vargal tivesse encontrado outra vítima, não precisaria mais de Colin, pois teria suas cinco almas para criar o deus pagão Nergal e, então, todos nós morreríamos.

Como tudo deu tão absurdamente errado tão rápido?

O menino assentiu com os olhos arregalados e cheios de lágrimas.

— Ela está com dor. Gritando. Ele a está machucando muito. Temos que ajudar!

Logan praticamente passou por cima de mim enquanto entregava um lenço para Colin. Fiquei muito grata e me senti burra por não ter pensado nisso primeiro.

— Aqui, seu nariz está sangrando.

O garoto pegou o lenço com a mão trêmula e enxugou o nariz.

— Obrigado.

— Como sabe disso, Colin? — o nascido-anjo perguntou em um tom de voz mais alto que o normal. Esta era a única indicação de sua tensão.

Kyllian se aproximou com a mesma pergunta estampada em seu rosto. O anjo cruzou os braços sobre o peito.

— Porque eu estava lá com ela — o garoto disse. Manchas vermelhas marcavam seu rosto. — Senti o que ela sentiu. Era como se eu estivesse dentro da cabeça dela; como se fôssemos a mesma pessoa.

— Deve ser perturbador — Poe disse, pousando ao lado de Colin no chão.

— E você tem certeza de que ela é uma vidente? — Logan perguntou. — Talvez esteja errado.

A pele ao redor de seus olhos se contraiu, e eu notei que ele esperava que Colin estivesse errado. Acho que todos nós esperávamos.

— Sim — o menino respondeu, franzindo a testa por um momento. — Ela é como eu.

— Então, já é tarde — meu avô anunciou, falando o que todos temíamos.

Fiquei tensa em um pânico repentino. Não poderia ser assim que as coisas terminariam. Não era possível. Tinha que haver uma maneira de deter Vargal. Um pensamento me ocorreu.

— Talvez ainda haja tempo. — Olhei para o garoto, meu coração batendo forte. — Ela ainda está viva?

Colin encontrou meus olhos.

— Sim — ele disse e amassou o lenço ensanguentado na palma da mão.

Graças ao caldeirão.

— Se ainda está viva, ainda há tempo — afirmei. — Se ela é forte como acho que é, está lutando com ele, mas não conseguirá se manter firme para sempre.

Senti um pouco de tensão deixar meus ombros, contudo, não consegui me livrar de um sentimento novo e desagradável.

— O que foi, Sam? — Kyllian examinou meu rosto. — O que é?

Olhei nos olhos do anjo, vendo apenas uma determinação feroz.

— Como Vargal encontrou outro vidente tão rapidamente? Ele encontrou o substituto para Colin em menos de vinte e quatro horas. Como fez isso mesmo tendo que esperar pelo pôr do sol?

Uma sensação desconfortável se instalou em meu estômago, começando a apodrecer como uma ferida infecciosa.

— Tem alguém trabalhando para ele — Logan concluiu, tirando as palavras da minha boca. — Um mestiço ou um nascido-anjo. Isso explicaria como o demônio encontrou o novo vidente tão rápido depois de ter falhado em possuir Colin.

— E quem é o desgraçado que está fazendo isso?

A raiva me atingiu com força. Eu ia encontrá-lo. E quando o fizesse, ia cortá-lo em cubos e fervê-lo no meu caldeirão. Mas, primeiro, precisava encontrar o demônio Superior. Ficando em pé, corri para a entrada e peguei minha bolsa. O amuleto rastreador já estava pendurado na minha mão enquanto eu corria de volta para a sala de jantar.

Os olhos de Logan se voltaram para o medalhão.

— Ainda funciona?

— Eu realmente não sei. Vou tentar. — Era um tiro no escuro, pois sabia que a magia já estava gasta. — Talvez eu possa fazê-lo funcionar novamente.

Talvez funcionasse do mesmo jeito que meus anéis. *Por favor, funciona. Por favor. Por favor.* Soltei um longo suspiro, fechei os olhos e fiz o feitiço. Acessando minha força interior, puxei a energia do amuleto. Com a mão em volta dele, gritei:

— *Dominus invenire sanguinis! Invenies eum* Vargal!

Houve uma pequena onda de poder, um zumbido de energia emanando do medalhão em ondulações contra a minha pele. Ela passou por mim por um momento, mas, depois, saiu do amuleto tão rápido quanto entrou.

E aí nada.

Bufei e enrijei.

O amuleto parecia uma pedra fria na minha palma. Estava morto.

— Não funcionou — Logan disse.

— Eu percebi — zombei. Parte de mim queria esmagar sua cabeça contra a parede.

Olhei para minha tia, sua expressão me dizendo que tinha sido uma enorme perda de tempo. Ainda assim, eu tinha que tentar. Tinha que ter certeza. Tá, então, o amuleto já era, mas eu não ia desistir. De jeito nenhum. Não ia deixar Vargal matar essa mulher nem deixar que convocasse seu amigo, o deus pagão Nergal.

Algo se remexeu em mim. Movi meu olhar de volta para o garoto.

— Colin — chamei, sentindo meu pulso martelando. — Como foi que compartilhou a mente dela? Você a conhece?

Talvez todos os videntes de Nova York se conhecessem, como nós, bruxas. Talvez houvesse toda uma comunidade deles da qual nunca tínhamos ouvido falar.

— Não conheço — o garoto falou, balançando a cabeça. — Eu nunca a conheci, mas eu sei que o nome dela é Trish e que tem a sua idade, vinte e cinco — ele informou.

Eu sabia que não deveria perguntar como Colin sabia minha idade. Perguntei-me o quanto o garoto sabia sobre mim. Será que ele sabia de tudo? Só de olhar para mim, conhecia todos os meus segredos obscuros?

— Eu sei que ela trabalha no Banco Chase — o menino continuou, e eu me afastei daqueles pensamentos mórbidos. — É como se, em um momento, eu estivesse aqui com você e, no momento seguinte, tivesse me visto com ela. Não sei como aconteceu. Simplesmente aconteceu.

— Evanora sabe — a velha bruxa afirmou, e Colin enrijeceu. — O menino compartilha uma conexão com o demônio Superior. Quando ele entrou em sua mente, criou

um vínculo permanente.

Eu me animei.

— Sério? — Isso era algo que eu poderia usar a nosso favor. — Então, o mesmo se aplica a Trish. Quando Vargal começou a machucá-la, abriu a conexão com Colin. E sendo a mulher uma vidente, ela uniu sua mente à de Colin, prendendo-se a ele — comentei, enquanto continuava ligando os pontos — e implorando para que a ajudasse na esperança de que ele contasse a alguém; de que alguém a salvasse.

Alguém como eu.

Com um leve aceno de cabeça, minha tia soltou um ruído de concordância. Ela sabia que eu estava bolando um plano.

— O que tudo isso tem a ver? — Logan indagou com o rosto enrugado de confusão. — Não resolve nosso problema, especialmente se Vargal tem uma nova vidente. Agora, ele tem suas cinco almas. O que o impede de invocar o deus esta noite?

— Tem tudo a ver — rebati. Minha tensão aumentou, deixando-me tonta. — Colin, quando você compartilhou a mente de Trish, Vargal o viu ou sentiu que estava lá com ela?

Um plano começou a se formar na minha cabeça.

— Não — o garoto respondeu, em seguida, deu de ombros. — Acho que não.

— Ótimo. — Soltei um suspiro. — Isso é bom o suficiente para mim.

Logan voltou os olhos para mim novamente, suas feições ainda mostrando dúvida.

— No que está pensando?

— Vargal não sabe que *nós* sabemos que ele encontrou outra vidente — respondi. Minha respiração estava rápida. — E acho que não sabe que Colin e ela compartilham uma conexão.

O nascido-anjo me encarou por um momento.

— Então?

— Então? — Eu quase ri. Meu coração disparou de emoção. Estava quase sorrindo.

Olhando para minha tia, notei o pequeno sorriso em seus lábios e soube que ela sabia exatamente o que eu estava pensando.

— Colin — falei, voltando-me para o garoto. — Acha que conseguiria descobrir onde eles estão? — Ouvi a respiração de Logan. Agora, meu avô estava sorrindo com orgulho. — Você pode perguntar a Trish? Eu sei que é pedir muito e que, ao fazer isso, estará arriscando que Vargal o descubra. Porém, se puder, teremos uma chance real de encontrá-la e parar o demônio.

— Sam — vovô interveio. — Isso poderia machucar Colin ou, se o que aquela bruxa velha disse for verdade, até mesmo matá-lo — acrescentou, recebendo um grunhido de raiva de minha tia.

— Ele está certo, Sam — Kyllian afirmou. — Você está colocando o menino em risco.

— Não sou um menino — Colin rebateu, parecendo confuso. — Não sou menino desde os cinco anos de idade.

— O que você quer que eu faça? — Minha voz se elevou enquanto eu olhava para o anjo alto. — Não sei mais como encontrá-lo. Precisamos parar o demônio, Kyllian. O mundo estará em risco se não fizermos isso.

— Ele pode morrer. — O outro olhou para mim com raiva, e eu pude ver que ele estava levando a questão para o lado pessoal. — Encontre outra maneira.

Suspirei.

— Kyllian, escute...

— Eu vou fazer — o garoto disse antes que eu terminasse minha frase.

Sorri.

— Obrigado, Colin.

O plano ia funcionar. Eu podia sentir.

Observei enquanto Colin lentamente se levantava, fechava os olhos e respirava fundo. Ele ficou lá por um momento. Ao vê-lo se concentrar, parte de mim desejou poder perguntar a ele em que mulher Logan estivera pensando. A outra parte me disse para calar a boca e focar na tarefa em minhas mãos.

Colin abriu os olhos, virando-se para mim.

— Mas eu vou com você.

— De jeito nenhum! — Kyllian e eu fizemos coro juntos.

O garoto pareceu inabalado.

— Ou me deixam ir com vocês ou não vou dizer onde eles estão.

Aquele merdinha. Merdinha safado.

— Por que quer arriscar sua vida? Você viu o que ele é; do que o demônio é capaz.

Em seu rosto, eu vi a resposta. Era exatamente esse o motivo.

— Eu vou — o garoto repetiu.

— É perigoso demais. Mortalmente perigoso.

Eu poderia enfeitiçá-lo para que me disse o local. Depois, eu o forçaria a ficar aqui, onde estaria seguro, com vovô.

— Nem pense em me enfeitiçar — Colin rebateu, pegando-me no flagra.

Droga.

— Pare de ler minha mente — avisei, apontando um dedo para ele. Eu levaria algum tempo para me acostumar a ter um leitor de mentes em casa. Olhei para os outros. — Se alguém têm algum problema com Colin vir conosco, agora é a hora de se pronunciar.

O menino cruzou os braços em desafio. Eu estava realmente começando a gostar do garoto. Ele tinha mais coragem do que muitas bruxas com o dobro de sua idade.

Olhei ao redor, rosto por rosto.

— Sem objeções? Beleza. Então, Colin, você conseguiu um acordo.

— Tá — Logan disse com uma expressão intensa. — Então, o que faremos quando o encontrarmos?

Ao fitar o rosto do nascido-anjo, vi a mesma determinação feroz que eu sentia.

— Seguiremos o plano. Vocês — falei, apontando para Logan e Kyllian — com suas lâminas celestiais e eu com minha magia. — Respirei fundo antes de completar — Vamos encontrar Vargal, depois, matamos o filho da puta.

Dez minutos depois, estávamos fora de casa e espremidos dentro de um táxi novaiorquino, indo para o norte, na NY-9, seguindo para Yonkers. Kyllian estava na frente com o motorista porque, bem, ele era grande demais para caber na parte de trás. Eu, Logan e Colin estávamos no banco traseiro e Poe estava empoleirado no meu ombro. Éramos uma equipe de lutadores e assassinos paranormais que já tinha eliminado nossa cota de demônios e outros vilões sobrenaturais, contudo, nenhum de nós tinha um carro. Sim. Lamentável.

O motorista, um homem de pele escura, não parava de lançar olhares de nervosismo para Poe pelo espelho retrovisor. Eu tive que pagar vinte dólares extras para que ele deixasse o pássaro entrar comigo. Ainda assim, o homem continuava fazendo comentários sobre a gripe aviária. Infelizmente, eu não podia explicar ao humano idiota que Poe era um demônio e, portanto, não era capaz de transmitir nenhum tipo de vírus. Ele nunca teria nos deixado entrar se eu tivesse feito isso. Portanto, optara por pagar para que o motorista ficasse quieto.

O táxi fedia a fumaça de cigarro, vômito seco e mofo, tudo misturado com o cheiro dominante de pinho vindo do purificador de ar em formato de árvore pendurado perto do painel. Abaixei a janela alguns centímetros. Até o cheiro de asfalto quente e escapamentos era melhor.

— Se esse pássaro cagar no meu táxi — A voz do motorista veio do assento à frente. Soltei um suspiro exasperado. —

Ele não vai fazer isso — afirmei pela quarta vez no espaço de vinte e cinco minutos.

— Se eu ficar doente — o homem falou em voz alta, como se eu não tivesse dito nada. — Se eu pegar gripe aviária e morrer, a culpa será sua! Sou um homem de família. Eu tenho filhos. Quem vai cuidar deles se eu morrer?

Revirei os olhos.

— Você não vai morrer — respondi em um tom de voz monótono. — Não vai pegar gripe aviária. Pode confiar, se meu pássaro tivesse algo contagioso, não acha que eu estaria apresentando algum sintoma?

Poe se inclinou e sussurrou em meu ouvido:

— Se ele quer um vírus, vamos lhe dar um para que cale a boca. Que tal varíola? Seria chocante.

Eu sorri, tendo pensado em fazer exatamente isso. Enfeitiçar o motorista idiota seria divertido e fácil demais, contudo, fazer com que ele ficasse doente não ia ser de muita ajuda naquele momento. Ainda precisávamos que o cara estivesse saudável para nos conduzir.

— Na próxima, Poe — sussurrei de volta, mordendo o interior da minha bochecha para não rir.

Eu vi o motorista franzir a testa para mim, que estava falando com um pássaro.

A mistura de medo e animação que me enchia vinha do fato inegável de que estava prestes a encontrar Vargal e fazê-lo pagar pela alma de Julia e pelas outras almas que tinha levado.

Colin estava sentado entre mim e Logan. Olhei para ele. O menino estava quieto desde que tínhamos entrado no carro. Ele permanecia com as mãos no colo, cutucando as unhas, e com os lábios pressionados em uma linha fina. O garoto podia ser pequeno, mas compensava seu tamanho com sua força mental. Ele era incrível. Em casa, o menino tinha fechado os olhos e entrado em contato com Trish em sua mente assim que nosso acordo fora feito, embora, naquele momento, eu já estivesse começando a me arrepender. Ele nos dissera onde encontrá-la, ou melhor, *ela* dissera a Colin, o que explicava nossa viagem até Yonkers.

Vargal a tinha levado para o que Colin descrevera como uma usina abandonada. Fria e molhada, ele ficara repetindo. Ao ouvir a descrição, perguntei-me se ele estava descrevendo como Trish estava se sentindo.

Minha pressão subiu. Trish ainda estava viva, mas não por muito tempo. Vargal não perderia a oportunidade novamente. Ele terminaria o serviço esta noite. Eu tinha certeza. Quando chegássemos, não sabia exatamente o que esperar. Nem sabia se nós cinco realmente éramos capazes de derrotar um demônio Superior, mas tínhamos que tentar.

A frustração me atingiu, o que devia ter ficado evidente na minha expressão, porque vi Logan voltar sua atenção para mim. Nossos olhos se encontraram e um formigamento passou pelo meu corpo. Eu não conseguia evitar. Havia algo na forma como o nascido-anjo me olhava, quase como se gostasse do que estava vendo.

Não sei por que, mas continuei olhando para ele; para seus olhos escuros e sensuais e seus lábios totalmente beijáveis. Eu os estudei, percebendo que Logan se tornara algo muito perigoso para mim, embora antes fosse apenas irritante. Com a realização, fiquei sem fôlego. O nascido-anjo desviou o olhar primeiro, fitando a janela e me deixando ainda mais curiosa sobre o que diabos tinha acabado de acontecer. Será que ele me achava atraente ou só estava curioso para saber como era transar com uma bruxa?

Com o pensamento, Colin olhou para mim, dando-me um sorriso de quem sabia mais do que devia.

Garoto, você está começando a me assustar.

— Vai se acostumando — ele respondeu presunçosamente, parecendo completamente diferente do garotinho assustado tínhamos resgatado na noite passada.

Nós dois rimos e eu senti um pouco da tensão no táxi ir embora pela janela.

Três minutos depois, o veículo parou no meio-fio.

— Fora. Saiam! — o motorista gritou. — Fora! Todos vocês!

Fiz uma careta quando abri a porta.

— Cara. Ele está pedindo.

Saí e caminhei até o homem, paguei e acenei enquanto ele se afastava o mais rápido que podia.

Kyllian tremeu de rir. Foi bom vê-lo sóbrio novamente com um sorriso e um propósito brilhando em seus olhos.

— Humanos — Poe disse, mexendo-se no meu ombro. — Medo de um passarinho, quem diria. E pensar que eu nem tive a chance de *soltar* uma pequena lembrança no carro dele.

Cocei o queixo do corvo e olhei em volta. Estávamos em uma rua estreita repleta de armazéns e prédios residenciais que pareciam ter sobrevivido a uma guerra mundial. À

nossa frente, havia um terreno baldio bloqueado por uma cerca de arame. Grama alta crescia pelas rachaduras na calçada e lixo se espalhava pela rua, junto com garrafas de cerveja quebradas e bitucas de cigarro.

Diante de nós, estava um enorme edifício de tijolos vermelhos. Duas chaminés altas se projetavam do topo como chifres gigantes vindos do inferno. Metade do prédio ficava no rio Hudson, enquanto a outra metade ficava em terra, como se a construção quisesse apenas molhar os pés. Fileiras de janelas escurecidas olhavam para nós. A escuridão tomava conta dos arcos e das portas do prédio, iguais aos olhos vazios de uma fera gigante. Nenhuma luz brilhava dentro do local, não havia qualquer sinal do brilho de velas. A única iluminação vinha dos altos postes que ladeavam a rua, lançando sombras que se assemelhavam a aranhas sobre o asfalto.

— Que lugar alegre — comentei com um sorriso falso no meu rosto. — Perfeito para o solstício de inverno. Me dá vontade de tirar a roupa e dançar ao redor de uma fogueira.

Logan olhou para mim, mas eu mantive meus olhos na estrutura.

— É um prédio monstruoso — Poe murmurou, ainda empoleirado no meu ombro. — Deve ter milhares de metros quadrados.

Ele estava certo. Era enorme: tinha seis andares de altura e era da largura de um grande hospital. Vargal poderia estar em qualquer lugar. Levaríamos horas para explorar todo o edifício. Infelizmente, Trish não tinha esse tempo.

— Tem quinze mil metros quadrados — Logan afirmou, aproximando-se e ficando ao meu lado. — Foi construído em 1907 para abrigar geradores elétricos que forneciam energia para a ferrovia.

Eu olhei para ele.

— Estou impressionada. Como é que sabe disso?

O nascido-anjo sorriu.

— Google.

Juntos, nós cinco atravessamos a rua em direção ao prédio principal da usina abandonada. O cascalho na entrada da frente brilhava à meia-luz dos postes distantes. Caminhar por ali era como explorar uma cidade fantasma pós-apocalíptica. Grafites poluíam as paredes externas como murais gigantes e incompatíveis, mas as cores vibrantes não ajudavam a melhorar a estrutura em ruínas.

Uma porta estava aberta em um convite silencioso para entrar na boca do monstro. Mesmo na penumbra, ainda podíamos distinguir letras pretas e desbotadas logo acima da moldura da porta, que diziam “ENTRADA”. Um grande pedaço de compensado jazia além da abertura. O meio estava rachado como se tivesse sido golpeado.

— Parece que alguém o abriu com um chute — eu disse.

Alguém tipo um demônio Superior chamado Vargal.

Kyllian se moveu ao meu lado. Seu estava rosto coberto por sombras.

— Estou sentindo muitas energias demoníacas. Este é definitivamente o lugar certo.

Sorrindo, o anjo sacou sua lâmina e um olhar selvagem apareceu em seus olhos.

É. Seria uma noite divertida.

— Sou só eu, ou ele está um pouco animado demais? — Poe comentou.

Tive que concordar. O aperto no meu estômago reapareceu dez vezes mais forte e me virei para Colin.

— Tem certeza de que ainda quer fazer isso? Não há problema nenhum em ficar aqui e esperar.

O garoto me olhou como se eu tivesse acabado de dar um tapa nele.

— Eu vou. Você disse que eu podia ir. Temos um acordo.

— Gosto desse garoto — Poe grasnou.

Suspirei e ajustei a alça da minha bolsa mais alto no meu ombro.

— Eu sei. Só quero que você tenha certeza de que entende o que vai acontecer.

— Vamos matar o demônio — ele respondeu com uma voz decidida. Parecia que já tínhamos até terminado o serviço. — É isso que vai acontecer.

Fiz uma careta, perguntando-me se o menino podia ver o futuro. Essa não era uma das muitas habilidades que ele nos informara. Talvez houvesse mais em Colin do que ele deixara transparecer.

— Colin, consegue identificar onde ela está com sua mente? Como o que você fez antes na casa de Sam? — Logan se moveu, parando ao lado do menino.

— É muito arriscado — falei antes que o mais novo pudesse responder. — Não podemos arriscar, vai que isso avisa Vargal que estamos chegando ou que Colin está aqui.

— Talvez ele já até saiba — o nascido replicou. — O que significa que isso poderia ser uma armadilha.

— Já pensei nisso. — Olhei para o corvo. — Está pronto?

Poe deu um grasnido de aprovação e bateu as asas.

— Tá brincando? Estou sempre pronto.

— Poe — eu disse, sentindo medo e animação na mesma proporção fervilharem dentro de mim. — Por favor, seja cuidadoso. Não sei o que faria se algo acontecesse com você.

— Eu dou conta.

O corvo decolou em um bater de asas e penas, disparando direto pela entrada do prédio como uma flecha negra. Eu mantive meus olhos nele até que o pássaro foi engolido pela escuridão. Em seguida, virei-me para os outros.

— Poe vai procurar armadilhas. Podem acreditar, ele é o melhor em detectar armadilhas e proteções mágicas. Somos basicamente cegos e surdos em comparação a ele. Poe também vai procurar por Trish. Vamos indo.

Kyllian foi o segundo a entrar, penetrando além da escuridão. Sem dúvida, ele tinha visão noturna graças às suas habilidades angelicais.

Mas eu tinha algo melhor.

Enfiei a mão dentro da bolsa e tirei um pequeno globo de cristal do tamanho de uma maçã. Depois, disse:

— *Iluminante.*

O globo brilhou com uma luz branca, como uma estrela em miniatura, banhando a mim e seis metros adiante em sua luminosidade.

— Uau — Colin disse. O sorriso no rosto do garoto fez meu coração derreter.

— Aqui. — Peguei sua mão e coloquei o globo nela. — Você leva.

— Obrigado. — Colin encarou, com os olhos arregalados, o globo enfeitado. Seu rosto, coberto de luz branca, fazia com que ele parecesse muito mais jovem.

— Mas eu quero que você fique atrás de mim e de Logan — ordenei. — Entendido?

O menino fez uma careta.

— Sim, mãe.

Eu levantei uma sobrancelha.

— Você tem sorte de parecer ter dez anos. Caso contrário, eu teria chutado sua bunda por isso.

Logan se inclinou sobre meu ombro.

— O que mais você tem aí?

O cara estava literalmente no meu espaço pessoal.

— Coisas de mulher, sabe como é, itens *peessoais*. Absorventes internos ou externos tamanho noturno...

— Tá, tá, pode parar.

O rosto do nascido-anjo se enrugou quando ele se afastou de mim. Foi bem fácil.

— Vamos — falei enquanto passava pela entrada. — Kyllian provavelmente já está chegando no Canadá essa hora.

Mesmo que meus sentidos não fossem tão aguçados quanto os de Poe para as energias demoníacas e as vibrações mágicas, ainda senti uma transição de energia assim que passei pela entrada; uma mudança no clima que não tinha nada a ver com a corrente de ar entrando pelo vidro quebrado.

Tinha magia aqui. E muita.

Meu pulso se acelerou enquanto nos movemos para dentro, encontrando escuridão, sombras e nada mais. O globo de Colin emitia brilho suficiente para lançar uma luz fraca nas paredes e nos arredores, tornando possível que nossos olhos mortais pudessem ver. Ainda assim, desejei que Poe já tivesse voltado. O globo não nos avisaria se um demônio saltasse das sombras sobre nós, mas o corvo sim.

Detritos, poeira, pedaços de concreto e tijolos vermelhos se espalhavam pelo chão enquanto canos enferrujados pendiam das paredes. O lugar era do tamanho de um grande armazém. Qualquer maquinaria que tivesse existido aqui já era. O lugar estava vazio e frio como um túmulo.

— Kyllian? — sussurrei. — Poe?

Fiquei parada por um momento, aguçando os ouvidos para qualquer indício do bater de asas ou dos passos pesados do anjo. Nada.

Droga. Onde diabos eles estavam?

Um sentimento desconfortável se instalou em meu peito. Não era típico de Poe desaparecer daquele jeito. Ele já devia estar de volta.

— Vamos — Logan disse, sua respiração saindo com pressa. — O ar cheira ainda pior nesta direção — acrescentou, avançando.

Por algum motivo, ele tinha decidido assumir a liderança. Eu deixei, pois queria ficar perto de Colin.

Juntos, Colin e eu seguimos o nascido-anjo. Subimos escadas enferrujadas até o nível do meio, onde a porta dos fundos havia sido deixada aberta. Passamos correndo e chegamos a uma ponte de metal externa, uma passagem que ligava o prédio vizinho. Em silêncio, pegamos a ponte. O sangue pulsava em meus ouvidos e eu me sentia como se estivesse andando em uma prancha em algum navio pirata, prestes a encontrar as águas escuras do rio Hudson ondulando sob a lua.

Uma lua cheia. Merda. Só os malucos saíam na lua cheia. Era quando os rituais eram mais potentes, quando a magia era mais forte e quando o Véu, que impedia os demônios de entrar em nosso mundo, estava mais fraco.

Logan olhou para a lua, passou sua lâmina da alma para a mão esquerda e estendeu a direita para tirar outra.

Entramos no prédio seguinte. Enquanto caminhava, senti a presença formigante da magia negra e de algo muito mais forte. Respirei fundo e soltei o ar, exalando ansiedade com ele.

Porra, Poe. Onde você se meteu?

Estávamos em um salão semelhante ao interior de uma catedral. Um átrio de metal, vidro quebrado e tijolo assomava acima de nós. Treliças metálicas levavam até o teto, entrelaçadas em desenhos complexos. O luar brilhava através do vidro quebrado, iluminando as paredes em tons suaves de prata e azul. O salão abaixo de nós emanava malícia, suas paredes decoradas com uma tela de runas e símbolos arcanos que brilhavam em vermelho e amarelo na meia escuridão. Seus padrões intrincados eram os mesmos que decoravam as paredes do apartamento onde eu vira Julia viva pela última vez.

Logan xingou. Com o coração batendo forte, eu me movi para ficar ao lado dele e espiei o primeiro andar. Um grande círculo de pedra estava no meio do chão com seis cabeças de galinha pretas espalhadas uniformemente ao redor dele. Uma mulher estava no centro, em cima de um triângulo desenhado com sangue. Trish.

Eu não conseguia ver seu rosto, mas seus braços e pernas estavam amarrados com uma corda. Uma figura vestida de vermelho, de ombros largos e definitivamente masculina estava ajoelhada ao lado dela.

Quatro frascos, cada um do tamanho de um frasco de perfume, estavam ao lado do círculo. Eles brilhavam com uma luz branca cintilante. Almas. Um deles continha a de Julia.

Meus olhos se moveram para um monte na extrema esquerda. Sua pele emitia uma luz suave e branca. Kyllian. Merda. O que diabos tinha acontecido aqui?

Uma sombra se moveu à luz das velas. Um homem.

Quando a luz atingiu seu rosto, soltei o ar de uma vez só.

Alex. Ele estava completamente nu, seu corpo coberto com as mesmas runas e símbolos da Mesopotâmia, todos pintados com sangue.

E em suas mãos, inerte e mole, com a cabeça pendendo para o lado, estava Poe.

— **S** eu filho da puta! — uivei. Toda a minha raiva subiu à superfície em uma onda quente e imparável de fúria. — Eu vou fritar você! Você está morto, Alex. Morto!

Não sabia o que era mais estranho, o fato de eu estar gritando a plenos pulmões ou de estar direcionando minhas palavras a um cara nu. Eu não sabia o que esperar. Demônios, sim. Muitos deles, claro. Mas um bruxo nu? Acho que não.

Minha mente ficou em branco. Tudo o que conseguia ver era uma raiva incandescente e o corpo sem vida de Poe pendurado na mão do desgraçado. Meus olhos queimaram. Eu não me lembrei por qual motivo estava aqui ou quem estava comigo. Tudo o que queria era chegar até Poe. Se ele realmente estivesse morto, eu destruiria Alex como a uma pinhata.

Eu estava correndo, descendo as escadas escorregadias, dois degraus de cada vez, minha mente já repassando uma maldição sombria, uma daquelas que era ilegal usar em outro bruxo. As de morte.

Logan gritou meu nome lá de cima, mas eu mal o ouvi. *Poe. Meu Poe. Ah, Deus, Poe.*

Pulei escada abaixo, canalizando o poder dos meus anéis e dirigindo-o para mim. Minhas emoções adicionaram uma camada extra de poder. Eu cerrei meus dentes quando ela me inundou.

Eu vou matá-lo, Alex.

Cheguei ao pé da escada com minhas mãos estendidas diante de mim e minha magia escorrendo dos meus poros, formigando nas pontas dos meus dedos.

— Se chegar um pouco mais perto, quebrarei o pescoço dele — Alex alertou. Sua outra mão se moveu ao redor do pescoço de Poe. — Você pode ser rápida, mas não é mais rápida que eu, vadia.

Isso significava que Poe ainda estava vivo? O bruxo podia estar só brincando comigo.

Meu corpo tremeu com o poder não gasto que queria, precisava, ser liberado. De preferência, na cabeça de Alex. Porém, se eu o atingisse com qualquer coisa... Poe estava com ele e eu sabia que ia atingi-lo também.

— O que você fez com Poe? — Eu fervia. Minha voz estava áspera e sem fôlego. A fúria irradiava de mim, quente e ondulante, e cada célula do meu corpo estava pronta para o ataque.

As feições de Alex se abriram em um sorriso perverso.

— O maldito corvo veio até mim depois que acertei o anjo, que era um grande filho da puta também. Então, eu o acertei com uma maldição de combustão das Trevas. Acho que o matei. Mas não tenho certeza.

Lágrimas caíam livremente dos meus olhos. Eu não consegui evitar.

— Eu vou matá-lo e vai ser horrível. Vou ferver suas entranhas até seus olhos derreterem de seu crânio e sua pele descascar de seus ossos como cera derretida.

Apertei minha mandíbula até doer. Eu tinha que descobrir uma maneira de ele soltar Poe.

Naquele momento, a figura encapuzada se levantou e se virou. Ele tinha uma forma humanoide, vestindo uma pesada capa vermelha e um capuz que escondia quaisquer detalhes possíveis de seu rosto, embora não servisse de nada para esconder seus olhos

vermelhos e brilhantes. Vargal. Eu tinha certeza. O desgraçado mal me notou enquanto continuava seu ritual em torno de Trish. Um canto sombrio vinha da boca do demônio.

Meus olhos se voltaram para Alex. Eu costumava considerá-lo um bruxo bonito, mas, agora, a pele ao redor de seus olhos estava fina e escura, como a de um guaxinim, suas bochechas se projetavam e seus olhos estavam fundos como se ele tivesse pulado todas as refeições por um mês.

— Você precisa parar com as drogas, Alex — comentei. — Sua aparência está uma merda.

Poe, acorda. Poe!

O bruxo me mostrou seus dentes.

— Nunca me senti melhor.

Meus olhos pousaram em sua virilha.

— Está rezando por um tamanho maior? É patético. Do tamanho de um O.B. Pequeninho. Não é de se admirar que fique com uma garota diferente por semana. Elas nunca sentem nada.

Alex me encarou por um momento com os olhos vazios antes de dizer:

— Ria o quanto quiser, sua vadia idiota. Depois desta noite, ninguém nunca mais vai me dar ordens. *Eu* vou dar as ordens.

— Sério? — Levantei uma sobrancelha. — Pois, para mim, parece que você é a cadelinha do demônio. Quem é o idiota agora, hein, Alex?

Uma pequena risada veio do bruxo.

— Não dou a mínima para o que pensa. Eu sou mais poderoso do que você agora. Sou o melhor bruxo.

Eu olhei para ele, imaginando-o gritando enquanto eu o queimava vivo. Era uma imagem muito boa, com efeitos especiais e tudo mais.

— Então, foi você que levou vítimas inocentes para esse idiota. Videntes. Tudo para quê? Para ter mais poder? Seu bruxo burro.

— E o que é que você sabe? — Alex zombou e apoiou seu peso no outro pé. — Com seus selos e sigilos, é tudo uma grande perda de tempo. Eu nem preciso mais preparar feitiços. Está tudo em mim. Eu sou todo poderoso.

— Como um deus? — Eu ri. — Seu idiota covarde.

Não gostei nada dessa nova convicção nele. Era óbvio, Alex procurara o demônio Superior porque estava atrás de poder. Fora por isso que o psicopata lhe entregara os videntes. Será que o bruxo já tinha esse novo poder correndo em suas veias? Bem, isso explicaria sua nudez.

Passos me alcançaram. Logan e Colin apareceram ao meu lado.

Alex riu.

— Você é que é patética. Trouxe uma criança e um nascido-anjo como apoio? Que tipo de bruxa das Trevas você é?

Eu correspondi ao seu sorriso.

— O tipo que vai gostar de ver você morrer.

Logan se inclinou para mais perto e sussurrou:

— Por que ele está nu?

— Para que seja mais fácil castrá-lo — respondi com a voz alta, apreciando a careta feia que apareceu no rosto de Alex.

Houve um barulho, como o som de um copo batendo no chão. Ao me virar, notei que minha esfera de vidro estava em pedaços ao redor dos sapatos de Colin. Contudo, o que mais me assustou foi sua expressão. Ele estava olhando para Alex com uma fúria que combinava com a minha em intensidade, talvez até mais. O bruxo tinha machucado seu amigo, Poe.

Alex estava errado. Colin não era apenas uma criança.

Um gemido fraco encheu o ar, e eu vi Vargal se ajoelhar ao lado de Trish, seus lábios se movendo enquanto trabalhava em sua mente. Ele estava tentando possuí-la para, então, poder matá-la e levar sua alma, finalizando o ritual que acordaria o deus pagão. Estávamos ficando sem tempo.

Para alcançá-la, eu teria que passar por Alex primeiro.

Tudo bem, então.

— Mestiço. Cuide deles — Vargal disse do círculo em um tom plano e indiferente, como se nossa presença mal fosse registrada; como se não passássemos de um obstáculo facilmente removível.

Como se isso fosse acontecer. De jeito nenhum.

Os dentes de Alex apareceram quando seus lábios se curvaram em um sorriso feio.

— Com prazer.

Antes que eu pudesse me mover ou até mesmo pronunciar o feitiço que estava conjurando, a mão do bruxo se enroscou ao redor do pescoço de Poe com uma velocidade desumana, indicando que ele estava prestes a quebrá-lo. Eu só podia olhar enquanto meu amigo era morto bem diante dos meus olhos.

Então, algo extraordinário aconteceu.

Sua mão ficou imóvel. Em seguida, lentamente, ela se afastou.

— O que é isto? — Alex gritou, seus olhos se arregalando em choque completo. Sua mão tremia ao se afastar de Poe. — Como está fazendo isso? — o bruxo uivou.

Alex cerrou os dentes com o que parecia ser uma dor excruciante. Só que ele estava errado, não era eu que estava fazendo aquilo. Fiquei em estado de choque enquanto observava a cena se desenrolar. Era quase como se o homem estivesse lutando com seu próprio corpo. Ele não tinha controle sobre si. A mão esquerda de Alex tremia enquanto ele se esforçava para recuperar o controle, mas ela ainda se afastava do corvo como se tivesse vontade própria.

Meu olhar caiu sobre o garoto. O foco de Colin estava no bruxo. O menino parecia lívido e estava com a mandíbula travada. Ele estava parado com os punhos cerrados. Apesar de seu rosto estar franzido, mas seus olhos nunca abandonaram o bruxo.

Colin estava controlando as mãos de Alex; estava obrigando Alex a *soltar* Poe.

Vi a compreensão no rosto de Logan. Justo quando a mão direita de Alex se abriu e o corpo flácido de Poe escorregou dela, eu me movi.

— *Attrapere!* — gritei com minhas mãos estendidas.

Uma força invisível disparou, envolvendo o corpo de Poe antes que ele atingisse o chão e o arremessando de volta para minhas mãos como um elástico. Peguei o corvo. Ele ainda estava quente. Meus joelhos vacilaram com uma súbita onda de alívio. Graças ao

caldeirão. Sem parar, eu o coloquei dentro da minha bolsa-mensageiro e rezei para o caldeirão, pedindo que o pássaro acordasse.

Olhei para cima. Colin ainda estava focado em Alex. Ele ainda tinha controle sobre o bruxo. O garoto o controlava como um fantoche, ou melhor dizendo, como um boneco Ken pelado.

Agora, as coisas iam ficar divertidas.

— Me dê cobertura — pedi a Logan e corri para frente, derrapando de joelhos ao lado de Kyllian.

Meus joelhos queimaram. Eu sabia que tinha rasgado meu *jeans* e que provavelmente estava sangrando. — Kyllian! — Sacudi o grande anjo.

Sua lâmina da alma estava no chão ao lado dele. Ele não estava sangrando, não havia nenhum ferimento visível, o que significava que o anjo provavelmente havia sido atingido com uma maldição. Sabendo que seu corpo tinha sido especialmente projetado para resistir a algumas energias e magias demoníacas, eu tinha esperança de que ele tivesse repelido a maior parte do golpe.

— Kyllian! — gritei e bati no rosto dele com força, fazendo minha mão latejar.

Ele se sentou com um sobressalto, piscando rápido.

— Ou estou enlouquecendo ou um bruxo nu me enfeitiçou — o anjo afirmou com os olhos arregalados.

— Você não está enlouquecendo — respondi e peguei seu braço, que era sólido como um tronco de árvore. — Levante-se.

O grande anjo apanhou sua lâmina da alma e ficou em pé sem minha ajuda. Os seus pés leves se moveram como se não tivesse sido enfeitiçado.

— Mestiço tolo — Vargal disse e Kyllian e eu nos viramos. — Tenho que fazer tudo sozinho — o demônio Superior gritou.

Num piscar de olhos, Vargal se levantou e tirou o capuz. Sua pele ainda era pálida e pastosa, mas seu rosto era humano. Ele era careca. Não tinha pelos, sobrancelhas ou cílios que eu pudesse ver, parecia ter quarenta e poucos anos e estava em forma, como alguém que passava horas na academia. Contudo, eu sabia que estava olhando para uma criatura eterna do Submundo, portanto, estava ciente de que o monstro provavelmente tinha milhares de anos.

Ele parecia furioso. Sua frustração era claramente visível nas rugas ao redor de seus olhos e de sua testa, bem como na tensão de sua mandíbula. Quase conseguia sentir o gosto do seu desejo de nos matar, apesar da criatura estar tentando controlar suas próprias emoções. O demônio ainda tinha Trish para possuir e, pelo que parecia, as coisas não estavam indo tão bem quanto ele havia planejado.

— Vamos matar o desgraçado — Kyllian disse com um brilho perverso em seus olhos enquanto flexionava os músculos do ombro.

Legal.

Dei uma olhada rápida em Colin. Seu rosto estava suado, mas Alex ainda estava rosnando. Os dois dedos indicadores do bruxo estavam enfiados nos ouvidos enquanto ele saltava em um pé só. Abri um sorriso. Este era um daqueles momentos em que desejava ter tempo para tirar algumas fotos. Colin era impressionante e tinha um controle e um domínio

mental muito maiores do que eu imaginava. Gostaria de ter um feitiço que pudesse controlar mentes, como, digamos, a de Vera.

Meu olhar passou para o desgraçado de olhos vermelhos.

Vargal estava sozinho. Seu ajudante nu estava indisposto, pulando como um idiota.

Lancei um olhar para Logan. Nossos olhos se encontraram. Com suas lâminas para fora, sua postura se ampliou, tornando-se mais agressiva e confiante. Ele inclinou o corpo para baixo. Estava pronto e esperando pelo meu sinal.

Tudo bem, então.

Era agora ou nunca. Com o coração martelando, movi-me em direção ao demônio Superior com Kyllian à minha esquerda enquanto Logan se posicionava à minha direita. Ergui minhas mãos. Canalizando minha energia interior, clamei pelo poder em meus anéis, moldando a magia que eu queria criar; a magia de que precisava para conter o demônio Superior.

Naquele instante, Vargal abriu a boca, estendeu as mãos e uivou:

— *Mangghom tjha'Di yirz ju'bbe tzebris Hor!*

Uma névoa negra se ergueu ao redor dele, fazendo-o desaparecer sob ela como uma espécie de escudo. Xinguei enquanto a neblina crescia até parecer um muro. Merda. Isso não era bom.

À nossa frente, o muro preto se moveu. Quando meus olhos conseguiram focar, mesmo na luz fraca, percebi a razão por trás do movimento.

Um calafrio passou por mim.

Centenas de demônios saíam do outro lado do muro. *Ghouls*, diabretes, demônios das sombras e demônios *morax*, todos se moviam com grunhidos e gemidos guturais enquanto batiam suas garras no chão, esperando. O som levantou os cabelos da minha nuca. Eu estava diante de um muro mortal e impenetrável de demônios.

De repente, aquele muro desabou sobre nós.

— **C**uidado! — Kyllian gritou enquanto se posicionava. Sua lâmina da alma estava pronta e havia fúria em seus olhos.

Eu admirei sua coragem, porém, ao ser confrontado com centenas de demônios, o curso de ação correto era fugir. O problema era que ainda tínhamos Trish para salvar e Vargal para matar. Portanto, não íamos a lugar nenhum. Além disso, o demônio Superior havia desaparecido naquela névoa negra. Eu sabia que o desgraçado não podia estar longe. Ele voltaria. E eu iria matá-lo.

Os demônios se moveram até que nos circularam, nos encurralando. Não havia para onde correr e nada a fazer a não ser lutar contra suas garras, seus olhos negros e suas gargalhadas sibilantes terríveis.

A primeira onda de monstros chegou até nós. Eu estava pronta.

O cheiro de carne podre e enxofre queimou meus olhos e meus pulmões. Tossi, sentindo o gosto amargo na língua como se tivesse engolido água de esgoto.

Kyllian se atirou no *ghoul* mais próximo, cortando sua cabeça com um único golpe de sua lâmina. *Exibido*.

Logan também cortava e picava, movendo-se com rapidez sobrenatural, seus pés leves como o vento.

Os sons de batalha, de explosões de magia e de carne e ossos sendo quebrados tomaram conta de tudo. Um demônio das sombras saltou em minha direção. Ele era uma mistura de escuridão, sombras contorcidas e olhos vermelhos brilhantes. O problema dos demônios das sombras era que eles assumiam uma forma sólida por apenas um curto momento, exibindo fragmentos de seus corpos corrompidos e retorcidos. E era somente aí que era possível matá-los.

A criatura mudou para sua forma sólida: um rato gigante grotesco, flácido, com muitas bocas e dentes.

— *Feurantis!* — gritei enquanto estendia minha mão.

A bola de fogo atingiu o demônio em uma explosão de chamas amareladas e alaranjadas. Então, veio uma explosão de cinzas, tudo o que restava do demônio das sombras. *Peguei você, seu desgraçado*.

Ouvi um grito atrás de mim.

Eu girei. Colin estava andando em círculos. Seus punhos estavam cerrados no ar à sua frente e seus olhos passavam rapidamente sobre a massa de maldade que chegava até nós de todas as direções. Merda. Ele havia perdido o *foco* em Alex. O garoto estava com medo. Contudo, dar um soco em um demônio seria como socar uma pedra. Ele só iria machucar a *si* próprio. Era necessário algo mais substancial, como uma lâmina ou magia. E o menino não tinha nenhum dos dois.

Verificando se Poe ainda estava seguro em minha bolsa, corri até Colin...

Um *ghoul* apareceu pela lateral.

— *Vento!* — Eu o atingi com uma rajada de ar, lançando-o longe.

Continuei correndo.

Um demônio das sombras saltou sobre Colin. O garoto congelou.

Merda. A adrenalina alimentada pelo terror percorreu meu corpo, fazendo-me correr em alta velocidade.

Estiquei os dois braços e gritei:

— *Murus!*

Um muro transparente e azulado de seis metros de altura e de largura se ergueu na frente do menino. Imediatamente em seguida, o demônio das sombras se chocou contra ela e ricocheteou. O feitiço provavelmente duraria apenas alguns segundos, mas me daria tempo suficiente para chegar até o garoto.

Um borrão de membros chamou minha atenção quando um diabrete se aproximou dele pela esquerda.

— Colin! Atrás de mim — gritei e puxei o garoto pela camisa, posicionando-o atrás.

O diabrete, uma criatura vil cheia de tufo de pelo preto que fedia a fezes, com uma boca cheia de dentes de peixe e do tamanho de um macaco, atirou-se em mim.

— Desgraçado fedorento.

Reuni meu poder e levantei minha mão.

Foi então que Logan se arremessou para frente, enfiando ambas as espadas profundamente no peito da criatura. O diabrete uivou, sibilando enquanto o golpeava com suas garras. O nascido-anjo rasgava e cortava, girando com a graça de um dançarino. Com um golpe final no peito do demônio, os olhos do monstro se arregalaram, em seguida, seu corpo ficou mole.

Um *ghoul* surgiu do outro lado. A lâmina de Logan rasgou o ar com um silvo e mergulhou no olho direito da criatura. Sangue negro jorrou e o *ghoul* desmoronou.

O muro de proteção caiu.

Meu coração batia contra meu peito enquanto energias demoníacas inundavam o espaço ao nosso redor. Um demônio das sombras se moveu como uma nuvem de névoa negra. Ele deslizou ao redor de Logan e disparou direto para mim, é claro.

Empurrei Colin para trás.

— Fique para trás — gritei e corri de encontro ao demônio das sombras.

A névoa negra me envolveu. Uma enorme pressão me comprimiu. Eu não conseguia respirar.

— *Conlidam!* — clamei, sentindo minha cabeça latejar com o esforço.

A névoa escura se estilhaçou e recuou como uma nuvem de neve negra. Ela pairou por um segundo e, depois, trocou de forma, solidificando-se em uma criatura parecida com um verme com uma boca de ventosa. Eca.

Eu não hesitei.

— *Feurantis!* — trovejei, liberando minha energia interior enquanto empurrava minhas mãos em direção ao demônio das sombras.

A bola de fogo explodiu contra o monstro, iluminando-o como uma salsicha gigante. Fiquei com ânsia de vômito com o cheiro de carne queimada apodrecida. Um segundo depois, virei-me, pensando no garoto, e senti uma onda de alívio quando vi Logan plantado na frente de Colin, usando seu corpo como escudo. Porra, eu estava começando a gostar de verdade daquele nascido-anjo.

Um *flash* de pele amarelada apareceu na minha linha de visão, em seguida, um bruxo nu veio até mim.

Excelente. Por que era eu quem tinha que lutar com o cara maluco e pelado?

Alex rosnou enquanto todas as suas partes balançavam – pênis e tudo – e ele se lançava em minha direção. *Simplesmente fantástico*. O bruxo parou, mas seus lábios se moveram em um feitiço. O desgraçado pensava que ia me enfeitiçar?

Ah, não, até parece, otário.

— *Sphaeras* — clamei e um escudo em forma de esfera de energia dourada se ergueu do chão, terminando bem acima da minha cabeça.

Através da energia dourada brilhante, vi Alex de pé com as pernas e braços abertos, fios de escuridão escorrendo de suas mãos. *Essa é nova*. O bruxo não fazia esse tipo de magia. Ele não conseguia nem fazer seu próprio caldeirão ferver, muito menos conjurar algo tão forte.

Minha respiração ficou presa. Eu sabia o que era aquilo, apesar de só ter visto uma vez antes. A escuridão que se espiralava em suas mãos era o resultado direto de quando uma bruxa dava sua alma em troca de poder supremo: magia demoníaca.

Alex fora burro o bastante para dar sua alma em troca de um gostinho dela.

— Seu filho da puta estúpido — xinguei.

Um segundo depois, o bruxo arremessou uma bola de energia negra e demoníaca em mim. Ela atingiu minha esfera, espalhando-se sobre ela como óleo até cobri-la completamente e me deixando na escuridão total e absoluta. O ar se apertou ao meu redor, pressionando meu peito. Eu não conseguia respirar. Ofegante, engasguei com o cheiro sufocante de podridão e enxofre.

Naquele momento, minha esfera de proteção explodiu.

— Isso é tudo que você tem? — Alex riu. — Uma bolha de proteção?

A raiva percorreu meu corpo.

— Foda-se, seu peladão desgraçado.

Sim, esse foi o melhor xingamento em que eu consegui pensar naquele momento.

Erguendo-se, Alex sussurrou em latim, suas mãos assumindo um aspecto sinistro. Ele gesticulou com um movimento do pulso. O bruxo foi rápido.

Eu cambaleei para o lado, mas uma dor lancinante incendiou minhas costas. Ela me atingiu profundamente. Dobrando-me, caí no chão duro e convulsionei. A maldição demoníaca chegou até mim. Eu me enrolei em uma bola enquanto ela se espalhava pela minha corrente sanguínea, queimando cada centímetro de mim. Minha cabeça parecia que estava se partindo em duas. Minha visão turvou enquanto a dor aumentava. O cheiro de carne queimada encheu meu nariz. Minha carne. Eu estava queimando por dentro.

Então, a dor parou.

Meus músculos pararam de se contrair e eu respirei irregularmente. Inspirei uma vez, depois, outra. Meus músculos relaxaram, deixando apenas minha cabeça latejando e o gosto metálico na boca. Olhei ao redor. Nós estávamos do lado esquerdo da sala, longe da batalha. Ou os demônios não estavam interessados em mim ou estavam dando a Alex um pouco de espaço. Talvez, agora, o bruxo pudesse controlá-los com sua recém-desenvolvida magia demoníaca.

Eu mal conseguia enxergar qualquer coisa através da multidão de corpos demoníacos, mas tive um vislumbre de Kyllian enquanto ele cortava a cabeça de um diabrete. Um *ghoul* apareceu atrás dele, contudo, o anjo se virou e o acertou com uma sucessão de golpes

rápidos. Baldes de sangue preto espirraram em seu rosto, mas ele não diminuía a velocidade. Naquele momento, ele realmente era um soldado destemido enviado dos céus.

Forcei meus olhos, porém, não consegui localizar Colin ou Logan através da massa de corpos de demônios, garras e dentes retorcidos. Talvez esse não tivesse sido um plano tão bom, afinal.

— Faz muito tempo que estou querendo fazer isso — Alex disse. Quando ergui o olhar, vi que o bruxo estava respirando pesadamente e que havia um sorriso presunçoso em seu rosto enquanto fios de escuridão se derramavam de suas mãos estendidas. — Eu fantasiei com este exato momento. Planejava como ia fazer; como eu ia tirar a vida da grande Samantha Beaumont. — Ele riu. — Adorável Samantha. Vou levar o tempo que for necessário matando você.

Otário. Eu ainda não tinha acabado.

Uma nova onda de adrenalina se derramou em mim. Com a pulsação rápida, cuspi sangue da minha boca, rolei e fiquei de joelhos. Acessando a magia em meus anéis, gritei:

— *Feurantis!*

Duas bolas de fogo foram lançadas contra o bruxo. Os olhos de Alex se tornaram condescendentes e, com um movimento de seu pulso, ele as desviou como se tivesse se livrado de duas moscas. As bolas de fogo atingiram a parede oposta com um estrondo.

Meus olhos se arregalaram. Que merda. Isso era péssimo.

Seu sorriso se expandiu com o que vi no meu rosto, possivelmente surpresa e um pouco de inveja.

— Não pode me vencer, Sam — o bruxo disse com as mãos nos quadris, falando comigo como se fôssemos velhos amigos tendo uma de nossas conversas habituais. — Você não tem ideia do poder que eu tenho agora. É ilimitado.

— Está mais para debilitado. — Esforcei-me para ficar de pé. Minha cabeça ainda latejava de dor por causa da maldição. — Você trocou sua alma por um pedacinho de magia demoníaca? Suponho que perceba que isso o matará no fim das contas. A magia demoníaca sempre cobra seu preço. E o preço sempre é a sua vida, seu idiota.

Ele riu.

— Bruxa burra. Você não sabe de nada.

O desgraçado era arrogante. O que ele estava pensando? Que era imortal ou algo assim? Não era. Alex era apenas um bruxo com um acréscimo temporário de poder. Nada além disso.

E eu ia chutar sua bunda de volta para o Submundo.

Com meu sangue fervendo, acessei minha energia interior, permitindo que minha raiva me incitasse. O poder fluiu, familiar, embora súbito e doloroso.

— *Hasta Feuro!* — clamei, e um fogo amarelo-alaranjado, semelhante a uma lança, foi em direção a Alex.

Eu aprendera o feitiço há uma semana, mas ele foi eficaz mesmo assim. Diria até que ficou bonito. A lança de fogo disparou, direta e certa.

Com os lábios se movendo, Alex sacudiu os pulsos, e minha lança flamejante explodiu em uma chuva de partículas cor-de-laranja.

Ah. Merda.

Meus instintos entraram em ação. Se ele queria uma batalha, iria ter uma.

Os lábios do bruxo se moveram em um canto sombrio, contudo, eu já tinha acessado minha reserva de poder.

— Vento! — uivei, liberando minha energia interior, e uma rajada de vento forte explodiu de minha mão estendida.

Ela o acertou.

Alex voou para trás com a força do golpe, depois, pairou no ar como uma imitação barata do Super-Homem. Correção: uma imitação barata e *nua* do Super-Homem. Minha vida estava ficando mais estranha a cada dia. Agora, Alex sabia voar?

— E essa agora. Isso não é justo — falei enquanto ele pairava como se a gravidade não o afetasse. — Você tem ideia de como é difícil fazer um feitiço de levitação?

O bruxo bateu palmas uma vez, enviando uma rajada de escuridão serpenteando como uma onda de morte.

— *Sphae...*

A escuridão me atingiu. Fui tomada pela mesma dor de antes. Só que mais intensa. E tudo ficou escuro.

Eu não soube dizer quanto tempo fiquei apagada, mas, quando acordei da dor excruciante que irradiava do pescoço, não consegui respirar. Pisquei, minha visão capturando um par de olhos escuros. Alex. Ele estava muito perto e ainda muito nu. Meu corpo roçava no dele enquanto o bruxo me segurava pelo pescoço, levantando-me do chão.

Droga. Eu ia ter pesadelos com isso pelo resto da minha vida.

O pânico me encheu. Eu me rebati e puxei a mão que estava em volta do meu pescoço, tentando abrir seus dedos, mas era como tentar dobrar aço com o ar. Sua pressão na minha pele era forte como ferro.

O rosto de Alex oscilou quando a tontura me atingiu. Merda. Eu ia desmaiar novamente e sabia que isso significaria a minha morte. Precisava fazer alguma coisa e logo.

Alex me puxou para mais perto até que seu nariz estava quase tocando meu rosto.

— Bruxa burra, burra demais — ele zombou, sua respiração como carniça em um dia quente de verão. — Eu lhe disse, você não é páreo para mim. — Gotas de suor brilharam em sua testa e em seu nariz.

— Foda-se... — ofeguei com uma voz rouca e baixa que não passava de um sussurro. Minha cabeça latejava com o esforço.

Ele moveu seu rosto ao lado do meu e lambeu a lateral da minha bochecha até minha testa. Senti ânsia de vômito e calafrios de repulsa gerados pela sensação de sua língua contra minha pele me tomaram, apesar da pressão quente ao redor do meu pescoço e do meu rosto.

— Sempre quis saber qual era o seu gosto. — Alex sorriu, mostrando seus dentes manchados de marrom. — Nada demais. Tem gosto de bruxa morta.

Juntei toda a saliva que consegui e cuspi na cara dele.

O rosto do homem se contorceu de raiva. Ele estreitou os olhos e disse:

— Você vai pagar por isso.

O bruxo puxou sua mão livre para trás e eu me preparei para ser atingida. Estrelas explodiram na parte de trás das minhas pálpebras. Alex apertou mais forte, e manchas pretas mancharam minha visão.

— *En tot qu'azar alatz* — o bruxo entoou.

Através da minha visão obscurecida, vi linhas de escuridão saindo de sua palma esquerda, enrolando-se em torno de sua mão e subindo pelo braço. Desta vez, sua maldição demoníaca me mataria.

Fechei os olhos e acessei minha energia interior, chamando o poder dos anéis. Contudo, nada aconteceu.

O pânico era muito profundo. Nublava meu foco. Sem ar, não havia muito que eu pudesse fazer. Mas talvez...

Enfiei minha mão dentro da minha bolsa.

Alex a puxou com força bruta. A alça estalou quando ele a jogou no chão.

— Seu saco de truques não vai salvá-la agora — o bruxo disse com o rosto feio e contorcido. — Nada pode lhe salvar.

Era impossível não entrar em pânico nesse tipo de situação. A falta de ar começou a me desgastar. Eu não conseguia pensar com clareza. Além disso, não sabia se Colin, Logan e Kyllian ainda estavam vivos. Os sons da batalha ficaram meio que abafados, como se eu tivesse bolas de algodão tampando meus ouvidos.

Eu era uma bruxa poderosa, mas não era páreo para tal poder demoníaco.

No entanto, ainda havia vontade de lutar em mim.

Com toda a minha força restante, agarrei seu rosto, enfiei meus polegares em seus olhos e pressionei o mais forte que pude. O bruxo gemeu enquanto me batia como se eu fosse uma boneca de pano, mas eu não o soltei. Pressionei cada vez mais forte até que senti uma liberação em volta do meu pescoço.

Caí no chão de joelhos, tossindo. Suguei o ar com todas as minhas forças, meus pulmões queimando como se eu tivesse engolido ácido. Ainda podia ouvir Alex gritando. Eu tinha machucado ele dessa vez e nem precisara usar magia.

Inalei com força entre os suspiros secos que deixavam meus pulmões. Meu corpo doía em todos os lugares. Olhei para cima e vi Alex vindo em minha direção, lágrimas de sangue marcavam seu rosto. Sim, eu o tinha machucado muito.

— Vadia — ele sibilou à medida que a escuridão circulava suas palmas. — Você fo...

Sangue espirrou de sua boca e ele cambaleou a apenas dois metros de onde eu estava.

Que diabos?

A ponta prateada de uma lâmina atravessava sua traqueia. No segundo seguinte, ela foi recolhida, deixando um jato de sangue escuro em seu lugar, como se alguém tivesse ligado um borrifador dentro de sua garganta.

Os olhos de Alex se arregalaram e uma expressão assustada apareceu em seu rosto quando ele se virou no meio do caminho.

— O que...? — O bruxo tossiu outro monte de sangue.

Logan se afastou dele com a ponta de sua lâmina da alma manchada de sangue.

O rosto de Alex se enrugou com raiva enquanto sangue esguichava de seu pescoço e de sua boca.

— Você... Você... — Ele levantou as mãos, seus lábios sangrentos conjurando um feitiço. Seus dedos eram um borrão enquanto se moviam em uma maldição demoníaca.

O nascido-anjo se moveu, girando em um borrão de movimento, e esfaqueou o bruxo no coração.

Alex soltou um suspiro agudo de dor. Ele caiu de joelhos. Lençóis de sangue cobriram seu peito até as coxas. O bruxo envolveu o punho da lâmina da alma com as mãos. Seus olhos estavam redondos, seu rosto enrugado em confusão e branco de dor, de choque ou ambos.

Ele abriu a boca e deu um suspiro engasgado, dizendo:

— Mas eu sou imortal.

No momento seguinte, Alex caiu para o lado e nunca mais se moveu.

Uma palma apareceu na frente dos meus olhos. Eu estendi minha mão e a agarrei, encontrando Logan, quente e áspero, e adorando a sensação. Ele me puxou para que eu ficasse em pé. Nossos olhos se encontraram por um segundo, então, eu desviei o olhar.

— Obrigada — disse com uma voz áspera. Minhas mãos esfregaram meu pescoço.

— Ele está prestes a matar a mulher — o nascido-anjo ofegou, falando rápido. Sangue preto pingava de seu rosto. — Vamos. Precisamos detê-lo. Você ainda consegue fazer magia?

— Sim — respondi, sabendo que era verdade.

O chão brilhava, escorregadio com o sangue e as entranhas dos demônios. Observei as pilhas de cadáveres e cinzas e meus olhos seguiram até a minha bolsa-mensageiro. Poe ainda estava lá dentro. *Poe*.

— Espere. Preciso pegar Poe.

Com minha própria dor esquecida, lancei-me em direção à bolsa.

— Pare, ou ele morre — trovejou uma voz.

O pânico me encheu, mas eu já sabia o que esperar.

Olhei por cima do ombro de Logan e um som de desespero escapou de mim.

Vargal estava em uma clareira, cercado de demônios.

Pendurado em suas garras, preso pela garganta, estava Colin.

Um rosnado canino me escapou. O demônio desgraçado segurava o garoto pela garganta, assim como seu ajudante bruxo tinha feito comigo um minuto atrás.

Não gostei nada daquilo.

Kyllian entrou na minha linha de visão, quase irreconhecível com o rosto coberto de sangue preto, o que dava ainda mais destaque aos seus olhos azuis. O grande anjo estava ao lado de uma montanha de cadáveres e de cinzas — obra dele, sem dúvida. Um olhar de puro ódio marcava seu rosto enquanto fitava o demônio Superior.

Eu compartilhava seu ódio, mas odiava aquele desgraçado ainda mais. Tínhamos contas a acertar: a vida e a alma de Julia. Ele não conseguiria fazer o mesmo com Colin. Não enquanto eu ainda respirava.

Dei um passo à frente, contudo, senti o aperto de ferro da mão de Logan no meu braço.

— Espere — ele disse. — Você nunca vai alcançá-lo a tempo.

Eu sabia que o nascido-anjo estava certo. Vargal poderia quebrar o pescoço de Colin em meio segundo, antes que qualquer um dos meus feitiços pudesse chegar até ele.

Só então percebi o quão silencioso o interior do prédio havia se tornado. Quaisquer demônios remanescentes estavam agrupados ao redor de Vargal, como versões sinistras e distorcidas de cães de guarda.

— Você é uma bruxa insuportável e intrometida — Vargal acusou com um tom tão frio quanto sua pele branca e notavelmente humana.

Sua voz sugeria um sotaque que eu não conseguia identificar. A luz das velas refletia em seu rosto e em sua cabeça calva, criando sombras e fendas profundas. Sua pele assumiu o tom cinza de um cadáver, cavidades escuras se formando sob seus olhos.

— Fico feliz em ouvir isso — eu disse. Minha voz soou alta com a tensão enquanto pensava em maneiras de chutar sua bunda sem machucar Colin.

Vargal riu e arrastou o menino um pouco mais.

— Eu sempre odiei bruxas, desde que vocês foram criadas pela loucura dos meus irmãos. São fracas. Mortais. Criaturas desprezíveis que precisam confiar em nossa magia porque não têm nenhuma que lhes pertença. E com tanta sede de poder. Tão facilmente manipuláveis. Que criaturas ignorantes vocês são.

— Você fala de poder como se tivesse muito — argumentei. — Mas parece que não tem. Por que mais tentaria invocar um deus se não fosse para conseguir poder? — Seus olhos se estreitaram e eu soube que tinha cutucado uma ferida. — Qual é o problema? Sua energia acabou? Agora vai trocar a *sua* alma por um pouquinho do poder de um deus? É isso?

O demônio Superior continuou a circular, sua capa roçando o chão atrás dele como um manto. Sua marcha era confiante e emanava poder. Ele parecia um monge do Inferno.

O sorriso de Vargal era frio.

— Eu realmente preciso lhe agradecer, bruxa — o demônio Superior disse enquanto se movia ao redor de seu círculo de invocação, puxando Colin pelo pescoço. O garoto lutava contra seu aperto firme, batendo inutilmente no braço de Vargal. — Afinal, foi você

quem me entregou este prêmio — ele adicionou, dando uma sacudida em Colin. — Alguém poderia até pensar que estava trabalhando para mim.

Estreitei meus olhos.

— Vai sonhando, idiota.

Uau. Um demônio Superior arrogante. Que ótimo.

A entidade repuxou os lábios, que pareciam vermelhos e bulbosos à luz das velas. Sinistro.

— Você matou meu bruxo. Agora, preciso de um substituto. Então, vou lhe propor um acordo.

Aqui vamos nós.

— Se trabalhar para mim, não matarei você e todos os seus amigos — Vargal acrescentou com um sorriso. Seus olhos emitiram o brilho vermelho-alaranjado de um fogo interior. — Começando com esse garoto imundo, bem aqui. Uma troca justa, não é? Considerando que todos vocês estarão mortos em alguns minutos.

Eu ri com sarcasmo.

— Você deveria parar de fumar crack de demônio. — A adrenalina fez minha cabeça doer. — É ainda mais burro do que Alex se acha que eu vou trabalhar para você.

Vargal ergueu a pele onde estariam suas sobrancelhas se ele tivesse pelos.

— Ah. Mas você vai.

O rosto de Colin estava ficando azul. Lágrimas escorriam pelas suas bochechas. Eu quase perdi o controle. A raiva me atingiu, forte e profunda. As emoções também eram uma fonte de poder. Elas impulsionavam minha magia como uma onda de adrenalina, como alimento.

Fica calma, Sam. Pensa. Merda. Pensa.

Joguei meu peso sobre o outro pé.

— Deixa ele ir. — Eu sabia que era um tiro no escuro, mas foi a única coisa que me veio à cabeça naquele momento.

Vargal sorriu sem humor.

— Ou o quê?

Dei de ombros.

— Vou dar uma festa para você? — Idiota. Ele sabia exatamente o quê. — Você sabe o resto, seu desgraçado branquelo horroroso.

O demônio riu duramente.

— E o que é que uma *bruxa* pode fazer contra um demônio Superior?

— Muito — respondi, vendo Logan girar os ombros ao meu lado, antecipando uma briga. — Quanto tempo você tem?

Os olhos vermelhos de Vargal estavam inexpressivos.

— Você realmente devia ter trazido mais amigos. Se tivesse, talvez seria uma luta justa. Quer dizer, mais ou menos. Isso — ele levantou a outra mão — será um extermínio. Nada mais.

— Se soltar o garoto — Logan disse, surpreendendo-me ao dar um passo à frente —, posso *pensar* em matá-lo rapidamente, demônio.

Vargal jogou a cabeça para trás.

— O que é isso? — Ele girou Colin, levantando-o do chão como um terceiro braço. — Ele fala? Acho que vou deixar você para o final.

O nascido-anjo abriu um sorriso.

— Você vai pagar pelas vidas que tirou. Sabe como é... aquela merda de olho por olho e tal.

O demônio soltou um som animado e arregalou os olhos.

— Você é uma gracinha. É como um lindo terno feito de carne. — Ele mostrou seus dentes perfeitamente brancos. — Sua alma será como mel na minha língua — concluiu, fazendo um gesto rude com a língua.

— Cadê suas boas maneiras, demônio? — falei, balançando a cabeça. — Ou isso não existe no buraco de merda de onde você saiu?

Vargal fixou seus olhos em mim. Seus lábios se moveram, mas eu não consegui ouvir o que ele estava dizendo.

— Solte Colin — eu disse novamente, puxando o poder dos meus anéis e sentindo-os pulsar em resposta. — Não vou pedir de novo.

O olhar da criatura se moveu para minhas mãos por um momento e eu pensei ter visto algo atrás de seus olhos, como reconhecimento, antes de focar novamente em mim. O demônio me mostrou os dentes e disse:

— Você não disse a palavra mágica.

Levantei uma sobrancelha.

— Tente me obrigar.

Vargal me lançou um olhar perfurante.

— Ora, quem é que está sendo mal-educada agora? Já perdi tempo suficiente. Vamos continuar com o *show*.

O demônio estalou os dedos, então, as costas de Trish arquearam e ela soltou um grito estrangulado. Com um enervante grito de lamento, a mulher convulsionou no meio do círculo. Entre gritos, eu podia ouvir seus ossos trincando. Pelo menos, era isso que pensava que aquele som significava.

Antes que eu pudesse detê-lo, Kyllian atacou e foi recebido com um enxurrada de *ghouls*, diabretes e demônios das sombras. O chão tremeu quando centenas de demônios correram em direção ao anjo. Ele os atacou com comando e precisão. Um rugido surgiu dele ao colidir com as criaturas. Um *ghoul* balançou um machado em sua direção. Kyllian desviou e contra-atacou. Ele estripou o monstro e já foi para o próximo. O anjo cortou e rasgou, sua lâmina dilacerando a carne suja dos demônios à medida que seus olhos selvagens e famintos brilhavam, desejando suas mortes. Ele continuou se movendo, e os demônios continuaram caindo, mas isso parecia não saciar a fome em seus olhos.

Kyllian era uma máquina imparável. Ele os cortava, sem pensar, sem arrependimento. O anjo girava e atacava, cada golpe atingindo seu alvo; cada corte encontrando sua vítima. Infelizmente, havia muitos. Para cada demônio que Kyllian derrubava, outro tomava seu lugar. Eles continuavam vindo, envolvendo-o em um anel apertado de carne pútrida, garras e dentes.

O anjo gritou quando um *ghoul* mordeu sua nuca. Ele estendeu a mão e deu um soco na cabeça do monstro. Kyllian bateu no chão assim que dois diabretes colidiram com ele do outro lado. Então, outro *ghoul* pulou nele pelas costas.

O anjo cambaleou, seu rosto se contorcendo de dor enquanto lutava contra os demônios.

— Foda-se. — Logan disparou em direção a eles.

— Se você o ajudar — Vargal disse em um tom casual como se estivesse comentando sobre o tecido de sua túnica; um tom que, de alguma forma, reverberava sobre os sons dos gritos de Kyllian e dos demônios —, o garoto morre.

O demônio Superior ergueu Colin do chão pelo pescoço novamente. O menino chutou e atingiu o braço de Vargal, tentando se libertar, mas seu rosto brilhou com um perigoso tom de roxo.

Logan gritou de frustração, contudo, permaneceu onde estava. Uma expressão de dor marcava seu rosto enquanto observava Kyllian sendo dilacerado por diabretes e *ghouls*. O anjo balançou em seus pés.

— Menos um anjo para um mundo melhor — Vargal disse.

Um gemido de pura raiva cortou minha mente.

— Maldito! Eu vou matar você!

Vargal inclinou a cabeça para o lado, fixando seus olhos vermelhos em mim.

— Não vai. — Ele estalou os dedos novamente, e Trish soltou outro grito.

Ela se debateu no chão, seu grito se transformando em um gargarejo quando começou a vomitar sangue. Fiquei ali, indefesa, vendo o demônio Superior torturar uma mulher inocente.

Meu plano foi seriamente por água abaixo. Rapidamente, tudo tinha dado tudo muito errado.

— Pare com isso, seu desgraçado! — berrei, meus próprios olhos queimando com a dor que vi refletida em Trish.

O grito da mulher se transformou em um gemido choroso e gorgolejante e ela caiu no chão, seu corpo estremecendo e se curvando em uma posição fetal.

Vargal inclinou-se sobre Trish. Sua a mão livre pousou em seu próprio ouvido.

— O que disse? Quer que eu faça a dor parar? Bem, claro que vou fazer. Você só tem que concordar em me deixar entrar. Então, a dor sumirá. Eu prometo.

Os olhos da mulher estavam arregalados enquanto olhava para o demônio. Colin estava pendurado, impotente, ao lado dele. O rosto do menino estava rosto contraído como se estivesse tentando exercer algum controle mental sobre Vargal, embora falhasse miseravelmente.

— Diga que sim — o demônio Superior pressionou. — E a dor vai embora.

Não. Não. Não. Meu coração disparou.

— Trish, não. Não faça isso. Não!

Senti uma onda de pânico bruto, e fui dominada pelo medo, começando a tremer. Vi seus lábios se moverem, mas não consegui entender o que ela disse.

Contudo, não precisei, a julgar pelo sorriso vitorioso no rosto do demônio Superior.

Seus olhos vermelhos encontraram os meus e ele disse:

— Agora sim, boa menina.

Houve uma pulsação no ar e o manto vermelho de Vargal caiu no chão em uma pilha de tecido, como um casaco velho descartado.

Colin caiu de lado. Eu fiquei tensa ao ouvir o som de sua cabeça batendo no chão de cimento duro. Seus olhos se fecharam. Um hematoma feio circundava seu pescoço.

O medo me atingiu. Meu corpo enrijeceu em um pânico repentino.

Então, Trish se levantou.

O lhei para a mulher parada diante de mim no círculo de pedra. Sujeira e sangue manchavam seu jeans e sua blusa cinza-clara. Ela era alta, talvez quase tão alta quanto eu, mas onde eu não tinha curvas e busto, a vidente tinha muito. Seu rosto estava escondido por mechas de cabelo castanho-claro que se grudavam no rosto suado e caíam logo abaixo dos ombros. À primeira vista, eu pensaria que era apenas uma mulher normal e comum. Contudo, os olhos negros que olhavam de volta para mim eram o completo oposto de normal ou mesmo de humano. Milhares de anos de inteligência fervilhavam naquelas órbitas negras.

Minha respiração foi tomada de mim. Trish não estava mais ali. Agora, o demônio desgraçado a possuía. Já era. Estávamos ferrados.

Vargal-Trish ergueu seus pulsos, fazendo a corda que prendia a mulher-demônio explodir em uma nuvem de cinzas e cair no chão a seus pés.

— Muito melhor — ela disse. Sua voz era uma mistura de leveza e acidez.

A doçura de seu perfume dava lugar a um fedor de carne podre. Sangue escorria de sua boca, mas ela o lambeu. Então, sorriu para mim em uma expressão distorcida que parecia errada em seu rosto.

Merda. O que eu faço agora? A pergunta enviou um arrepio pelo meu corpo. *Pense, porra. Pense!*

Logan parecia ter um plano.

Senti uma rajada de ar quando o nascido-anjo correu para Vargal-Trish com velocidade sobrenatural, segurando uma lâmina da alma em sua mão. O olhar de desgosto e ódio absoluto em seu rosto era uma indicação clara de que ele ia matar a vidente para chegar ao demônio lá dentro.

Houve uma risada zombeteira e, em seguida, Vargal-Trish ergueu a mão direita.

Uma rajada furiosa de vento atingiu Logan, pegando-o no ar e o empurrando pela sala contra a parede com um baque horrível. Sua cabeça caiu para trás em uma chicoteada de impacto. O nascido-anjo largou sua lâmina e deslizou para o chão.

Meu estômago se apertou ao ver seus braços e pernas jogados de qualquer jeito. Com meu coração na garganta e meu pulso acelerado, encarei seu corpo naquela posição. *Levanta, Logan.*

Ele não se moveu.

Vargal-Trish inspirou fundo e soltou o ar. Eu vi sua outra natureza tomando conta dela como uma segunda pele. Sua cor ficou mais pálida e seu rosto mais afinado, fazendo seus olhos negros se arregalarem e seu maxilar e as maçãs do rosto se projetarem sob uma fina camada de pele. Garras negras brotaram de seus dedos, longas, afiadas e mortais. Ela as exibiu para mim em uma promessa de dor.

Meu olhar caiu sobre Kyllian. O anjo ainda estava balançando sua lâmina, atacando os demônios. Eles ainda não o haviam derrubado, mas o anjo não duraria para sempre, não importa o quão grande e poderoso ele fosse. Mais cedo ou mais tarde, Kyllian se cansaria, então, sua alma seria um bom e succulento filé mignon para as criaturas.

Já chega.

Sinto muito, Trish.

A fúria surgiu através de mim, tão escarlate e brilhante que eu mal podia acreditar que era minha. Convoquei minha energia interior, canalizando-a através dos anéis em uma raiva repentina. Eu usaria tudo o que me restava para tirar aquele sorriso presunçoso de seu rosto bonito e falso.

Então, eu a liberei.

— *Feurantis!* — A palavra trovejou de meus lábios.

Bolas de fogo gêmeas saíram das minhas palmas e foram em direção a Vargal-Trish.

Elas a atingiram.

Endireitei-me, esperando ouvir gritos e, talvez, até um pouco de agonia. Nada. Havia apenas uma quietude assustadora.

Vargal-Trish ficou ali, parada, com seu corpo em chamas. Labaredas amarelas e alaranjadas que chegavam bem acima de sua cabeça a consumiam, mas ela não demonstrava nenhuma reação. O demônio Superior nem se moveu.

Com o estrondo oco de ar se deslocando, o fogo desapareceu. Vargal-Trish estava exatamente no mesmo lugar, ilesa, sem uma única marca de queimadura, nem mesmo um maldito fio de cabelo queimado.

Seu rosto se enrugou em um sorriso perverso quando ela disse:

— Minha vez.

Uma alegria escura fervia no fundo de seus olhos, profana e absoluta. A mulher-demônio levantou a mão enquanto faíscas de corrente elétrica negra dançavam ao longo de seus dedos.

Ah. Merda.

Esse era um daqueles momentos em que era perfeitamente aceitável entrar em pânico.

Portanto, foi o que eu fiz.

O pânico cresceu em mim e eu me joguei no chão, sabendo o que viria a seguir. Senti dor quando meu quadril fez contato com o piso de concreto, mas ela não foi nada comparada à dor que se seguiu. O golpe afiado através do meu corpo foi como um choque elétrico. Pode acreditar, levar um choque dói pra *cacete*.

Gritei. Em seguida, gritei de novo. Uma força medonha e impetuosa invadiu meu corpo. Cada nervo estava em chamas, queimando-me por dentro. Meu estômago revirou e eu ofeguei, tentando não vomitar. As ondulações do poder demoníaco cresceram e cresceram até que senti que não sobraria nada de mim além de minhas roupas. Uma faixa se apertou em volta do meu peito. Eu não conseguia respirar. Era isso ou todo o ar do local havia desaparecido.

O poder do demônio Superior me pressionou para baixo enquanto eu lutava e gritava inutilmente, minha mente aterrorizada demais para me concentrar ou me defender. A magia demoníaca queimou minhas roupas até minha pele e minhas entranhas, enviando uma dor lancinante pelo meu corpo e me fazendo me contorcer no chão em agonia.

Então, a dor desapareceu e eu puxei o ar, ofegante.

Eu não ia ficar ali enquanto Vargal-Trish me atacava com seus tentáculos de poder demoníaco negro. Com a mandíbula cerrada, estendi a mão e me puxei para cima. Sentindo minha raiva crescendo, endireitei-me, acessando minha energia interior e invocando o poder dos meus anéis. Tá, era verdade, meu corpo inteiro doía e eu me sentia como se

tivesse caído em um moedor de carne, mas ainda havia um pouco de magia em mim. Eu não iria morrer como uma covarde. Eu era uma bruxa das Trevas Beaumont, porra. Nós fervíamos covardes em nossos caldeirões.

Vargal-Trish sorriu, vendo minha dor óbvia e me irritando ainda mais.

— Você deveria saber quando ficar quieta, bruxa...

— *Dis caeli!* — gritei e soltei a onda reprimida de energia dos anéis.

Uma explosão de energia cinética empurrou o demônio Superior. Contudo, Vargal-Trish simplesmente levantou um dedo e a força cinética parou no meio do caminho como se tivesse atingido uma barreira invisível.

A mulher-demônio levantou uma sobrancelha.

— Eu posso fazer isso a noite toda, bruxinha, mas você não pode.

— Posso tentar — rosnei, sentindo-me corajosa e burra ao mesmo tempo.

A risada zombeteira de Vargal-Trish ecoou pelo prédio.

— Desista agora e morra com o pequeno fragmento de dignidade que resta em seu corpo de bruxa. Por que está resistindo? Já não é suficiente?

— Nem perto — retruquei, tentando igualar seu sorriso, mas não sentindo os músculos do meu rosto. Talvez eu tivesse feito uma careta em vez de sorrir, eu não sabia.

Meus olhos encontraram Colin. O garoto ainda estava deitado de lado. O medo surgiu em mim. *Por favor, não morra.*

— Então, dê o seu melhor. — Vargal-Trish sorriu, pensando que ela me tinha sob controle, e minha raiva me enrijeceu.

A criatura ergueu as mãos em falsa rendição, desafiando-me a tentar matá-la.

Tá bom, então.

Montanhas de raiva substituíram meu medo e minha sanidade, pesando em meu estômago. Eu empurrei a magia da minha energia interior em meus anéis. Queimava, mas me mantive firme, puxando mais energia dos anéis até que minhas mãos estendidas pareciam estar carbonizando. Furiosa, comprimi a energia bruta em minhas palmas.

Já que eu não podia queimar o demônio Superior, faria a próxima coisa da lista.

— *Glacis!* — exclamei, tropeçando ao jogar a magia nela.

A onda de energia atingiu Vargal-Trish bem no peito. Ela nem tentou desviar, o que só poderia significar uma de duas coisas: ou a mulher-demônio não se moveu porque fui rápida demais ou porque sabia que não teria efeito. Considerando que eu estava prestes a morrer, esperava que fosse a primeira opção.

O corpo de Vargal-Trish começou a fossilizar, em seguida, uma fina camada de gelo se espalhou por seu peito e seu pescoço até atingir sua cabeça e começar a cobrir seu rosto. Quando pensei que tinha funcionado, o gelo se estilhaçou e caiu em uma poça de água ao redor dos pés da criatura.

Merda dupla.

— Um truque bonitinho, bruxinha — o demônio Superior ronronou com seu rosto enrugado pela diversão. — Eu lhe darei pontos por engenhosidade, mas você tirou nota baixa em força. Sem força, você não tem nada. Enquanto isso, *eu* sou a força, o poder e a escuridão. Porém, estou menos disposto a tolerar a burrice por trás dessas suas provocações sem razão. Filha dos demônios inferiores, eu a destruirei esta noite.

Com um movimento de seu pulso, Vargal-Trish enviou uma saraivada de fios negros para mim.

Merda. Mal tive tempo de me preparar antes que me atingissem. E olha que atingir foi um eufemismo. A dor me golpeou como se fosse martelos contra minha cabeça e meu corpo enquanto eu gritava. Uma dor excruciante surgiu e, então, desapareceu.

Pisquei em meio às lágrimas, vendo uma Vargal-Trish sorridente. Ela não queria me matar ainda. Estava brincando comigo, como um gato brinca com um rato até matá-lo. Droga.

De repente me senti muito idiota. O que eu estava pensando? Um demônio Superior, mesmo o menor deles, tinha poderes demoníacos, algo simplesmente fora do alcance de qualquer bruxa.

Vargal-Trish olhou para minhas mãos, e eu não gostei do sorriso que se materializou em seu rosto.

— Eu sei o que você é, Samantha Beaumont. Sempre soube.

— Sério? — Eu me esquivei, inquieta. — E o que é que sou? A bruxa que vai chutar sua bunda? — Tudo bem, eu estava provocando, mas não pude evitar.

Os olhos da mulher-demônio se estreitaram, em seguida, uma bola negra da morte foi lançada em minha direção. Era inútil me mover ou mesmo tentar me salvar com um escudo. Era rápida demais. Poderosa demais. Ela me atingiu. O golpe me fez recuar e eu caí no chão. Minha visão turvou com tons de escarlate e preto. Era possível sentir dor em absolutamente todos os lugares do seu corpo? Era.

Ainda assim, desta vez, eu sabia que não havia como melhorar. Nenhum amuleto de cura, sigilo ou anel poderia me consertar. Dessa vez, a dor se instalou no âmago do meu ser e ficou lá. Dessa vez, tinha acontecido. Dessa vez, eu não sairia viva.

Eu peguei a dor, o medo, a raiva e me forcei a ficar de joelhos. Nem no inferno eu ia morrer no chão, como um animal abatido. Encararia o demônio frente a frente. Era assim que nós, Beaumonts, fazíamos. Só que, agora, parecia haver duas Vargal-Trishes. Merda, eu ia desmaiar. Respirei fundo, desejando que meus olhos se concentrassem até que houvesse apenas uma versão dela.

Um sorriso perverso se espalhou pelo rosto magro do demônio.

— Você nasceu em uma lua de sangue na véspera do Dia das Bruxas, vinte e cinco anos atrás. De fato, é uma coisa muito rara para uma criança mestiça nascer em uma noite dessas. Só temos uma a cada mil anos, acredito. — Seu sorriso se alargou. — E você nunca conheceu sua mãe porque ela morreu dando à luz, não foi?

Eu me assustei. Meus lábios se separaram. Senti como se ela tivesse acabado de me bater novamente com sua energia sombria. Meu coração batia loucamente contra meu peito, pensei até que poderia explodir em minhas costelas.

Não. Não poderia ser. Como esse monstro poderia saber disso?

— E — o demônio Superior continuou. Suas sobranceiras se ergueram, aparentemente apreciando o que viu no meu rosto — eu sei por que seu próprio pai a jogou nas chamas.

Suguei o ar através dos meus dentes.

Vargal-Trish me deu um sorriso preguiçoso e diabólico antes de dizer:

— Sei por que seu pai tentou matá-la.

O mundo de repente começou a girar quando as memórias daquela noite, dezessete anos atrás, começaram a passar como se fossem projeções em minhas pálpebras; como se eu estivesse assistindo ao meu próprio filme caseiro.

Eu tinha apenas oito anos na época, era só uma criança, quando meu próprio pai me agarrara e me jogara nas chamas de uma fogueira em nosso quintal. Eu teria queimado até a morte se não fosse por meu avô, que me tirou de lá bem na hora. Lembrei da dor das queimaduras como se estivesse as sentindo neste momento. Queimaduras são o pior tipo de ferimento. Cada nervo se incendeia, o calor ondulando, escaldante. A pessoa nunca se livra realmente da dor. Sofri queimaduras de segundo e terceiro graus nas mãos e nos braços, mas elas não eram nada comparadas ao sofrimento de saber que meu pai me odiava a ponto de querer me queimar viva. Nenhuma criança deveria ter que passar por isso.

Infelizmente, eu passei.

Isso tinha me mudado e endurecido, o que explicava por que eu não tinha muitos amigos e por que tinha dificuldades para confiar nas pessoas. É o que acontece quando seu pai tenta matar você.

Subconscientemente, olhei para minhas mãos, vendo a pele cicatrizada me espiando de onde eu cortara minhas luvas, nas juntas dos dedos.

Se o demônio Superior sabia meu segredo, eu estava morta. Mesmo que Vargal-Trish não me matasse, logo todos os outros demônios o fariam.

— Assada como um *marshmallow* que ficou tempo demais na fogueira — a criatura zombou. — É por isso que você usa essas luvas ridículas — disse incisivamente. — Não apenas para esconder sua verdadeira natureza do resto de nós, mas também para esconder suas cicatrizes horríveis. Qual é o problema? Dói demais ter que olhar? — Ela riu, longa e profundamente. — Encare os fatos. Você matou sua própria mãe, não é de se admirar que seu querido papai a odiasse. E com razão. Você nem deveria existir. Uma aberração da natureza, é isso o que é.

— Seu desgraçado — rosnei.

Tremi de raiva mal contida. Estava certa de que, a qualquer minuto, começaria a espumar pela boca.

A dor que não tinha nada a ver com a magia do Demônio Superior me atingiu com força no coração, como se alguém tivesse me esfaqueado com uma lâmina da alma.

— Diga-me — Vargal-Trish perguntou —, doeu quando as chamas consumiram sua pele? Doeu mais do que a dor de seu próprio pai tentando matá-la?

— Vai para o inferno. — Minha mandíbula estava apertada e minhas mãos estavam cerradas. — Você não sabe nada sobre mim.

Os olhos do demônio se arregalaram.

— Lembra-se do fedor de sua própria pele derretendo? Conte-me — o monstro disse, inclinando a cabeça. Seus olhos negros brilhavam com prazer. — Você gostou?

— Foda-se, seu desgraçado doente — sibilei, sentindo a bile subindo no fundo da minha garganta.

Vargal-Trish apertou os lábios em um bico fingido.

— Pobre e pequena Samantha. Os pesadelos ainda a mantêm acordada à noite? Você ainda pode ouvir seu papai gritando e dizendo para você morrer? A vadiazinha que matou a esposa dele?

— Vai se foder — falei com a voz rouca. Meus lábios tremeram enquanto lágrimas quentes caíam livremente pelo meu rosto, passando pelo meu queixo para se acumularem ao redor das minhas clavículas. Ondas de dor vinham no ritmo das batidas do meu coração. Doía. Deus, como doía.

Vargal-Trish levantou a manga da roupa para expor o pulso.

— As forças dos mundos lhe concederam um presente poderoso, pequena bruxa: a capacidade de emprestar e puxar a magia de outra pessoa para você é algo que a maioria dos demônios mataria para ter. — Seus olhos negros se fixaram em mim. — E, ainda assim, este seu grande e único presente — continuou o demônio — não a salvará esta noite. Hoje, você morrerá.

Um canto sombrio se formou nos lábios da mulher-demônio. Quando ela estendeu o braço novamente, vi que o mesmo símbolo de sol estava gravado em sua pele, molhado e pingando sangue.

Ouvi um arrastar de pés. Ao me virar, vi Colin correndo em direção à saída. Porra, eu nem tinha visto ele se levantar.

— *Z'ac ick na'im* — Vargal-Trish clamou. Imediatamente, o menino foi levantado do chão e voou para as garras estendidas do demônio Superior. — Onde você pensa que vai, ratinho? Eu ainda não terminei com você. Não. Não. Não. Você não quer ficar e conhecer um deus verdadeiro? O único que interessa? O deus da morte, da guerra e da destruição? Veja, ele precisará se reabastecer quando chegar. E você, ratinho, é a refeição perfeita.

Colin se debateu com o aperto da criatura, mas não era páreo para sua força. Uma garra afiada acariciou o pescoço dele, deixando um fio de sangue.

Merda. Eu deveria ter deixado o garoto em casa. Poderia lidar com a minha morte, mas não com a morte de outra criança, especialmente a de Colin.

Vargal-Trish se afastou do círculo, entoando um canto que era só escuridão. Uma rajada vento se levantou violentamente, espalhando poeira e detritos por toda a sala.

Tirei o cabelo dos meus olhos, tentando ver. Abaixo do círculo, a terra suspirou e, então, se abriu como uma boca faminta. Era como se estacas de gelo subissem pela minha espinha enquanto eu encarava o poço negro sem fim, a porta para um abismo. O Submundo.

Meu coração bateu na minha garganta. Vi formas enroscadas ao redor dele como se fossem roupas enevoadas. Em seguida, ouvi o som de algo despertando, como se fosse um grande e estrondoso bocejo. O deus estava acordando. O ritual estava quase completo. Quando Vargal tirasse a vida de Trish, a quinta alma, o deus subiria pela fenda e, aí, estaria tudo acabado.

O vento aumentou e se tornou um uivo à medida que a mulher-demônio continuava a entoar seu canto mais e mais alto até que formas e coisas começaram a surgir o topo da abertura, da boca do inferno.

Um desespero selvagem me atingiu. Estava tudo acabado. Eu tinha falhado. Todo mundo com quem eu me importava iria morrer.

Foi então que eu ouvi o impossível sobre o rugido do vento.

Um bater de asas.

Seria possível? Ou eu estava ficando louca?

Piscando entre os escombros, levantei-me, sentindo a esperança me encher com uma onda de energia enquanto eu ficava de pé. Uma pequena partícula voou em minha direção, suas asas batendo ferozmente contra o vento. Poe.

Meu amigo estava vivo.

Meus joelhos tremeram de alívio. Levantei meu braço direito, e o corvo mergulhou, empoleirando-se nele.

— Eu pensei que você tinha morrido — disse sobre o farfalhar do vento, tentando segurá-lo enquanto meus joelhos pareciam feitos de gelatina.

— Não. Só tirei uma soneca — o pássaro respondeu ao passo que suas penas se erguiam em uma rajada de vento. Seus olhos se moveram para o corpo de Alex e um grasnido de raiva irrompeu de sua garganta. — Como ele morreu?

— Não há tempo para explicar agora.

Acalmei meu rosto para que Vargal não pudesse ler a animação que pulsava em mim.

O demônio Superior teve a coragem de rir quando viu Poe.

Grande erro.

Eu ainda não tinha terminado. Nem perto.

Faltava-me poder para derrotar Vargal. Eu precisava de mais magia. Bruxas das Trevas que tinham vindo antes de mim costumavam emprestar magia para torná-las mais fortes e dar-lhes habilidades que normalmente não possuíam.

E acontece que eu sabia onde conseguir.

Sim, eu era de uma raça diferente. Sim, meu próprio pai tentara me matar porque eu tinha algo especial. Agora, eu ia usar exatamente isso.

Levantei-me com as pernas separadas e acalmei minha respiração.

Vargal-Trish dançou ao redor do buraco no chão, arrastando um Colin aterrorizado com ela enquanto cantava. Sua voz assumiu um tom de satisfação viciosa e rancorosa enquanto a mulher-demônio continuava o encantamento. Sílabas escuras e demoníacas trovejavam de seus lábios.

Eu respirei fundo.

— É hora de brincar. Está pronto, Poe?

— Sempre. — O corvo se mexeu no meu braço e suas garras cravaram na minha camisa. — Agora?

— Espere.

Mantive meus olhos em Vargal-Trish.

Colin, eu disse em minha mente, esperando que o garoto ainda pudesse me ler, mesmo que estivesse sob ameaça. *Se você pode me ouvir, quero que saiba que estou prestes a fazer algo idiota. Realmente idiota. Mas é a única maneira de salvá-lo.*

Tá, veio o sussurro do garoto em minha mente. Precisei de toda a minha força de vontade para não reagir. Não era todo dia que eu ouvia a voz de outra pessoa dentro da minha cabeça. Foi um pouco bizarro. Não. Foi *muito* bizarro.

Quando eu disser agora, continuei, sentindo meu coração na garganta enquanto me esforçava para manter minha respiração uniforme. *Preciso que pise no pé dela o mais forte*

que puder. Ela vai soltá-lo. Então, você precisa correr. Afaste-se dela e desse maldito buraco no chão o mais rápido que puder. Acha que consegue fazer isso?

Sim, Colin respondeu.

O alívio me preencheu. Ótimo. Tá. Prepare-se.

Esperei e observei enquanto Vargal-Trish dava mais um passo ao redor do buraco e, depois, se acomodava na beirada.

Colin, agora!

Fiel à sua palavra, o garoto empurrou seu sapato contra o pé de da mulher-demônio.

Funcionou como um encanto.

Vargal-Trish gritou de dor, soltando o menino. Colin correu pela sala e não parou. Ele podia ser pequeno, mas, pelo jeito, tinha pernas de guepardo.

— Agora, Poe.

Eu acessei minha energia interior, canalizando minha raiva e minha dor para meu poço de magia; para o núcleo de poder dentro de mim. Com uma explosão de energia, puxei a magia de Poe, combinando-a com a minha.

Minhas costas arquearam quando o poder me inundou, doloroso, delicioso e abundante. O pássaro saltou do meu braço e voou. Meu corpo estremeceu quando um deslizamento gigante de energia me atravessou. No alto de seu poder, não me contive.

Acessei a magia de Poe e encontrei o que precisava.

Meu corpo se desfez em uma tempestade de corpos, réplicas exatas de mim mesma. Em um piscar de olhos, vi-me dividida em outras quarenta cópias.

E quarenta e uma réplicas de mim eram muito mais fortes do que apenas uma.

Porra.

Nunca tinha usado a Divisão de Poe antes. Era a coisa mais assustadora do mundo ver outras versões de mim mesma, mas, ao mesmo tempo, era incrível. Eu sempre quisera tentar.

Nos sentíamos fortes. Invencíveis. Eu ri, nós rimos, juntas. A sala se tornou uma cacofonia de minhas vozes crescendo em risos. Foi incrível. Contudo, a melhor parte era que nós, eu, éramos iguais. Nossas mentes eram uma, um coletivo de Samantha Beaumonts. Lentamente, meus clones e eu formamos uma linha, ficando de frente para o demônio Superior. Encontramos o olhar de Vargal-Trish, seu rosto branco e repugnante característico diante de nós com uma clareza sobrenatural. Seus olhos estavam chocados. Nós nos alimentamos daquele choque; nos divertimos com ele e rimos.

Éramos uma onda de destruição e Vargal-Trish não tinha para onde fugir.

Juntas, ajoelhamo-nos e, com um giz, desenhamos o sigilo do exorcismo no espaço à nossa frente. Então, nos baseamos na energia reunida nele.

— Em nome de nosso Senhor Criador — nossas vozes trovejaram —, nós o exorcizamos, demônio. Todo espírito impuro, todo poder demoníaco e toda incursão do adversário infernal. Nós o comandamos.

— O que você está fazendo?! — a criatura gritou em um tom agudo. — Não! Não pode fazer isso! — Seus olhos dispararam sobre todas nós, nunca se fixando em uma. Seu rosto se contorceu em horror. Ela olhou para os demônios restantes ainda lutando contra Kyllian e gritou — Matem todas elas! Eu sou seu mestre! Matem-nas. Matem a bruxa!

O demônio Superior uivou de raiva e virou seu olhar de fogo para mim.

Como um, o último grupo de diabretes, *ghouls* e demônios das sombras abandonou o anjo, voltando sua atenção para nós. Seus olhos estavam arregalados, procurando como se estivessem tentando decidir quem devorar primeiro.

Não importava. O exorcismo estava quase pronto.

Juntas, puxamos a energia, levantamos as palmas das mãos direitas e dissemos com firmeza:

— Fuja deste lugar! Fuja deste corpo! Que seu poder saia dela.

Vargal-Trish nos amaldiçoou em uma língua antiga, cuspe voando de sua boca. Ela cambaleou para trás, virou-se e correu na direção oposta.

Respiramos coletivamente e dissemos:

— Deixe de existir e *desapareça!*

Com as palavras, a energia se derramou de nós em uma tempestade. Ela energia atingiu Vargal-Trish pelas costas, que tropeçou e caiu no chão, debatendo-se. A criatura virou a cabeça, seu rosto se contorcendo de fúria. Seus lábios se moveram em uma maldição para nos matar. Mas, então, ela uivou, arqueando as costas enquanto gritava de novo e de novo, furiosa enquanto rasgava o chão. A mulher-demônio lutou uma última vez, em seguida, seu corpo relaxou e ficou imóvel.

Uivos dividiram o ar, então, a massa retorcida de demônios atacou.

— *Feurantis!* — gritamos e quarenta e uma bolas de fogo explodiram de nossas palmas, iluminando a sala como um *show* de fogos de artifício.

As bolas acertaram o alvo. A sala tremeu quando a massa de demônios inferiores se incendiou, o calor das chamas aquecendo nossos rostos. Lamentos penetrantes trovejaram ao nosso redor e o chão tremeu quando centenas de corpos caíram em uníssono. Os monstros gritaram de dor, seus braços e pernas estremecendo à medida que caíam como pedaços de carne em chamas em uma grelha. Seus corpos queimaram e enegreceram como lenha queimada. Então, todos desmoronaram e explodiram em cinzas.

Nossos corações batiam juntos em exaltação.

Mas ainda não era o fim.

A mesma massa negra e contorcida que tínhamos visto sair de Julia surgiu do corpo de Trish. Sua forma era vagamente humana, distorcida. Um fantasma do Submundo. A alma de um demônio Superior.

O espectro de Vargal se ergueu, uma sombra desbotada e distorcida de seu verdadeiro eu, como um fio de nuvem engolido pela luz. Ele se agitava freneticamente, não passando de uma escuridão escorregadia que recuava da luz, subindo no ar, em direção ao topo do átrio e ao céu noturno.

A raiva tomou conta de nós. Escura e feroz. Ele matara Julia e tentara matar Colin. O desgraçado não iria a lugar nenhum.

— *Conlidam!* — nós rugimos, levantando nossas mãos enquanto derramávamos nossa energia interior e o poder dos anéis no feitiço.

Uma força bruta e invisível de pura magia se concentrou em uma violenta explosão de energia cinética e disparou em direção ao espectro negro. A onda de choque atingiu a sombra que era Vargal. Ele brilhou, solidificando-se em uma forma humanoide, em seguida, explodiu em pedaços de gelo negro e cristalino que caíram no chão, estilhaçando-se em milhares de fragmentos ao colidirem com o piso de cimento. Os cacos secaram até

restarem apenas flocos de cinzas. A própria escuridão simplesmente o devorou, engolindo-o no nada.

Putá merda. Acabamos de matar um demônio Superior.

O chão tremeu sob nossos pés. Nossas pulsações se aceleraram quando um relâmpago brilhou ao longo da borda do buraco no chão, iluminado o lugar com um súbito e misterioso fogo verde que lentamente se esvaneceu. Então, com um estalo, o buraco no chão puxou e arrancou pedaços de terra, rocha e concreto, enchendo-se até ficar completamente coberto como se nunca tivesse existido.

Exalando com força, deixei de lado o feitiço, a magia e o poder. Meus clones desapareceram. Caí de joelhos e meu corpo tremeu com as consequências de usar tanto poder. Tive uma breve sensação de solidão e lembrei que provavelmente era apenas um resíduo de ter tido quarenta réplicas extras de mim mesma. Pisquei para tentar mandar embora as manchinhas pretas cintilando nos meus olhos e senti a bile no fundo da minha garganta antes de engolir de volta.

Eu não queria estragar meu momento vomitando pelo chão todo.

— Samantha. — Ouvi a voz de Logan e olhei para cima para, vendo-o parado ao meu lado. Havia um enorme vergão na lateral de sua testa. Estava sangrando. — Você está bem? — ele perguntou. Uma pontada de medo marcava seu rosto bonito.

— Vou ficar.

Eu não sabia se ele tinha me visto usar a magia de Poe, mas não havia tempo para me preocupar com isso agora. Deixando meu cansaço de lado, lutei para ficar em pé e corri até Trish. A mulher estava jogada no chão. Seus olhos estavam fechados e ela não parecia estar respirando. Uma pontada de medo me atingiu.

Pressionei meus dedos contra seu pescoço. Um pulso forte respondeu de volta.

— Graças ao caldeirão. — Suspirei de alívio.

— Ela está viva? — Kyllian deu um passo em minha direção. Seu rosto estava abatido e manchado de poeira. Suas roupas estavam pegajosas com sangue de demônio e cobertas de cinzas. Embora seu rosto estivesse machucado e arranhado, seus olhos brilhavam de esperança.

— Está — disse ao grande anjo.

Um sorriso puxou meus lábios assim que Trish se mexeu e seus olhos se abriram. Eles eram de uma bela cor de avelã.

Kyllian avançou e a pegou em seus braços, segurando-a como se ela fosse uma joia preciosa, frágil e estimada, como se ele nunca fosse deixá-la ir. Ela colocou os braços em volta do pescoço dele, fitando-o como, bem, como se ele fosse o homem mais bonito que já existiu. Que mulher de sangue quente não faria isso ao acabar de ser salva do grande, malvado e feio demônio por uma gloriosa criatura celestial moldada à perfeição? E, a propósito, Trish estava olhando para ele abertamente.

Naquele momento, tive a sensação de que os videntes podiam ver o sobrenatural. A mulher sabia que Kyllian era um anjo.

— Você me salvou — ela disse com seus grandes olhos castanhos fixos nos de Kyllian em uma expressão de amor à primeira vista. — Lutou contra esses demônios para chegar até mim.

— Lutei — o anjo respondeu com um sorriso que teria feito mulheres nuas se atirarem nele. — Você está segura agora — acrescentou. Sua voz carregava um tom de conforto e segurança. — Estou aqui.

Sim, ele estava.

Os dois estavam com os olhos fixos um no outro. Um lampejo de desconforto passou por mim, como se eu estivesse espionando um momento íntimo.

Um peso familiar pressionou meu braço.

— Isso foi muito foda — Poe comentou. Afastei meus olhos do anjo e de Trish. — Você arrasou totalmente com a Divisão. — O corvo grasnou em aprovação. — Todo mundo viu, sabe? — o pássaro disse, respondendo às minhas suspeitas. — Tudo vai mudar agora.

Eu sabia.

— Não importa — respondi com uma crescente sensação de desconforto. — Valeu a pena.

Virei-me e vi Colin voltando com um sorriso no rosto. Ele se acomodou ao lado de Logan. O garoto tinha sido incrível.

O corvo afofou suas penas.

— Vamos para casa. Estou morrendo de fome.

— Ainda não. Há mais uma coisa a fazer.

Eu me endireitei e corri para os frascos. As garras de Poe arranharam minha pele enquanto ele se equilibrava no meu braço.

Os recipientes estavam no chão, cada um com uma luz brilhante refletindo em seu interior, como se cada frasco tivesse uma fada presa dentro. A luz branca se acendeu, como uma nuvem de pó de fada, e um brilho bruxuleante se espalhou dentro do vidro, cintilando em ondas constantes e pulsantes.

Estendi a mão e agarrei os quatro frascos.

— Isso é...? — o corvo perguntou com a voz cheia de admiração. — São almas?

Com o coração acelerado, endureci e cerrei os dentes.

— São.

Eu não sabia que tipo de magia fora usada para prender as almas humanas nos recipientes, contudo, naquele momento, não fazia diferença.

— Por Julia — eu sussurrei, sentindo meus olhos queimando, e então ,joguei os frascos no chão.

Eles explodiram em milhares de cacos de vidro. Senti um formigamento na pele como se algum feitiço sombrio tivesse se dissipado. No momento seguinte, quatro pequenos globos brancos brilhantes do tamanho de bolas de golfe se ergueram dos escombros. Eles pairaram por um momento, tão perto que eu poderia estender a mão e tocá-los. Um deles se soltou dos outros, aproximando-se do meu rosto. Pisquei por causa da claridade em meus olhos enquanto o globo flutuava ali por um momento como se estivesse tentando me dizer algo; como se estivesse me agradecendo.

Adeus, Julia.

O globo voltou, juntando-se aos outros, e então, como um, eles subiram no ar, semelhantes a estrelas em miniatura, através de uma abertura no teto de vidro quebrado do átrio e desapareceram no céu escuro.

Quando deixamos Colin na casa dos pais dele, Trish em seu apartamento em Manhattan, e voltamos para o *Mystic Quarter*, o sol estava alto e banhava o céu em rosa, laranja e azul.

Eu tivera que fazer um sigilo de memória para acalmar os pais frenéticos do menino, que haviam chamado a polícia pensando que ele tinha fugido. Estava cansada e exausta, mas consegui fazer os dois pensarem que Colin tinha passado dois dias na casa de seu amigo, Mat, e que eu era a irmã mais velha de seu colega, trazendo-o para casa antes de ir trabalhar.

— Virá me visitar algum dia? — Colin perguntou, fazendo com que eu me sentisse toda confusa por dentro.

— Venho — prometi. — Há muito que ainda não sei sobre suas habilidades. Eu adoraria aprender, se você deixar.

O garoto respondeu com um enorme abraço de urso, deixando-me corada e sem saber o que fazer. Então, dei tapinhas leves na cabeça dele.

Eu gostava muito daquele menino. Ia sentir falta dele.

Meia hora depois, estávamos de volta ao *Mystic Quarter*, no *East Village* de Nova York. Nós dirigimos pela *Doom Avenue*, pelo distrito paranormal, passando por alguns vampiros e bruxas que pararam para olhar o táxi enquanto seguíamos. Para o motorista, eles eram apenas casais humanos normais voltando para casa depois de uma noite na cidade. Ele não via as presas dos vampiros ou seus olhos negros, bem como não via o grupo de fadinhas lutando por um reluzente relógio de ouro.

Um táxi amarelo da cidade de Nova York era uma coisa rara no distrito. Nós nos destacávamos como uma mancha na paisagem. Dirigimos pelas ruas tranquilas. Uma chuva recente cobria a calçada em poças, que refletiam o sol como espelhos. O motor do veículo era um ronronar quase inaudível sobre o zumbido de pensamentos e emoções em minha mente.

Eu sentira uma grande sensação de alívio ao derrotar o demônio Superior, não apenas um demônio comum, mas um rei dos demônios, um poderoso ser do Submundo. Eu, Samantha Beaumont, uma bruxa das Trevas simples, mas engenhosa, conseguira fazer tal feito com a ajuda da magia de Poe, é claro. Adorava aquele pássaro.

Contudo, através de todas essas emoções gratificantes, um pouco de medo havia se instalado no fundo do meu peito. Não importa o quanto eu tentasse empurrá-lo para o fundo, ele continuava crescendo, apertando-me com tanta força que começava a me deixar enjoada.

Meus ombros se contraíram com a tensão.

Meu segredo fora revelado.

Quanto tempo levaria até que os outros demônios ouvissem sobre o que eu tinha feito? Quantos daqueles diabretes, *ghouls* ou demônios das sombras tinham visto o que eu fizera antes de seus corpos serem destruídos neste mundo apenas para, em seguida, retornarem ao Submundo e fofocarem sobre o que tinham presenciado? Talvez, Logan contasse tudo à comunidade de nascidos-anjos.

Ainda assim, não me arrependi do que tinha feito, pois o fizera para salvar uma vida. Na verdade, muitas vidas. Talvez fosse melhor assim. Eu não precisava mais esconder minha magia ou quem eu era. Havia uma profunda sensação de alívio nisso tudo. Um peso fora tirado de meus ombros. Porém, isso também significava que eu ficaria olhando por cima do ombro pelo resto da minha vida.

De qualquer forma, já era, eu não podia voltar atrás. Para mim, havia apenas como ir para a frente.

— Pare aqui — Kyllian anunciou para o motorista do táxi, tirando-me dos meus pensamentos.

O taxista parou o carro ao lado de uma grande fonte de água no *Odin Boulevard*, e todos nós descemos. Kyllian pagou a corrida. Eu não tinha ideia de como o anjo conseguira dinheiro humano, mas não perguntei. Fiquei na calçada com Poe empoleirado em meu braço e observei o táxi partir, voltando-me para a *Doom Avenue* antes que ele desaparecesse.

Embora Poe fosse tecnicamente um demônio, ele podia sair durante o dia por causa da magia compartilhada entre nós. Por serem familiares de bruxas há milhares de anos, através das magias e das energias vitais compartilhadas, a maioria deles podia permanecer no mundo mortal indefinidamente.

A fonte de água, do tamanho de uma pequena piscina de dez por dez, estava silenciosa no centro de um pequeno parque decorado com quatro bancos de pedra e duas macieiras. Era uma das duas únicas existentes em todo o distrito. A água jorrava calmamente em uma piscina brilhante no centro, cintilando ao sol da manhã.

Kyllian se virou para mim.

— Obrigado por tudo, Sam. Quero dizer. Por me carregar bêbado por aí...

— Muitas e muitas vezes — Poe interrompeu com um sorriso em seu tom.

— Muitas vezes — o anjo concordou, parecendo um pouco envergonhado. — Você é uma grande amiga. Uma amiga de verdade. Não vou esquecer o que fez por mim.

Meus lábios se curvaram em um sorriso.

— De nada.

Porra, ele ia ficar todo sentimental? Eu não sabia lidar com sentimentos.

— E por esta noite — continuou. — Esta noite foi uma viagem. Foi incrível. Fez com que eu me sentisse vivo novamente. Bem, você sabe o que quero dizer. Ela me fez perceber algumas coisas também, coisas que eu tinha esquecido. — Seu olhar passou por mim. — Estou pronto — Kyllian disse com seus olhos nos meus novamente. Seu rosto se abriu em um sorriso.

— Já era hora — Poe resmungou.

Eu sabia exatamente o que ele queria dizer.

— Que bom ouvir isso. Estou feliz por você, Kyllian.

Eu estava preocupada com sua viagem atrasada de volta para casa. Ele tinha sofrido muitos cortes e perdido muito de sua essência de anjo na noite anterior. A única razão pela qual durara tanto tempo fora porque Faris o curara com alguma magia demoníaca, o que fora um acordo único. O ódio do anjo pela Legião era quase palpável, e eu entendia por que ele não queria voltar depois dos assassinatos. Kyllian nunca se perdoara. Contudo, ele havia mudado esta noite. Lutara contra os demônios como uma máquina bem lubrificada,

imparável, com um propósito e com uma determinação feroz. Ao fazer isso, o anjo ajudara a salvar Trish e este mundo de um deus pagão maligno.

Kyllian se moveu em direção à fonte e entrou na piscina. Seu rosto pareceu aliviado. Suas poucas rugas de preocupação sumiram, como se ele finalmente tivesse aceitado seu passado enquanto se ajoelhava e a água chegava ao peito.

O ar se moveu atrás de mim e, então, Logan apareceu ao meu lado. Ficamos lado a lado, observando em silêncio enquanto o corpo do anjo começava a brilhar com uma luz branca e fluorescente. Em uma explosão final de luz, o corpo de Kyllian se desintegrou em milhões de partículas brilhantes. A água mudou, em seguida, o último brilho do anjo desapareceu.

Kyllian estava de volta ao Horizonte.

— Acha que vai vê-lo novamente? — o nascido-anjo perguntou.

Eu me virei, só então percebendo como estávamos próximos. Por alguma estranha razão, eu não queria me afastar.

Olhei para a água antes que meu rosto me traísse.

— Eu tenho certeza que sim. —

Não sabia como, mas, de alguma forma, sabia que veria o grande anjo novamente.

Fiquei em silêncio o máximo que pude antes o ar entre nós se tornasse constrangedor.

— Acho que vou para casa agora — disse, quebrando o silêncio desconfortável e olhando para o alto agente nascido-anjo.

Poe se mexeu no meu braço, sentindo meu desconforto. Eu não tinha certeza do que dizer para Logan. Obrigado por lutar junto comigo? Não parecia suficiente.

— Obrigado por me ajudar. — Blá, blá, blá. — Acho que não teria encontrado Colin sem você. Obrigado por isso. Eu realmente gosto do garoto.

— Eu também. — Seu rosto não demonstrava emoção, mas seus olhos brilhavam com algo que eu não entendia. — Vou acompanhá-la até sua casa.

Meu coração bateu no peito.

— Não precisa. São cinco minutos de caminhada.

Eu sou uma bruxa das Trevas que acabou de matar um demônio Superior. Sei cuidar de mim mesma. Quem ele pensa que é?

Infelizmente, minhas palavras caíram em ouvidos surdos. O nascido-anjo já havia se afastado da fonte e me esperava na calçada.

— Acho que ele não ouviu você, Sam — Poe comentou, embora eu pudesse ouvir a risada em seu tom.

— Ah, ouviu sim.

A questão era: por que o nascido-anjo queria me levar para casa? Não fazia sentido. Ninguém levava uma bruxa para casa. Na maioria das vezes, as pessoas tinham muito medo de serem enfeitiçadas e nunca mais serem vistas. Eu tinha certeza de que tinha algo a ver com o tamanho de nossos caldeirões, mas eram apenas rumores.

Coloquei a mão no quadril e fiz uma careta para Logan.

— Acho que você não vai aceitar um não como resposta.

O rosto dele se enrugou em um sorriso.

— Não.

Droga.

— Tudo bem.

Passei por ele, esforçando-me para evitar que meu coração batesse mais forte, mas falhando miseravelmente.

— Vou esticar minhas asas — Poe disse de repente com aquela mesma risada em sua voz enquanto decolava para o céu da manhã.

Minha carranca se aprofundou.

Caminhamos lado a lado em silêncio, ambos perdidos em nossos próprios pensamentos. Eu nem me lembrava de como tinha chegado à minha casa até que ela apareceu. O sol atingia a lateral da residência de arenito, banhando-a em uma luz dourada. Poe estava empoleirado no corrimão de metal da escada, puxando pedaços de um pequeno pacotinho peludo em suas garras e os comendo. Nossa. Eu não queria saber o que era isso.

A lembrança da minha cama gloriosa me fez suspirar em antecipação e quase gemi. Deus, como eu estava cansada.

— Bem, eu estou em casa — falei, virando-me para encarar o nascido-anjo. Bati os calcanhares como Dorothy em *O Mágico de Oz*. Eu não sabia por que tinha feito isso.

O nascido-anjo estava lindo, ali de pé, mesmo com o cabelo todo desgrenhado e sujo.

— Obrigada por me trazer para casa — continuei, sem saber mais o que dizer. — Embora realmente não fosse necessário.

Logan abriu a boca para dizer algo, porém, atrás de mim, o som de uma porta se abrindo e se fechando o interrompeu.

Virei-me e vi um homem, não, não um homem, um vampiro – a julgar pelo cheiro de sangue velho nele – saindo pela porta da frente de Vera. Ele era alto, loiro e deliciosamente bonito. Ombros largos se encaixavam em um terno cinza habilmente costurado e de aparência cara. Seu rosto tinha aquela beleza sinistra que todos os vampiros tinham: perfeito demais, bonito demais, antinatural. Ele parecia estar em seus quarenta e tantos anos, mas, assim como todos de sua raça, era muito difícil adivinhar sua idade real. Ele poderia muito bem ter mais de cem anos.

Mas, ah, era isso mesmo que eu estava vendo? Ele estava fugindo da casa da bruxa logo após o nascer do sol!

Vera safadinha. Você gosta de brincar com vampiros, hein? Agora conheço o seu segredo.

O vampiro passou por mim e piscou, a diversão dançando em seus olhos claros. Tá, vai nessa, bonitão, como se isso fosse acontecer. Continue andando... continue andando.

— Você o conhece? — Logan perguntou enquanto observava o vampiro se afastar. Havia uma expressão curiosa em seu rosto.

— Nunca o vi antes.

— Então, por que está sorrindo?

Certo. Forcei meu rosto a voltar para o que eu esperava ser uma expressão neutra.

— Longa história.

— Eu tenho tempo — ele disse, enfiando as mãos na bolsos à medida que um sorriso se contorcia em seus lábios. — Acontece que gosto de histórias longas.

Tá. Sei.

— Talvez outra hora. — O que eu duvidava seriamente que algum dia aconteceria. Por que ele tinha que parecer tão gostoso parado ali? — Agora, se não se importa, tenho

um encontro com a minha cama.

Os olhos escuros de Logan se fixaram nos meus. Ele examinou meu rosto sem dizer nada. Droga. O que o nascido-anjo estava fazendo?

Congelei quando ele se moveu para frente. Antes que essa situação embaraçosa se tornasse ainda pior — como, por exemplo, aconteceria se ele se aproximasse para um abraço —, estendi minha mão.

— Acho que isso é um adeus, hein? — falei, sentindo-me uma idiota com minha mão pendurada no ar. — Quem sabe. Talvez nos vejamos novamente.

Não achava realmente que fôssemos nos encontrar de novo. Isso tinha sido um lance de uma vez só, embora não quisesse que fosse.

Os lábios fabulosos de Logan se curvaram e ele se inclinou para frente com seus olhos no meu rosto... nas minhas bochechas... e nos meus lábios.

Ah. Merda. Ele vai me beijar.

O calor queimou do meu pescoço até meu rosto e meus músculos ficaram tensos. Naquela fração de segundo, quando pensei que ele estava se aproximando da minha bochecha esquerda, virei-me para deixar minha bochecha disponível, mas exagerei e nossos lábios se encontraram.

Inferno.

Eu enrijeci de surpresa. Sua boca se moveu contra a minha, quente e macia, e eu apenas fiquei ali, com meu coração batendo forte, beijando-o de volta. Seu toque enviou um pico de desejo ao meu coração. Minha pulsação disparou e meus joelhos vacilaram. Minha pele pinicou com uma eletricidade sedutora, fazendo uma emoção me percorrer de seus lábios até meus dedos dos pés. Sua língua tocou a minha, e minha pulsação se acelerou em um salto.

Afastei-me antes que se tornasse um beijo apaixonado, que era claramente para onde estávamos indo. O frio tomou o lugar de sua boca quando me afastei, sentindo meu coração batendo descontroladamente. Eu me encolhi quando percebi que tinha levantado minhas mãos em direção à sua cintura e as puxei de volta. Sua respiração saiu lentamente e a minha a espelhou.

Deus me ajude. O que foi aquilo? Eu já tinha beijado outros homens antes, contudo, nunca sentira os joelhos fracos depois de ser beijada. Isso era coisa de romance Harlequin, não da vida real.

E, no entanto, este tinha sido um dos beijos mais emocionantes que eu já tinha tido. Ele era um nascido-anjo. O que havia de errado comigo?

Logan ficou de frente para mim. O desejo dançava em seus olhos. Recuperando-se suavemente, ele nivelou suas feições e disse:

— Tchau, Samantha.

Em seguida, o nascido-anjo deu meia-volta e foi embora.

Meus lábios ainda estavam quentes com a memória de seus lábios nos meus. Nenhum de nós dois tinha se afastado de imediato para parar o beijo. Apenas ficamos lá, curtindo o momento.

Olhei para seu traseiro firme enquanto ele se afastava, apreciando a forma como seus ombros largos balançavam. Uma mistura de medo e euforia me preencheu ao perceber que,

de fato, Logan não se afastara de mim e que ele *gostara* daquele beijo que tínhamos acabado de compartilhar.

— Agora, você está com problemas — Poe disse entre mastigadas.

— Sim — respondi com meus olhos ainda fixos em Logan, percebendo que não conseguia parar de olhar. — Estou com sérios problemas.



ENCANTOS
E
DEMÔNIOS

LIVRO DOIS

AUTORA BESTSELLER DO USA TODAY
KIM RICHARDSON



Uma caçadora com um segredo. Uma série de mortes misteriosas. E um gato familiar siamês desbocado. O que mais poderia dar errado?

Meu nome é Rowyn Sinclair e sou uma caçadora. Eu sou a melhor no que eu faço, e o que eu faço não é muito agradável. Eles me convocam se um demônio passa para o nosso lado do Véu, ou se um lobisomem se tornar selvagem e mata um inocente.

Nem tudo são flores, e o pagamento geralmente é uma porcaria. Mas eu faço o que for preciso para encher minha barriga e colocar um teto sobre minha cabeça. Quando o Conselho, o grupo de anjos que me rejeitou anos atrás, me oferece um emprego, não tenho escolha a não ser aceitar.

Tudo teria ido bem se o Conselho não tivesse me forçado a trabalhar no caso com Jax — o anjo guerreiro misterioso e diabolicamente atraente.

Mas algo não cheira bem. Literalmente. Quanto mais fundo eu cavo, pior fica. Afinal, esses assassinatos não são o que parecem. São muito, muito piores...

Ação que não acaba e diversão sem tamanho. Comece hoje a aventura e fuja para este mundo de magia, romance e mistério!

[Caçada Sombria](#)

MAIS LIVROS DE KIM RICHARDSON

SOMBRA E LUZ

[Caçada Sombria](#)

SÉRIE GUARDIÕES DE ALMA

[Marcada, Livro # 1](#)

[Elemental, Livro # 2](#)

[Horizonte, Livro # 3](#)

[Submundo, Livro # 4](#)

[Seirs, Livro # 5](#)

[Mortal, Livro # 6](#)

[Cefeiros, Livro # 7](#)

[Selos, Livro # 8](#)

REINOS DIVIDIDOS

[Donzela de Aço, Livro # 1](#)

Rainha das Bruxas, Livro # 2

Magia de Sangue, Livro # 3

SOBRE A AUTORA

Kim Richardson é uma autora *bestseller* do *USA Today* e vencedora de prêmios com seus livros de fantasia, fantasia urbana e literatura juvenil. Ela mora no leste do Canadá com seu marido, dois cachorros e um gato idoso. Os livros de Kim estão disponíveis em edições físicas e traduções estão disponíveis em mais de sete idiomas.

Para saber mais sobre a autora, por favor visite:

www.kimrichardsonbooks.com

Table of Contents

[Title Page](#)

[Copyright](#)

[Contents](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[ENCANTOS E DEMÔNIOS](#)

[Caçada Sombria](#)

[Mais Livros De Kim Richardson](#)

[Sobre A Autora](#)